OBRAS DO DOVTOR FRANCISCO DE SAA DE Miranda.

A DOM FRANCISCO de Sà de Menezes Conde de Penaguiam Camareiro Mòr de S. Mageſtade, &c.

Com todas as licenças neceſſarias

EM LISBOA

Por Pedro Craesbeeck Impreſſor del Rey. Anno 1632.
A custa de Pau[lo] Craesbeeck merca[dor] de liuros.

VI este liuro de nouo, naõ tem q̃ emẽdar, & se lhe pode dar a licença que pede. Em S. Domingos de Lisboa 27. de Mayo de 631.

Fr. Thomas de S. Domingos
Magister.

POdese dar licença para tornarem a imprimir este liuro das obras de Frãcisco de Sà de Miranda: Em s. Domingos, 14. de Iunho de 1631.

Fr. Diogo Ferreira Magister.

VIstas as informaçoẽs podẽse imprimir estas obras de Frãcisco de Sà de Miranda, & depois de impressas tornẽ conferidas cõ seu original para se dar licença para correr, & sem ella naõ correraõ. Lisboa aos 20. de Iunho de 631.

G. Pereira. D. Miguel de Castro.
Frãcisco Barreto. Fr. Anto. de Sousa.

DOu licença para se poderem imprimir estas obras do Doctor Frãcisco de Sà de Miranda. Lisboa 4. de Iulho de 1631.

Ioaõ Bezerra Iacome
Chantre de Lisboa.

QVe se possa imprimir este liuro vistas as licenças do santo Officio & Ordinario, & naõ correra sem primeiro tornar a esta Mesa para se taxar Lisboa 19. de Iulho 931.

Cabral. Salazar. Barreto.

Està conforme cõ o original. Em S. Domingos de Lisboa, 20. de Ianeiro de 632.

Fr. Thomas de S. Domingos Magister.

Vista a conferencia pode correr este liuro. Lisboa 4. de Feuereiro de 632.

G. Pereira. D. Ioão da Sylua.
D. Miguel de Castro. Franc. Barreto.

Taxase em tres vinteins & meio. Em Lisboa 21. de Ianeiro de 1632.

Cabral. Pimenta Dabreu.
Salazar. Barreto.

DOM MANOEL de Portugal, às Obras de Francisco de Sà.

SONETO.

Alma felice, a nos alto decoro
De virtude, por quẽ os Reys deixaste?
Ao som de teu espirito a que cantaste,
Nunca assi respondeo ecco sonoro.
Indo desta região, donde inda moro
Saudoso de ti, que amando voaste,
A essa de luz imagino desque entraste,
Que versos cantaràs no eterno coro.
Tua voz acordando, & teu conceito,
Cõ hũ, & outro espirito, q̃ em seu cãto
Do q̃ sempre assi vè, sẽpre se admira.
Recebe o que de ti sente este peito,
Por deuido louuor, & estima quanto
Ora se faz soar hũa culta Lyra.

A DOM.

A DOM FRANCISCO DE SAA E MENESES

Conde de Penaguiaõ Camareiro mòr delRey nosso Senhor, Capitaõ geral, & Alcaide mòr da Cidade do Porto, &c.

TOdos os liuros que pretendem sair a luz, neste Reino, deuẽ buscar naturalmente a V. Senhoria para consagrarẽ seu nome à immortalidade mas este de Francisco de Sâ de Miranda tem conhecidas rezoẽs de conueniencia: porque, alem de ser justo que liuro de taõ grande autor, tenha protector taõ grande, & q̃ as obras de Francisco de Sà, ao Conde Francisco de Sà se dediquem; parece que o mesmo Francisco de Sà, com aquelle seu grande spirito, destinou para si este fauor da protecçaõ de V. Senhoria, quando, escreuẽdo ao grãde Ioaõ Rodriguez de Sà visauo de V. Senhoria (a quem este Reino & a nobreza delle, deuem todas as boas letras) & conhecendo aquella Casa por cabeça, & tronco antiguo deste nobilissimo appellido, entre os ramos illu-

ſtres de outras inclytas familias; diſſe

Dos noſſos Sàs Coloneſes
graõ tronco, nobre colũna.

E aſsi vẽ jà a ſer religiaõ & voto, a obrigaçaõ deſta dedicatoria, que ſe deue ás obras de Franciſco de Sà, & à caza de V. Senhoria, & eu deſculpado de empenhar a V. Senhoria neſte auxilio, dignamente officioſo na honra dos mortos, que merecẽ eſtatuas, & memorias eternas. Deos guarde a peſſoa de V. Senhoria, & proſpere com todas as felicidades. De Lisboa em o primeiro de Ianeiro 1632. annos.

Paulo Craesbeecck.

A DOM FRANCISCO DE SAA E MENESES

Conde de Penaguiaõ Camareiro mòr delRey noſſo Senhor; Capitaõ geral, & Alcaide mòr da Cidade do Porto, &c.

TOdos os liuros que pretendem ſair a luz, neſte Reino, deuẽ buſcar naturalmente a V. Senhoria para conſagrarẽ ſeu nome à immortalidade mas eſte de Franciſco de Sâ de Miranda tem conhecidas rezoẽs de conueniencia: porque, alem de ſer juſto que liuro de taõ grande autor, tenha proteĉtor taõ grande, & q̃ as obras de Franciſco de Sà, ao Conde Franciſco de Sà ſe dediquem; parece que o meſmo Franciſco de Sà, com aquelle ſeu grande ſpirito, deſtinou para ſi eſte fauor da proteĉçaõ de V. Senhoria, quando, eſcreuẽdo ao grãde Ioaõ Rodriguez de Sà viſauo de V. Senhoria (a quem eſte Reino & a nobreza delle, deuem todas as boas letras) & conhecendo aquella Caſa por cabeça, & tronco antiguo deſte nobiliſsimo appellido, entre os ramos illu-

ſtres

ftres de outras inclytas familias; diffe

Dos noßos Sàs Coloneſes
graõ tronco, nobre colũna.

E aſsi vẽ jà a ſer religiaõ & voto, a obrigaçaõ deſta dedicatoria, que ſe deue ás obras de Franciſco de Sà, & à caza de V. Senhoria, & eu deſculpado de empenhar a V. Senhoria neſte auxilio, dignamente officioſo na honra dos mortos, que merecẽ eſtatuas, & memorias eternas. Deos guarde a peſſoa de V. Senhoria, & proſpere com todas as felicidades. De Lisboa em o primeiro de Ianeiro 1632. annos.

Paulo Craesbeecck.

Ao Leitor.

INcõſiderada couſa me pareceo ſempre hauerſe dado neſta letra, para ſe ajuntar ao noſſo Principe dos Poetas Camões, a Siluia de Liſardo, Figueroa, & Garcilaſſo, ſem ſe fazer ategora caſo do noſſo muy douto Franciſco de Sà de Miranda, que ſó merecia andar ombro por ombro cõ elle. Porq̃ ainda que Garcilaſſo ſeja tido por hũ taõ excellente Poeta, naõ era noſſo natural para nos honrarmos delle; & os dous (ſendo hum tambem eſtrangeiro) tem taõ pouco do bello, que nenhum agrauo ſe lhes fazia em os deixar de fora. Pello que tiue por muy acertado dallo neſta forma pequena aos coriofos, para que todos ò poſſaõ trazer cõſigo de per ſi, ou em companhia dos outros que aſsi ſe tem impreſſo, porque todos com muyta razaõ nos podemos honrar delle: & neſta impreſſaõ ſe apurou com muito cuidado; tanto que vindome deſpois de toda acabada â mão a Carta a elRey Dom Ioaõ, & a Cançaõ a noſſa Senhora, Virgem fermoſa, a fiz imprimir no cabo, para que aſsi vieſſe à noticia de todos: o que tudo ſe deue ao ſenhor Conde de Penaguiaõ, meu illuſtriſsimo Mecenas, com cujo fauor & amparo, confio em Deos de ainda tirar do eſquecimento muitos engenhos illuſtres de noſſa patria, que merecem ſer conſeruados em a perpetua memoria das gentes. Vale, & ama.

VIDA

VIDA DO DOVTOR FRANCISCO DE SAA
de Miranda, collegida de pessoas fidedignas que o conhecerão, & tratarão, & dos liuros das geraçoẽs deste Reyno.

NAsceo Francisco de Sà de Miranda na Cidade de Coimbra no Anno do Senhor de 1495. o mesmo dia em q̃ el Rey Dõ Manoel tomou posse do gouerno destes Reinos, foy filho de Gonçalo Mendes de Sà, & neto de Ioão Gonçalues de Miranda, que viueo junto a Buarcos, & de Dona Phelippa de Sa sua molher, q̃ era filha de Rodrigueanes de Sà, & neta de Ioão Rodrigues de Sà o primeiro, que chamarão das Galès; assaz conhecido em tempo delRey Dõ Ioão de boa memoria. Despois das primeiras letras de humanidade (em que foy insigne) estudou leis mais em obsequio ao gosto delRei Dom Ioão o Terceiro, que de nouo plãtara então a Vniuersidade na sua terra, que por inclinação, q̃ tiuesse àquella maneira de vida, & comtudo obedecẽdo a seu pay, que lha escolhera, continuou nella cõ felices progressos, & sahio grande letrado; tomou o grao de Doutor, & leo varias cadeiras daq̃lla faculdade em sua propria patria, porẽ conhecendo os perigos, que o vso desta

ſciencia tras cõſigo em materia de julgar, tanto que lhe faltou ſeu pay, naõ ſô deixou de todo as eſcollas, mas engeitou os lugares do Deſembargo, que por muitasvezes lhe forão offerecidos ficando ſô conſumandole no eſtudo da Philoſophia Moral, & Eſtoyca, a que ſua natureza o inclinaua.

E leuantandolhe ella o penſamento ao deſprezo de todas as couſas de cà, quis peregrinar pollo mundo, porque no repouſo a que determinaua recolherſe, o não inquietaſſem as nouas do que não vira, & aſsi ſe foy a Italia viſitando primeiro os mais celebres lugares de Eſpanha, & tendo viſto com vagar, & curioſidade Roma, Veneza, Napoles, Millão, Florença, & o milhor de Cicilia, tornouſe ao Reino, & deteueſe algũ tempo na corte delRey Dom Ioão o Terceiro, que ja auia muito que reynaua, & alli cõ as calidades de ſua peſſoa, & boas partes, q̃ nelle concorriaõ, ſem outra algũa ajudadas, q̃ coſtumão leuantar ainda os indignos, ſe fez tamanho lugar, que foy ſem controuerſia, ſenão o mayor, hũ dos mais eſtimados corteſaõs de ſeu tempo, concorrendo cos milhores, que eſte Reino teue por ventura, & iſto não ſó dos companheiros, mas del Rey, & dos Principes, & o que he mais dos vallidos, com quẽ ordinariamente naõ adiantão os amigos de antesquebrar, que torcer (como elle diz) tomando em peſprezo proprio a eſtimação alhea, & ſentindo como injurias

V

iurias particulares a deteſtaçam, que os judicioſos, & diſcurſiuos fazem dos vicios em gèral.

Mas naõ foy iſto ſempre, o bom acolhimẽto digo, que achou no mayor poder, porque ainda que o noſſo Poeta podera ſer em ſeu modo mayor que a enueja, (como Quinto Curſio diz que o *foy* Alexãdre no ſeu) nam quis ella perdoarlhe, concitando em ſeu danno hũa peſſoa muito poderoſa daquella era, em deſprazer de quem ſe interpretaua mal polla meſma enueja hum lugar da ſua Egloga de Alexo, o que ſentindo elle, nem querendo declararſe milhor, nem eſperar à viſta os effeitos da ira declarada, tẽdolhe elRey dado hũa Comenda do Meſtrado de Chriſto, q̃ chamão as duas Igrejas no Arcebiſpado de Braga jũto à Ponte de Lima, recolheoſe a hũa quinta, que tambẽ tinha ahi perto chamada a Tapada, deixando o mimo da Corte, a conuerſaçam dos amigos, a eſperança de mayores mercés aſſegurada no fauor do Principe Dõ Ioão que em muito tenra idade, começaua a fazerlhe grande, & do Cardeal Dõ Henrique, que com moſtras de particular affeição aſsiſtia a ſuas couſas, & eſtando alli logrando quietamente o fruto de ſeus eſtudos, & peregrinações, caſou cõ Dona Briolanja Dazeuedo filha de Franciſco Machado ſenhor da Louſaã de Craſto Darega, & das terras de entre Homẽ, & Càuado, & de Dona Ioana Dazeuedo ſua molher, com a qual viueo

¶ 5 annos

annos em grande conformidade sendo ella tam pouco fermosa exteriormẽte, & de tanta idade, que quando a pedio a seus irmãos Manoel Machado, & Bernaldim Machado, por ser seu pay jà morto, não quiserão elles differirlhe ao casamento, sem que primeiro visse bẽ a noyua, & sendolhe mostrada pollos irmãos, disse para ella: Castigayme senhora cõ esse bordão, porque vim taõ tarde. Mas parece que como Francisco de Sà viueo em todas as cousas do mũdo quasi abstraydo do mesmo mundo, que assi foi tambẽ nisto, não lhe faltando algũ Philosopho, a quẽ imitasse, estimãdo sobre tudo os dotes dalma daquella matrona, que foram excellẽtes, conforme a seu estado por testemunho de homẽs daquella comarca, que inda oje o daõ do cuidado que tinha da hõra de Deos, do descanso de seu marido, da criaçam de seus filhos, da doutrina de seus criados, & do prouimẽto de sua casa, cõ que o marido a amaua de maneira, que faltandolhe ella, faltou elle breuemente entre estremos de sentimẽto, senam dignos do animo de hũ tam grande Philosopho, deuidos pollo menos à estimaçam, que com seu profundo juizo fez daquella perda.

Teue dous filhos desta molher de q̃ o primeiro se chamou Gonçalo Mẽdez de Sà como seu auò, o qual ainda muy mancebo, mas de tam boa indole, & partes (como o elle pinta na Elegia, que acerca de sua morte respondeo o Dou-

tor

tor Antonio Ferreira) mandou a Africa ſeruir hũa Comẽda (aonde quaſi todos os moços daquelles tempos hiam cingir a primeira eſpada) & chegado de poucos dias a Ceyta ſuccedeo a perda de Dõ Pedro de Menezes filho do primeiro Conde de Linhares dom Antonio, que era Capitam do lugar onde Gõſalo Mendez tambẽ acabou cõ muitos outros, entre os quais foy dom Antonio de Noronha ſobrinho do capitam filho do Conde dom Franciſco, que deu com ſua morte occaſiam àquella lamẽtauel Egloga de Luis de Camoẽs de Vmbrano, & Frondelio. Chamouſe o outro filho Hieronymo de Sà Dazeuedo, o qual caſou deſpois da morte de ſeu pai com dona Maria de Menezes filha de Franciſco da Silua de Menezes o Galego irmão inteiro de Diogo de Souſa, q̃ foi pay do Conde Ruy Mendes de Vaſconcellos, & de dona Lianor de Mello ſua molher filha de dõ Aluaro de Mello Abbade que foy de Refoyos de Lima, dos quais foy filho Franciſco de Sà de Menezes, neto do noſſo Frãciſco de Sà, & o foy tambẽ hũa irmã ſua, que caſou com dom Fernando Cores Sotomayor, q̃ viuia em Saluaterra de Galiza o anno de 1593. jà viuuo della, & he rezão q̃ digamos aqui q̃ quãdo aquelle fidalgo caſou cõ eſta neta de Franciſco de Sà, quis que no dote, q̃ lhe deram entraſſe em hũ grande preço o Liuro Original de ſuas Poeſias, o qual tẽ, & eſtima como ellas merecem ... a mayor parte das

quais elle compos naquella sua quinta da Tapada em estilo Lirico,& Pastoril, & todas, ou as mais dellas sobre casos particulares, que succederam na corte em seu tempo, introduzindo pessoas conhecidas daquelles que entam viuião de que ainda temos algũas tradiçoẽs & vestigios deriuados a nòs dos contiporaneos, que o venceram em dias, & se ouuera algũ que fizera hũa anotaçã disto, por ventura que fora bem agradauel historia, porque nam ficaramos sò pendentes cada hum de seu juizo na especulaçam destas causas, ainda que o engenho, & artefiçio poetico, com q̃ as elle dispos he bastante materia pera ocupar,& deleitar a toda a curiosidade porq̃ de maneira se aproueitou da doutrina, & preceitos de todos os Philosophos,& Poetas que se concorrera com elles em hum mesmo tempo, mal se poderaõ determinar os homẽs que lerão as obras de hũs, & outros quem imitara a quem; que asi leuantou Francisco de Sà, & sobio em muitos lugares as cousas daquelles q̃ milhor se pòde affirmar, q̃ saõ nelle proprias, q̃ imitadas.

Tratou antes de conceitos,& substãcias, q̃ de termos vãos,& pòposos, spãto de principiãtes, rediculos,& inuteis aos q̃ milhor entendẽ, guardando toda uia com tamanho rigor as regras da arte, que os que attentamẽte o passarem não lhes ficarà necessidade de lèr em as Poeticas de Aristoteles, & Horacio, que elle parece, não largaua da mão.

...ece, n. 333.

Foy

Foy o primeiro, que compos verſos grandes neſte Reino, baſtante deſculpa das miudezas, que ſe tachão em algũs ſeus deſta medida pera aquelles homẽs, ao menos que attendendo ao q̃ ſe diz, naõ curaõ muito do modo, & tambem o he naõ pequena pera os mui obſeruã tes da lingoa Caſtelhana, ſe no q̃ compos nella acharem que calumniar (em rezam de palauras) auer eſcrito em tẽpo que os Portugueſes ſenam entendiã tambem com ella, como com elles, & as lingoas vulgares, que nam pendem de preceitos coartadamente nunca ſe ſabem bem ſenam co vſo contino, & tratto ciuil, & ſempre os eſtrangeiros, que as nam tiuerem praticado ;muito fallaram, & eſcreueram com grande pe rigo nellas de maos acentos, & piores ſignificaçoẽs, de que poderamos appõ tar exemplos, ſenam ficaram mais em eſcandalo de algũs, que em vtilidade de noſſo intẽto, que ha miſter menos, por que na ſubſtancia, & madureza de Fran ciſco de Sà ſaõ iſto accidentes de nenhũa importancia, o qual naõ ſòmente foy inculpauel na grauidade das ſentẽ ças, na agudeza dos conceitos, na propriedade dos termos, na moralidade das figuras, na imitaçaõ dos Poetas, na obſeruaçaõ das regras, ſenaõ ir imitauel tambem na pureza com que fallou em materias amoroſas, que he de maneira que atè as duas Comedias q̃ fez em proſa, que por rezaõ do eſtilo Comiço ſaõ mais licencioſas, o Cardeal

Dom Anrique que despois foy Rey destes Reinos, tam pio, tam zelador da Fé & dos bós costumes, reformador das Religiões, Legado à Lattere, Inquisidor Môr; naõ sô lhas mandou pedir pera as fazer (como fez) representar diante de si por pessoas, que despois foraõ grauissimos ministros, a que se achou presente entre outros Dom Iorge de Ataydé Bispo que foy de Viseu, & meritissimo Abbade d'Alcobaça do Cõselho do Estado, & Capellaõ Mòr delRey, senaõ pouco despois de Francisco de Sâ morto, porq̃ se ellas naõ perdessẽ as fez imprimir ambas em Coimbra na forma em q̃ andaõ, & as tinha, & lia muitas vezes.

Foy taõ particular mestre do tratto da nossa Corte do nosso modo de conuersar, dos termos, com que entre nòs se declaraõ os que milhor sabem declararse, que passando ha tãtos annos ainda oje os bẽ lidos nelle se vallẽ de sua doutrina, como de Apothemas arguti∫simos em toda a variedade de materias tocantes a estilos de Corte, & costumes politicos, & ainda os Prègadores nos pulpitos.

Morreolhe sua molher o Anno de 1555. com o que elle começou a morrer lògo tambem pera todas as cousas de seu gosto, & antigos exercicios, tanto que viuendo ainda tres annos despois della, nam se acha que cõposesse mais que hum Soneto, que fez à sua morte, que começa: Aquelle spirito jâ tam bẽ pagado; & affirmaõ pessoas que o conheceram,

nheceram, que nũca mais sahio de hũa casa, senam pera ouuir os Officios Diuinos, nẽ apparou a barba, nẽ cortou as vnhas, nem respondeo a carta, que lhe alguẽ escreuesse atê q̃ acabou de todo.

Foy homẽ grosso de corpo, de mea estatura, muito aluo de mãos, & rostro, com pouca còr nelle, o cabello preto, & corredio, a barba muito pouoada, & de seu natural crecida, os olhos verdes bem assombrados, mas cõ algũa demasia grandes, o nariz comprido, & com cauallo, graue na pessoa, melancolico na apparencia, mas facil, & humano na conuersaçam, engraçado nella com bõ tom de falla, & menos parco em fallar, q̃ em rir, & porq̃ pòde seruir pera melhor intelligencia de algũas figuras, termos, & sentẽças destes seus papeis o cõnhecimẽto de seus particulares exercicios, direy aqui oq̃ pude alcãçar delles.

Era inclinado à caça dos Lobos, & exercitauaa muitas vezes, indo a ella foteado todo, & à gineta; jugaua o taboleiro, & nenhum outro jogo, donde pareçe que tirou a metaphora de que vsa nas Eglogas de Basto, & na de Nemoroso, & algũs outros lugares, como (Si licet sacra miscere profanis) fez o Propheta Amos, que do exercicio do campo, em que se crion tomou os termos, com que escreueo a sua prophecia, tangia violas darco, & era dado à musicæ, de maneira que com nam ser mui rico tinha em sua casa mestres del la custosos, que ensinauam a seu filho

Hieronymo de Sà, de quem ſe diz que foy eſtremado naquella arte, & contaua Diogo Bernardes(a quem ſeguimos em muita parte diſto) que quãdo o hia a ver viuẽdo em Ponte de Lima patria ſua,lhe mandaua tanger o filho em diuerſos inſtrumentos,& o reprendia algũa vez de algũ deſcuido, foy ſobrio, & auſtero conſigo, & largo com algum exceſſo cos hoſpedes, que indifferentemente agaſalhaua com goſto particular, coſtumando a dizer, que o liurauã de ſi o tempo,em que os conuerſaua,& com rezam, porque ſe conta delle que eſtando ſem gente de cumprimento (& ainda com ella)ſe ſuſpendia algũas vezes,& mui de ordinario derramaua lagrimas ſem o ſentir; porque quando lhe acontecia à viſta d'alguem, nem as enxugaua,nem torcia o roſtro, nẽ deixaua de continuar no que hia fallãdo, parece que como outro Heraclito com a magoado que lhe reuelaua o ſpirito dos infortunios da ſua terra, de que neſtes papeis ſeus ſe vee quam grandemente ſe temia.

Soube tanto da lingoa Grega, que lia a Homero nella, & acotaua de ſua mão em Grego tambem, & no anno de 1584.tinha eſte liuro que fora ſeu, Gonçalo da Fõſeca de Caſtro morador em Lamego fidalgo curioſo,& bem inſtruido na lingoa Latina, ao qual, & a Gomez Machado Dazeuedo, que viueo na comarca d'entre Douro, & Minho, & viuia em Villa Real, ſobrinho da molher

lher de Francisco de Sà, filho de Bernal dim Machado seu irmão, & aos Doctores Hieronymo Pereyra de Sà, & Anriq̃ de Sousa Desembargadores, que foram do Paço, estreitos parentes seus, & ao senhor Dom Manoel de Portugal digno por seu admirauel spirito deste, & doutros mayores titulos, com os mais q̃ nomeamos seguimos nesta Relaçaõ.

E sobre tudo o que mais soube Francisco de Sà foy ser pio, & Catholico Christaõ, deuotissimo em particular da Virgem nossa Senhora, em cujo louuor compos as duas Cãções que nestes papeis se vem em seu nome. Morreo cõ todos os Sacramentos de idade de 63. Annos de nosso Saluador de 1558. està enterrado na Igreja de Sam Martinho de Carrazedo Arcebispado de Braga cõ sua molher, & cunhados na Capella de Sancta Margarida.

E Martim Gonçaluez da Camara varam grauissimo filho do Capitam da Ilha da Madeira do Cõselho do estado del Rey grande vallido de Dom Sebastiam, & muy estimado de sua Magestade, que Deos tem, auendo resistido as dignidades Ecclesiasticas, que lhe forã offerecidas, & retirandose no fim da idade a viuer priuadamente cos Padres da Companhia em Sam Roque de Lisboa, nam lhe pareceo que encontraua os intentos com que se alli fora, nem as calidades, & circunstancias, q̃ nelle concorriam em tratar da honra, que se deuia à memoria de taõ grande homẽ,

&

& assi se occupou os vltimos meses de sua vida em lhe mandar là melhorar a sepultura, & pòr este Epitaphio em lingoa Latina, polla qual obra será sempre tam louuado dos bõs spiritos, como he rezaõ que o seja de todos os homẽs pollo zelo da justiça, & bem publico que mostrou em todos os estados & fortunas, &c.

EPITAPHIVM Francisci do Sà de Miranda.

RVstica, quæ fuerat solis vix cognita
siluis,
Aulica Miranda Musa canente fuit.
Maturosq; iocos, & ludrica seria ludẽs,
Diuina humanũ miscuit arte Melos.
Cũ posset gladio trãscẽdere nomẽ auorũ,
Maluit arguti melitiã calami.
Posthabuit fasces, & inertis laudis honores,
Ac docuit plectro promeruisse decus.
Omnia Mirandus mirandus puluere in
ipso est,
Puluere in hoc patriæ gloria scripta maner.

Taboada

Taboada deste liuro.

Eglogas.

Cartas.

Elegia.

cançoẽs.

Sonetos.

Esparsas.

Cantigas.

Epitaphios.

Sextina.

Redondilhas.

F I M.

XII

AS OBRAS DO DOCTOR Franciſco de Sà de Miranda.

SONETO .I.

A Principe tamanho, cujo rogo,
E mais aos ſeus, inda he mais q̃ mõ-
Que poſſo eu alfazer ſenaõ paſſar (dar
Polla agoa, pollo ferro, & pollo fogo?
Se me firo, ou meq̃imo, ou ſe m'afogo;
Se dou de mi ao mundo em que fallar,
Facilmente ſe pòde deſprezar
Tal dano, & inda mal q̃ naõ foy logo.
Era jà tudo, como encomendado
A traça, ao pó d'Aldea, & ſua rudeza,
Entre teas d'Aranha ſepultado.
Iagora, gram Senhor, tudo deſpreza
Quem ſae à praça por voſſo mandado;
Baſtalhe o nome ſó de voſſa alteza.

SONETO 2.

INda q̃ em vossa Alteza a menor parte
(Em quẽ Deos ajuntou tantas, & tais)
Seja esta, todauia entre as reais
Ià se ella cõtou sẽpre em toda a parte.
Dar fauor aos engenhos, &a toda arte
Das boas, faz os Reys aqui immortais
Por fama, &passando inda áuante mais
Hũs fez deoses de todo, outros ẽ parte.
A guerra leua o mòr Scipiaõ consigo
As Musas brandas de seu natural,
Que assi sem armas saõ d'altas ajudas.
Ellas nos contam do bõ tẽpo antigo,
Cayram as estatuas de metal,
Q̃ al se podia esperar de cousas mudas?

SONETO 3.

TArdey, & cuido que me julgam mal,
q̃ ẽmẽdo muito, q̃ emmẽdãdo dano,
Ah Señor, q̃ ey grã medo ao mao ẽgano
Deste amor, que a nòs temos desigual.
Todos a tudo o seu lògo acham sal,
Eu risco, &risco, voume d'anno ẽ anno;
Cum dos seus olhos sò vay mais vfano,
Phelipe, asi Sertorio, asi Anibal.
Ando cos meus papeis em differẽças;
Sam preceitos de Horacio me diram,
Em al naõ posso, sigoo em apparenças.
Quẽ muito peleijou, como irà sam?
Tantos ledores, tantas as sentenças;
Cum vento vellas vem, & vellas vam.

SONETO 4. XIII

AQuella fê tam pura, & verdadeira,
Avōtade taõ limpa, & taõ sẽ magoa,
Tantas vezes prouada em viua fragoa
De fogo, & hi apurada, & sẽpre inteira:
Aquella perfeiçaõ, q̃ achou maneira
D'ẽcher de fogo opeito, osolhos d'agoa
por quẽ ledo eu passey por tãta magoa,
Culpa minha primeira, & derradeira:
Deq̃ me aproueitou? naõ d'al por certo
Que dum nome sòmente leue, & vaõ,
Custoso aórostro, & maiscustoso àvida.
Dey q̃ fallar ẽ mi ao lõge; & ao perto,
Consolarasse jà alma captiua
(Pois piedade naõ acha) achar perdaõ.

SONETO 5.

EM pena tam cruel, tal sofrimento
Em dòr tamanha dor, q̃ nunca aliua,
Chamar a morte sempre, & q̃ inda viua
Como se fora vida este tormento!
E ver no mal (que todo entendimento
Naturalmẽte foge estranha, & esquiua)
Jazer taõ de vagar a alma catiua,
A quẽ naõ farà crer q̃ he tudo hũ vẽto?
Bem sey hũs olhos, q̃ tẽ toda a culpa,
E sam osmeus, que a toda a parte vem,
E aquillo, q̃ vẽ sempre, isso osdesculpa.
O minhas visoẽs altas, meu sò bem,
Quẽ vos a vos naõ vee, e se vos culpa,
E eu sou sò quẽ vos vee, outrẽ ninguẽ.

SONETO 6.

DEsarezoado amor dẽtro ẽmeupeito
Tẽ guerra cõ a razaõ, Amor, q̃ jaz
Hi ja de muito tempo, manda, & faz
Tudo o que quer a torto, ou a dereito.
Naõ admite razões, tudo he despeito
Tudo soberba, & força, faz, desfaz,
Sem respeito nenhũ, & quando em paz
Cuidais q̃ sois, entaõ tudo he desfeito.
Doutra parte a razaõ tempos espia,
E espia occasiões, de tarde em tarde,
que ajunta o tẽpo, em fim vẽ o seu dia.
Entaõ nam tẽ lugar certo, ẽq̃ aguarde
Amor, & treyções trata, que nam fia,
Nẽ dos seus, q̃ farey quando tudo arde?

SONETO 7.

AQuellas esperanças, que eu metido
A tormento lancey fóra por vãs,
Que fazẽ ainda aqui co as minhas sãs
Contas, feito em pò ja tudo, & bebido?
Como? & serà tam cego, & sem sentido
Amor, que hũas rezões claras taõ chãs
Nam ouça, & que nam veja tantas cãs,
Tanto tempo baldado, & nam viuido?
Esta alma tantas vezes enganada,
Nam tornará por si, nam farà conta
Co a despesa, co Sol, & cõ a jornada?
Quẽ do mar escapou, quãto mal cõta?
Que perigos sem fim? mas lògo brada
Outra vez aos da nao, na terra afrõta.

SO-

SONETO 8.

AMor que naõ farà? fezme engeitar
Taõ leuemẽte a mi, porquẽ me ẽgei
Castellos de sperãça, & de sospeita (ta;
Faz, & naõ sey que faz, tudo he no àr.
Fezme pedras colher, fezmas lançar,
Apertase a alma triste en si encolheita,
A força, que farà, & a ley estreita,
Queirà, ou naõ q̃ ira, ẽfim ha de passar.
Ora taõ cego era eu, que da vontade
Tudo fiey, que tudo a trauez guia,
Tamanha imiga minha, & da verdade?
q̃ al se podia esperàr de hũa tal guia?
Cahi onde ora jasso; ò crueldade; (dia
Naõ sei quãdo hè de noite, & quãdo he

SONETO 9.

NAõ sey q̃ emvos maisvejo, naõ sey q̃
Mais ouço, & sinto ao rirvosso, & fal
Naõ sey q̃ entẽdo maistè no callar, (lar
Nem quando vos naõ vejo alma q̃ vee.
Que lhe aparece emqual parte q̃ estè,
Olhe o Ceo, olhe a terra, ou olhe o mar,
E triste aquelle vosso sospirar,
Em q̃ tanto mais vay, que direy que he?
Em verdade naõ sey q̃ he isto, q̃ anda,
Entre nòs, ou se he àr como parece,
Ou fogo doutra sorte, & doutra ley.
Em q̃ ando, de q̃ viuo; & nũca abrãdo,
Por ventura que à vista resplandece,
Ora o que ...

SONETO 10.

Alma, q̃ fica por fazer, desd'oje (ça
Na vida mais, se a vãa minha esperã
Que sempre sigo mais, sempre me foge
Por onde a vista alcança, & naõ alcãça?
Fortuna que farà? roube, & despoje,
Prometa doutra parte em abastança,
Q̃ jà naõ hà q̃ me alegre, ou q̃ me enoje,
Quantos pezos tiuer lance à balança.
Chorey dias, & noites, chorey annos,
E fuy de longe ouuido pollo escuro,
Gritãdo acrescẽtei sẽpre ẽ meus dãnos.
Agora que farei? por Amor juro
De tornar a cantar fôra d'enganos,
E por muito, do mal posto em seguro.

SONETO 11.

O Sol he grande, caem com as aues
Do tẽpo, em tal sazaõ, q̃ soe ser fria,
Esta agoa, q̃ d'alto cae acordarmehia
Do sono naõ, mas de cuidados graues.
O cousas todas vãs, todas mudaues,
Qual he o coraçaõ, que em vos confia?
Passando hum dia vay, passa outro dia,
Incertos todos mais q̃ ao vẽto as naues.
Eu vi jà por aqui sombras, & flores,
Vi agoas, & vi fontes, vi verdura,
As aues vi cantar todas d'amores.
Mudo, & seco he jà tudo, & de mistura,
Tambẽ fazẽdome eu fuy doutras cores,
E tudo o mais renoua, isto he sem cura.

SO-

SONETO 12.

QVãdo eu, senhora, em vos os olhos po
E vejo o q̃ naõ vi nũca, nẽ cri, (nho
Que ouuesse cà, recolhese alma em si,
E vay tresualiando como em sonho.
Isto passado, quando me desponho,
E me quero affirmar se foy asi,
Pasmado, & duuidoso do que vi, (nho.
Me espãto às vezes, outras me enuergo
Que tornando ante vos, senhora, tal,
Quando auia mister tanta outra ajuda,
De que me valerey, se a alma naõ val?
Esperando por ella, que me acuda,
E nam me acode, està cuidando em al,
Afronta o coraçaõ, a lingoa he muda.

SONETO 13.

QViẽ darà a los mis ojos vna fuente
De lagrimas, q̃ mane noche y dia,
Respirarà, si quiera, el alma mia
Llorãdo, ora el passado, ora el presẽte?
Quien me darà apartado de la gente
Sospiros, que en la mi luenga porfia
Hagan, que sienta fuego aquella fria
Causa, de que nascio tanto accidente?
Quiẽ me darà palabras, cõ q̃ yguale,
Quexãdome, al mal q̃ Amor me hà he-
Pues q̃ tã poco el sufrimiẽto vale? (cho,
Quiẽ abrirà por medio este pecho,
A do yaze el secreto que no sale,
Con tanta cuyta mia, y mi despecho?

SONETO 14.

(vfano,
DEl Tibre embuelto, al nueſtro Tajo
De ſus arenas d'oro, y rica playa,
Enchi todo de quexas, venga, o vaya
Llamádo por la muerte ſorda en vano,
Fragua, no coraçô, nô pecho humano
Quanta de torre, quanta de atalaya,
Alças cada hora, a fin que todo caya
Por tierra, y metan todo a ſacomano.
Que Seſipho quereis mas embebido
En ſu trabajo vano, en ſu porfia?
Eiſlo arribado al monte, eiſlo boluido.
Noche tras noche vâ, dia tras dia,
No pido, Amor, piedad, remedio pido
Boluermehe a loquear como ſolia.

SONETO 15.

YO no entiẽdo bien q̃, mas eſta fuẽte
Habla comigo, y horas ſe me antoja
De tantas quexas mias que ſe enoja,
Horas que me conſuela, yque las ſiente.
Amor, que aqui me truxo, no cõſiente
q̃ yo me vaya a otra parte, yq̃ me acoja
De los ſueños, ẽ q̃ ando, juzgue, yeſcoja
Si es vergueça el tardar tã luengamẽte.
Grãde fuerça s'a hecho a losmis ojos,
Grande al entendimiẽto andando aſsi
De veras ocupado en mis antojos.
No ſè lo que me vi, ni que no vi,
Quien puſo tal ſabor a mis enojos
A pezar, que es peor, ſoncas de mi.

SONETO 16.

AQuella apresurada rueda viua
De sobresaltos, que mudã tã presto,
Tantas vezes cada hora este mi gesto,
Nunca la voluntad tanto à captiua.
Esta llama cruel, la pena esquiua,
Que no reposa; Sol nascido, y puesto,
Señal de como os veo manifiesto,
Turbada siempre, desdeñosa, y altiua.
Sino me dexan (como digo) el dia
Y no la noche, antes me es tormento
Contino, y crueldad, que culpa mia.
El tiẽpo passa en vano, ha echo asiẽto
En mi alma abrasada, y luego frio
Vn ser, que es menos ser cada momẽto.

SONETO 17.

ENtre Sesto, y Abido, el mar estrecho
Lidiando cõ las ondas sin sossiego,
Noche alta el buẽ Leãdro prueua el rue
Prueua lagrimas tristes sin prouecho. (go
Viẽdo q̃ es todo ẽvano, pone el pecho
De nueuo al mar irado, ojos al fuego,
q̃ en la alta torre luze, ay Amor ciego
Quanta de crueldad has visto, y hecho?
Nadaua miẽtras pudo hazia la playa
De Sesto desseado, y dulce puerto,
Porque siquiera allà, muriendo caya.
Enfin ondas venceis (dixo cubierto
Ya dellas) mas no hareis q̃ allà no vaya,
Biuo no querreis vos, mas irê muerto.

SONETO 18.

Leuada en facrificio Policena
Al ſepulchro de Achiles, yà q̃ vido
De Pyrrho el cruel braço ẽalto erguido
Por la herir, boluio toda ſerena.
Y dixo, a quanto mal, y a quãta pena
Pondras fin luego, ò golpe bienvenido,
Dexãdo el cuerpo muerto aqui tẽdido
En deſierta, pero vezina arena.
Y luego la real cara animoſa
Boluiendo a todos, màs clara q̃ el dia,
Aun de ſu cuerpo muerto receloſa.
Trocame a ruegos de la madre mia
(Les dixo) con ſus hijos deſdichoſa,
Que a oro os los cõprò, quando podia.

SONETO 19.

AH que dirè, q̃ es eſto, q̃ anſi engaña
Tan dulcemẽte, en lo q̃ tanto duele,
Tan en contrario a todo lo que ſuele
D'acontecer en quãto offende, y daña?
Vemos (y es coſa clara) que ſe enſaña
Quãto ſe mueue en tierra, o en aire bue
Vna vez engañado, y que ſe vele. (le,
Aun pueſto en ſeguro d'arte, y maña.
Ora eſte coraçon mio offendido
Tantas vezes llegado a la ſu muerte,
Como lo pone anſi todo en olvido? (te?
Quãto al hado ſe dio, quãto a la ſuer-
Quan poco a la razõ? poco al ſentido?
Por verte ſoy yo tal, y bueluo a verte?

SONETO 20.

A Mor tirãdovà por cielo, y tierra (do,
Mil flechas de oro, mil de plomo ela
Hàmuerto, hámalherido, hàmal llagado
A muchos, y dize el, de buena guerra.
Ojos yà no tenia, oydos cierra,
Las manos malas solo le han quedado,
Cruel flechero, al mal tan auesado,
Que acaso tira, y nunca el golpe yerra:
Dizele la su madre, de las quexas
Quantas oygo de ti (burlando vn dia)
Mal burlador, no quieres q̃ algo crea?
Besôla el en los ojos, y madexas
De oro, y respondiole, ò madre mia,
Como quereis si soy ciego que vea?

SONETO 21.

A Do seboluerà, que no se espante
De nueuo esta alma mia lastimada,
A la presente cuyta, o a la passada
Que esperança me haze ir tan adelãte?
Que aprouecha q̃ llore, y que, q̃ cante,
Que grite noche, y dia, en fin q̃ es nada;
Porfiar, y seguir la via errada,
Antes es vanidad, que ser constante.
No fuera mucho descuidarme vn poco
Mas ir perdiendo el dia pieça a pieça
Quando yà sobreuiene noche escura?
Que cosa puede ser, sino es ser loco?
Ah de quien confiarè la mi cabeça,
Que me aya de curar tanta locura.

SONETO 22.

QVe es esto Philis, q̃ estàs tã turbada
Tan sola, demudada, y sin color,
Cabe esta fuente tanto Ruzseñor,
Y tanta otra auezilla enamorada?
Si lo que ves, y que oyes no te agrada,
Que te puede agradar, ni dar sabor?
Ves tanta differencia, y tanta flor,
De qne la tierra està como esmaltada?
O Nise, Nise leda, y desseosa
De caçar vine aqui a esta ribera (sa.
Todo me hizo oluidar la fuẽte hermo-
No soy la Philis yà, que d'antes era,
Salteome aqui vn cuidado, ah falsa cosa
Quan presto esta mi vida se perdiera!

SONETO 23.

CAbe vna fuẽte en voz alta, y sin tino
Se queja el buẽ Salicio atormẽtado
De vn mas q̃ vano amor, zagal cuytado,
Ved de su mal a que remedio vino.
Amor, que nunca vâ por su camino,
A caso ende passaua a buelo alçado,
Oyò el llanto, que despedaçado
El monte repetia alli vezino.
Quiẽ dio principio a mis cordojos? ojos
Cierto crueles, y a mi destierro? ierro.
Desseos a que fin lleuanos? vanos.
A lagrimas, y enojos? mas enojos.
Pues que remedio a tãto ierro? hierro.
q̃ muera assi a mis manos? ya mis manos

SO-

SONETO 24.

A Diogo Bernardes.

NEste começo d'Anno, e taõ bõ dia,
Tam claro, porque naõ falleça nada
Me foy da vossa parte apresentada
Vossa composiçaõ, boa a porfia.
De q̃ espãto me encheo quãto allivia?
E mais em parte cà tam desuiada
Sempre atègora da direita estrada
De Clio, de Caliope, & Thalia.
O que enueja vos ey a esse correr!
Polla praya do Lima abayxo, &arriba,
Que tem tanta virtude de esquecer.
O que estes tristes coraçóes aliua
Do pezar igualmente, & do prazer
Passado, q̃ naõ quer q̃ inda homẽ viua.

SONETO 25.

A Francisco de Sà de Meneses.

A Vossa verdadeira penitẽte, (dos,
Quaõ bẽ q̃ lhe guardais põtos deui-
Do Sepulchro os Apostolos partidos,
Ella nam parte, vede o que alli sente.
E assi mereceo ver primeiramente
A Deos, que fosse em habitos fingidos;
Tudo amor vence, altissimos sentidos
A quem tal ortelaõ se fez presente.
Gregorio a põe porhũa, outros Douto
Fazẽna tres, apos Gregorio vão (res
Despois os mais, cõ todos os pintores.
Aquelles direy eu senhor que sam,
Aquelles outra vez que sam amores,
... os sospiros, & hũ sô nunca em vaõ.

SONETO 28.

De Pedro Dandrade de Caminha.

NAm ousaram atègora apparecer
Estes versos de si desconfiados,
Porque de mal cõpostos, & ordenados
Assas tem, porque deuam de temer.
Vaõvos pedir senhor, q̃ osqueiraesver,
E riscar, &emmẽdar, porq̃ emmẽdados,
Por vos possam andar mais confiados
Do que por meus puderam merecer.
Vay hi Androgeo triste, vay Serrano,
Queixase este presente, aquelle ausente
No Mondego por vos jà celebrado.
Queixaõse Nymfasdelle, ahi do dano,
Que por Syluia se vê nelle, & se sente
Triste, d'ella, & de vos desemparado.

SONETO 29.

Reposta do Author.

ASsi que me mandaueis atreuer
A versos jà das Musas assellados?
E àquella grande Syluia consagrados
Icaro me põe medo, & Lucifer.
Os meus se nũca acabo de os lamber,
Como vssa aos filhos mal proporciona
(ah passatẽpos vaõs, ah vaõs cuida(dos
A quem posso porem nisso offender?
Tudo cabe no tẽpo, entregue aodano,
Depois à perda; digame esta gente
Qual anda o furioso assi è m endado.
Deixo ascousas sagradas, q̃ hũ profano
Leygo, como em tocallas taõ [illegible]
Nam he de [illegible]

SONETO 30.

De Dom Manoel de Portugal.

SOem às vezes ser mais estimadas
As pallidas espigas puramente
Offerecidas, que o ouro refulgente
Descuberto por veas soterradas.
Por isso ante vos vam tam confiadas
Rarissimo Francisco, & excellente
A rudeza do estillo differente,
E as incultas estanças desornadas.
O que brotou de si a natureza
D'arte, nem d'arteficio ajudada,
Colhido sem sazam senhor offreço.
E a vontade de vos seja estimada
Porq̃ em taõ baixo tẽpo em q̃ pureza,
E em que obras naõ ha, deue ter preço.

SONETO 31.

Reposta do Author.

TAntas mercès taõ desacustumadas
como as posso eu seruir deuidamẽte?
Farey como ja fez hum innocente,
Hum rustico pastor dentre as manadas.
q̃ d'agoa offereceo por maõs lauadas
A Xerxes, bebeo elle, & sanctamente
Iurou que nam bebera tè o presente
Cõ tal sabor por copas d'ouro obradas
Senhor Dom Manoel se a sò clareza
De hũ peito aberto, & limpo, & fè laua-
Muito merece, muito vos mereço. (da,
A pedraria vãmente estimada,
Os vazos crystalinos de Veneza, (ço.
Ia se achaõ, eu aos meus palmos me me

FABVLA DO MONDEGO.

A EL REY DOM IOAM O III.

1

INclito Rey, que de vno al otro Polo
De tropheos enchis, abriendo al Nilo
Desd'el Tajo, luz nueua, y nueuo dia:
Trocando en esto la natura estilo,
Dandoos Neptuno el mar, dādoos Eolo
Sus vientos, y armas Marte a la porfia:
Por la Zona, que ardia,
Bolando osadamente
Vuestra animosa gente,
Los Portugueses, a quien nada espanta,
En vòs, Senhor, los ojos, y en la santa
Empresa, y lealtad propria, y d'abuelos
Que a los miedos encanta
Gran denuedo venciò, grandes recelos.

2

Miētras nel mar bermejo el Octomano,
Poder vsado a tantos vencimientos,
Por culpa agena, mas que virtud suya,
Ata las llagas, trueca pensamientos
Tiēbla pēsādo a vuestra armada mano,
Como s'ampare, o como della huya;
Antes que lo concluya
Del todo, y buelua en nada
La victoriosa espada,
En el comun plazer ninguno quede,
Que no os vēga a [illegible]
Y [illegible]

Verè, si me concede
Nuestro estrellado Pã, cõ q̃ a vós vaya.

3

Y viendo que baxais vuestros oydos,
Por essa tan humana mansedumbre,
Al canto pastoril, yà hecho osado:
Quiçà mouerè mas àzia la cumbre
D'aquel alto Parnaso mis sentidos,
Que del estaua yâ medio oluidado:
El bueno, el alabado
Tytiro Mantuano
Alçando el cantar llano
Del campo, nos dexô sobrada escusa
De correr tras su leda, vfana Musa,
Quanto las fuerças pueden sostener,
Como vemos, que se vsa
Reconociendo el tiempo, y su poder.

4

Entre el grãTajo, y elDuero el buẽ Mõ-(dego
Vn tiempo Munda(tal es su agua clara)
Yendose por sus campos passeando:
Saliendo donde el monte le apretàra,
El trabajo vencido, entra en sossiego,
Y como vencedor vâ triumphando:
A do agora cantando
Iuntas las nueue hermanas
Del fauor vuestro vfanas
Acordadas se mueuen, y en concierto
Saliendo del ñublado al ayre abierto
Cantando el vuestro nõbre, y subirle an
Del cielo al alto puerto
Do tales Reyes por tales obras van.

5

Riberas deste caudaloso rio
Riquissimo de pastos, y ganado

Llano

Huuo vn noble donzel de nascimiẽto,
En edad tierna huerfano dexado,
Sin padre, o madre, sin hermano, o tio,
Libre señor de vn largo heredamiẽto:
El visto entre otros ciento,
Hermoso, apuesto, y tal,
Que a ser el principal,
No cuerpo, gesto, o gracia le faltaua:
Antiquissima fama le arrayaua
De sangre de Gerion, que a tantas lides
Ante su grey se armaua (Alcides.
Fuerte en tres cuerpos contra el fuerte

6

Cuya venida a do aquella agua baña
Los cãpos de Coimbra, ay tal memoria
De vna alta torre de su nombre rica:
Por suya juntamente, y nuestra gloria
Como aquellas colũnas, q̃ a la España
D'Africa parten con distancia chica:
Tras esta multiplica
Vna, y otra señal,
Tanto arco triumphal,
Tantas las grutas, y edificios Romanos,
Tantos los aqueductos yà mal sanos,
Que la hã de antiguedad ennoblecida,
Segun las nuestras manos
A sus obras dan mal años de vida.

7

Mas sobre todo lo que enriqueciò
L'antigua tierra mia, es el thesoro
Del sancto cuerpo de su Rey primero,
Que en vn dia venciò tanto Rey Moro,
Quando aquel Reymayor le aparecio
... el estuuo en el madero...

Que con el bien no pudo:
Por lo qual vueſtro eſcudo
Real lleua pinturas tan diuinas,
De tales Reyes, y tal myſterio dignas,
El buen Hijo cabe èl quiſo yazer,
Que deſplegó las Quinas,
Y a Guadalquibir ſangre hizo correr.

8

Boluamos al Mődego, que en tal parte,
Tanto a ſu ſabor vã que no ſe ſiente,
Biẽ como otro Meãdro en ſus rodeos?
Ende al paſſar devn boſq̃, de vna fuẽte,
Rica de la natura, y pobre d'arte,
Viòſe vna Nympha tambiẽ ſin arreos:
Diuina en ſus meneos,
Gracioſamente eſtando,
Gracioſamente andando,
Blando aire reſpiraua elprado ameno,
Ella cantaua, y juntamente el ſeno
Encogiendo ſe yua de diuerſas flores,
De que el prado era lleno
Sobre verde variado en mil colores.

9

Que todo era ende, do ſe detuuiera
La Nympha hermoſiſsima, cubierto
De arboledos floridos, que ſe alçauan,
Todos caſi en medida, y cuento cierto
Del rio de vna parte, y del monte era
De otra cercado, que lo rodeauan,
Las aues combidauan
Con ſus blandos cantares
Tomar alli a peſares,
Puerto, quien a ſazon mejor arriba:
La fuente mana de vna piedra viua,
Eſcondida a paſtores y a ganado,

Que

Que dulcemente se yua
No se que murmurando por el prado.

10

Nieue la Nympha, y el vestido nieue,
Entretexidas d'oro flores raras,
En las sueltas madejas d'oro fino,
Vencen sus ojos las estrellas claras,
Los delicados pies por flores mueue,
Quanto se vè, y no vê todo es diuino:
Vn cuerpo mortal digno
Nunca fue de tal ver,
Y quando huuo de ser
Nunca se acontecio sin graue daño,
Exemplo es de Acteon el caso estraño,
q̃ trãsformado en cieruo, corre el cãpo
Vn caçador tamaño
Huyẽdo al su Pãphàgo, y al su Melãpo.

11

Ella cantaua aquel cantar famoso
De la blanca Diana, y roxo Apolo,
Hermosissimo parto de Latona:
Que no le dan, con tales hijos, solo
(siquier por breue espacio) algũ reposo
Afflita sin ayuda de persona:
Tuuieran la corona
De crudos, y villanos
Los Licios Aldeanos,
Ranas ora viles, que han tal hecho,
Negando el agua de comun derecho,
De vida a todos, que ella de merced
Con sus hijos al pecho,
Les pide muerta de cansacio, y sed.

12

Diego (que tal nombre el moço auia)
A caso alli llegò, busca sossiego,

Tan atreuido,y loco,
Ternà s en este poco
Para toda tu vida,o corta,o luenga:
Vengòse el niño ciego, ora te venga,
Si tanto puedes: Frio Diego està,
Oyò la cruda arenga,
Sintio el grā golpe,Amor burlando và.

15

Despues(como desueño alto)despierto
Los ojos buelue acà, y allà pasmado
Al cielo,al agua,almōte,al cāpo llano;
Y qual ir vemos vn desasisado,
Ansi se mueue como por acierto,
Ora corre,ora pàra,y grita en vano
Gozòse Amor villano,
De como en poco trecho
De Diego vn otro hà hecho,
Viendole por el agua entrar sin tino,
Quāto entrar puede, q̃ no sabe el mez-
Lo q̃ hazer deua àq̃lla cuitasuia (quino
Aquel furor diuino,
Dōde,o como le attiēda,o por do huya

16

Dezia a gritos,Como,y pudo auer
Lugar a do cupiesse vn bien tamaño,
En todo este cercado acà del suelo?
Aquel bien solo,que igualaua el daño,
La tanta claridad,como esconder
Se puede por mi cuyta, y desconsuelo?
Quien me alçaria a buelo,
Buscando el arte todo?
Quien me darà algun modo
De todas reboluer las aguas dentro?
Quiē me abrirà la tierrahasta su cētro,
Que siēpre vaya, y nunca buelua atràs.

Por fiero, y duro encuentro,
Hasta que llegue a dar, donde tu estàs?

17

Que podeis yà aqui ver ojos cuytados,
Saluo ora baxo, ora mas alto el rio?
Ora al amigo mal, ora al pariente?
Ora grande calor, ora gran frio?
Las roñas, los mas males de ganados,
Las renzillas, que van continuamente;
El luengo año, que miente
A tantos de sudores
De pobres labradores,
No basta trabajados, mas hambrĩẽtos;
Truenos, yelos, granizos, malos vĩẽtos,
Humida, y graue niebla, ayre corrupto,
Tantos desabrimientos, (to.
Del tiẽpo, o muy lluuioso, o muy enxu-

18

Todo quãto este mũdo en precio tienẽ
Riqueza, y flores, fuẽtes, q̃ anſi aplazẽ,
Toda aquella beldad, nos es estraña:
Por costumbre es la fuerça, q̃ nos hazẽ,
Que poco dello, o nada nos conuiene,
El fuego hermoso todo quema, y daña:
Quien espera la saña
Del agua quando crece?
Allà ariba apparece
Tanta d'estrella, que la noche muestra,
Mas estan altas: es rica la muestra,
Estraña a nôs, pero no lo era aquella,
Que vi, y asi tan presta
Huyô; ay Diosa cierto, y no donzella.

19

A mi mismo soy hecho vna enojosa,
Y muy pesada carga, en igualdad

Me

Me falta ansi lo mio, como ageno;
Pobre è mis bienes, q̃ es d'auer piedad,
Que basta al coraçon, que no reposa.
Quiẽ la mano metio dẽtro en mi seno?
Que se hizo el tiempo bueno,
Que me yua a las riberas,
Que me yua tras las fieras
A caçar, y pescar? con que porfia
Partia ledo, ledo me boluia?
Como las cosas van mudando el ser?
Ora con que alegria
A casa boluerè? con que plazer?

20

Yuase Diego ansi deuaneando
Por sus locuras, que fin no tenian,
Muchos cansacios sin ningũ prouecho;
Idos los vnos, otros que venian,
Consigo de contino peleando,
Và batalla cruel dentro en su pecho:
D'amor, y de despecho,
Acá, y allà lleuado,
Ora vence vn cuydado,
Ora vẽce otro, el triste hecho pedaços,
Con sus contrarios lidiando a braços,
No viendo que consejo dexe, o siga,
Confuso entre embaraços,
Riendose la Fortuna su enemiga.

21

Vn dia (vano aliuio de su mal)
Alli venido con la su vihuela,
Que otro tiempo preciada ser solia:
No como ser solia se consuela,
Mas descordado el triste, y desigual
Dexaua ora el cantar, ora tañia:
Puesto en tal agonia

Huuo de començar
El lloroso cantar
De Euridice, y de Orpheo antiguo cuẽto:
Caen lagrimas vanas, lleua el viento
Muchos sospiros, tiẽpos muy diuersos
Trayendo al pensamiento;
Alfin soltò la lengua en estos versos.

22

Huyendo al atreuido de Aristeo
Euridice, en el prado ponçoñoso
Mordida cae, cruel caso por cierto:
Dexando al triste, dexando al quejoso,
Al pobre, al lastimado solo Orpheo,
q̃ entre muertos la busca antes de muerto:
Nunca con tal concierto
Las cuerdas mano humana
Tan dulce, y tan liuiana
Mente tocò, como el su mal cantando,
Como el tañiendo, Euridice llamando
Euridice, en repuesta el valle dà,
Quando se asienta, y quando
A las lagrimas buelue, y quando và.

23

De vna merced de Amor, dize, priuado
Si ante tiempo me aueis, como hizistes?
A vos mismas juzgar, sobras, lo dexo,
Si os mueuẽ a piedad los casos tristes,
Vn solo coraçon, a entrambos dado,
Quitardesmelo ansi? desto me quejo.
Si el Sol de quien me alejo,
Que vio tanto, ver pudo
Tan feo caso, y crudo:
No tẽgo en nada, ni sea nada el daño,
Amor me trae acà, traeme engaño:
Desseo, que esperando se consuela,

No

No os parezca eſtraño.
Tiẽpo os pido no más,poco, y q̃ buela.
24 (te,
Todo ſe os deue enfin,corre a la muer-
O cedo, o tarde,quanto allà parece;
Y nueſtro cedo,o tarde a vòs q̃es nada:
A mi, que amaneciendome anochece,
Fueme moſtrada la mi rica ſuerte,
Y entre ver, y no ver me fue quitada:
Ver vna flor piſada,
Primero que cogida:
Ver la fruta perdida, (ga:
q̃ al buẽ primero olor mal tiẽpo eſtra-
Mieſſes d'algũ turbion, o d'arte maga
Dañadas,canſa en ver la viſta, y ciega
Mirad la cruel llaga,
q̃ os mueſtra amor por mi piadoſo, y
25 (ruega.
Que no me trae aqui codicia eſtraña
De los vueſtros theſoros encubiertos
No loco atreuimiento,ni maldad
De eſpiar los caminos, o los puertos
Del Reino, q̃ el grã lago Eſtygio baña,
Traeme ſolo Amor,buſco piedad.
Si tanta crueldad
Acà ſo tierra ſe vſa,
Que no me valga eſcuſa,
Que no me valgan lagrimas, ni ruego,
Sõbras,q̃ vais por ayre eſcuro, y ciego,
Que yà de mi la mejor parte huuiſtes,
Dezid, que es eſto? os ruego,
Porque vna no quereis,y otra quiſiſtes?
26
No me lo echeis,por Dios,a preſũpciõ,
Mas a gran cuyta, q̃ me fuerça, y guia,

Venga esta noche la mi llama buena;
Si acà de Amor conoscimiento auia
Como vimos allà nel gran Pluton,
Que del mostrò tener no poca pena:
Claro entre nòs se suena
De donde,como y quando
Proserpina buscando
La madre,acà baxò,y satisfecha
Boluio,siquiera en parte desta estrecha
Ansia,respire triste,vn poco,aqui:
Mi mal que os aprouecha?
Del biẽ,que os cuesta màs el no, q̃ el sì?

27

Al son de las palabras piedosas,
Y de la lyra blanda,y voz diuina,
Que de su mano Amor todo acordara:
Todo lo enternecio, por do camina
Baxaron las sus clines espantosas
Las tres hermanas; Charõ lo esperàra,
Serenando la cara
De fea catadura,
En su barca segura:
Por tres bocas huuiẽdo el canCerbero,
Oyendo el triste, oyendo el lastimero
Llanto,llorò,dexando aquella puerta,
De que era antes portero
Tan duro de piedad,al viento abierta.

28

Estuuo luego queda aquella rueda
Del Centauro atreuido : Las hermanas
Nietas de Belo, ninguna acudió
Al vano officio;Quedas las mançanas
De Tantalo,y su agua estuuo queda,
Su sed,su hambre, todo s'aquietò:
El Buytre no royò

De

De Ticio las entrañas,
Vino a las soterranas
Casas del gran Pluton(palacios reales)
Tañió, cantó, llorò tambien sus males,
Que Euridice le fue dada con ley,
Que en Reinos infernales,
No mire atras: Ansi le plugo al Rey.

29

Todo promete Amor, todo lo espera,
Vencer pueda, o no pueda, buelue ledo,
Sigue callada Euridice tras el,
Ora aquel, que antes desto tãto miedo,
Tanto trabajo por Amor venciera,
Venciolo Amor, no se fia nadie del:
Boluiose, y solo aquel
Ayre escuro abraçando,
En vano và llamando
Por ella, que esuanece, Amor ingrato
Iuega estos juegos; No puede el cõtrato
Real quebrarse, no la ley firmada,
Dize de rato en rato,
Quanto fuera mejor nunca auer nada.

30

Echado de allà dẽtro, aquellas puertas
De firmes diamantes, luengamente
Maldijo muchas vezes, y a los muros
Arrojó la vihuela impaciente,
Quãto mas rezio pudo, ya ꝗllas muertas
Sõbras, crudas llamò, reynos escuros:
Los dones mal seguros
En tal parte alcançados,
De Dioses nunca vsados,
(Dezia) ni a merced, ni a piedad,
Ni saben que es firmeza, y que verdad,

Amor, y humanidad
Qual es, aquel cruel, que lo defiende?

31

Ansi cantaua Diego, y no pudiendo
Con la gran cuyta, que a desora crece,
A mil remedios vanos se acogia:
Oluida la samponã, y no s'estrece
Que no viesse visiones, vâ corriendo
Como furioso de malencolia:
Mientele toda espia,
Nunca cuenta concluye,
Del campo a caso huye,
De casa huve por los campos llanos,
Tomados tantas vezes a las manos,
Mis engaños (dezia) o lo que es esto?
Conozcoos por vanos,
Yboluеisme a engañar luego tã presto?

32

Bien veo, que los Dioses offendidos
De mi se vengan, como mas les plaze,
No midiendo la pena con el ierro;
Yo que puedo ende hazer? el alma iaze
Como por muerta, iazen los sentidos
Cargados deste mal como de hierro;
A las sabiendas yerro,
No lo puedo enmendar,
Pudiera ya passar
Todo el mal, que ẽtredia se me offrece;
Mas ido el Sol, que todo se escurece,
Forçado bueluo a casa, y luego al lecho
Que buelta se recrece,
Que sobresaltos vã dẽtro en mi pecho!

33

Los mis ojos gran tiempo ha q̃ pusierã
El buẽ sueño ẽ destierro, y si ende llega
Allà

Allà defuera,el fu repofo dexa;
Vàfe volando por la noche ciega,
E en fu lugar vifiones fucedieran,
Todas de miedo, q̃ mucho me aquexa;
El alma fe me alexa
A muy grandes jornadas,
Seran presto acabadas
Eftas pendencias,diran los paftores,
Vnos que fue locura,otros q̃ amores,
Otros q̃ maldicion, o affombramiẽto,
Y fi ay males peores
Haran,trifte de mi, cuentos fin cuento.

34

Quantos votos fe hizierã,yque ayunos?
Que eftrañas deuociones defufadas?
Quantos cuerpos de cera fe offrecierã?
Quantos de tierra por encruzijadas?
Mas los Diofes a ruegos importunos
Sordos àzia otra parte fe boluieran:
Que alturas no fubieran
Por montes fin caminos?
Los romances diuinos
Cantando, do la nieue el fuelo efmalta
A todo tiempo, que en parte tan alta,
Creen fer oydas mejor las fus preces;
Nunca efperança falta.
Falta lo que fe efpera muchas vezes.

35

Como el pino en el monte combatido
Del impetuofo viento en la tormenta,
A quantos, que lo ven pone en receio,
Los truenos amenazan, arrebienta,
El fuego por las nuues exlo erguido,
Exlo coruo que và cayendo al fuelo,
Hafta tanto ...

Se abre en llama ardiendo,
Entre viendo, y no viendo,
El brauo rayo en bueltas mil desciēde;
àquel postrero mal quien se defiende?
Queda vn trōco quemado, y cuēto bre-
A quien passa por ende, (ue,
O busca alli quiçà, que a casa lleue.

36

Los males, que passando el tiēpo cura,
Como vemos, que el haze, pues que và
A tal priessa (dezia) no son males;
Esto si, que este es mal, que aqui se està
Tanto à despacio, y del tiempo no cura
Vn tan cierto remedio a los mortales:
Y si las immortales
Almas de acà partidas,
Del todo escaecidas,
Van de quanto acà vieran por baldio:
Este amor, o que se es este mal mio,
Do quiera q̃ yo de aqui fuere lleuado,
De oluido el hondo rio
Seguro passarà junto a mi lado.

37

Y si lo que esta tierra no fue digna
Tener mas luengamente, anda cantādo
Fuera deste ayre gruesso en otro claro,
Y por otras riberas passeando,
Que digan con la su beldad diuina;
A que estoyme aqui mas? a q̃ me pàro?
Que no busco aquel raro
Lugar, que ella esclarece,
A do nunca apparece
Sombra, ni niebla, y siēpre es claro dia?
Ella me sea pues mi buena guia
Partiendome de aqui, si quier que vea,

Que

Que vna hora amanecia
Tras vna noche tanto larga, y fea.

38

Fueran oydos inciertos, y estraños
Sones, por el silencio de las noches,
Que el sueño de los lechos ahuyẽtauã,
Fueran vistas visiones de sonoches,
q̃ oyẽdo, y viẽdo niños tiernos d'años
A pechos de las madres se apretauan,
Alto dia bolauan
Las aues enemigas
De luz, con sus antigas
Desapazibles gritas, y alaridos,
En las manadas Bueis dauan bramidos,
Que era vna piedad solo el oyllo,
Bauados, y transidos,
Dende el Toro mayor, hasta el nouillo.

39

Los gruessos cãpos sembrados de trigo
Bueno, y escogido, dauan vana auena,
Y joyo, que la gente embobecia; (pena
Quiẽ sembrò mucho, y quiẽ no tanto, a
(La fama que no muere, me es testigo)
La su propria simiente recogia:
Alçauase, y ponia
El Sol sin claridad,
Temiose aquella edad
De vna noche sin fin, o mucho luenga
Quien quereis por seguro que se tẽga,
Entre tanto cuydado tan contino?
Entre vna tal contienda?
En fin quando le plugo al hado vino.

40

Vete buẽ Diego en paz, q̃ en esta tierra
El plazer de oy no dura hasta mañana,

Y dura mucho quanto desaplaze;
Allà aora no ves la vision vana,
Que acàviniendo te hizo tanta guerra;
Ardiendo el cuerpo, que ora frio iaze,
Lo que allà satisfaze
A tus yà claros ojos,
No son vanos antojos,
De q̃ ay por estos cerros muchedũbre:
Mas sieprevna paz buena ẽclara lũbre;
Contentamiento cierto te acompaña,
No tanta pesadumbre,
Como acà vá por esta tierra estraña.

41

El acontecimiento doloroso
Sabido por lugares conuezinos,
Ayuntô luego gente a nueuo llanto,
Y nueuas alabanças, los caminos
Eran llenos de madres sin reposo,
Temiendo de sus hijos, q̃ aman tanto:
A todos hizo espanto,
Que lo han visto, y oydo,
Vn mal no conoscido,
Vn mal q̃ nunca viose entre los males;
Dizen como pasmados los zagales,
Diego es muerto, diuinos consejos?
Si ansi se van los tales,
Que será de nosotros zagalejos?

42

Auian ende erguido de maderos
Como vna tumba, auianla cubierto
Toda de rama obscura al derredor;
Teas de pino por el campo abierto,
Quando fuego haziendo mil carreros,
Boltando vna màs breue, otra mayor:
Passado aquel furor,

Pla-

Plañido aſſaz , y aſſaz,
Eſtando vn poco en paz,
De aquella obſcura tumba el edificio,
Al fuego dioſe,como en ſacrificio,
Leuantanſe alaridos deſiguales,
Dixo vno, que es ſu officio,
Ruegos a la ceniza funerales.

43

Las quales recogidas luego alli,
Fueran pueſtas en alto,y fueran màs
Cayado,hõda,y viguela,pueſtas luego,
Que el cirando dexaua el viento atràs,
Y todo junto vn verſo dixo anſi:
Deſpojos ante tiempo del buen Diego.
Yà que eſto huuo ſoſsiego,
Porfiaran paſtores
A cantar ſus loores,
Cõdenando de Muerte,y Amor la ſaña,
Mando los ſus ingenios toda Eſpaña,
Huuo Epitaphios varios,y diuerſos;
De la nueſtra montaña
Vino vn paſtor,tañiò,puſo eſtos verſos;

EPITAPHIO.

EL Enemigo Amor a tus poſtreras
Honras vino(buẽ Diego)y alli quemò
Su arco,y las ſus flechas laſtimeras,
Lloroſo, y deſarmado ſe partio:
Secaranſe laureles,y las eras,
El ganado a paſcer no ſe baxò,
To lo te dà ſeñal de ſu triſtura,
... ...gado ... ſepultura.

Cantado os he Señor la vida y muerte
De Diego luengamẽte alli plañido,
Por las hermosas Nynfas Neyua, y Lima,
Esta q̃ yà fue llamada agua de oluido,
Estotra de su fuente hasta do vierte
Su vasillo en la mar de mucha estima:
La fama por encima
De montes, y de rios,
A estraños señorios,
Lleuò volando el caso sin sosiego:
Ora del claro Munda, y del buẽ Diego
Por su Lusillo alli tanto cercano,
Trocô el nombre en Mondego,
Que parte el vuestro Reino Lusitano.

45

Por cierta prueua del antigo cuento,
Conforme a lo que os he señor cõtado,
Parece de Coymbra en el pendon,
Qual lo vemos al ayre desplegado,
La Nynfa en forma de vn encãtamiẽto,
Que la guarda vn gran Drago, y vn Leõ,
Y con justo blason
(Pues que el Reino pregona
Que es alli su corona)
A la Nynfa, corona fue añadida,
Que por el agua và medio metida,
Quanto mano pintar la pudo hermosa,
Pero, como offendida,
Turbada toda, y toda desdeñosa.

46

Otros dan tal pintura a la Donzella,
Que dio nombre a los mõtes Pirineos,
De Hercules por amor despedaçada:
El cuerpo de las fieras, de desseos
El alma, mientras sola se querella,

Que bufcandolo a el no teme nada:
Otros àquella Hada,
Que fue medio Serpiente,
Que el mifmo en Oriente
De fi en cinta dexô, dexole vn vafo
Rico, porque bebia, ora del cafo
Vòs fabeis todo, a quien nada efcaece,
(Mufas del gran Parnafo)
A nòs el tiempo todo lo efcurece.

CELIA,

AO IFFANTE
DON LVIS.

EGLOGA SEGVNDA.

I

SErenifsimo Infante, a quien fe deue
Calor de Efmirna, o Mãtua, a quiẽ el
Quãdo màs arde, es vna fria nieue (mio,
Del fiempre elado Boote, y del tardio:
Mas gran Señor en partes do no llueue
La niebla fe deffea, o algun rocio,
Y no fe puede de contino andar
Armado por la tierra, y por la mar.

2

Las Mufas, quãdo vueftra Alteza ãdaua
Bufcando las emprefas de fi dignas,
Que temblando toda Africa fudaua,
Quãdo del Real Guiõ las fantas Quinas
Via, que a fus confines affomaua,
A fus fuentes las viftes màs vezinas,
Entonadas mejor, y màs de veras,
Oyllas eis acà como eftrangeras.

3 B 7 Por

Por hora callarseha Tunes entrado
A pura fuerça, y el tyrano huydo,
Todo lleno de miedo arrabiado,
Y solo de sus mañas socorrido:
Por honra aquel ladron Caco afamado
Tener deuiera ser de Hercol vencido;
En fuegos se emboluia, y humos vanos,
Fiãdose en los pies, màs q̃ en las manos

4

Lo que al Santo Luis, con tanta gente
Cruzada, y a Carlos Quarto denegòse,
No solos ellos, mas todo el Poniente,
A nuestros Luis, y Carlos referuòse:
La antigua, y gran Carthago impaciẽte
De sus passados daños recordóse;
Temblauan Africanos coraçones,
Viendo juntos venir dos Scipiones.

5

Mas ah juyzios ciegos de Christianos,
Ah furias infernales, ah peccados,
q̃ en vuestra sangre ensuziais las manos
A tan grande sabor d'arrenegados!
Auiẽdoos Iesu Christo hecho hermanos
Deshazeysos crueles a bocados,
Tantas vanderas, tantos capitanes,
Y dexais la Ciudad Santa à los canes.

6

Quando será aquel dia, que a la vuestra
Mano armada se rinda la Fortuna,
q̃ algo d'embidia a tãta gloria muestra?
Quando será que yo vea vna laguna
De sangre infiel vertida dessa diestra?
Yo, que lo cante al Sol, cante a la Luna
Triũphos quãto a vos mucho deuidos,
Desseos quãto a mi mucho atreuidos?

7 Fi-

Finalmente(Señor)puefta de parte
Por vn poco la efpada, el verdadero
Iuyzio nos bolued a eftotra parte, (rot
Dóde entra por la mar turbado el Du
Ydonde con granfè,mas cõ poca arte,
Cantan paftores al modo eftrangero,
Corren lagrimas juftas fin parar,
MientrasNeyua tambiẽ corre a la mar.

Interloqutores.

Aurelio. Mauricio. Amaro.

Aur. 8

QVe quiere, ò mi Mauricio,dezir tal
Huuiar de perros?Como a laporfia?
No fe que fean cierto , es algũ grã mal:
Aues nocturnas buelan entre dia:
Lobos tan brauos de fu natural
Baxan a lã Aldea de la Serrania,
No vees el mal gufano,y que pefares
Se hà hecho de las viñas, y pomares?

9

Vna mula hà parido en nueftra Aldea,
Y las vacas no paren; ayer cayò
DelCielo vn breue, q̃ no ay quiẽ lo lea,
Son crego, o frayle, que yà Miffa cãtò,
Con dos cabeças(cofa eftraña,y fea)
Vn potro,ycõ feis pies(diz)que nafcio,
Como Gallos nos cantan las Galinas,
Y no fe vieran ogaño Golondrinas.

Vemos muertos caerſe los borregos,
Caē las madres de otra parte muertas:
Los ojos, que tal ven, paranſe ciegos,
Que las cauſas ſō del todo encubiertas:
Buelan de noche por los ayres fuegos,
Que carreras atràs dexan abiertas,
Señales, que de ver nunca penſamos,
GuardeDiosde peligro a nueſtros amos

11

Ca ſe dize que hiriò por la cabaña
Del buē Alonſo vn rayo, aquel paſtor,
Que apacienta lo mâs de la mōtaña,
Ah no nos tenga el cielo tal rancor:
No parece ſino que Dios ſe enſaña,
Amor en nos no vè, prueua el temor;
No vès quantas de vezes ſe eſtremece
La tierra? antes tā firme, ora enflaquece

12

Aquel noble donzel, que aqui cercano
Con tal nueſtra eſperança ſe criô,
Quando el la voz diuina con la mano
Tambien diuina, tañiendo acordó;
Luego a vozes lo dixo vn viejo cano
(Ah de lo por venir quanto que viò!)
Quan preſto te arrepientes, cruel hado
Quādo dás tanto bien de auello dado!

12

Por cierto que yo lovi (que no quiſiera
Auello viſto) lleuòlo el palacio,
Crecia en todo a ojo; quanto fuera
Mejor, y mas ſeguro irſe a deſpacio!
Cuentan milagros del deſq̄ allà fuera,
Mas a tal prieſſa cierto eſtâ el cāſacio,
Sea de ſprito, o cuerpo, o de ventura,
A canſar preſto và, quien ſe apreſura.

Mas boluiẽdo a nosotros, pastor bueno
Quando aqui veo tantas de señales,
Quando de tal maldad el mundo lleno,
Que allà los viejos van, vá los zagales;
Estoy cõfuso, y mal duermo, y mal ceno,
Temiendo a nuestras culpas desiguales,
Es mucho el pecar nuestro, es sin ẽmiẽda
q̃ himos siẽpre a correr suelta la riẽda.

15

Maur. Agora Aurelio entiẽdo q̃ tu solo
Eres el, que no sabe el graue daño
Deste nuestro consejo, que assololo,
Como por tierra, vn caso duro, y estraño:
Aquel todo su bien, muerte lleuòlo,
Quiẽ pẽsò ver tã presto vn mal tamaño!
La nuestra Celia es muerta; ay breue cuẽ
Mas digno de infinito sentimiento! (to,

Aur. 16

Como? q̃ es muerta Celia? y pudo Muerte
Hazer, aunque cruel, tal crueldad?
Pues como? Vàse todo anssi por suerte,
Sin orden, sin razon, sin igualdad?
Tan presto tanta gloria se conuierte
En humo, en nada, estado, y fresca edad?
Triste de mi, de vida yà Celia es fuera?
Quien oye tal, tambien q̃ no se muera?

17

Dexemos la beldad, que ella tenia
Por cosa vana, (como cierto es vana)
De que a las otras tal cuydado via,
Mas en cuerpo tan sano, alma tã sana,
Que para nòs, no para si viuia,
Que pudo Muerte ser tanto villana?
Cortò la tela ordiendose sañuda,
Dexando tanta gente acà desnuda?

De Amaro,que ferà? folo dexado
Por raro exemplo de vna trifte vida,
Como por mueftra.como por dechado
A nòs ferà ella corta,a el cumplida:
Quã prefto tãtobien fe ha traftornado?
Ay bienes falfos,ay mueftra fingida,
q̃ anfi nos va engañãdo de año en año,
Y fiẽpre al recoger fe buelue en daño!

19

Maur. Pues aun no fabes biẽ lo q̃ paffè
Con el en el combate defigual;
Erã jufto el dolor, empero fuè
El impeto primero irracional,
Y no de hombre,aunq̃ barbaro.y fin fè,
Sin alma,fin razon, bruto,y beftial;
Quifo boluerfe a fi como enemigo,
Mas huuo de lidiar antes comigo.

20

Quantas vezes que al alma del cuytado
Vifto he partir tras l'alma fanta della,
Dexando el cuerpo alli defamparado,
Solo tendido,como que yua a vella?
Dẽde a buẽ rato el trifte en fi tomado,
Buelto de nueuo al llãto,y a laquerella
Gritos mil iua dando alto, y fin tino,
Vnos tras otros fiempre de contino.

21

Cruel Celia(dezia)anfi me dexas?
Quiẽ te me hizo cruel? no me refpõde,
Señal q̃ ya no las oye eftas mis quejas,
Tan lexos la lleuaron, trifte, a donde
Celia te me han lleuado?anfi te alejas
Sin maspiedad demi?quiẽ te meefcõde?
Quien huyendo fe và(dizeme) ah quiẽ,
Huyendo fe me và con tanto bien?

22 Luego

Luego boluia, eis, que mas piadosa,
Como siẽpre mas blãda, y nũca esquiua
Me buelue a ver; mas como tã cuydosa?
Dexadme allà llegar, a ver si es viua:
O se me engaña esta alma dessëosa!
Que es esto? a do se fue, mudada q̃ yua?
Y quanto (ô triste) toda de otra mente
De la Celia, que yo vi primeramente!

23

Quantos de desuarios? que sin cuento
De desconciertos dijo? y q̃ de antojos?
Que de fantasmas via en vn momento
Tiesos, y siempre enjutos los sus ojos?
Parece que del mucho sentimiento
El humor congelaran los enojos,
Alfin dado del todo al dolor malo,
Era el rezio furor sin interualo.

24

Aur. O Celia quantas lagrimas deuidas,
Y quãtas te erã, si lagrimas nos diessen
Remedio alguno a las passadas vidas?
Y si por otra parte ellas no fuessen
De los que saben mal, mal recebidas?
Y si a flaqueza no las atribuyessen,
No digo mas de si, ni mas de no,
Soncas causas ternà quien no las dio.

15

Aquel dolor, que và turbando dentro
Del cuerpo el alma, y todos los sẽtidos,
Y passa al coraçon, que es el su çentro,
Las lagrimas de allà manda, y gemidos,
q̃ los caminos abren al duro encuẽtro,
Sino que esfuerça siendo detenidos,
q̃ allá encerrado el fuego, y las cẽtellas
Ardan las casas, y el señor con ellas.

26 Mas

Mas en quãto se vã nuestras manadas
Paciendo a su sabor, Celia, cantemos,
Sino estan las çampoñas acordadas
Luego cõ breuedad acordarlas hemos:
Que despues cantaran otras vegadas,
Pastores, de que nada aora sabemos,
Cantarlean a la sombra destos pinos,
De alto responderàn montes vezinos.

27

Maur. q̃ podria yo Aurelio hazer por ti,
q̃ mas de grado hiziesse? aunq̃ tan rõco
Del llorar mucho, y poco que dormi,
Que no me falta nada para loco?
Mas cantemos, pues tu quieres ansi,
q̃ el desseo es grãde, si el poder es poco;
Luego comenҫarè sin mas escusas
Con buena ayuda della, y de las Musas.

CANTA. 28

Sonriendose està Celia de quan ciega
Es nuestra mortal vista, y quã enferma,
Semejante àquel juego, que se juega
De ojos cubiertos, que tan mal aterma;
Ella vê todo, y juntamente ruega
Por la su gente, y dizle que no duerma,
De contino amonesta, que es pequeño,
q̃es vn nonada el plazo, y grãde el sueño

29

Bien vè que los plazeres, los enojos
Nuestros, sõ vanos, piẽso cierto, y creo;
Que a menudo ázia cà buelua los ojos,
A do dexò de si tanto desseo:
Y aquellos sus riquissimos despojos
A su cuerpo, a sus hijos, y su arreo,
Que ser ellos en vida (ella dizia)
Y su tan fiel, y dulce compañia.

30

Y vien-

Y viendo quantas lagrimas por ella
Se derraman acà fin ningun fruto,
Enchiendo todo efte ayre de querella,
Meffandonos, y cubriendonos de luto:
Sabiendo, fi llegaffemos a vella,
Que luego todo bolueria enjuto,
Bufcaifme allà tan baxo (dize) errais
Do bufcar me deueis, no me bufcais.

31

Mi bien, ò que plañis? no la turbeis
Amigos la mi paz, fola efta es vida,
Muerte effa, que por vida allà teneis,
Vn punto, vn nofe què, la mas cũplida;
En vanas efperanças no os fieis,
La eftada incierta, es cierta la partida,
De muerte en muerte andais, y veis quã
Vna la vida mata, oluido el refto. (prefto

32

Hafta quando fereis niños chiquitos
Deftos, q̃ andan burlando a fu plazer?
Tiñefe vno la cara, eis q̃ alçan gritos,
Los otros vanle huyendo a màs correr;
Lauàfe el gefto, bueluen los loquitos,
Riendofe hafta de rifa fe caer;
De las rugas burlais, blanco el cabello,
Moftrais miedo al morir, q̃ es como aq̃
33 (llo.

Lo que de mi preciais es poca tierra,
Que ya nada fiente, es lo q̃ fiempre fue:
Lo menos cierto os haze cierta guerra,
Isuos tras lo, que veis, no tras la fè;
Qual de vofotros fus, fueños aferra,
Y foñais todauia no fè què,
Deffeos vanamente a fsì eftimados,
Que matan deffeando, y alcançados.

Estês por siempre buenaCelia en gloria
Allà, y en fama, qual dexaste aqui;
Deuiose tal corona a tal vitoria
Del enemigo del Mundo, y de ti;
Tales cõtrarios, q̃ en nuestra memoria
No se, vencidos, quien los aya ansi,
Derechamente tu fuyste a la palma,
Dexãdo el cuerpo atràs, auãte el alma.

35

Aur. Ay compañero, y con q̃ medicina
Vngiste la mi llaga honda, y cruel,
Que breuage tan dulce, y tan diuina,
Me diste por medida, y por niuel?
El mal, q̃ ansi me huuiera muerto ayna,
Tu me libraste delas manos del,
Hirierame eldolor, que aya mal grado,
Ayas lo bueno tu, que me has librado.

36

Ora (puesq̃es mi deuda) amigo escucha,
Quiero ver mi çampoña, si tambien
Cobrado hã aliẽto de la ãgustia mucha
Que a las vezes se van el mal, y el bien;
Cayẽdo, y lleuantando como en lucha,
Las ondas con el viento van, y ven;
En fin la nuestra Celia me leuante,
Para que della taña, y della cante.

CANTA. 37

Alçose deste baxo Celia a buelo,
De todo de la tierra aborrecida;
Passò las nuues, passò Cielo, y Cielo,
Matò la sed en la fuente de la vida;
Cessen los llantos, cesse el desconsuelo,
q̃ ella a fiestas nos llama, y nos cõbida,
No se oygan aqui mas, sino cantares,
Dezidme los a cientos, y a millares.

38 Oid

Oid pastores todos, Celia nuestra
De mortal, q̃era, es hecha yà immortal;
Quien no lo vè? a quiẽ no lo demuestra
Claramente tal vida, y muerte tal?
Quan differentes cosas que le muestra
Allà su santa guia Angelical?
Boluamos todos pues en nuestras lẽguas
A Celia el coraçon, boluamos lenguas.

39

Socorre, ò santa Celia a estos estremos,
Que van acà entre nos de temporales,
No labramos las tierras, no tenemos
Con que, ni para que, si tu no vales:
Todo quanto sudamos lo perdemos,
Que por demas es todo, en tãtos males,
De Dios algun remedio nos alcança,
De todo nuestro biencierta esperança.

40

Demuestranos de allà Celia aq̃el santo
Amor, que de los tuyos te encendia,
Que tanto te aman, que tu amaste tãto,
q̃ en ti el su mal, q̃ en ti el su biẽ se via;
Y cõ q̃ angustia el mal, el biẽ cõ quãto
Zelo de charidad? con que alegria?
Como en la casa vêse al grande espejo,
El q̃ entra ledo, o triste, el moço, el viejo.

41

Aquiẽ iran de oy mas cõ sus clamores,
Con las sus rogatiuas, y demandas,
Si a ti nô, santa Celia, tus pastores,
Y las pastoras todos en sus bandas?
Cantandote vnos y otros tus loores,
Texẽdote vnos y otros mil guirnaldas,
Los vnos y los otros tus deuotos;
Empieça acostũbrarte a nuestros votos

Ergue comigo aqui vn memorial,
A donde a cierto tiempo de los años,
El buen viejo anciano, y el buen zagal,
Vengan Celia offrecerte sus rebaños,
Para seren por ti libres del mal
De malos ojos, que hazen tãtos daños,
Vernan buenas y honestas las zagalas,
Mãda el bolq̃ vedar (Celia) a las malas.

43

q̃ es esto? o se me engaña el grã desseo?
O cierto que las aguas desseadas
Caeran presto, que señales veo,
Las Garças vã volãdo en alto algadas;
Mueuese la floresta a lo, que oeteo,
Muestra la Luna mãchas assombradas,
Los altos van la niebla ya cobriendo,
Y el Sol se và en las nuues escõdiendo.

44

Maur. Como quiẽ a trauiessa vn mõte er(guido
Sin sombras, y sin agua en las calores
De Iulio, y Agosto, vn mes y otro cũplido
Y quãdo en toda parte hieruẽ ardores,
A tanto mal cansacio aun añadido,
Falta el aliento, crescen los sudores,
En fin por vna peña agua, que caya
La vida buelue luego al, que desmaya.

45

Tanto tus dulces versos me pluguierã,
Tanta fuerça tuuieran, tal poder,
q̃ otro me hã hecho, ah como se perdie(ran
Entre nòs el cãtar, como el tañer!
Que tanta fama a los pastores dieran?
Mas dizenme que allã vienen a correr
Ciertos zagales de la estremadura,
Que deste ayre echarã la niebla escura.

Vem

Veni buenos zagales con fauor
De aq̃llas blandas Musas de Parnaso,
Enchi nuestros collados del sabor
De la lyra suaue hallada a caso:
Cantando a nuestra Celia en su loor,
Cobrireis de yerua verde el mõte raso,
Y a las fuentes de sombras, y de flores,
Y despanto el oydo a los pastores.

47

Aur. Oyes, o quiçâ no, Mauricio herma (no?
Aquellos gritos son del triste Amaro,
Que cõ la muerte và peleando envano,
Passado del dolor de claro en claro;
Hanlo como metido a sacomano,
Amor, y Muerte, y hecho exemplo raro
De la fortuna auara, y codiciosa,
Que no há dejado en el cosa con cosa.

48

Amar. Aq̃ parte se es idà esta alma mia?
quien me la enseñarà? yo que hago aqui
Sin alguna de dos, que antes tenia?
Que entrambas se ajuntàran contra mi?
Solo dexado me han, ciego, y sin guia?
Pareceos esto Amor? dexarme ansi?
Consigo no quisieran allà lleuarme?
Ni buelto me hã a ver, ni a cõsolarme?

49

Como vna llama por el mõte ardiẽte,
Que presto en alto buela y no parece,
De vista se nos pierde en continente,
Y el humo turbio solo remanece:
Otra tal claridad resplandeciente,
Miẽtras mirãdo estaua, eis se escurece:
Ansi tan presto? triste a donde irè
Sin ti? y allà sin ti, triste, que harè?

Cuytado, los lugares, do te via,
Y donde me eras tu siempre presente,
Y lo mas que contigo me solia
Dar vida, ora la quita crudamente:
Con ansia, y soledad en compañia,
Huyendo vàse el coraçon doliente,
Dexadme ir a buscallo, y si no viene,
Tenga tambien a mi, quien me lo tiene

51

Maur. Sintionos cōpañero, y nò hà pa-(rado,
Mas como pararà quien de si huye?
Ansi como si herido và el venado,
Crece corriẽdo el mal, que lo destruye,
Que labra el hierro crudo auelenado,
Y a mas correr la vida mas concluye,
Caer, mas no pudiendo, al fin se dexa,
Pone a la vida fin, pone a la quexa.

52

Mas vamos al lugar yà religioso,
Que en este tiẽpo, y en el, q̃ ha devenir,
Venerado serà, donde en reposo
Iaze el cuerpo, que no pudo subir
Con Celia al Cielo, mas ô que sabroso
Letrero, pàrate ora Aurelio a oyr,
Veràs poner seiscientos por aqui,
Tal desseo dexó Celia de si.

EPITAPHIO. 53

Santa alma, q̃ este cuerpo acà dexaste,
No pudiendo sufrir mas tiempo el peso
Suyo, cō quiẽ en bregas siẽpre andaste,
De mi, piedad te mueua, que aqui preso
Al amor de las cosas, que tu amaste,
Estarme mandas: ay no basta el seso
A tanta cuyta, todo prueuo en vano,
Estiendeme de allà Celia la mano.

54 Aur.

Aur. Este sacòlo Amor de las entrañas
De aquel tan preciado, y gran pastor:
No pudieran las fuerças ser tamañas
En otro sprito,ni tan raro Amor;
Los pastores vendrân de las montañas,
Prouar de sus çamponhas el valor,
Mas quiẽ quereis q̃ iguale,otaña,o cãte
A quien amando asi passa adelante?

55

Al fin boluamonos para el abrigo,
Que yà hurriar d'aqui sieto las cabras,
Y las ouejas: ya Sancho, y Rodrigo,
Otros sueltã los bueyes,dejã las labras:
Mau. Tiẽpo es dîr,mas primero Aurelio
digamosse estas vltimas palabras(amigo
Seate (ô Celia) la tierra liuiana,
Nazcan lyrios aqui, nazca la grana.

ANDRES,

AO DVQVE D'AVEIRO.

EGLOGA TERCEIRA:

I

EL Congojoso llanto,el temerario(lla
Furor de nuestro Andres,la marauiq̃ al hato lo boluio todo al contrario:
Que dantes era blando,y sin renzilla,
Tanto,que medio mudo,y solitario,
Sin quejas mucho mas mueue a mãzilla,
Mientras yo canto, cante aqui comigo
Amor,aunque cruel, aunque enemigo.

El

El primero amor suyo,elprimer fuego,
De quiẽ cõ rabia huyera a losdesiertos
Centellando los ojos d'ira, y luego,
D'amarissimas lagrimas cubiertos:
De crudos celos,y de furia ciego, (tos,
Quando braços cruzados,quãdo abier-
Sin siquiera al comer dar vn pequeño
Del dia,o de la noche,al dulce sueño.

3

Y vos señor no os sea en menos precio
La çampoña de Pan Dios de pastores,
Tenida antiguamente en tanto precio,
Tambien entre los Principes mayores:
No podemosa Codro,a Mucio,ya Decio
Todos cantar,los Reyes,y altos señores
Vuestros antepassados,y presentes,
Esforçados en guerra,en paz prudẽtes.

4

A vòs señor no oscupo en fuerte guerra
Estamonos aqui como en vedado,
Por el gran Rey,q̃ en paz rige su tierra,
q̃ a nòs es Numa, y es Romulo armado
A los infieles,que el lejos destierra,
Temido dellos,de nòs mucho amado:
Vos entretanto abris largos caminos
Por los libros humanos,y diuinos.

5

Entre los quales tienen su lugar
Las blandas Musas,que aliuian el peso
Del siempre estar attento a especular,
Que sufrir no lo puede humano seso:
Mas alto buelue, que solia estar
Vn ramo, que algo yuso estuuo preso,
Y puedese mejor boltando a trechos
A los altos subir, que por derechos.

6 Pu-

Pudierades passar la juuentud,
Como otros grãdes Principes, andãdo
A passatiempos, y a la multitud
De sus plazeres, onde, como, y quando,
Hizoseos mas hermosa la virtud,
Ansi qual ella và de flaco bando,
Tan presto conocistes los affeytes,
Y el falso resplandor de los deleytes.

7

Bien vimos quanto os plugo la pintura
De Hercules quãdo moço ẽ despoblado
Por hierta via, de vna vieja, y dura,
Por llaña de vna moça encaminado:
Aquella espinas muestra, aspera altura,
Fuentes, flores, estotra, y verde prado,
Mas aquel coraçon, que no desmaya,
Por el monte agro vá, dexa la playa.

8

Ora otra vez a Andres, q̃ và ẽn mientes
Huyendo los apriscos, y lugares,
Y a todo lo pisado de las gentes,
Añadiendo cansacio a los pesares:
Ah loco, y de quien huyes? no lo siẽtes,
q̃ dàs mas viento al fuego sin pensares?
Loco, loco vna vez, otra vez loco,
Yâ que vàs a tu mal, ve poco a poco.

9

Tu mientras que los otros apáscientan
A sus rebaños, Iuan Pedro, y Rodrigo,
Miẽtras nel pedernal fuego arrebiẽtã,
Hurtados de los vientos al abrigo.
Do sus passados casos se recuentan,
Tu debatiendo vas solo contigo,
Miẽtras tañendo estã, miẽtras cantãdo,
Tu vaste ansi, y ansi devaneando.

Pas-

Pascuala, cruel sierpe, no offendida
(Alomenos de mi) toda inflammada
De su veneno, dà d'arremetida
El cuello, el pecho, y la cabeça alçada:
Siluando la su lengua en tres partida,
Como llama de fuego apresurada,
q̃ es esto? q̃ te he hecho? ah q̃ me quieres
Cruel, la mas cruel de las mugeres?

11

Querida sobre todas las zagalas,
Que hechizo hâ sido di? q̃ encãtamiẽto?
Que dura fuerça de palabras malas
Las q̃ trocar te hizieran el pensamiẽto?
Bien pintan al Amor ciego, y con alas,
Alçòse presto, y tan liuiano al viento:
Yo tras el de assomada en assomada,
Que no se tras q̃ voy, voyme tras nada.

12

Ynũca quiero entrar comigo en cuẽta,
Que cierta sea (triste) ni saber
La causa, porq̃ esta alma ansi se afrẽta,
Que a nadie mas que a si, deue querer:
Amor como enemigo, que consienta
Me dize, y que podia yo ende hazer,
Quien puede huyr (cuytado) a suvẽtura?
Mal remedia locura a la locura.

13

Aun las fieras seluages como son,
Vencerse dexan de humanidad buena,
El Toro brauo, el mas brabo Leon
Con tiempo muestrã, q̃ no sientẽ pena:
El vno en yugo, el otro en la prision,
Si la voz conoscida al ayre suena,
Del Halconero, luego desde el Cielo
A prenderse el Halcon baxa de buelo.

14 Todo

Todo lo vence el tiempo, y la porfia,
En piedra dura el agua, fi defciende,
Aunque ella es blanda, caua todauia:
Es duro el hierro, gaftafe por ende:
Lo que no haze vn dia, haze otro dia,
A las fus fuerças quien fe le defiende?
Durifsima Pafcuala, quanto en ti
De amor trabajo, y fè, tiempo perdi?

15

Vemos la golondriua, buelto el pecho
Al viento, como vn rayo irfe bolando,
Ora ẽcielo, ora ẽ tierra, el cuerpo eftre
Las alas pocas vezes meneando:
Contra la vena d'agua vâ al derecho
La trucha, las açudas trefpaffando
Aues ay, que de dia nunca buelan,
Y por la noche obfcura fe defuelan.

16

Ay animales, que a los nueftros fuegos
Se acogen conftreñidos del mal frio,
Otros nos huyẽ, fon como vnos juegos,
Vnos bufcan al monte, otros al rio:
Viuen dentro otros de la tierra ciegos,
Vnos del fuego, otros del rocio,
No fé que condicion tienes Pafcuala,
Cierto no de muger, no de zagala.

17

Mas antes de zagala, y de muger,
Que debaxo de aquella vifta hermofa,
Tan llegada al diuino en parecer,
Efcondio la natura artificiofa
El mayor mal, que pueden ojos ver,
Daño, que haze la pena deleytofa,
Ponçoña de gran fuerça: mata el vellas,
Mata el ovllas, mata el oyr dellas,

O que ayas mucho de mal grado Amor,
Que anſi nos turbas el entendimiento,
En lo que es mas dañoſo ay mas ſabor,
Errado el peſo, la medida, el cuento:
Donde ſe ſigue que de vn tal error
Se vayan recreſciendo ciento a ciento:
Quâl fuente auelenada perenal,
Donde mana deſpues tanto de mal.

19

Suerte dura, y cruel, que tal conſiente
De môte en môte voy, de valle en valle,
Huyendo lo piſado de la gente,
Para que ſolo grite y ſolo calle:
Amor vienſe tras mi porfiadamente,
q̃ yo no ſe quien le enſeña a q̃ me halle,
Yà tiempo ſer deuria q̃ dexaſſe
Eſte Andres triſte, y q̃ otro Andres buſcaſ(ſe.

20

A quien como a zagal vano, y ſandio
Moſtrando con blandura los ſus ojos,
Turbaſſe juntamente el aluedrio,
Enchiendole de mil vanos antojos;
De vn crer, de vn eſperar mas q̃ baldio,
Gozos inciertos, ciertos los enojos,
En fin (como ſe dize en viejos cuentos)
El ayre lleua los encantamientos.

21

Aquellas ſus pinturas tan hermoſas,
Aquellos muchos en puntos pequeños,
Las playas, las riberas deleytoſas,
Las ſus riquezas tantas, y ſin dueños;
Tantas ſin precio piedras precioſas,
Las naues viento a popa, vanos leños,
Las fuentes claras, verdes las verduras
A defora (no veis?) ſon penas duras.

22 Mas

Mas eya que anſi manda aquel tyrano
Aquel niño, aquel ciego, aquellos celos
Que vaya donde el mũdo es ſiẽpre cano
De nieues blancas de perpetuos yelos;
Do preſa el agua eſtà aun nel verano,
Do ſuelẽ ſiempre ſer turbios los cielos,
Auer ſi resfriaràn llamas tamañas,
como ſe alçàrõ dentro en mis entrañas

23

O por ventura ſi ſeria mejor
Irme àzia eſtotra parte adonde vea
El Sol andarſe ſiempre al derredor,
Que no ſe eſconda, como que eſto ſea,
Sino remedio, aliuio àquel dolor,
Con que el alma vencida devanea,
D'otro quiçà, pudiera triſte huyr,
De mi do me podrê deſcabollir?

24

Si vna hora no podia eſtar ſin ti,
Como podrê paſſar por los tamaños
Dias, que aora vienen ſobre mi?
Como las noches triſtes, luengos años?
Si todo, ſi a mi miſmo aborreci?
Deſpues q̃ ſupe mas deſtos mis daños,
Ora deſengañado aqui que attiendo?
q̃ me aconſeja Amor, q̃ no le entiendo?

25

Con que viene de nueuo eſta mal ſana?
No ſè ſi el alma, la que me detiene,
De noche auiendo miedo a la mañana,
Y de dia a la noche quando viene:
Ora huye, ora a mi bueluc liuiana,
Anſi como el antojo ſobreuiene,
A donde no quedò remedio alguno;
A que prouallos ando a vno a vno?

Si mas me quereis ver muerto aluenga
Tanto tiẽpo mal dando a lasquerellas,
Dexame,y irè a ver Eluira,y Menga,
Que me embian dezir, quevaya avellas;
Las mis buenas amigas , q̃ no es luenga
Iornada,harelo todo antes de eſtrellas,
Mas no,no me dexeis,queDios osvala,
Que no eſtà como ſuele endePaſcuala.

27

Mudò los paſſatiempos,que ſolia
Tener la mi Paſcuala,antes agena,
Antes toda otra coſa,que no mia,
Quien la quiſiera hallar buſq̃ Ximena;
Su nueua,y ſu agradable compañia,
La Sancha,la Toribia, y la Morena,
Enſeñadas a hazer por mis pecados
De vn ſolo coraçon muchos guiſa dos.

28

Mas yo de quiẽ me quexo? el de culpar
Yo ſoy,q̃ yo era el miſmo q̃ me andaua
Con tanta diligencia a me engañar
Yo era el que traya, y el que lleuaua
(Qual dizen) al ſabor del paladar,
No via,no entendia,no eſcuchaua;
Que mas ciego,ni ſordo puede ſer,
Que aquel que nada oyr quiere, ni ver?

29

Dexadme ir a los montes,q̃vn Cingial,
VnOſſo,vnLobo, mientras los perſigo,
Quiçà vn dia daràn fin a mi mal,
Murio en el monteAdonis,de enemigo
Colmillo herido,el triſte (y que zagal
De tã hermoſa Dioſa hermoſo amigo!)
Ella lo tiene en braços, quien los viere
A penas juzgarà qual dellos muere.

30 Qual

Qual vida,qual salud se le pudiera
Igualar a tal muerte como aquella,
Que oyendo,yrespondiēdo se partiera,
Los ojos(al quebrar la vista)en ella?
Que dellos recogia la postrera,
Yâ muerta luz,q̃ antes cegaua en ella;
Vete buē moço en paz cō sus despojos,
Y no bueluas atras nunca los ojos.

31
Y quando fuesse,que en los mōtes frios
Peligros,ni cansacios me venciessen,
Ni me anegassen impetuosos rios,
Que inchados de las sierras se cayessen,
Quiçà seria que los canes mios
De rabia, ohōbre,a caso me comiessen,
O por diuersos acontecimientos
De aq̃llos,q̃ se cuenta en viejos cuētos.

32
Quien me sabrâ dezir, que cierto sea.
Enq̃ parte del mundo en agua,o tierra,
Me desafia la Muerte a la pelea,
q̃ siēpre amenaçando a vn pūto cierra?
Mas si ha de ser, mejor será que yo vea
Preuenida por mi su dura guerra;
Vamos, que traerâ despues la suerte
Iusta vengança a la mi injusta muerte.

33
Allà me llama Amor d'aquella altura,
A volar tras èl voy,verè si ansi
Pondrè fin a la vida, y a la locura:
Passaran los pastores por aqui
Cantando mi cruel corta ventura,
Cruel llamando Amor,cuytado a mi,
A priessa por salir del val priado,
Por la muerte de Andrès mal estrenado

Los vnos a los otros gritaràn,
Huye del valle a dó yaze el zagal,
Y los otros tambien responderàn,
Huye el valle a dô yaze el zagal:
Y todos juntos mas añadiràn,
Que por amar tambien murio tan mal,
Que por amar tambien tan mal muriò,
Dessa peña alta Amor le despeñò.

35

Y quiçà cantaràn por las floreſtas
En tiempos porvenir buenos paſtores,
El triſte cuento mio, y mis requeſtas,
Los faltos de ventura mis amores:
En las fuentes ſombrias por las ſieſtas,
Al Sol deſpues; paſſadas las calores,
Que refrigerio auran los hueſſos frios,
Sintiendo renouar los caſos mios?

36

Los quales en ſu tiempo no tuuieran
Tal ſuerte, antes corridos de fortuna,
A quiẽ mas los canſô menos dolieran;
Dura zagala ſin piedad alguna,
Mas de quantas ſorã, de quantas fuerã,
Hago teſtigo al Sol, hago a la Luna,
Ay las mis eſperanças liſongeras,
Paſſais a mengua d'otras verdaderas.

37

Dixo, y teñido de color de muerte,
A ſubir empeçó la braua peña,
Amor aqui los mis verſos concierte,
Si a los ſuyos, y a mi verſos enſeña;
Aunque ſeria bien de aquella ſuerte,
Que dizen al mar agua, al monte leña,
En verſos añadir mas a las coſas,
Y a las obras de Amor marauilloſas.

38 Agora

Agora que me harè? que me aconsejas,
Mi çampoña yà tanto ida adelante?
Las Musas vergonçosas zagalejas
Todas se me demudan nel semblante;
Todas los ojos baxos, y las cejas,
Mas Apolo el mayor quiere que cante,
Por fuerça es que se cũpla su mandado,
Sino que mal me tiene amenazado.

39

Vna cueua en la peña se escondia,
No de manos humanas, ni exercicio
Humano alli labrada, hecho la auia
De natura la industria, y el artificio;
Para quando vn tal caso acontecia
Como el de Andrês, q̃ al proprio sacrifi
(Como dixe) passaua: eis q̃ acõtece (cio
Tal vez cresciendo el mal q̃ se guarece.

40

Fuesse verdad, o fuesse sueño Andrês
Vio claro, o pẽsò ver dẽtro en la cueua
Satyros, que cantauan Cabripies,
Y Faunos, y Syluanos, cosa nueua:
No vista nunca d'antes, ni despues,
Crean los por venir, q̃ es harta prueua
Vello de loco sano, y ver que alguna
Noche cantaua, assi solo a la Luna.

41

Cantauan, y baylauan en las sus fiestas,
Nuestros rusticos Dioses, yo atordido
De lo que via, con mi mal acuestas,
Cahi por tierra, sermehà mal creido;
En derredor boltauan las florestas,
Boltaua juntamente mi sentido:
A reuezes cantando vnos dezian,
A reuezes los otros respondian.

Sat. Pasiphe(ah q̃verguẽça!)và buscãdo
El Toro hermoso, vàse a las manadas
De las vacas a solas suspirando.
Teneisme acà elmiamor?tãmalmiradas
q̃ no me lo enseñais, y veis qual ando?
Dezia, (de mil lagrimas regadas
Sus hermosas mexillas) ah cruel,
Que se anda tras vosotras, yo tras el.

43

Faunos. Rodeaua las aguas vna a vna
(Del blanco Cisne enamorada) Leda,
El se alça a buelo, ella sin ninguna
Color deuiua, vn blãco marmol quéda:
Mirando fixo, como la laguna
Traspone, y el rio, quãto aturar pueda,
Despues que no le vè desecha en lloro,
Embia el coraçon tras su thesoro.

44

Syl. Aquiẽ darà su amor la grãguerrera
Simiramis? a quien? saluo al ardiente
Cauallo, que en la lide conosciera
De mas furor al freno obediente;
A quiẽ los pies calçara, a quiẽ abriera
Vn blanco la orgullosa, y alta frente,
Aquella, que por si no hà miedo a cosa
Por el en la batalla entra medrosa.

45

Saty. Fuerã las nietas de Belo cincuẽta,
Y cincoenta los nietos, ajuntó
En casamiento a todos: de tal cuenta
Las manos limpias, sola vna guardò:
Desastrada, cruel, noche sangrienta
Que tanta crueldad vio, y encubriô;
Tardauà el Sol en ver el caso indino,
Quando huuo de venir, cubierto vino.

46

Fau-

Faun. Beldad, ſâgre, theſoros, arte, eſtrẽ
Todo lo tuuo en ſu fauor Medea, (llas
Perdonen aora aqui nobles donzellas,
Si del ſu Amor ſe cuenta obra tan fea;
Buen remedio por cierto a vnas q̃rellas
(A vn mal, q̃ no ay lugar de q̃ ſe crea)
Ayrada en ſus hijuelos tiernos puſo
Manos, deuidas màs a rueca, y huſo.

47

Sylu. Vn paſtor fuerte, mas de flaco aui
Delante quiẽ huian los Leones, (ſo,
A Dalida maluada el bien, que quiſo,
Cauſa le fue de injurias, y priſiones;
De muerte al fin, paſſaualo ella en riſo
No ſe como anſi ſon ſus coraçones,
Quieren por el biẽ mal, por el mal biẽ,
Sin ſaber como, ni porque, ni a quien.

48

Satyro. La joya de Eriphyle, q̃ eſcondias
Tan grandes daños en la ſu riqueza,
Por cima de los mas, que hechos tenia,
Hizo aquella infamada, y gran crueza,
La muerte de Amphiarao, que todovia,
Mas que aprouecha contra la dureza
Del hado, la prudencia, ni el ſaber?
Y que contra codicia de muger?

49

Faun. Eſta nueſtra riq̃za, aunq̃ Aldeana,
Offrecida, pero quien la deſecha,
El don hermoſo de la blanca lana
Biẽ ſabe el nueſtro Pã quãto aprouecha;
O que ella fueſſe, o parecio Diana,
Era alta la floreſta, huuo ſoſpecha,
No burlo, mas de veras, como es eſto?
Quiẽ mas cargado và, llega mas preſto?

Syluan. Aquel Galo paftor, aq̃l, q̃ tanto
El Tytiro alabo por fus Lycores,
Como (zagala ingrata) en cuyta, y llãto,
Muerto quedadofe hà matãdo amores?
Ella figue las armas, que ni tanto,
Ni quanto mira a lloros de paftores,
Socorrefe el cuytado a la çampoña,
No remedio àquel mal, antes ponçoña.

51

Faun. Las dos Iuanillas tã ricas zagalas
De paftos, de ganados, de thesoro,
(q̃ en cada parte fe ay de las Pafcualas)
Colgò vn fu amigo Andres de vn cordõ
q̃ella labrara por fus manos ralas (d'oro
La mayor dellas, la menor en lloro,
Y en fangre rematàra el fu Amor breue,
El Sebetho lo fabe, y quien lo beue.

52

Sylu. Iunto del turbio Tyber, q̃ rebaños
Ay de zagalas, más que deuen fueltas,
Que viuen de doblezes, y de engaños,
Palabras dulces en põçoña embueltas;
Con q̃ a los moços, con q̃ a viejos años
Hazen q̃ ciegos van dando mil bueltas,
Isla de Circes mala, alli vereis
Vnos tornados puercos, otros Bueis.

Todos.

53

Qui ẽ baftarâ a cõtar cuentos fin cuẽto?
Lo fin medida, quien canfa en medir?
Quiẽ coger en las redes, quiera el viẽto?
Quiẽ fembrar en la arena, y quiẽ cubrir?
Cierto que es mas que loco p̃famiẽto,
Las leyes comunes hanfe de fufrir,
Mas q̃ enmendar, mil cofas fe foftienẽ,
Porq̃ vnas van a fi, porque otras vienẽ.

54

Nafcio

Nafcio defte gran mal grãdeprouecho,
q̃ Pafcuala nombrar oyendo, y Andrès,
Boluiẽdo en mi alcème, y cõ defpecho,
Y marauilla dixe, efto como es?
Si fueño vanamente, o fi fofpecho?
Befè la tierra, y di luego a los pies,
Fuime a vna agua corriẽte, ende lauado
Bolui fin quexa al hato, y fin cuydado.

A DOM MANOEL

DE PORTVGAL.

EGLOGA QVARTA.

I

Filho daquelle nobre, & valerofo
Conde mais junto à gram cafa Real,
Que abaftara dizer do Vimiofo,
Senhor Dom Manoel de Portugal:
Lume do Paço, das Mufas mimofo,
Que certo vos daràm fama immortal,
Quãdo homẽ cuyda, que no cabo eftais,
Tornando olhos a vós, por vós paffais.

2

Em que vos feruirey cà defte monte
Tal mercè nefta terra pouco vfada,
Mas muyto noutra alli logo defronte?
Aquella Egloga voffa me foy dada,
Encoftado jazendo à minha fonte,
De verfos eftrangeiros variada,
Parecia que andaua a colher flores
Cõ as Mufa[illegible] Greg[illegible] [illegible]

Entam tornando em mi, disse comigo
Certamente eu trazia errada a conta,
q̃ indahâ quẽ nos renoue o tẽpo antigo
De que tanto se escreue, & tanto cõta;
Agora me reprendo, & me castigo,
Que fiz à nossa Lusitania afronta,
Cuidey que sô buscaua prata, & ouro,
Buscastesme no meu escondedouro.

4

Andando apos a paga, ouue aos sisos
Medo(q̃ assi o cõfesso)& ahũs põtosos,
De rostros carregados,& d'hũs risos
Sardonios, ou mais claro, maliciosos;
Quem tantos tentos, quẽ tantos auisos
Terà, que empare os golpes perigosos?
Emfim Senhor, pastores se adiantem,
E quanto malvier cantando espantem.

5

Queremvos por senhor, naõ por juiz,
Rigores a de parte, que saõ dignos
De perdaõ os começos jà, que fiz
Aberta aos bós cantares peregrinos,
Fiz o que pude, como por si diz
Aquelle hum sò dos Lyricos Latinos;
Ora prouemos jà a noua lingoagem,
E ao dar a vella ao vento boa viagem.

***

PAS-

PASTORES
DA EGLOGA.

Gonçalo. Ines.
Bieito. Beatriz.

Gonç.

QVãtas cousas Inès,madrinha & tia,
Se mevaõ descobrindo de ora ẽora
Inda que eu faça corpo,gesto,& ria?
Polla alma de quẽ mais nãopode,afora
Outros respeitos, cũpre ter paciẽcia,
Té que seja da vida, ou da dòr fora.
Aos erros he deuida a penitencia
Por conta, por medida, por balança,
Seja juiz a propria consciencia.
E porẽ quãdo ao contrario da esperãça
Em vez do galardaõ acode a pena,
Quem terà sofrimento em abastãça?
Amor, que por antolhos tudo ordena,
Bem pouco se lhe dà, de q̃ a fẽ santa
Se quebre cõ graõ culpa,ou cõpeq̃na.
Faz hũa,& outra pousa oGallo,& cãta,
Eu eisme aospẽs,ora eismeácabeceira
Tè que o mesmo trabalho me leuãta.
E voume ao meu fozil,& à pederneira,
Em fogo aceso o fogo ascẽdo,& andõ
Do quente ao frio,do frio àfogueira.
Asſi, vãamente triste porfiando, (taõ
Douvolta àcáma,abrolhosme atormẽ
De claro em claro o coraçaõ passãdo.
As que nos berçosſangue nouo auẽtaõ,
Vieraõ ter aomeu,chamaõlheFũrias,
Que a tantas de crianças arreſſentaõ:
E dis-

E disseraõ por mi, viua algũs dias,
Que assi lh'apraz aos fados,&tiueraõ
As mãos quedas em si,&asvnhasfrias.
Mas que falsa de mi piedade ouueraõ?
Quanto milhor me fora, que nũ põto
Em paz dessoutra parte me puseraõ?
Despois seguiose hũcõto,&outro cõto,
Tẽpos taõ desuayrados,q̃ assemelhaõ
Mais da fortuna os jogos,q̃ naõ cõto.
Os fracos coraçóes logo ajoelhaõ,
Desmayaõ logo,vendose em tal laço,
Em poder da mȧdȯr,malse acõselhaõ
Ines.Afilhado & sobrinho,juras faço,
Que disso mais nam sey certo, que seja,
Sò q̃ perdeste muito empouco espaço
Quem nam morria por aqui de enueja
De ti,sobrinho,em tudo o que fazias,
q̃ em tudo manha , & graça te sobeja?
Todos nas festas, onde apparecias,
Hum cor,outrotençaõ logo mudaua,
Esomiase outro entre as companhias.
Onde cantauas,ninguem maiscantaua,
Onde tangias,mais ninguem tangia,
Onde tu te despias, quem lutaua?
E lembrame que estando; ora qual dia?
Comigo Grimanesa, & Beatriz,
Tinhamos entre nós certa porfia.
Como vezque hũa diz,&que outra diz,
Naqlle proprio ensejo,eis q̃ passauas,
Passando disseste alto , Eu que lhe fiz?
Parece que contigo peleijauas,
Como acontece às vezes bracejando,
q̃ nam dauas vagar, nem o tomauas.
Vite,ouuite,caleyme,senam quando
Disse hũa contra mi,qualvaiGõçallo?

Vay(diffe eu)como muitos fádejando.
Tudo aquillo faõ mimos, jà fez callo
(Diffe outra)nũsa ffanhos de mimofo,
Ou fe olho mao lhe fez algũ aballo.
Quando eu aquillo vi jà perigofo,
Achaftes vòs (lhe diffe) outro zagal,
A quem chamardesvaõ,a quẽ pótofo?
A primeira ficou como hum coral,
A fegunda de todo defcórada,
Parece que ambas o tomaram mal.
Mastudo ifto,fobrinho,hepouco,ou na
Saluo q̃ às vezes eftes nadas fam (da,
Muito ao miolo,que jà traz pancada.
Góç.Quãtos fonhos,q̃vẽ,quãtos q̃vam?
Coytado do dormente, que afsi jaz,
Ora torcendofe, ora rindo em vam.
Quanta conta fe faz,quanta desfaz,
Erradas as pequenas, & as mayores,
Ou feitas com queixumes,ou cõ paz?
Ines. Certo mal comedidosfaõpaftores
(Aja eu de ti perdaõ)sẽprequeixofos,
Naõ nos poffo entéder ẽ feus amores.
Tam maos de cõtẽtar,tam rauinhofos,
Nam fabem eftremar o mal do bem,
Sẽpre aggrauados, sẽpre fofpeitofos.
Gonç. Mal te faberia ora por ninguem,
Nem por mi refponder,feja oque for,
Corraõ ventos dàquẽ, corraõ dàlem.
Mas dize,tia,pollo meu amor,
Iffo das mais gabadas defta terra,
Quãto hà q̃ foy? renoua a minha dòr.
In Por certo fe a memoria me naõerra
Voltãdo oSol defpois naõ fe efcódeo
A nòs dez vezes,dez deu vifta à terra.
[illegible]da te digo mais, que aconteceo,

O que te disse alli naquelle lògo
Onde tu jà cantaste, outrem gemeo.
Dia de muito riso, & muito jogo,
Venceste à luta ao pario,& ao cajado;
E despois nos cantaste a nosso rogo.
O teu cãtar tam brando,&tam gabado,
No som,&nas palauras taõ queixoso,
Onde me acolherey?tudo he tomado.
Góç.Como esteSol dâvoltastaõtrigoso!
Quãto que jà folgueyde ouuir cãtares
E quanto de os cantar fuy cobiçoso?
De todos me esqueci, tantos a pares,
Atè as vontades muda, & tudo leua
Cõsigo, & do prazer faz maospesares.
Elle he o em que vay tudo,o que releua
Elle faz, & desfaz as agonias,
Naõolhes maisse choue,vẽta, ou neua
Mas quãto ao meu cãtar,q̃antes dizias
Isso me lẽbra bem,que era em Setẽbro,
Quãdo daõvolta as noitessobre osdias.
De maisqueroprouarse inda me alẽbro

CANTA.

I

Onde me acolherey?tudo he tomado,
Nam parece esperança aqui nenhũa,
Sombras feas,& negras,mal peccado,
Estas si que apparecem; cousa algũa
Naõ ficou por fazer,como o passado,
Serà o que he por vir, ouçame a Lũa
Delgada,que traspoempolo alto mõte,
Seus trabalhos cos meus coteje,&cõte.

Que se os velhos Solaos fallaõ verdade,
Bem sabe ella por proua, como Amor
Magoa, & auerá de mi piedade;
Endimiaõ tam fermoso, & tal pastor,
Entre as flores dormia em fresca idade
Olhandoo ella do Ceo perdia a cór,
Tè das flores ciosa, & dagoa clara,
q̃ o seu fermoso Amor lhe adormẽtara.

3
Cãtaõ, & cõtaõ mais q̃ ouue hũ tyrano,
De grande poderio, & grande auer,
q̃ vendo a bella moça ẽ corpo humano
que andaua a colher rosas a prazer;
Salteoua, rouboua, foyse vfano,
Por força, ou por vontade ouue de ser,
Riquezas màs, injusto senhorio,
Que ajuntais à vontade o poderio!

4
Ora a mãy preguntando longamente
Por hũ sò bẽ, q̃ tinha, onde o acharà,
De hũa gente passando em outra gẽte,
Tambem aos Deoses culpa; ah sorte mà!
E justiça mayor, que tal consente,
Buscando por demais tudo o de câ,
No Reino o achou desóbras vãs cuberto
Ex co genro cruel vem a concerto.

5
Partem o tempo entre si, q̃ era deuido
De todo à mãy roubada; a que dos Reys
Que dalli veo o nome de partido,
Que sempre forçado he, & cõtra as leys:
Mas que farà quem tudo tem perdido?
As vossas lagrimas que as enxugueis,
Triste quem poderâ fogir ao fado?
Onde me acolherey? tudo he tomado.

Ines. Naõ te deixaraõ hũa, &outra fõte
Dos teus olhos cãtar mais por agora,
E os meus ja aqui tambẽ punhaõse a
Andamonos assi de foz em fora, (mõte.
De nosso porto sempre emdifferẽças,
Sẽpre esperãdo ẽvaõ ver melhor ora.
Para o corpo se acharam mil doenças,
E para a alma cem mil outras piores,
Tantos acordos, tantas desauenças.
A mocidade vãa gouernaõ amores,
Estendemse inda ásvezes tẽ avelhice,
Quando ja tudo he pressa, tudo dòres.
Que cousa falta alli para doudice?
As mãos, os olhos desassossegados,
Choros, & gritos como em meninice:
Aquelles seus sospiros apressados,
Aquelle ir, & tornar, que nada attina,
Aquelles seus imigos, seus cuidados.
Góç. Passou (ora qual dia?) hũa çõphoni
Polla Aldea cantãdo, elle era cego, (na
Guianao loura & branca hũa menina.
Tambem aquelle nam tinha assossego;
Chegamonos a ouuir certos pastores,
Pelayo, Pedro, Ioão, Gil, & Diego.
Parece que suaua inda suores
Mortaes, & que do peito lhe sahiaõ.
Sospiros mil; cantou males d'amores,
Feznos entristecer quantos ouuiaõ.

Cantiga do cego.

Vn tiempo miròme Helena,
Sospechè que eramos mas,
Iurè no miralla màs,
Nunca cosa hize tan buena.

Amor anda en sus consejas,
Màs bien seria yo loco,
Si en sus malas mañas viejas
Mucho fiasse, ni poco.

Alma de lastimas llena,
A que vienes, y a que vas?
Que puedes negar, Helena,
A quien los tus ojos das?

Enemiga suerte triste,
Hasme la vida quitado,
Y a quien piensas, que la diste,
Quiçà que nada le has dado.

Harto mal, peor se ordena,
Mas que debàto yo màs,
Que tu misma, aun apena,
Pienso que lo negaras.

Y estos ojos de mis juras
Si se burlan, a là fè
No se fien en locuras,
Caten que los quebraré.

Esta culpa sea agena,
Que otras son mias assás,
Por razon và, que en la pena
Venga aquel que pena más.

Ines. Palauras cheas d'impetu, & paixaõ
Naõ quero mais dizer cheas d'ēgano
Que ellas mesmas por si dizē o q̄ faz
Nam faças suspirando longo o anno.

Tente como aruore aosventos em pè,
Dà tempo, dà lugar ao desengano.
Gonç. Naõ me diràs, madrinha Ines, atê
Quādo esperar me mādas hũ ingrato,
Que dizem que naõ ouue, & q̃ naõ vè?
Esperey, & sofri, fiz mao barato
De mi, & quē mal cae, diz q̃ mal jaz,
Exēplos velhos saõ, tornome ao fato.
Ines. Quiserate dizer, vayte ora empaz,
Porē cõ que esperança? mas quē vejo
Lâ vir, q̃ em queixas todo se desfaz?
Gonç. Este vos he Bieito, & bom varejo
Dizē q̃ouue elle o ganho, ora āda à ca
Triste, de mi naõ sey, outrē correjo? (ça
Neste mūdo d'escarneo tudo he graça,
Naõ sabemos o quādo, o como, o quāto
E àsvezes muito bem, mal te ameaça,
Offereçase cada hũ, tia, a bõ sāto. (el?
Biei. Quē deu a Amor q̃ brāto, & o fez cru
Quem tornou tudo fel quanto aprazia?
Que se fez deste dia oje tam claro?
Como se compraõ caro neuoas, vētos?
Q̃ incertos fundamentos d'esperanças,
Trocadas as mostrāças de hora ē ante?
Mādame Amor q̃ cāte a frauta branda,
Passatēpos, em que anda à custa alhea?
A Deos por sempre Aldea atè que caya
Debaixo desta faya, ou deste freixo,
Por onde me ora q̃ixo, andādo em vão,
Entam se acabaràm tantas contendas,
Vaise a agoa pollas fēdas, feira he a cōta
Hũ pouco mais, que monta de tal vida?
Queixa da razaõ tida sem razaõ,
Que as cousas todas daõ de seu perigo
Sinal, como de imigo, porque seja

Auiso a quem o veja,que naõ tarde,
Vemos ao fogo,que arde, irlhe diante
Fumo escuro,q̃ espãte:ante a tormẽta
Pollas deffesas venta leuemente,
Ameaçando a enchente, vem soando,
Vẽ de braua escumãdo,abate,estrõca,
Omar primeiro rõca,alçase inchado,
Logo algũ abrigado junto á terra
O pescador afferra com gram pressa,
Pollo mõte atrauessa o mao faminto
DoLobo, & por destinto ogado ẽtẽde,
Ajuntase, defendese, agasalha,
Ordenase em batalha,aovso erguido,
Vay diante o appellido, sae sem cor
Da cabana o pastor, que todo treme,
Do dano omedo opreme ãtes dodano
Ora estè Amor humano, q̃ assi apraz
No começo,q̃em paz a alma repousa,
Hũa taõ branda cousa,como empece?
Isto como acontece â natureza,
Que de certa se preza?quem diria
Onde triste trazia isto escondido?
Ines. Traspos ẽvẽto, he ido como tudo:
como soar fazia o rio bem,
Parece que ficou todo este ar mudo.
Gõç. Ves alli o que faz: mas eu cõ quẽ
Estou tia fallando? Ines. Inda lhe ouui
Saudades do meu mal, todo meu bẽ.
Gõç. E tu naõ cuidar sq̃ he aquillo assi
E a nossas queixas vás todas chamais:
Prouuera a Deos, madrinha, fora assi.
Ines. Tãbẽ vosoutros todos vosqueixais
(Como jà disse)muito,& por costum
E naõ razaõ, nem causa, que tenhais.
Cada hũ se chama facha ardẽte, ou lu-

E fragoa onde se proua sua fineza,
E destes tais, queixume apos q̃ixume.
Quisera nos amores mais simpreza,
Quero dizer, quiseraos mais singellos,
E mais dissimulada esta tristeza.
Naõ vos quisera assi tam amarellos,
Nem tam achaquadiços; este geme,
Destoutro chorã sẽpre os olhos bellos.
Outro por Iulho, & por Agosto treme,
Arde em Dezembro, foge à claridade,
Sospeitoso, de si proprio se teme.
Mas emprendia ora eu boa vaydade,
Deixemonos d'estar mais nestas chaças
Cuido em fazerte mal, bẽ à vontade.
Góç. Assi tenhas prazer, tia, q̃ o faças,
No q̃ poderes, sempre sem trespasso,
A mi naõ olhes, nem q̃ me desfaças.
Ines. Hũ pouco nos vai sẽdo o tẽpo esca(so
Por isso cũpre pór peito à mõtanã,
Naõ ves como o Sol fôge? estẽde o paso.
Gó. q̃ stẽda o paso eu, como? olha camanha
Passada q̃ aqui dou: logo outra perto,
Ora vejamos quẽ mais terra apanha.
Ines. Eu sospeitey q̃ andauaõ ẽ cõcerto
De certa romaria as mais louçãs,
Pode ser que seja erro, ou seja acerto.
Mas posto que as passadas sayaõ vãs,
Naõ seraõ as primeiras, meu sobrinho
Nẽ dizẽ sẽpre as tardes co as manhãs.
Góç. Melhor fruto espero eu deste cami(nho
Porq̃ ou mal vejo, ou vejo bõ sinal
Tanta fayxa de cor, tanto saynho.
Ines. Olha q̃ em tudo o sofrimẽto val,
A cabeça nam corra mais que os pes,
Seja a razam a guia principal.

Gõç. O minha tia, & boa amiga Inês,
Tu me guia,&gouerna,q̃ eu naõ vejo,
Nam sey; tu sabes,naõ vejo,tu ves.
Ines. Pois olha,nãote ẽpeça o ser sobejo
q̃ se hũa ora aproueita, muitas dana,
Benzete do diabo, & do desejo.
Cada hũa destas moças anda vfana,
Cuyda q̃ o Sol lhe bayla; saõ gabadas,
E naõ hâhi quẽ cuide que se engana.
Naõtenhaõ aqui poder orasmingoadas
Que se nossentẽ lògo haõ de dar cor,
q̃ eu sou a q̃ ando nestas espreitadas.
Gonç. Se soubesses o frio,& o pauor,
q̃me tomou,madriña,esforçarmehias
Tanto ao contrario de porme temor.
Ines. ẽ verdade q̃ tẽs moço asmãosfrias
E branca a boca mais que esta toalha
Possas sofrer o bem, se o mal podias.
Gõç Otamanho aluoroço atudoatalha
Muito mais oprazer,q̃a paixaõ,toma
Poder do coraçam nesta batalha.
Ines. Esforça, q̃ Beatriz o adufe toma,
E começa a tanger cõ tãta graça, (ma
q̃ hũa ora osõ traspoẽ,outra ora asso-
Ora eu por fiador q̃ a alguẽ prol faça,
Se ella tambem cantar como parece,
E como soe , que inda oje nos faça
Parecer esta tarde que amanhece.

Canta Beatriz.

I

Dvra necessidade, quando engrossa,
Como agua na ribeyra;
Quem naõ foge,podendo,vendoa vir?

Quem hà, porem que possa?
Cumpre de ter maneira,
Ou de pôr peito à agoa, ou de fogir;
Forçado a mi me he ir
Buscando pollos vãos cõtos passados,
De q̃ cãte, que ey medo ao mao ensino,
Mayor, q̃ a cantar mal versos rimados;
Em fim, direy d'Amor cego & menino,
Por desastre malino,
Como lhe aconteceo,
Mas se Amor foi vẽcido, Amor venceo.

2

Em tẽpo antigo, lõge em terra estranha,
Hum Rey, & hũa Raynha
Ouuerão filhas : a primeira veo
De belleza tamanha,
Que algũa igoal naõ tinha,
Sómente a que despois foy a do meo:
Mas lógo sobreueo (las
Inda outra, q̃ a estas faz como às estrel
Faz o Sol claro, tanto que apparece:
Fallauão caualleiros, & donzellas,
(Como nas cousas raras acontece:)
A gente se lhe offrece
Como a Deosa immortal;
Tè do bem o sobejo sempre he mal.

3

Nam soffreo tal offensa Amor altiuo,
Que fosse aos Deoses feita,
Seu arco toma, os tiros apurou,
De chumbo, & d'ouro viuo,
Voando ao àr se deita,
E num momento tudo atrauessou:
Mas enleado ficou,
Quando tal fermosura ante si vio;

Fo-

Fogiolhe o coraçam a fetta cae,
E no pê, que diante hia, o ferio.
Chora o menino, & grita polla mãy.
Com tal confelho fae,
Faz hum bofque encantado,
Alli geme, & fofpira magoado.

4

Ià d'antes difto àquella grande fama
Da fermofa Princefa,
A bellifsima Venus receofa,
Os feus Archeiros chama
Em fecreta deffefa,
As moftras faõ porem d'eftar ciofa;
Quando polla amorofa,
E dilicada praya rumor corre,
Primeiro fem autor, & fem certeza,
Que o poderofo Amor d'amores morre:
Mas logo fe affirmou jà com clareza,
Co a qual a mãy defpreza,
Todo o refpeito, & ceua
De brando fono a moça, & là lha leua.

5

Cae a noite do Ceo, mas he dos lumes
Vencida, & fica dia,
Cõ que (acordando) vio ricas pinturas;
Ardem ricos profumes,
Os cantares, que ouuia,
Eraõ para abrandar as pedras duras:
Poemfe à mefa, & figuras
Correm, com vafos ricos, & fem conto,
Manfamente ordenadas fem peleja,
Tudo fe faz alli preftes num ponto;
Que banquete quereis q̃ o d'Amor feja?
Nam acha alli a enueja,
Que poffa defdanhar,

Nem o appetite mais que desejar.

6

Mas porque me vou eu ora detendo
Em cousas que o sentido,
Deixam por hũ tam lógo espaço atraz?
Respeito ao Sol auendo,
Direy de hum sò partido,
Que Amor logo tirou, mas duro assaz;
Disse, nam me verâs,
Contētete o que ves ah sorte esquerda,
Cruel, & cobiçóso pensamento!
Representouse ao Amor a grāde perda,
Do parque esuaecido num momento;
Hâ mister sofrimento
O mal & o bem,
Pouco estimado sò de quem o tem.

7

Promete do por vir ousadamente,
Fazemse comprimentos,
Que depois se cumpriraõ muito mal;
Deseja ella a sua gente
Para assoalhar seus ventos,
Querlhe mostrar àndādo o tal, & o tal;
Cousa, que tanto val,
Cos nossos coraçóeszinhos pequenos:
Ora indo asi crescendo estes desejos,
A fermosura cada vez he menos,
Quāto dos mimos mais, mais dos ente-
Em fim (diz) bēs sobejos (jos,
Sem as minhas irmãs,
Naõ sois riquezas naõ, mas visoēs vās.

8

Ouuio, estremeceo Amor, porem
Ouue de dar licença,
Dizendo de vagar, pois asi quer,
Razaõ

Razaõ he que tambem
Agora nisso vença,
Quem sempre em tudo soe de vencer:
Vem na as irmãs a ver,
E vendo hi tanto de que ter enueja,
Confusas dizem;tristes mal fadadas,
Co que se perde aqui,co que sobeja,
Foramos todas bemauenturadas;
Nadas, menos que nadas,
Nossas ricas riquezas,
Como esta as chamarà pobres pobre-
(zas!

9

A moça amostra cà,& amostra là,
Do que nam vem lhes conta,
Toda de face andaua , ellas de enuez;
Nam sofrem ver mais jà,
Nam podem cõ a afronta,
Com tudo cedo iraõ dar a trauez;
O Sol anda de pes,
Os prazeres tambẽ co elle desandaõ;
Tambem as que fingiaõ sospirauaõ;
Quẽ sabe os coraçoẽs alheos, q̃ andaõ
Fazendo? se quereis,inda chorauaõ,
Mas onde se entornauaõ
Aquelles vasos d'agoa.
Parecia irmandade, ella era magoa.

10

Naõ se podẽ ter mais ora em tal vida
Que gosto podes ter
(Disse) hũa triste irmã nossa enganada?
Choramoste perdida,
E vindote assi ver,
Tornamoste a chorar por mal achada:
A outra mais ousada ,
Tomando a mão, lhe disse; quem seria

Que outra cousa cuidasse? se elle tanto
Te amasse, & se tal fosse mostrarsehia;
Respõder, q̃ naõ quer, disso me espãto,
Ora eu nam no leuanto,
Mas diz, que neste lago
Se vee às noites vir voando hũ Drago:

11

Naõ disse mais: os olhos naõ sey mais.
E os geitos, que disseram,
Fazendo casos: a moça enfraquece,
Vaõ suores mortais:
Todas em fim vieraõ,
Que quando ha tẽpo o dilatar empece:
Eis a barca apparece,
Em q̃ se haõ d'ir; deixaõlhe lume aceso
Ordenamle o que faça antes q̃ vamse,
Vejase em todo caso o tam defeso,
E tam gabado esposo entam descanse:
Outra vez as maõs damse,
Soltaõ ao vento a vella,
Fogem ellas co barco, co a praya ella.

12

Ora, já noite, chega Amor cansado,
Lançase no seu leito,
A boa fè descansa, & dorme quedo;
Da Inffante o delicado,
Singello, & brando peito,
Vencese, ora damor, ora de medo:
Descobrese o segredo
D'Amor (cousa diuina) olhos humanos
Como terse podiam ao resplandor?
Malina inueja, que causou taes danos!
D eixaõ dormir, ah durma sẽpre Amor:
A simples com temor
Os passos desconcerta,

Deulhe

Deulhe o fogo no peito, elle desperta.

13

Quantos, & que sospiros dà de nouo!
Os gritos ameuda,
O jardim deleitoso num momento,
Em brejo escuro, & couo
(Quem o crerà?) se muda;
Que se fez de tam rico apartamento?
Cousas sem fundamento
Sẽpre em nada se tornaõ asi a desora:
As màs irmãs, màs furias infernais,
Como assanhadas bichas, lança fora,
A mesma paga sempre ajam as tais.
A moça, que errou mais
Com singelleza, jouue
Chorãdo ẽ terra hũ tẽpo, & perdaõ ou- (ue.

14

Esta Cançaõ, que eu fiz
Cantando, minha em parte,
Ià algum a scena, & diz,
Nam sey q̃ eu disto ouui jà noutra par- (te?
Perdam de parte a parte,
Vos Musas me ensinastes,
q̃ do q̃ outra ora ouuistes nos cãtastes.

NEMOROSO,

A ANTONIO

PEREIRA SENHOR do Basto,

EGLOGA QVINTA.

I

DE los nobles Hoyais
En Pereiras mudados,

 De-

Derecho tronco, sin algun contrasto,
Que por nombre contais
Todos vuestros passados,
Del tiẽpo del buẽ Rey Alfonso el Casto,
Tan viuo se galla el rasto
De succesion derecha,
Y noble antiguedad,
Hasta esta nuestra edad,
(Si esto al grã coraçõ algo aprouecha)
Oyd vuestros pastores,
Que riñen, y otros cantan sus amores.

2

Espero que algun dia
Aun si oyga en lexos parte
(Sino q̃ el gran desseo siempre engaña)
Otra çampoña mia,
Labrada con màs arte,
De fino box, y no de flaca caña:
Agora en mi cabaña,
A donde al importuno
Tiempo me vine huyendo,
Que mal si estoy tañiendo
Rusticamente, y no offendo alguno,
Que abrigado estè fuera?
Sino que entran àcà vientos defuera.

3

Quanto tiempo perdi,
No se por donde anduue,
Vi tierras, vi costumbres differentes,
Ya tarde buelto en mi,
Vn poco sobrestuue
Arrimado, y dexé correr las gentes,
Por los inconuenientes,
Ver con ojos mejores,
Segura, dulce y santa

Vida del monte; ah quanta
Vana fatiga vi, quantos sudores!
Y ansi cansado, y muerto,
De poluo lleguè aqui todo cubierto.

4

Bien pudiera jugar
Todo el dia al tablero,
Con la suerte engañosa porfiando;
Pudiera trasfegar,
Los ojos al dinero,
Por el jurando siempre, y perjurando.
Mas fuyme sossacando:
A peligros de villas,
Y embates del consejo,
Busca abrigo el Buey viejo,
No es tãto el mal acà, no las renzillas:
Embiastesme el buen Lasso,
Con el passando irè mi passo a passo:

5

El qual gran don, yo quanto
Por os pagar ardia
Sabeis, mas recelaua juntamente,
No me atreuiendo a tanto,
Que el son, que me aplazia,
Por mi hiziesse a plazer a nuestra gẽte;
Aqui junto a mi fuente
Iugaua solo el juego:
Sacaisme allá a la clara,
Lo que antes no acabara
La soberuia amenaça, o el blando rue-
En compañia tal, (go:
El bien serà mas bien, menos el mal.

* * *

PASTORES
DA EGLOGA,

Pelayo, Sancho, Rodrigo,
Salicio, Bras, Serrano,

Pel.

Dime paſtor de cabras alquilado,
(Yno te enojes cõ la tal demanda,
q̃ me echas vn mal ojo atraueſſado)
A quien embiò Toribia la guirlanda,
Que ella traya ſobre ſus cabellos,
Cãtãdo,cõ q̃ voz,clara, y quan blãda?
Y a quien embiana juntamente aq̃llos
Sus ojos,q̃d'Amor sõcorredores(llos?
q̃ ſe iua el miſmo Amor ẽbuelto en e-
Mañana de Sã Iuan,quãdo a las flores,
Y al agua todos ſalen,quien tal gala
Vio nũca,y tal donaire ẽtre paſtores?
Ora que parecia alli Paſcuala?
Y Menga que?Coſtança,y la Perona?
Aquellas, q̃ a ſu ver quien las yguala?
Que gracia,que blandura, y q̃ perſona,
Que color de vna Roſa a la mañana,
q̃ al deſpũtar delSol s'abre,y corona?
Sanch. Soldada tuya fue (cabeça vana)
Todo eſſe cuento, ſirues años,y años,
Y al fin poco ganado,y poca lana.
Simple, que no percundes los engaños
D'eſſas demoſtraciones apparentes,
Veſtidas por deſuera enverdes paños?
Tu duermes,y no duermẽ los pariẽtes,
No los amigos, no,quien cada dia
A tus claras locuras para mientes.

Pe-

Pelado, oh,oh, que errè, Pelayo,es mia
Vna hora, es otra tuya, otra vernà
D'otros, que anſi ſe truecan a porfia.
Quando el tiempo ſereno,y claro eſtà
A vezes ſe recoge, y luego aſſuela
Todo con gran tormenta por do và.
El feo turbion, obſcuro,buela,
Todo lleua conſigo quanto afferra,
Amenaça la villa, y el Aldehuela,
Mudado aquel ſoſsiego en tãta guerra,
Tomete deſcuidado el temporal,
Ni quien eres ſabràs,ni de que tierra.
Correr no puede ſiempre el rio igual,
Ni ſoplar puede ſiẽpre vnviẽto quedo
Mas durar (mal pecado) ſuele el mal.
Vá lêdo, vá ſeguro, vâ ſin miedo,
Soberbio,tòdo inchado vâ, que anſi
Se viene a ſer mas triſte de mas lèdo.
Pel. A vos gracias mis ojos, con que vi
Vno, que anda por ſer yà del cõſejo,
Y yaze ſin ſaber parte de ſi.
En el lazo ſe eſtà como vn conejo,
Sin poderſe de alli deſcabollir,
Para ſi no lo tiene, y dâ conſejo.
Sanch. Que locura podeis mayor oyr,
Oydos pacientes, que vn baboſo
Crer q̃ fortuna ſiempre le aya a reyr?
Siẽpre le ha deſtar queda, por de noſo?
Por el ſabido màs de nueſtra Aldea,
No,no,mas por màs lindo,y màſherm
En fin pro te haga,por tubiẽ te ſea(oſo.
Zagal naſcido en hora tan plaziente,
Si tu confiança el mal no te acarreà.
Toribia, ò que dirè? braua Serpiente,
Puede tener amor? antes tendrà

El rio inchado, queda su corriente.
Y en seco a sus peces dexarà
Cadavno de losdos, el Tajo, y el Duero
Destemplose el relox, quantasque dâ.
Pel. Todo se mude, vaya al ventisquero
Bolando el Galapago, y ponga boca
A la gayta el nouillo plazentero.
Bayle el Buey peresoso, y viejo en poca
Plaça, pues q̃ ay vna lengua tã osada,
Tan atreuida, tan dañada, y loca.
Màs muerde sierpe mala arrabiada,
Seas quien sueles: q̃ serà quiẽ fue (da.
Toribia, siẽpre hermosa, y siẽpre ama-
El perro, por costumbre a quanto ve,
Y no ve, ladrar và sin dilacion,
Corre acà, corre allà, no sabe a que.
Mas eis aqui que pongo el mi çurron,
Tomò el cayado, salga al cãpo quien
Defenderme quisiere esta question.
Toribia (ay quiẽ lo niegue?) esquãtobiẽ
Tenemos: ay qui çà quien contradiga?
En bondad, y en beldad digo tãbien.
Sãch. Tus palabras, parlero vna hormiga
Al viento alçallas hà, no pesan màs:
La tu locura propria te castiga.
Pero, porque loquillo inchado estàs,
Solamente dirè, que essa perjura,
Pẽsar, ni hablar màs della, es por de-
No tiene de muger màs q̃ figura, (màs.
Con que engaña losojos, vn biẽ tiene,
q̃ sea mucho el mal, mucho no tura.
La tan liuiana cosa no sostiene
Reposo alguno, mas viene Rodrigo,
Otro dia serà que te lo apeno.
Rod. Yo voy huyẽdo, y và solo comigo

Este

Este enemigo Amor, siempre riñendo
q̃ no le entiẽdo, aũq̃ harto lehe tratado
Siempre enojado, siẽpre murmurando,
Siẽpre causas buscãdo a sus sospechas,
Cuentas estrechas, zelos tan pesados,
Pormispecados (como ael le pluguiera)
Vn bien me diera en q̃ pensar pudiesse,
Si quiera fuesse acompañado, o solo:
Luego turbolo aquel plazer tamaño,
Vn caso estraño, que enel pecho trayo,
Era por Mayo el tiempo, y mis amores
Lleuauan flores, vino vn cierço frio
Que en daño mio todo lo hàquemado;
(Ah biẽ passado!) quãdo alcê mis ojos,
Secos abrojos vide, que otro no;
Quien lo mudò asi todo ¿d'otra mẽte?
Quiẽ mi fuẽte turbò tã limpia y clara?
Adonde hallara aquella gloria mia?
Aquella mi alegria en tal sabor?
Miẽtras q̃ plugo a Amor, y a mi vẽtura
Poco segura, huydiza, y vana,
Suerte villana: mas yo quien octeo?
Zagales veo, Amor crudo enemigo,
En buen abrigo me faltò el reposo,
Menesteroso aqui, y en toda parte.
Pel. Rodrigo guarte, no te aya traydo
La mala suerte quando yuas huyendo
Los hõbres, dõde el Drago era escõdi-
A dõde cõ la su lẽgua esgrimiẽdo, (do.
Ni a los viuos, ni a muertos no perdo
Ora pẽsando mal, ora diziendo. (na,
Sãch. El mismo es, q̃ por Drago se prego
Hablando a si, q̃ bien hablar no sabe,
Su gesto lo descubre, y su persona.
Pel. Ah, ah, no cale mas q̃ asi se alabe,

Ni que desprecie a otro, q̃ oy tal dia,
Se puede todo ver antes que acabe.
Si manda que partamos la porfia
A cantar, y baylar, si quiere a lucha,
O si a puñadas, mas q̃ plazer me hia.
Sino canta, no bayla, y sino lucha,
Ni tiene manos, que no tenga boca,
Quiere tañer, tu juzga, y nos escucha.
Rodri. Ohla, teneos, q̃ discrecion poca
Es esta vuestra? tiempo no tuuistes
Sin mi a la locura, que ora os toca?
Y si adrede esperando me estuuistes,
Iusto serà tambien que de vos sepa,
Porque causa, o razon ansi reñistes.
Sãch. Yome estaua arrimado àq̃sta cepa
Pensando a la verdad nel refrã viejo,
Que cada vno, en el su pellejo quepa.
Vinose este loquillo zagalejo,
Habló como quiẽ es de buena entrada
Y no cupo por cierto en su pellejo.
Rod. El mal se vaya al mal, dèse pasada
A toda furia, a todo encendimiento,
Que la pasion és ciega, y no vê nada.
Tu deuieras tener Sancho mas tiento,
Que eres mayor de dias, y tu es bien
Que le tengas Pelayo acatamiento.
Mas oygo vna çampoña, y no se quien
Cantando la acompaña, Blas parece,
Y Salicio el q̃ canta, entrambos bien.
Sa. Quãdo se pone el sol, quãdo amanece
Siẽpre anochesce en este valle aqui,
Triste de mi, de doze, o treze Estios,
Los ojos mios quando enxutos vistes?
Ojos tan tristes, de lagrimas ciegos,
Que tantos fuegos acendeis llorando,

Cuy-

Cuytado, y quãdo, pẽsẽ q̃ erã muertos,
Siendo cubiertos cõ tãta, y tanta agua,
En la gran fragua alçòse mayor fuego,
Dezidme os ruego de que pedernal
Se enciẽde tal hoguera, y q̃ tanto arde?
Tan tarde và, que quando todo falta
Llama mas alta sube, y màs se esfuerça,
Toda otra fuerça, o mẽgue, o vẽça el dia
Esta congoxa mia solo atura;
Ay como la ventura và burlando!
Como esperãdo và, si yerra, o no yerra!
Huyendo, o por la tierra, o por la mar,
Nunca a parte aportar fuy tan estraña,
Nunca a tamaña d'ayre differencia,
Que esta dolẽcia, Amor, locura, o q̃ era
Alli primeramente no arribasse,
Y me mostrasse, que era por demàs
Boluerme atràs, o escabollir por pies,
Prouè despues, la mi paciencia luenga
Mas a la luenga, todo a faltar viene.
Rod. Acà se vienẽ mis buenos hermanos,
O quantas quexas ay dessos amores,
que nũca vanas son, y ellos son vanos!
Duelen, màs que de veras, sus dolores,
Mas sea en hora buena la venida,
Llegaos màs acà buenos pastores.
Salic. Sea la voluntad vuestra cũplida,
Rodrigo estès cõ biẽ, Sãcho, y Pelayo,
Todos plazer tengais, y larga vida.
Rodr. Y a vos amigos el cũplido Mayo
Corto os lo hagã los plazeres buenos,
Cõq̃ el tiẽpo nos huye como vn rayo.
Acà nuestros amigos estan llenos
(Assi lo digo a entrãbos de consuno)
De zelos arrabiados quando menos.

falic. Dexèmos los paſtores,ꝗ ninguno
ſin ꝗxas de Amor và, dadme las Aues,
Dad peces, y animales vno a vno.
Todos yazen debaxo de ſus llaues,
Y los Dioſes tambien, por eſte Apolo,
Al ayre derramò cantos ſuaues.
Pobre paſtor de Admeto,oyolo,vviolo
Cõ çurron,y çãpoña el rioAmphriſo,
Arrimado al cayado triſte,y ſolo.
Quãtos los lloros ſon,quã poco el riſo!
Antes no nadas, mas ſõ quexas viejas,
Guai dequiẽ por ſeñor le quiere, oqui
Blas.O ſino me engañaſſẽ las orejas,(ſo
No me engañã por cierto, eſte es ſer-
Balãdo le reſpõdẽ ſus ouejas, (rano,
Que çãpoña, ꝗ voz, que ſuelta mano?
ferran. Arrayad ojos yà por las alturas
D'eſtos mõtes,moſtrad vueſtro luzero,
Huyã de oymas d'aqui ſõbras eſcuras.
O buena Celia, nazca el verdadero
ſol nueſtro,nueſtra luz,y nueſtro dia,
Y nueſtro reſplãdor claro,que eſpero.
Hermoſa Delia, alta ſeña, y guia,
Aparece a los tuyos, que deſmayan,
Amenazados yà de muerte fria:
Los ojos tuyos ſocorriendo vayan,
A quiẽ d'otro no viue,ni otro eſpera,
A todos da remedio antes ꝗ cayan.
ſi amanecieſſes ſeria Primauera,
Y lleuaria flores quanto alcança,
Aquella claridad relampaguera.
La qual ꝗ quiera,o no, por donde lãça
ſu rayo, a todos va la vida dando,
Todos los bienes da,ſaluo eſperãça.
Por donde aſſomarã? que en aſſomãdo
Eſſos

Effos tus ojos, que fus fuentes frias
Las Ninfas por los ver no vã dexãdo?
Luego las Drias, y las Amadrias,
Paffeando fe faldrã por las floreftas,
Como las vimos yà quando nos vias.
Verfehã Orèas por fus mótes pueftas,
A ver los ojos quales no fe vieran
Iamâs ẽtierra, eftarfeha todo ẽfieftas.
Mas yo que veo aqui? oh q̃ me hirieran
fubito de vna luz; como de rayo
Con q̃ mis ojos yà fu luz perdieran!
O Delia, mientras los auefo, y enfayo
A tanta claridad, que no foftengo,
Detẽte que me muero, y me defmayo:
Ah paz, paz con tus ojos, que no tengo
Aliento yà, que todo desbaratan,
fino te vengo a ver? trifte a quevengo?
Ojos fon effos tuyos, que arrebatan,
Comiençan alegrar, quitan fofsiego,
Comiençan a dar vida, y luego matã.
Cubre, ah cubre effos ojos, q̃ tal fuego
Alçan al fu boluer, que todo enciẽde,
Quien no fe le defuia, al ora esciego.
O Delia, que el poder tuyo fe eftiende
A màs de lo que pienfas, no los abras,
Tienẽ trato cõ Amor, q̃ no fe entiẽde.
Que puedo màs dezir, fi mis palabras
Me dexan yà? fi fuego fe derrama
Por los mótes, por prados, por las la-
q̃ no fon ojos no, mas viua llama (bras?
De fuego, q̃ fiẽpre arde en fus meneos,
En ellos Reyna Amor, ama, y delama.
Quien efpera eftos ojos Medufeos,
q̃ ẽ piedras nos trãsformã cõ fu brio,
Por mucha, y defufada beldad feos,
fi

si se puede dezir tal desuario? (bado
Rodri. O buẽ serrano, a buẽ tiẽpo arri
sea por suerte buena, y no por vana,
Dame la mano acà de bien llegado.
Por essos mismos ojos, mas q̃ humana,
Beldad, y cõ razon tan alto erguidos,
Delante quien no pàra alma villana.
Ayudanos, que somos repartidos
cõtigo assi a cãtar como aqui estamos
A pares, lo demas juzguen oydos.
Defiendẽnos del sol los verdes ramos,
Del agua clara, el dulce son combida,
Y la ocasion a que gasajo ayamos.
Del dia (pienso) la mayor partida,
En quexas se hà passado, y en rẽzillas,
sea agora en paz si quier la despedida.
Dexemos las questiones a las villas,
Cantemos, y tañamos los pastores
Entre tanto d'Amor las marauillas.
ser. Cãtãdo vn tiẽpo fui los mis amores,
Quando todo este cielo el sol cubria,
Despues la Luna con los Ruyseñores.
Ay buenas auezillas, que a porfia
Vnas con otras, en pendencia vana
Cantastes, yo tambien de compañia.
Hasta que de color de roxa grana
Abriendose los Cielos al nasciente,
Las aues saludauan la mañana. (siẽte?
Rod. Los milagros de Amor quiẽ no los
Quiẽ no es escarmẽtado? y no q̃xoso?
Mas no se ha de cãtar del al presente.
Cumplido el año del buen Nemoroso,
Que solos nos dexò (y tan ayna)
Yendose al desseado su reposo.
Que cosa se podria hazer mas digna
Del,

Del, y de nos, sus buenos naturales,
Que cantar del agora ya la contina?
Quedarà por exemplo a los zagales,
Que de los semejantes hagan fiesta,
Y que tambien trabajen por ser tales.
Sal. No puede ser la causa más honesta,
Vno taña, otro cante, a quiẽ la suerte
Cupiere, sin escusa, y sin respuesta.
Serr. Ora q̃ sea ansi, sin mal, sin muerte,
A quien la más cũplida, esse nos taña,
Y cante aquel, a quiẽ la corta acierte.
Ro. La mayor cupo a Blas, como es tam
La peq̃ña a Salicio. Bl. Artes vsas? (aña,
Rod. Engañado se vea el que te engaña.
Pel. Suso, suso, a cantar, sin más escusas.
Sal. Taña Blas, q̃ yo dirè del Lasso nuestro
Con buena ayuda suya, y de las Musas,
Cõ grãde perdõ suyo, y grãde vuestro.

SALICIO,

EN LA MVERTE

DEL PASTOR NEMOroso Garcilasso de la Vega.

1

Rezien subido al Cielo,
Pastor tan raro acà,
Entre los más, q̃ aqui pascen la sierra,
Que ansi te alçaste a buelo,
A ti en sazon quiçà,
A nos por cierto no, ni a la tu tierra;
Temor el seso afferra,
Y flaco entendimiento,

Que

Que ſin ayuda d'arte,
Si diſpone a loarte,
Solos ſoſpiros derramando al viento,
Y eſpedaçadas quexas,
Que en memoria de ti ſolas nos dexas.

2

El nueſtro Nemoroſo,
Que las Muſas de Eſpaña
Auian con regalos mil criado,
Dexado el buen repoſo,
Lleuolo a tierra eſtraña,
O fueſſe el fiero Marte, o fueſſe el hado;
Con ſu çampoña al lado,
Con que fuerças tuuiera
De a la Muerte poder
Cantando enternecer,
Si ni a la Muerte ſuplicar ſupiera,
Mas antes quando viola
Ayrada, y toda fuego acometiola.

3

No fueran los ganados
Dignos, no fuymos nós
Paſtores de la tierra, ingrata gente,
Por los nueſtros pecados,
Que nos dexaſſe Dios
Gozar de tanto bien permaneciente;
Que tan ſuauemente
Del Tajo a la ribera,
Y por do quiera que yua,
A toda coſa viua,
Con la ſu dulce voz enterneſciera,
Y mientras el cantaua
Apolo el ſu paſtor d'alto eſcuchaua.

4

Las Nymphas por las manos

Na-

Nayades, y Napees,
Al son andauan, al son desandauan,
Los Faunos, los Syluanos,
Satyros, Cabripies,
Las bastas sobrancejas enarcauan.
Las aues, que bolauan,
Rompiendo el ayre puro,
Por do sobia el son,
Baxauan de rondon,
Dexando el Cielo por el suelo duro,
Cercandolo al redor
El Merlo, la Calandria, y el Ruyseñor.

5

Mas aquel claro pecho
A do tanta vista huuo,
Que todo en esta obscura noche via;
Todo tuuo en despecho,
Todo en nada lo tuuo,
Saluo dos llamas, en que su alma ardia;
Vna, de que el tañia
La su dulce çamphoña,
Otra de su valor,
Aquel, y aqueste Amor,
A la su corta vida vna ponçoña,
Y ansi se partio luego,
Que siempre gran virtud se acabò cedo.

6

Allà por essos altos
No van los coraçones
Siẽpre en dudas, y en nueuos pẽsamien(tos;
Allà no ay sobresaltos,
No vanas opiniones,
Pagadas siempre d'arrepentimientos;
Y no torres de vientos,
Que amenazan cayda;

Mas cierta, y buena suerte,
Segura de la muerte,
Y de cansacios d'esta estrecha vida,
Y tiempo aparejado,
Abolverte a quitar quanto te ha dado.

7

Por otros frescos Myrthos,
Y sauzes mas crescidos,
Otros mas verdes prados, otras fuētes:
Entre raros spritos,
Que adelante eran ydos,
Destos que acà dexaste differentes;
Que nueuo gozo sientes,
A ti gozoso viendo
Venir el Sanazaro,
Que el Sebetho mas claro
Haze ir por sus orillas discurriendo,
Con el su Meliseo,
Del Reyno resplandor Partenopeo.

8

Quanto pastor Toscano,
Que Arno, en la deleitosa
Ribera suya, oyò como han cantado,
Veran aquella mano
Tocar tan venturosa,
q̃ hōraua ora la espada, ora el cayado;
Dos, que agora han alçado
Sena, y Florencia tanto
Por noble sangre, y lengua,
Daño tan grande, y mengua,
Que igualalla no pudo nūca el llanto,
Aunque fuera de ley,
Iuan Ruscula, y Lactancio Tolomey.

9

Que daño incomparable;

Engenios tan subidos,
Embiados acà tan raramente,
La suerte ineuitable
A todos los nascìdos,
Lleua, sin perdonar con la mas gente!
Suerte, que tal consiente!
Quan poco hà que los viera,
Agora, agora, agora,
Tan subito a desora,
Nos son de vista, y de esperança fuera;
Ay huydiza, y vana,
Que huyes dede la noche a la mañana!

10

Pero, buen Nemoroso,
Mal por los tus pastores,
Sin fiestas, sin plazeres, sin cantares;
Dexados sin reposo,
Quien cantarà d'amores?
Quiẽ de las Ninfas, quiẽ d'otros cãtares?
Quien los nuestros lugares
Aurà que venga a ver?
Quien las nuestras majadas
Antes sin ti, no nadas?
Pudiste nos hazer, y deshazer:
Pues nos sin ti que haremos?
Sino se puede mas, que suspiremos.

11

Alçaste el tu Toledo,
Correr mas claro hiziste
El noble Tajo al gran padre Occeano;
Mostrarseha siempre al dedo
El lugar, do cayste,
Ah, ah, golpe cruel, barbara mano!
Que se yua el Tajo vfano,
De su naturaleza

Mas, que del gran thesoro
De las arenas d'oro,
Cō q̃ al mar llega ẽbuelto en su riqza,
Que de Numancia abona
Hasta la antigua, noble, y grã Lisbona.

12

'Al tan antiguo aprisco
De Lassos de la vega
Tuyo, el nuestro de Sà viste ayuntado;
Si cae el mal pèdrisco,
Al abrigado llega
El pastor, canta alli, huelga el ganado;
Elysa el tu cuydado,
Que acã tanto plañiste,
Quexoso de la muerte,
Cruel, ay dura suerte,
Quien no plañiò? despues do la subiste?
Ora ella en alto erguida,
Dexas la muerte atras, vaste a la vida.

13

En lo demas, Pastor, que te và ti,
Todo el mal es de España,
Si enriquecẽ tus huessos tierra estraña.

EPITALAMIO PASTORIL,

'A ANTONIO DE SAA, NO CASAMENTO

de sua filha Dona Camilla de Sâ.

ECLOGA SEXTA.

1

DErecho successor, firme columna
Desta casa de Sà, que siẽpre entera,
Edades

Edades discurriendo a vna à vna,
Los mouimientos tan segura espera,
Que ria, o que no ria la fortuna,
(Cogida, o desplegada su vandera)
Quãto esperar se puede, yá en vos sobra,
En quien corren apar desseo, y obra.

2

Y no qual por aqui pechos vfanos
De sus blasones, y escudos pintados,
(De cuẽtos viejos quiçà, algunos vanos,
Y por poder passar) mucho ha passados:
Quien hizo differencia de villanos
A caualleros blandos, y enseñados,
Saluo es fuerço, valor, buena criança,
Y el saber abaxar, y erguer la lança?

3

Vós, aunque abuelos tantos os contais,
Nobles de toda parte, como aqui
Bullicio algun se siente allà bolais,
Testigo puede ser Ceuta, y Safi:
Con quanta diligencia que buscais
Grandes afrentas, y a la buelta ansi,
Porque en reposo todos los recelos,
No os dexã biẽ dormir vuestros abuelos

4

Buelto de aquella empresa valerosa
Contra los Turcos, q̃ van desmayados,
Dais oy la hija al yerno por esposa,
Cercano en deudo, cercano en estados:
Quien puede dio licencia graciosa,
El gran Pastor de los siete collados,
Vernan nietos a vòs, ojos alçando,
Y a los suyos de ledos alagando.

Cuentase de las fiestas con espanto
Acà entre nos, mãdadnos dar la puerta,
O ireis nuestra gente allà entre tanto
Que otra fiesta mayor se òs concierta:
Aunque al palacio no conuenga tanto
La musica aldeana, a vn mal abierta,
Cantaran a su fuero los pastores,
Ah de los mios amores, amores.

PASTORES

DO EPITALAMIO.

Nuño, & Toribio.
Ribero, & Gil.
Zagales, & Zagalas.

Nuño A Do te lleuan Toribio los pies?
Mas yo q̃ digo? ni se si eresesse,
Ni si te veo se, ni si me ves.
Ni de mi sè tambien: si te parece
Otro tanto quiçà, pero, pariente,
En ti poco de ti yà remanece.
Tor. Piẽsas q̃ cõ los pies, y no otramẽte
Acà somos, y allà Nuño lleuados,
Como piensa lo mas dessotra gente?
Eres en grande error, y si guiados
Piẽsas q̃ himos tãbiẽ de nuestros ojos
Los q̃ nos guiã son nuestros cuidados,
Que de antojos nos lleuan en antojos,
Como plumas, q̃a buelo lleũa el viẽto
Si vna vez con plazer, mil cõ enojos.
A mi lleuauame ora assi sin tiento
No (como dizes) pies, mas no se que,

Que

q̃ a pocas no me sobra entendimiẽto.
Nuño. Lo que pariente yo diria q̃ fue.
Es, q̃ essa alma yà tuya en fuerte pũto
Passóse a cuerpo ageno, y de allà vè.
De allà responde a lo, que te pergunto
A ti mismo eres hecho como estraño,
Viuiendo en otro, en ti yazes defunto.
Mala dolencia, peligroso engaño,
Antojadizo, sin juyzio, o tino,
Oy mal al mes, peor, peor al año.
Yo no soy escolar, mas adiuino
Desse mal tuyo la carrera errada,
q̃ al ciego, q̃ indilgar suele el camino.
Mas es fatiga vana, y mal tomada,
Por vn yerro comun de los zagales,
Que por rodeos van, dexã la estrada.
Atiente, si me cres, a las señales,
Mas q̃ a palabras destos trasportados,
q̃ mucho mas, q̃ el biẽ, preciã sus ma-(les.
Dizese en general, q̃ enamorados
A todos los demàs juzgan por ciegos,
Y al cõtrario ellos sõ d'ojos q̃brados.
Tori. Biẽ veo (si esto es ver) aq̃ssos juegos.
Dixe juegos, o que? antes locuras
De los pastores, y aun de palaciegos.
No sé darme acõsejo. voyme a escuras,
Hasta que estos antojos yuzo cayan,
Y a plaça vengan sueños, y solturas.
Nuñ. Ciertos breuajes sé, cõ tãto q̃ ayã
A ti en ayuda, con beber dos tragos,
Yo fio que la puerta al quicio trayan.
Tor. Quiẽ sabe q̃ podrà? sõ cuẽtos largos
Los mios, và mi mal muy de rondon,
He miedo de añadir cargos a cargos;
Nuño. Que poquedad es essa? eres varõ.

Vê, la verguẽça que es peor q̃ el mal,
Lleuantate a pesar del coraçon.
Gana a la soledad odio mortal,
No te engañen las partes deleitosas,
Abrigados al cierço, y al vendaual.
Los prados con las sus flores hermosas
Las fuentes y arroyuelos discurriẽdo
Con las sus ondezillas bulliciosas,
Abejas, que andan dulce miel cogiẽdo,
Con el zonido sordo por las flores,
Y no vès que alli falte, ellas partiẽdo.
Y luego bueltes sospirando, Amores,
Quanto sin costa vuestra, me podreis
Hazer el rico mas de los pastores.
Tiene Amor en verdad estrañas leys,
Mas con paz de vosotros dicho sea,
Pues lo tomastes tal, tal lo teneis.
Auisote tambien quando alborea
Los oydos attapa al cantar blando
Del Merlo, y Ruyseñor, q̃ al bosq̃arrea.
Mucho te ruego, y si puedo, mando,
Que arrojes de ti lejos la çampoña,
Ni vayas los tus versos recordando.
Trae cada cantar su carantoña,
q̃ ajunta sobre el alma vn graue peso,
Es musica a tu mal, clara ponçoña.
No confies te auiso del tu seso,
Y busca a tus peligros compañia,
q̃ te ayude a librar de do estàs preso.
Del buen amigo todo lo confia,
Descargate seguro en sus oydos,
Que en noche tan obscura cũpleguia.
Vè pidiendo prestados los sentidos,
Que los tuyos yà vez que los perdiste,
No te pierdas tãbiẽ tras los perdidos.

Mas pecador de mi, que no me oyste,
Estoyte hablãdo,pero que aprouecha?
El cuerpo aqui se està,tu traspusiste.
Tori. Cõuieneme passar la puẽte estre-
Y(como dizen)bebella,overtella,(cha
Enfin que fue verdad la tu sospecha.
El alma mia àquesta parte,y áquella
En vn punto lleuada, mal podria
Estar queda,segura, y sin querella.
Nuño.Toribio cõtra el mal de fantesia
(q̃ es ligero, y acomete hõbre adesora)
Cumple vela, atalaya, escucha espia,
Y no dexarte trasportar cada ho a:
Ay como yua Pascuala tan loçana,
De tales ojos quien no se enamora?
Dime,si es fresca,apuesta,y tan galana,
Como no es tal a Diego,y es lo Helena,
Y a Pedro Helena no,es lo Iuana?
Esse tu cuerpo grande como ascena
Cada passo a caerse, arde el pauilo,
Vèse la llama,la candela apena.
Ayudate zagal, ayrado dilo,
Cõtra ti mismo, y tẽ de ti verguença,
Como bobo no estès preso devn hilo.
Vés q̃ Amor al peor siẽpre enderença,
Despierte la razon, lidien los braços,
Ayudala, siquier que vna hora venga.
Tori.q̃ cuẽtas sõ las mias,q̃ embaraços?
Aqui estoy mal,peor si la mi tierra
Me dexo,haziẽdo el coraçõ pedaços.
Que mirando despues d'aquella sierra
Azia esta, pienso, con qũe ansia diria
Quiẽ me aparta de ti, quiẽ me destier
Ado me lleua Amor?q̃ es la mi guia?(ra?
El fuesse el buẽ juez,pesasse el hierro,

El pesasse el tormento, y cuyta mia.
Ansi passando mal de cerro en cerro,
Ora mirando acà, ora acullá,
Todo se es aguçar hierro con hierro.
Nuñ. Por demás son remedios, mi fê yà
Aquien no quier oyllos, ni aunvellos,
Quien echa el olio en vaso, que se và?
No se saca del mal por los cabellos,
Sino a quien se ayuda, y aũ cõ fatiga,
Quiẽ remedios quisiere ãde tras ellos.
Date, date al trabajo, el cuerpo obliga,
Sabe que reyna Amor en ocio blando,
Luengo, y duro trabajo lo castiga.
Toma el açada, vee despedaçando,
La dura tierra, labra, inxiere, y plãta,
Vee la siebe, pared, y el valo alçando.
Desuelate la noche, el lobo espanta,
Aticiale los perros, qual si viesses
Yà la oueja afferrar por la garganta.
Y si cansares vela, y nunca cesses
De trabajar al fuego en tu cabaña,
Que mejor de trabajo es q̃ muriesses.
Nũca falta al pastor, q̃ bien se amaña,
En que passe la noche obscura, y fea,
Aliuiase cantando, y el tiẽpo engaña.
No cantos, que el pesar triste acarrea,
Mas descuydados, sueltos, y vazios,
Si es verde la ribera, verde sea.
No te combido a los breuajes frios,
Echizos suzios, magicos cantares,
Que remedios no son, son desuarios.
Yeruas de allẽde de los nuestros mares
Cogidas a la Luna, en las montañas,
Buenas a quitar vidas, no pesares,
Cuentan las viejas entre sus patrañas,
De

De cierta encantadera, que boluia
Los que aribauan ende, en alimañas.
Era vna isla en la mar,y alli gruñia (to
Elpuerco,aullaua elperro,el osso espã
Daua,erguiendose enpie,el leõ rugia.
Tori. Obuẽ amigo,tu no vés q̃ enquãto
Nos departimos, sube vna auezilla
Cantãdo al Cielo,o mas parece llãto?
Yà va tan alto,que no aturo a oylla,
Nivella,sõ de quãdo enquãdo àpena,
Digo en buena verdad q̃ vue mãzilla.
Parecia espertillo que anda en pena
Por essos ayres, Nuño si le oyeras.
Nuño. Dizẽ por esso tal,hija sey buena.
Tori. Ora Nuño,ora di,cuenta deveras
q̃deveras te escucho,y estoyte a tiẽto,
Parece q̃ me hablauas de hechizeras.
Nuño. Contar dellas serà tener elviẽto
q̃ no huya,cõ la mano,mas si hasgana
Otro te contarè, dexo aquel cuento.
Tori. Perdona, q̃ esta mi cuyta villana,
cada passo arremete, y sobresalta,
al alma,yà mal cuerda, yquasi insana.
Y hazeme caer cad'hora en falta,
Mas cuenta enfin,q̃ attẽto escucharẽ,
Aunq̃ del pecho el coraçon me salta.
Nuñ. DeRibero has sabido biẽ quiẽ fue
Quãto pudo en tañer,quãto en cãtar,
Del, y Gil otro tal te contarè.
Y quando otro tal digo, has de pensar
q̃ no fuesse el peor de nuestros hatos,
Pues que ambos lospusieran a la par.
Acuerdome a la sombra de vnos latos
De sauzes altos,verdes, y graciosos,
Do se juntan pastores muchos ratos.

Como vez que acontece a los ociosos,
Hablar desto, y de aq̃llo, y mas zagales
Parleros por natura, y porfiosos.
Concluyeran al fin, que estos dos tales,
Nos cantasse cada vno su cancion,
los bienes de Amor vno, otro los males.
A Ribero, que andaua en su prision,
Se encargò q̃ las quexas nos cantasse,
Y las dulçuras Gil al mismo son.
Tori. Ay mi buẽ cõpañero, no trespasse
Esta buena ocasion al desseo mio,
Darmehas la vida q̃anda al passepasse.
Nuño. A la ribera de vn gracioso rio
A quãtos desta vez fuymos presentes,
Ribero todo demudado, y frio,
Temblando nos cãtô versos siguiẽtes.

CANTA RIBEIRO
OS MALES DE AMOR.

1

MAndaisme ora que cante,
Triste que cantarè,
Y mas de Amores, que enemigos son?
Mandadme que lleuante
Sospiros, que esto harè,
Conformãdome al tiempo, y a la razõ;
Pues atinando al son,
Quexoso de mis daños,
Dirè mis desconciertos,
Ó, que seran mas ciertos,
D' Amor, mas como quier, por cierto es
Que me han este mal sano (traños:
Pecho, todo metido a saco mano.

2

Esto

Efto, que Amor llamais
(Del qual me aueis forçado
Cantando ora tratar) mas razon fuera
(Si a fus obras mirais)
Que el fueffe antes llamado
Enemigo cruel, fino que yo muera:
Bien fabeis la manera,
Que en bofques folitarios,
Nos lleua dando gritos,
Sufpiros infinitos,
De q̃ fon nueftros pechos tributarios,
Si aquella es la fu cura,
Biẽ mueftrã los remedios, q̃ es locura.

3

Mirad pues a fus fuegos,
Sus mudanças tan preftas,
Sus geftos, fobrefaltos, y meneos;
En verdad que fon juegos,
Que corren fobre apueftas,
Lleuados de los locos fus deffeos:
Viejos demonios feos,
Teñidos, no teñidos,
Los geftos trafportados,
Los pechos ora inchados,
Ora del todo en vifta confumidos,
Muerdefe vno arrabiado,
Otro eftatua de piedra, anda pafmado.

4

Viene otro murmurando
Configo, y no fe entiende,
Todos fe burlan del, y el no lo vè,
Otro verfos rimando,
A la vihuela atiende,
Siempre efto afsi ferà, fiẽpre afsi fue?
Como me ayuntarê

En vn tan breue espacio,
Tantas diuersidades
De sus liuiandades,
Que ann pensar mal se pueden sin can-
Dirè solo este poco, (sacio?
Que a todos estos locos, mãda vn loco.

5

Tambien yo mai peccado
Allà voy de consuno,
Que ni lo que hago sè, ni lo que digo:
Tambien desacordado,
Quiçâ mas que ninguno,
Doy fuerças contra mi a mi enemigo:
Quando se siembra el trigo,
Quando ando por las eras,
Passa vno, y passa otro año,
No sientes el engaño,
Sino quando del todo desesperas:
Sin yâ triste en ti ser
Ir adelante mas, ni atras boluer.

6

Que valles no corri?
Que bosques no busquè?
Que peñas, que escõdrijos de animales,
Para me hurtar a mi?
Qual destos cerros fue,
Que no oyesse mis quexas desiguales?
De que rios caudales,
No rebolui riberas?
Ora arriba, ora ayuso,
Qual monte no repuso
A mis finales vozes lastimeras?
Tan claro, que yo boluia
Ojos atrâs, por ver quien respondia.

7

En-

Engaño poderofo,
Meter yo mifmo en feno
Vn fuego,q̃ ende algò llama tan braua:
Amor tan graciofo,
Amor tan blando y bueno,
Como en fi tanto mal difsimulaua?
Que cada hora me laua
De lagrimas el gefto,
De tal color teñido,
Que es trabajo perdido,
Efperallo lauar nunca,o tan prefto,
Onde efperança pone,
Corriendo allà me lleua, ella trafpone.

8

Del infierno, ay quien cuenta,
Que por vn monte arriba
Vn canto acueftas fube vn condenado;
Nunca el trifte fe afsienta,
Y quando a lo alto arriba,
Refuala, y buelue el pefo atras priado:
Preftamente el cuytado
Torna a la fu demanda,
Eislo fube del hondo
Con el canto redondo,
Eislo que otra vez cae,y enbalde anda:
Ygual embaymiento
Lleua, y trae el amante en fu tormẽto.

9

Que he de dezir d'Amor que no fepais?
Enemigo cruel,
Que los màs fuyos, màs fe quexan del.

Nuño.

Anfi cantò Ribero, y vimos claro
Mietras cantaua, que lo interrõpian,
Triftes follogos del fu pecho amaro.

Tras lagrimas, màs lagrimas calan
Sin parar por el pecho, y barba ayuso,
Con harta compassion de los, q̃ oian.
Tori. Yo vi algunos versos, q̃el cõpuso,
Quasi todos llorosos, tuuo vena
Blãdissima, y aũ màs blanda cõ el vso.
Màs de Gil, q̃ me cuẽtas? fue tan buena
La respuesta, que alli vino arguyẽdo,
Pues que no le faltó gracia, ni lena:
Nuñ. Primero vuo, q̃ hazer, vnos diziẽdo
Que el su mal proprio cãtara Ribero,
Y no de Amor, los otros defendiendo.
Affirmauan q̃ aquel, que paga el fuero,
Es quiẽ mas siente el mal, y la manera
De perder al afan, tiempo, y dinero.
Con todo Gil, bien vimos que quisiera
Descabollirse al reto porfiado,
Y por su voluntad no falleciera.
Al fin tomò el rabel como forçado,
Y afinãdo lo estuuo cuerda a cuerda,
El arquillo bolaua, y ansi afinado
Acudia apuntando con la izquierda.

CANTA GIL

LOORES DE AMOR.

1

NO veis como al cantar
D'Amor el Sol se aclara?
Como a buelo los paxaros se erguierã?
No veis regozijar
Peces nel agua clara?
Y como acà, y allà se arremetieran?
Mas ah que me huyeran
El aliento, y la lengua,

Dubdando a la empreſa alta,
A tal tiempo, tal falta!
A quiẽ boluerme deuo en tãta mengua?
Sino al freſco moçuelo,
Que aquiſiento cercano andar a buelo.

2

Amor, que en vn momento
Viſita eſte ayre puro,
Del nombre ſolo quiẽ no ſe enternece?
Comun conſentimiento
Le dio deidad de juro,
Y niñez, que jamas nunca enuejece;
Todo deſaparece,
Y todo aprieſſa huye,
Para no boluer màs,
Yà fuera todo atràs:
Sino que ſolo Amor lo reſtituye
De nueuo a nòs boluiendo
Aquello, cõ q̃ el tiẽpo ſe yua huyendo.

3

En primauera vfana
Mirad que ſe enamora,
La miſma tierra, vè como ſe arrea
D'oro, de plata, y grana,
Viene Pomona, y Flora,
Y cada vna la viſte a ſu librea:
Verá quien quier que vea
Toda coſa criada,
D'Amor fauorecida,
Cobrando nueua vida
Los rios, y la tierra, y mar ſalada:
Saltan peces tan altos,
Que màsparecen buelos, que no ſaltos.

4

Las Aues, y las fieras,

Que naſcen de ira armadas,
Luego enpoder deAmor ſe pàrăblădas;
Mas antes halagueras,
Las ſañas oluidadas,
Ronceando ſe van en ſus demandas:
Señor, que todo mandas,
Nueſtros pechos viſita,
Tu buena merced ſea,
Entra por nueſtra Aldea,
Abraſala de Amor, los odios quita,
Que por dichoſa ſuerte
Todo eres vida Amor, deſamor muerte.

5

Entre flores ſuaues
Si eſtâs contra tu grado,
No te podran tener fuertes cadenas;
Peſadas ſon, y graues
Las fieſtas al forçado,
No ſon plazer para el, antes ſō penas;
Malas coſas, y buenas
Haze Amor, y deshaze,
De abſoluto poder,
Quereislo claro ver?
No llamamos plazer, ſino al q̃ aplaze,
Quanta noche eſclarece,
Y quanto dia Amor claro eſcurece.

6

Ciertos emboluedores
Falſos, y fementidos,
Entran hurtados (ſiendo Amor auſente)
El arrayal de Amores,
Y anſi deſconocidos,
Toman a engaño el ſimple, el innocēte:
Cauſa, que tanta gente
Vaya con voz lloroſa

De-

Demandando piedad;
Tornad en vòs, tornad,
q aũ trabajos de amor, son dulce cosa,
Catad que essos moçuelos,
Que por Amor teneis, son malos zelos.

7

Amor nunca alabado
(Por mucho que sea) assaz,
Si a lo que se le deue se mirò;
Quien al mal prolongado,
O fuesse en guerra, o en paz,
Venciò con sufrimiento, si Amor nò?
Quien el palacio enchiò
De ricos atauios?
Aquellas opiniones,
Las galas, y inuenciones,
Que serian sin el? son desuarios:
El puso ende las damas,
Arde el palacio todo en viuas llamas.

8

Y a nós quien nos sostiene
Entre tantos sudores,
Desta vida cansada acà de fuera?
Saluo este Amor, que viene
Con los sus lamedores,
A esforçar vno a vno que no muera?
Templad de vna manera,
En sus iguales modos
Estos nuestros Rabees,
Tocad vno despues,
Sin tocar los demas responden todos,
Amor que no podrá,
Si tanta fuerça a los conciertos dà?

9

Es trabajo sin fin que me aueis dado,
Que

Que alabança mayor,
No nos pide Dios màs, q̃ solo Amor.

Nuño.
Ansi nos cantò Gil, y a nos boluido,
Dixo esto, fue cũplir vuestro mãdado,
No cantar, no tañer, que no lo ha sido.

Toribio.
O mi buen cõpañero, ah q̃ me has dado
La vida con tus dos dulces canciones,
Todo tã bien tañido, y bien cantado.

Nuño.
Si tan alto Toribio ansi las pones
Oyendolas a ellos, lo que hizieras?
No pude mas, conuiene me perdones:
Mas, ò no se si vez las cantaderas
Que allà aparecen? q̃ frescas zagalas,
Vestidas como a guisa de estrãgeras?
Dos Mẽgas, dos Eluiras, dos Pascualas,
Semejan entre mil como escogidas
En cuerpos, gestos, gracias, y ẽlas galas.
A fiestas deuen ir tan guarnecidas,
Y tan a compañadas, abalemos.

Toribio.
Ah Nuño, Nuño, y a fiestas me cõbidas?
Vayanse a su plazer, no las turbemos.

Nuño.
Otros tantos zagales respondiendo
Vienen como a porfia; ah no dexemos
Huyrlo, que razon està ofreciendo;
Andauamos a ver, no nos paremos.

I

Zagalas.

Ay razon que tal sufra, vna donzella
Criada a mil regalos, en el seno
De su madre, çahareña, hermosa, y bella
Flor no tocada, que venga vn ageno,
Y que la coja mientras se querella,
De lagrimas el gesto hermoso lleno?
Que cosa succeder podrà mas fea,
Entrada de enemigos el Aldea?

Zagales. 2

Padres, madres, y hermanos, sõ vẽcidos
En sus proprios amores verdaderos
Destos esclauos, que llamais maridos,
Vuestros cautiuos màs q̃ compañeros:
Todo dexan por vòs embouecidos,
Porq̃ no os contẽtais cõ menos fueros?
Con vna muestra blanda, vna terneza
Venceis vigor, constancia, y fortaleza?

Zagalas. 3

Ay zagalejas nuestras tan preciadas,
Y vòs que lo pensais por ende altiuas,
Andais (al parecer) glorificadas,
Que no semejais quasi a cosas viuas;
Perdeislo todo como sois casadas,
Passaisuos de señoras a cautiuas,
Quien lo puede negar? y en tanto daño
A pesar de razon vence el engaño.

Zagales. 4

No se puede negar que todo huye,
Quanto mas las liuianas voluntades,
Este tiempo gloton todo destruye,
No pàran peñas, pararàn beldades?
Mas quien los daños del nos restituye,
Sino solo el Amor por sus bondades?
El solo nos defiende a la fortuna,
A las bueltas del Sol, y de la Luna.

Zagalas. Essa restituycion, de q̃ ascenais
(Que son los hijos,)ay las sus fatigas,
Ay los trabajos grandes, que callais,
Dissimulando cuytas tan antigas:
Que vosotros sabeis, que les causais
Dias crueles, noches enemigas,
Desigual parçaria, juzgue Amor,
La parte flaca màs, lleua el peor.

Zagales. 6

Passais dezid, ingratas, como en juego
Tantos suspiros de los seruidores,
Oyame el turbio Duero, oya el Mõdego,
Y cada vno en la su fuente de Amores;
No sabeis como và derecha al fuego,
Arbol sin fruto, aunque lleue flores,
Y dize el que la cria, y que la escaua,
q̃ quiero màs aqui desta arbol braua?

7

Zagalas. O dulce libertad como te vas
Embuelta en nõbres vanos, y pintados,
Que nunca buelues, ni pareces mas?
Corre el engaño todos los estados;
Si pudiessen boluer tiempos atràs,
Como no sufren, ni consienten hados,
Tendrian su lugar buenos consejos,
Siendonos nôs a nòs mismas espejos.

Zagales. 8

Relampaguean fuegos, que nos ciegan,
Veys quanta gente, veis quanta señal?
Y todos de alegria, acà se allegan
A nôs, que no serà soncas por mal:
Lo q̃ estas màs desseã, esso más niegan,
Por esso esposos, no les creais tal,
No os engañen los falsos sus enojos,
No lagrimas fingidas de sus ojos.

FIM.

A ANTONIO
PEREIRA SENHOR do Bafto.
EGLOGA SEPTIMA.

ALEIXO.

1

Eftas nueftras çãpoñas las primeras,
Que por aqui cantaran bien, o mal,
Como pudieran Rimas eftrangeras,
Embialas el nueftro mayoral,
Que a ver os vengã, en todas maneras,
Que a màs de fer el dia feftiual,
Supo por fer venido el mayor hijo,
Que anda toda efta cafa en regozijo.

2

Teneis mil bienes, en que os emplear,
No ãdeis tã pefarofo envueftrosdaños,
Que el vado es alto, y ciego de paffar,
Tratad vueftros pefares con engaños:
Boluio quiẽ vueftra cafa ha de heredar
Tan grande capitan en tiernos años,
Los Turcos vencedores por el mundo
Peleando vencio el hijo fegundo.

3

Del qual cafo efpantofo dicho fea
Solamente de vna Aue, q̃ yua a buelo
Acà, y allà por la mortal pelea
Sin tener de algun mal, algun rezelo;
No fiendo nunca vifta tal relea
Todo Agua, todo Fuego, todo Cielo;
Seas pues biẽ venido, hermofo aguero,
Bueluan nueftrosmilagros de primero.

4

El màs moço, que està como enel nido,
Antes de tiempo ser sus alas prueua,
Con el desseo grande en alto erguido,
Que apenas le teneis, que no se mueua;
De dentro quanto asi està cumplido,
Pero defuera aun la pluma es nueua,
Esto todos lo veẽ, que no son cuentos,
Abrid el pecho pues a los contentos.

5

Vn rayo, que desçiende en sus desuios,
Hiere los altos (que la baxa gente,
No tiene cuenta) dize estos son mios,
Y luego el primer trueno, q̃ arrebiẽte:
Dexad los charcos turbios llouedios,
Beued de pechos en la pura fuente,
Poned la confiança toda en Dios,
Lo q̃ ha de hazer el tiẽpo, hazedlo vos.

6

Entrarsehà aqui vn zagal muerto d'amo(res
Sin q̃ el lo sepa bien, màs no os turbeis,
Que a mas hà sucedido que a pastores,
Nunca de Amor, ni con Amor burleis:
Quando no lo pẽsais se alça a mayores
Desobligado de todas las leys;
No ay caso tan dudoso, incierto a ser,
Que ayudado de Amor no se haga creer.

* * *

PAS-

PASTORES
DA EGLOGA.

Alexo. Sancho. Juan.
Anton. Toribio. Pelayo.
Nympha da Fonte.

1

Alexo.

YO vengo como pasmado,
Y no sé lo que me diga,
Que el mi coraçon letiga
Entre cuydado, y cuydado.
Valasme Dios, que pecado
Pudo ser mio tamaño,
Yo no soy el q̃ era, antaño?
Han me como barajado.

2

Dias hà que no me entiendo,
No penetro este mal mio,
Al Sol muerome de frio,
A la sobra estoyme ardiẽdo.
A ninguna parte atiendo,
No sé dar con lo que fuesse,
Como si d'otren huyesse,
Ansi de mi voy huyendo.

3

Hame aborrecido el hato,
Los apriscos, y majadas,
Ando tras vnos no nadas,
Que no sé que ende me cato:
Que buena ganancia, y trato
Sospirar noches, y dias,
Vanas esperanças mias,
Que me ... vañan cada rato.

Quiçà de los mis cabellos
Debaxo del mi portal
Me los pusieran, por tal,
Quevuiesse a passar porellos;
Y emboluerme hian có ellos
Del pan de los mis bocados,
O passe sobre finados,
No hize oraciou por ellos.

5.

A caso de tal dolor
(Que en buẽ juyzio no cabe)
La benzedera si sabe
Lo que llorarà mejor?
Mas vamos a lo peór,
No se que se me affigura,
Quiçà puede ser locura,
Quiçà puede ser Amor.

6.

Soncas si he sido assombrado
De los cuerpos huydizos,
O me dieran bebedizos,
Que todo me hãtrastornado?
O quiçà si fuy aojado,
En las bodas de mi tia,
Quando cantaua, y tañia,
Buelue acà pastor cansado?

7

Pero pues que me acordẽ
D'aquel dia de plazer,
Quiero a cantallo boluer,
Quiçà que descansarẽ.
Dias há que no cantè,
Con el coraçon no puedo,
Entonces cantaua ledo,
Ora como cantarẽ?

Que fantesia tan loca
Bien es de zagal perdido?
El tino adolo, y el sentido?
Do la voz cansada, y roca,
Ay la mi ventura poca,
En poder todo de enojos,
Quando ansi lloran los ojos?
Como cantará la boca?

Canta.

Buelue acá pastor cansado,
Buelue, que a peligro vás,
Corres tan desatinado,
Que ayna te perderàs.

Voltas.

1

De quien huyes? o porquè?
Buelue acà, buelue al rebaño,
Oye, sino ves tu daño
Quien te auisa, y quien lo vè.
No te acuerdas del ganado,
Ni de ti; si ansi te dàs
Tal priessa, soncas priado
A la tu fin llegaràs.

2

Porque ansi te acusias di,
Las mentes enagenadas,
Cata, que a pocas passadas
No aurà memoria de ti;
Buelue, buelue, ah porfiado,
Que sino buelues atras,
Solo en ver a do has llegado,
De miedo te moriràs.

Yua aquel dia loçano,
Fue (si me acuerdo) por Mayo,
Luche, corri, como vn rayo,
Era moço rezio, y sano,
Luego me vino vn affano,
Que a pocas muerto me tiene,
Bien dizen que el mal se viene
Como de suyo a la mano.

10

Si aqui estuuiera mi hermana,
Que nos la lleuò su esposo,
Con ella huuiera reposo
Esta mi cuyta villana:
Que tantas vezes liuiana
Se altera, y muda tan presto,
De la mañana al Sol puesto
Del Sol puesto a la mañana?

11

Quantas vezes me dezia,
No me parece mi hermano,
Que es hablar cosa de sano
Tanto desto noche, y dia.
No se que contado auia
Ciertas Zagalas loando,
Yo boca abierta escuchando,
Siempre alli boluer querria.

12

Ay que locuras pensè,
Quanto aquel cuento me plugo,
Aora ya atado al yugo
Ararè, o rebentarè.
Mas o que fuente; echarmehe
Cabe ella, en yerua tan fresca,
Puede ser que me adormezca,
Sino que descansarè.

13

Sancho viejo.
En vano el viejo afanò,
La vista se me euanece,
El muchacho no parece
Antes desapareciò.
Quantas vezes sin prouecho,
Que esto hecho,
Aqui và, por alli và,
Desq̃ he corrido vn buen trecho,
Otro lo vido acullà.

14

Con el hijo juntamente
Nascen cuydado, y fatiga,
Pero costumbre es antigua
Andar tras su mal la gente.
Buena vida en vejez fuè
Por mi fè,
Ochenta años quando menos,
Mal con hijos, que engendrè,
Mal con los hijos agenos.

15

Vn Lunes por suerte estraña
Aun no me dexa aquel dia,
De la lluuia me acogia
or el pie de la montaña,
nde de vna espessa breña
aharenña,
na cabra, que perdiera
r el hueco de vna peña
de que se me acogiera.

16

vme allà, vi que plañia
niño tierno alli dentro,
lo que tras ella me entro,
contra si me fue guia.

Que mas me auia yo destar,
Sino entrar,
Como yua por ver lo que erã?
No pude allà diuisar,
Saquelo en los braços fuera.

17

Cierto que es cosa deuida
Tener al ganado amor,
Y que auenture el pastor
Por el, mil vezes la vida.
Que el su buen entendimiento
Es sin cuento;
Passa assi, y es caso estraño,
Tras mi la mi cabra siento
Recelosa de más daño.

18

Màs piadosa que el padre,
Mas que deudo, ni pariente,
No hablo de la otra gente,
Y aun quiçà más que la madre.
Digoos en mi consciença,
Huue verguença,
En vna causa tan digna
De piedad, que nos venga
Vna cabra montesina.

19

Era embuelto en ricos paños
El niño, y todo era tal,
Que harto alli dezia mal,
Y esto hà sus dezisiete años.
Quien del tiempo no se vela,
Como buela,
Parece que fue esto ayer;
Dandose como d'espuela,
Que prissa lleua a correr?

20

Trux-

Truxe el niño a mi Therefa,
Que podria fer de vn mes,
Veislo, que anda en quatro pies,
Veislo, que fe ergue a la mefa;
Veis los mayores alcança
En criança,
En coftumbres, y en faber,
Ved de tan grande efperança
Lo que queda al recoger.

21

Era locura penfar
Sus donayres, y fus fefos,
Ante tiempo aquellos pefos
En efto vienen parar.
Sabia mas que el Iurado,
Bien jurado,
Ayudaua a Miffa al Crego,
Aunque efte es mal muy vfado,
Seres con tu hijo ciego.

22

Pero en efto no me engaño,
Aunque es hijo en el amor,
Que el no parece paftor,
Aunque guarda mi rebaño.
Dixe guarda, antes guardò,
Trifte yo,
Que aora yà medio loco
Del ganado defcuydò,
Y aun de fi cale poco.

23

Dixome vno deffa banda
D'allà, que lo viera aquì,
Bien pueden dezir por mi
Vn perdido, tras otro anda,
Soy yà canfado, y foy viejo,

Este cuerpo flaco cansa
De andar, todo me despeo,
Mas puede tanto el desseo,
Que algo el coraçon descansa.
Quiero dar buelta al lugar,
Y quiero dar
Vozes, si por aqui fuere,
Todo lo quiero prouar,
Antes que me desespere.

28

Ay Alexo, ay hijo, Alexo,
Quiçà, si de mi te escondes,
Dime, porque no respondes,
Si yo por ti todo atras dexo?
Alexo, Aquel viejo loco,
A que tan poco
De consejo, y vida queda:
De llamarte està tan roco,
Que no sè, como màs pueda.

A Nympha da Fonte.

29

Duerme el hermoso donzel,
No zagal, no pastor, no,
Mientras al sueño se dio,
Mi alma diosele a el.
El Sol es alto, y con el
Del dia, es ido vn buen trecho,
No sé que de mi se hà hecho,
Serà lo que fuere del.

30

Loca de mi, que a mirar
Me puse, y dixe tal viendo,
Quien tanto aplaze dormiendo,
Despierto, que es de pensar?
Quiseme luego apartar,
No sè quien me buelue aqui;
Ah quan tarde que entendi,
Que peligro es començar.

31

Mientras pensando imagino,
Sin sumiallo primero,
Amor falso consejero
Con sus razones me vino:
Tornarseha por su camino
El moço, como despierte
Que has de hazer tu? qes tu suerte
Estarte aqui de contino.

32

Luego mi fuente encantè,
Pero quando la encantaua,
Quien las palabras guiaua?
(El me es testigo) Amor fuè.
Aora que mas pensè,
Fue la mi cuyta mortal,
Pudiera sufrir mi mal,
El suyo como podrè?

33

Y quando el mio, quiçà,
No pudiera sufrir yo,
Pagarà aquel que pecò,
Que la razon assi và:
Qual otra alguna valdrà
Que me quite desta culpa?
Su beldad no me desculpa,
Antes màs culpa me dà.

Fuerça fue, que yo la senti,
Y miedo de mas enojos,
Baste al fin cerrar los ojos,
Diziendo, Amor manda assi:
Quantas cosas, que yo me ahi
Contar del su gran poder,
Que podia yo ende hazer,
Donzella flaca, de mi?

35

Vna hermosura vfana,
Que a quien la vê desatina,
Que parece màs diuina,
Mucho màs digo, que humana:
Cruel por cierto, y villana
Pudieran dezir por mi,
Tenello encantado aqui,
Si lo hiziera mas sana.

36

Tal fuerça està agua tendrà,
De oy mas, que luego en la viendo
Toda persona corriendo
Por beber d'ella arderà:
Aquella sed matarà,
Y a otra nueua passando,
Nunca el cuydado mudando
Por este bosque andarà.

37

Ora mis ojos deueis
Pagar Amor su tributo,
No quede aqui nada enxuto,
Llorad, que bien lo deueis.
Aues, que os ansi sabeis
Cantando quiça aliuiar,
Mientras me entriendo quexar
Ruegoos que me acompañeis.

Canta.

D'Amor bien dizen, que es ciego,
Niño, liuiano, y cruel,
Si en mi fuente encendio fuego,
Quien podrâ librarse del?

Volta.

Poderoso Amor altiuo,
Quien razon darme sabria,
Si mi vida era agua fria
Como aora en fuego viuo?
Sordo en todo, en todo ciego,
Todo breuages de hiel,
Todo guerra, sangre, y fuego,
Tal es el, tal dizen del.

38

Alexo.

He dormido, ora que atiendo?
Quiero passar la montaña,
Quiçà que en la parte estraña
Me estarâ el bien attendiendo.
Hea que a Dios me encomiendo,
Que en esta tierra, zagal,
Dias hâ que te vâ mal,
Mal despierto, y mal dormiendo.

39

Yo soñaua que me via
Entre vnas cerradas breñas
De vna parte, y d'otra peñas,
Do nunca el Sol descobria.
Quando no me apparecia
Socorro de parte alguna,
Quexoso de la fortuna
En llantos me deshazia.

40 Mien-

Mientras que lloro, y me quexo
Solo la muerte efperando,
Oia de quando en quando
Que llamauan por Alexo.
Quiçâ fi d'aqui me alexo
Allà que me irá mejor;
En corteſia de Amor,
Y de ventura lo dexo.

41

Semejaua ciertamente
La voz del buen viejo mio,
Abaxo efpumaua vn rio
Que nunca fu frjera puente:
Via la muerte prefente,
En tan grande anguſtia pueſto
Deſpertè, y fuy depreſto
Libre de aquel accidente.

42

Mi fê, fea lo que fuere,
Mal parece, y mal ferà,
Que el coraçon me lo dà,
Haga Dios lo que quiſiere.
Fuertemente me requiere
Soledad grande, y deſſeo
Dè quanto defde aqui veo,
Sufrirè lo que pudiere.

43

Que el coraçon fe me encierra
A todos otros confejos,
A Dios mi tierra, y mis viejos,
Gran mal de vòs me deſtierra.
Si muriere en otra tierra,
Aqui los hueſſos me trayan;
Que mundos, penfais que vayan
Allà, tras aquella fierra?

En fin dada es la sentencia,
Sea simpleza, o locura,
Prouarè la mi ventura,
Pues me aquexa tal dolencia:
Prouarè por experiencia
Si este mal otro ayre enciende,
Si con mis amigos ende
Me queda la mi paciencia.

45

No cale tiempo perder
Màs del perdido, que es mengua
Palabras vanas la lengua,
Los ojos aguas correr.
Lo que se ha de acometer
De que sirue el dilatar,
De los viejos es dudar,
De los zagales hazer.

46

Matarè en la fuente fria
Primero esta sed, que tengo,
Con que cuyta ora a ti vengo,
Fuente, de la tierra mia?
Si vendrà aun algun dia,
Que boluiendo por aqui
Beua màs alegre en ti
De lo que aora beuia?

47

Fala como encãtado.

No veo al bosque salida,
La vista se me esuanece,
Por toda parte escurece,
Mal se ordena esta partida.
Parece que se me oluida
Esto, que le yua a dezir,

Yo

Yo era para huyr,
Vòs no para ser huyda.

48

Anton.

Sospirado has compañero.

Iuan.

No sè como no llorava;
Sabes porque sospirava?
Porque aqui cantò Ribero,
Aqui nuestro amo escuchava.
Rodeavanlo pastores,
Colgados de la su boca,
Cantando el los sus amores,
Gente de firmeza poca,
Que le dio tantos loores,
Y aora se los apoca.

49

Anton.

Esso falta Iuan pastor,
Soncas, porque sospirar,
A que puedes tu alçar
Ya los ojos sin dolor,
Y a que los puedes baxar?
Donde los pondras exutos,
Adelante, o cara atraz?
Las plantas niegan sus frutos,
El sembrar es por demas,
Los ayres andan corrutos,
Los hombres cada vez màs.

50

D'aquel gran pino a la sombra,
Que a tal dicha se plantò
Que el prado, y çarças cubrio
Y los vezinos assombra,
No ha pero mucho no.

Vine por Ribero ver
como otras vezes solia,
(Quan presto que huye el plazer.)
Consigo aqui te tenia
A cantar, y a tañer,
Mientras la siesta cahia.

51

Rebuelto en el pensamiento
Lo que cantaste, aqui estando:
Mi fè fuesseme oluidando;
Del son me acuerdo, y del cuẽto,
En busca del cantar ando,
Mas atinemos al ton
Amigo, que juro a mi,
Este era el tiempo, y sazon,
El lugar este era aqui,
Las palabras de rondon,
Ellas se vendran por si.

52

Iuan.

Porque esse cantar fue llanto,
Como del Cisne se cuenta,
En su postrimera afrenta,
Yo te ayudarè con quanto
Es cantar en la tormenta.
Bien vees que mundos son estos,
Nunca tales fueran, creo,
En las mudanças tan prestos,
Truecanse te a cada octeo,
Vi de aqui mil buenos gestos,
Quando miro, vno no veo.

53

Mas las quexas a departe
A lo que mandas vengamos
El cantar, que aqui cantamos,

Fue

Fue (sabes) destraña parte,
Donde vn tiempo ambos andamos.
Y dirte he como passó
Acertose, que yo tañesse
Aquel modo, y el cantò,
Rogome que respondiesse.

Anton. Yà, yà, yà comienço yo,
Como si Ribero fuesse.

1

Amor burlando và, muerto me dexa,
Tiene de que por cierto, à su merced,
Como de señor vine, aora ved,
Si es justa su razon, si là mi quexa.
Y lo que màs me aquexa,
Que està ledo, gozoso, y aplaziente,
Y aun vfano, ques esto? el que vencio
Luchando pierde, y gana el que cayò?
Enemigo señor, que tal consiente.

2

Iuan. Enemigo señor, que tal consiente
Mas antes fauorece tal maldad,
Todo se rige por la voluntad,
Y si esto fue alguna ora es al presente.
Vn pastor innocente,
La çampoña tañia en regla estrecha
Del cierto, y buen tañer, y assi cantaua,
Plugo màs vn zagal que alto siluaua,
Ved razon ante Amor de q̃ aprouecha.

3

Anton.

Ved razon ante Amor de q̃ aprouecha
Vn ciego, vn sospechoso, vn volũtario,
Al mayor seruidor, mayor contrario,
Antojadizo, lleno de sospecha;
Este porque toecha,

Por atreuido eſtotro, y mal mirado,
Otro por no ſè que, veislo adelante,
Quien ſe pone a penſar, q̃ no ſe eſpãte,
Sin vẽtura, q̃ harà, quiẽ lo ha prouado?

4

Iuan.

Sin vẽtura, q̃ harà, quiẽ lo ha prouado,
Y lo prueua cada hora? eſtraña ſuerte,
Puede auer quiẽ aſsi corra a la muerte,
Cuydoſo d'otro, y de ſi deſcuydado?
Todo me han traſtornado,
Antes de los mis dias viejo, y cano,
No dexa en ſu ſer coſa eſte accidente,
Pudiera enternecer vna Serpiente,
Llamãdo noche y dia vn Nõbre en vano.

5

Anton.

Llamãdo noche, y dia vn Nõbre en vano
Fue tanta el anſia de las mis entrañas,
Que enternecidas vi las alimañas,
Paſſando dellas ſeguro, y cercano;
Y ſolo fue liuiano
Aquella fiera humana, y fementida,
A quien Amor ha dado ſus poderes,
Màs ingrata muger de las mugeres;
Quien todo lo lleuò, lleue la vida.

6

Iuan. Dime zagala, y como puedes ver
El Sol, porq̃ has jurado, y las Eſtrellas,
De dia viendo a el, de noche a ellas?
Quando puedes dormir? quãdo comer?
Que pienſas al tremer
De tierra, como ogaño? o ſi arde el cielo
Pienſas q̃ es burla? o que? no pieſes tal,
Que ſi vn rayo fue vano, otro hizo mal.

Y donde el no cayò, caya el recelo.

7

Anton.

Aquellos ojos tuyos, que al passar
No sé lo que callando me dezian,
Aquellos que la mi alma embaian,
Vn tiempo a mi plazer, otro a pesar;
El dulce murmurar
Con la tu compañia, y de color,
Mudarte a cada passo, en vn momento,
Soltaste todo oluidadiça al viento,
Y viues, muero yo, sufrelo Amor.

8

Iuan.

Hasta quando serè tan ciego yo? hasta
Quando, tan sin razon, y sin sentido?
El tiempo, y la razon piden oluido,
Amor solo no quiere, y solo el basta;
Quien ansi me contrasta,
Que viendo claramente lo mas cierto,
Tome a la mano izquierda, y essa sigo?
Los oydos tambien cierro al castigo
Con mis cuydados vanos de concierto.

9

Anton. Mas dexadas vn poco las peleas
Dime; y qual señor fue nũca tan brauo?
Qual? que dixesse ansi, eres mi esclauo,
Yo no soy tu señor, ni sé quien seas;
A palabras tan feas,
Te trae el tu rancor? soberuia es esta,
ꝗ se pueda sufrir en dicho, o en hecho?
A que somos venidos, tiempo estrecho?
Assaz bastaua el mal, sin la respuesta.

10

Iuan. Quando luego te vi, vite piadosa,

Des-

Despues por te querer y por te adorar,
Subitamente te senti mudar:
Que es esto?es querer biẽ tã mala cosa?
Ah, vida dolorosa,
Ora se vaya el carro ante los Bueyes,
Los Peces retoçar vengan al prado,
A los Rios pascer vaya el ganado,
Ohi, ohi d'Amor estas sus leyes.

54

Amon. No siguio Ribero màs,
Antes como trasportado
Estuuo vn rato callado,
Pienso que te acordaràs,
Hablaua el poco, y d'espacio,
Mas siempre a tiempo, y lugar;
Ah buen pastor, si caçar
No se dexarà al palacio!

55

Toribio. No pensastes desta vez,
Que nadie os huuiesse oydo
Cantar, pero juro a diez,
Que mi parte me hà cabido.
Digoos que aqui me estuuiera
Todauia,
Hasta que passado el dia
La noche nos despartiera.

56

Seguios dende a buen rato,
Que os vi venir passeando,
Dexè al moço mi hato,
Y tras vos vine assechando,
Luego entre mi lo pensé,
Estos que van
Solos, quiçà cantaran;
O si tal fuesse? y tal fué.

Puseme aqui a escuchar
Tras esta sarça escondido,
El son, y el canto a notar:
Estoy como embeuecido.
Harto de tiempo passô,
Que en esto andaua;
Lo que tanto desseaua
A caso se me offreciò.

58

Anton. Toribio, vengas en paz,
Todo el bien de nuestra Aldea,
Llegate, ayamos solaz,
Que en ti todo bien se emplea.
Y porque eres verdadero,
Te pregunto,
Como te parecio a punto
El cantar nuestro estrangero?

59

Toribio. Anton, a dezir verdad,
Pues con ella me esconjuras,
Gran bien es la claridad,
No te pienso hablar a escuras,
Quanto a mi, no soy mas de vno,
Quanto a todos,
Digo que en lo de los modos
Se quiere juzgar cada vno.

60

Vna vez fuy yo en Villa,
Ques menester màs palabras,
Dieranme ende vna escodilla
De vnos como pies de cabras.
Yo dubdaua de comellos,
Mas despues
Comi vno, y dos, y tres,
Comi las manos tras ellos.

61 An-

Anton. A ti todo se te entiende,
Que has hecho dello mil prueuas,
Mas muchos otros por ende
Alaban las cosas nueuas.
Torib. Si, mas cõ tu paz cõcluyo,
Que no luego,
Primero se sopla el fuego,
El despues arde de suyo.

62

Iuan. Andar contra la costũbre,
Es nadar contra la vena,
Forçado es que te deslumbre,
Aunque tengas buena lena:
Y mas en tierra do tanto
El vso vale,
Si alguno del hilo sale
Encomiendese a buen santo.

63

Torib. Vn Raposo dio mil saltos
Por alcançar los parrales,
Nunca pudo que eran altos,
Dixo de las huuas males:
Que eran verdes, mal bocado
Mi fé amigo,
Claramente te lo digo,
Hablas como lastimado.

64

Antõ. Ora el murmurar dexemos
Que es mal, que mucho se piega,
De cantar tambien te plega
Yà que nòs cantado auemos.
No aya aqui mas rodeos,
Que tambien
Sabemos que cantas bien,
No nos mates a desseos.

65 Iuan

Iuan. Alguno ha de començar,
Nòs bien, o mal yà cantamos,
Tu tambiem has de cantar,
Vnos de otros nos riamos,
El ganado sestearà
Por la calor,
Aunque al cantar de Amor
Quien corriendo no vendrà?

66

Toribio. No lo digo,porq̃ quiera
Màs palabras,ni màs ruegos,
Mas porq̃ ardo entre dos fuegos,
Que mucho escusar quisiera.
No cantar, criança es mala,
Y cantar mal;
El se lo dize, que es mal,
Vuestra mesura me vala.

67

Iuan. No te aprouechan escusas,
Yo lo juro, este lo jura,
El lugar es de las Musas,
Sombras, aguas, y verdura.
No te puedes escusar,
Ni es razon,
Mira que te escucha Anton,
Empieça amigo a cantar.

68

Toribio. Auiendo de cantar yo
Ante vos, aunque me atreuo
A mucho, de que sinò
D'Amor cantar puedo, y deuo?
Dioses, Luna, Sol, y vientos
Todo manda,
Qual dirè, Amor en que anda?
No, mas la de mis tormentos.

Can-

Canta.

Del mi tormento vencido,
Lo que sé, lo que no sé,
Quanto mandardes diré.

Voltas.

1

Mas mirad que si dixesse
Aquello, que no pensara,
Que essa crueldad tan clara,
No pensé que en vos la huuiesse.
Quereis saber lo que fuesse,
Y desse modo a la fé,
Sabreis lo que nunca fue.

2

En pena, que tanto obliga
Que no me dexa, ni auaga,
Hare, que mandais que haga,
Dirè, que mandais que diga,
Lo que siguiere se siga,
Que en tal tormento a la fé,
Lo que haga, o diga, no sé.

69

Anton. No te quiero dar loores,
Toribio, ni dezir más,
Sino que con tus amores,
D'amores muerto nos has.
Hablo ansi como lo entiendo,
Hable el maestro.
Iuan. Si callando, no lo muestro,
No lo mostrarè diziendo.

70

Ant. Pues yo, quãto a mi, depresto
Te lo digo aqui delante,

Que

Que he de ser villano en esto,
Porfiando que màs cante.
Avudame ora a rogallo,
Iuan, te ruego,
Y si no bastare el ruego,
Ayudame ora a forçallo.

70

Iuan,

No faltaré de mi parte
Alomenos, al rogar,
Con quien Dios tambien reparte,
No se deue de negar.

Toribio.

Fuerça es esta, a la fé mia,
Soy tomado.
Bastará vuestro mandado,
Quanto màs tal cortesia.

Canta.

Mientras que tanto a los ojos
Me obligo, y tanto al cuydado,
Ved amor qual me ha parado.

Voltas:

1

Para ques mas? yo soy muerto,
No pensé que era el mal tanto,
Hanme traydo en concierto,
Soltòse todo en mas llanto.
Descuydème, y entretanto
Que amor me vio descuidado,
Vio tiempo, y tuuo cuydado.

2

Hame trastornado el pecho
Sin dexar cosa en su ser,

Es ſuyo, pudolo hazer,
Mas gran crueldad ha hecho.
Yo anſi de que aprouecho,
Cruelmente lo ha penſado,
Que mejor fuera acabado.

71
Toribio.
Amigos ya cantado he,
Hize lo que me mandaſtes,
Por el vueſtro amor cantê,
Y vos por mi no cantaſtes:
Perdonadme ſi me atreuo
En tal razon,
Que en verdad es mi opinion,
Que en lo vno, y otro os deuo.

72
Iuan.
Mucho te lo agradecemos,
Y deſtos, y otros cantares,
Mil vezes te cantaremos,
Si tu mil vezes mandares.
Toribio.
Tambien yo de ſer villano
Tengas miedo,
Como dizen dale el dedo,
Y tomarate la mano.

73
Iuan.
Si muchos tales paſtores
Huuieſſe en nueſtras montañas,
No ſe irian los loores
Todos a tierras eſtrañas.
Anton.
Aqui buenos naturales
Suele auer,

Mas juzgar fin aprender,
Nos daña nueftros zagales.

74
A rifa màs que a pefar
No fe como defenderme,
Que fe le quiere igualar
El que duerme al que no duerme:
Trabaja con cuerpo, y efprito
Noche,y dia,
La caça mata porfia,
Y a buen bocado, buen grito.

75
Viene el delicado,y tierno,
Que paſsô fu tiempo en vano,
Tendido al Sol en Inuierno,
Por la fombra en el Verano.
Entonces medio dormiente
Como jaze,
Dezir folo no me plaze,
Es razon muy fufficiente.

76
Iuan.
Es lo que dezis fin falla,
Mas cada vno allà lo vea,
Aunque Toribio fe calla,
Dios fabe lo que el deſſea,
De cantares eftrangeros
Gran fed mueftra,
Si la deuda a cafo es nueftra,
Pagarlahemos fin dineros.

77
Anton.
Qualquiera cofa que venga,
Que Toribio de mi mande,
Por màs que cierta la tenga,

Y antes que pequeña grande,
Sea como se acertare,
Malo, o bueno,
Que hurtarè yo de lo ageno,
Quando el mio no bastare.

78
Iuan.
Con desseo de ver tierras
Huue de passar los puertos,
Puseme a las blancas sierras,
Rios de yelo cubiertos,
Allá que pastores vi,
Tan enseñados
A cantar versos rimados,
Que plazer, que ende senti?

79
Vino vn dia vn viejo cano,
Combidamosle a cantar,
Tomó la çampoña en mano,
Tocò, boluiola a dexar.
Todos, sobre todos yo,
Desseando
De oyr màs, y porfiando,
El buen viejo ansi cantó.

1
Los manjares de Amor son coraçones,
Humanos ojos son las claras fuentes,
En que el mata la sed, sus dulces sones
Son los sospiros de los innocentes,
Que el trata cruelmẽte en sus prisiones
Todos enagenados de las mentes.
Cuydados, zelos, cuytas, esto os dà,
Lo que no tienẽ Amor como os darà?

2

eis que vâ desnudo,y que no lleua,
con que haga mal, y biẽ ninguno?
as,arco,y fuego,con que os prueua
ı todos los tormentos vno a vno:
vno a vno os is dando la nueua,
es falso,q̃ es sin fê,q̃es importuno;
es esto me dezid hõbres perdidos?
que ojos no teneis, tened oydos.

3

u que fingimiento es este tuyo,
ño desnudo, desarmado, y ciego?
yes si voy a ti,buelues si huyo,
ra vencedor , vencido luego.
que no tiene Amor cosa de suyo!
os las armas les damos, nos el fuego;
ereis su diuindad ver tan loada?
orid los ojos bien, no vereis nada.

4

o os pongã miedo sus espãtos vanos,
olued por vos vereis como esuanece,
n cuerpo d'ayre sinfuerça,ysin manos
quien osado en campo se le ofrece;
n engaño comun de los humanos,
n como encantamiento, q̃ enloquece,
Niebla,que solo vn soplo la lleuanta,
Niño,que otros como el,niños espãta.

80

Cantado que el buen viejo huuo,
Toda aquella nuestra gente
Como personage estuuo,
Yo tambien por consiguiente.
En fin,que licencia toma,
Y adeuino,
Que era pastor peregrino,
Que iua en romaria a Roma.

Mas no es bien que passe ansi,
Y que solo Anton se quede
Sin cantar, que juro a mi,
Si quiere, que sabe, y puede.
Sino, que nos quexaremos
Al mayoral,
Mas la çampoña zagal,
Tomado ha, bien lo tenemos.

82

Anton. Aueis tan corteses sido,
Vno luego, otro despues,
Que aunque aya quedar corrido,
Sea antes, que descortes.
Mas la çampoña Aldeana,
No os dirà,
Sinò vn cantar de acá,
Destos de la tierra llana.

Canta.

Quando tanto alabas, Clara,
Blas, que a luchar se desnuda,
La mortal de la mi cara,
Que frios sudores suda?

Volta.

1

Ora alabas tal blancor,
Discurriendo pieça a pieça,
Que no queda sin loor,
De los pies a la cabeça.
Quien tal del mundo pensara,
Aunque cada hora se muda,
Verte contra ti tan clara,
Verte contra mi tan cruda?

Llamasle madexas d'oro,
El hablar blando,y fuaue,
Las fuerças de vn brauo toro,
La ligereza de vna Aue,
Comigo el alma no pàra,
Huyendo a fu cuyta aguda,
Quando tu aficion difpára,
Y al gefto fale defnuda.

3

Tambien de los mis enojos,
De las mis vafcas,y fuegos,
Son teftigos muchos ojos,
Que los ven hafta los ciegos.
Las mudanças de mi cara,
El mi pecho, que amenuda,
Los mis fecretos declara,
Sola mi lengua eftà muda.

4

Trifte, y en lucha tan eftrecha
A braços con los fentidos,
Que Blas caya, que aprouecha,
A quien tiene ojos,y oydos?
Y aunque yo dello dubdara,
No dexas lugar de dubda,
A quien de tus ojos, Clara,
Nunca los fus ojos muda.

5

Entre dos males tamaños,
Que no fé dellos qual vença,
Grandes miedos de mis daños,
Grandes de la tu verguença.
Si del todo me pafmara
(Que era de pafmar fin dubda)
El fefo al mal ayudara,
Que aora me defayuda.

Toribio.

Mejor es, que hombre se calle,
Que hablar poco en tus loores,
Mas bendito sea el valle,
Que lleua tales pastores.

Anton.

Yo me estaua como vn bobo,
Ansi escuchando,
Mas quien viene allà trotando
En la conseja? es el Lobo?

84

Pelayo.

Amigos vengo pasmado,
Y aun medroso, y no poco,
Que anda aqui cerca emboscado
Vn zagal, daldo por loco;
Y aunque son muy diuersos
Los modos de enloquecer,
A quanto pude entender,
Anda componiendo versos.

85

Iuan.

Dale por mal remediado,
Si tal dolencia es, qual dizes,
Comerseha engolosinado,
Las manos como perdizes,
Quando arden todas tus venas,
Y luego temblan de frio,
Para todo ay cosas buenas,
A esse mal todo es baldio.

86

Anton.

D'esse morirsehan de risa
Todos del en su persona,
Quando sus versos entona,

Y el estasse vn Rey en Frisa.
Dexale Pelayo hermano,
Que puesto q el mal no es poco,
El querer curar vn loco
Es trabajar siempre en vano.

87

Pelayo.

Cosa es que os espantarâ
El camino no es tan luengo,
Si quereis vamos allá,
Y sino visto lo tengo.

Toribio.

Vamos, andad, abalemos,
Que gana tengo de oyllo,
Lleguemos allá Carillo,
Que harto tiempo tenemos.

88

Pelayo.

Venid que bien lo podreis
Ver, y juzgar quando abonde,
Mas no sienta que lo veis,
Porque al momento se esconde.
A la fé yo dixe, y hize,
Veis que en la frente se hiere,
Semejame, que hablar quiere,
Escuchad bien lo que dize.

89

Alexo.

Engañome el mal estraño,
Pensé cuytado que os via,
Mas bien, que no mal seria
A durar solo el engaño.

90

Iuan.

Si la vista no me embrusca,

Mirolo de luengo en ancho,
Este es Alexo el de Sancho,
De quien el viejo anda en busca

91
Anton.
Quiçà, si es assombramiento,
Ni veo que otro ser pudo,
Que no se via, entre ciento,
Otro zagal tan sesudo.
Iuan.
Moço, para dar consejo,
No es cosa muy segura,
Mal asiento haze locura
En la cabeça del viejo.

92
Alexo. 2
Los mis desseos sandios
Que adrede a su mal se dieran,
Para vos, que nunca vieran
Guardan estos ojos mios.

93
Toribio.
O buen de mi, y que bueno,
Que cosas dezir se dexa?
Quien del mal tambien se quexa
No està de si muy ageno.

94
Alexo. 3
Que remedios se conuienen
A tan varios pensamientos,
Que vnos se van con los vientos
Otros con ellos se vienen?

95
Anton.
No veis con que ansia sospira,

Que hermofo, que biẽ difpuefto,
Veislo allà buelto tan prefto,
Veislo que buelto acà mira.

96

Alexo. 4

A todas partes penfando
Verte miro,y no te veo,
Sino muere efte deffeo,
Morir me he yo deffeando.

97

Iuan.

Segun fuenan las palabras
Amigos defte muchacho,
Es que Amor le dà empacho,
Ni el bufca aqui otras cabras.

98

Alexo. 5

El mi coraçon liuiano,
Fueffeme, no fè tras quien,
Van bufcando efte fu bien,
Tras el los ojos en vano.

99

Anton.

Ora ved lo que he penfado
En efto que vì que es poco,
Empero nunca vi loco,
Que no fueffe enamorado.

100

Alexo. 6

Efte mi mal tan eftraño,
Efta mi cuyta fi os vieffe,
No puede fer que dolieffe
Por mucho que fueffe el daño.

101

Iuan. Yo os digo efto en mi tino.

Escuchadme ora si os plaze,
Cierto, amor mucho mal haze,
Pero sabed, que es diuino.

102

Alexo. 7
Que la mi vida se vea
En tanta cuyta, y fatiga,
Pues la ventura enemiga,
Pues Amor quiere, ansi sea.

103

Anton. Amor maluado, y no tal,
Como del dizen, se nombra,
No lo dexa a Sol, ni a sombra,
Haze como suele mal.

104

Alexo. 8
Por vn bosque tan sombrio,
Por puertos tan mal seguros,
Entre enemigos tan duros,
Que descuido es este mio?

105

Torib. Catad, catad mis pastores,
Por cierto bien le entendiste,
Iuan quando luego dixiste
Que su mal era de amores.

106

Alexo. 9
Sea pues lo que se fuere,
Coraçon mio engañado,
Que este soberuio cuydado
Todo lo que quiere, quiere.

107

Pelayo. No se puede màs burlar.
Que a la fé que no es buen juego,
Vamos a buscar vn Grego,

Que

Que lo venga a esconjurar.

168

Alexo. 10

Aquel cuydado, que en medio
De mi pecho el alma abrio,
A quantos males me dio,
No me dio solo vn remedio.

109

Antõ. Hablò contigo, o con quiẽ?
No ves que dixo el zagal,
Ansi se quexa del mal,
Que me semeja que es bien.

110

Iuan. Miraua a la clara fuente,
Que tan hermosa en la peña
Viua, del alto despeña,
Allà te espero pariente.

111

Toribio. Yo tambien allà me irẽ.
Que nunca tuue tal sed,
Sino la mato, sabed,
Que muerto della serè.

112

Pelayo. Tu tãbien corres Anton,
No veis la priessa que lleua.
Antõ. No me ternan q̃ no beua,
Quantos en el mundo son.

113

Pelayo.

Ques esto? miedo he que ciegue
De sed, antes de beuer,
No hago sino correr,
Y no sé quando allà llegue.

114

quedan encantados.

Anton. Viſte jurar Violante,
Viſte, que fue por demàs,
Como quieres tu que cante?
O rios bolued atras,
Vos montes id adelante.

115

Torib. El boſque arde al rededor,
Tira Amor tiros a pares,
Piedad, piedad ſeñor,
Quando mas crueldad penſares,
Miembrete, que eres Amor.

116

Pelayo. Por eſtos buenos abrigos
Ay que zagala, Leonor,
Son me los ojos teſtigos,
Viua, reyne, y vença Amor,
Y mueran ſus enemigos.

117

Iuan. Fuerte ceguedad eſtraña,
Que nos a todos deſtruye,
Vèmos que es incierta, y vana,
Vemos que la vida huye,
Y andamos de oy en mañana,

A

A NVNALVEREZ

PEREIRA.

EGLOGA OITAVA.

BASTO.

1

POllas ribeiras de hũs rios,
Por onde cantaõ as aues,
Por entre bosques sombrios,
Depois de contos mais graues,
Ouui destes mais baldios.
E porque eu tambem me afasto
Do pouo, que me nam veja,
E tras si me leue a rasto,
Vede do tempo, em que gasto,
O que me às vezes sobeja.

2

Em quanto hũ joga, outro caça,
Outro dorme, outro trasfega,
Outro murmura na praça,
E co mal deste se rega,
E co bem destoutro embaça.
Hum de si se preza tanto
Que sô cuida, q̃ enche as festas;
Outro sospira, & faz pranto
Co a natureza entretanto,
Fallemos pollas florestas

3

Grande sinal de saude
He ter tudo à parte posto,
Olho sómente à virtude,
Ledo, ou triste, o mesmo rosto,
Que nam ha quem volo mude.
Por demais tudo aporfia,
Cum peito tam liure, & sam,
Que tomou tam certa guia,
Daqui nasce a presunsam,
Cuidam que da fidalguia.

4

A virtude he paga igual
De si mesma sem mais troca,
Mas tratemos ora d'al,
Sabese, que vos nam troca,
O bem, nem menos o mal.
Quem sabe por onde vay
Leua sua conta feita,
Nunca do caminho say,
Nam olha a quem diz tomay
A esquerda, ou à direita.

5

Ambos nos temos à banda
De Gil, que ahi vos enuio,
Por onde a menos gente anda,
Eu porem nam aporfio,
Que a cada hũ seu gosto manda.
Mas nam faltam contendores,
Seja a razam a que vença,
Estemse à parte os fauores,
Ouui vòs os meus pastores,
Outrem parta a desauença.

* * *

PAS-

PASTORES
DA EGLOGA.
Basto, Bieito, Gil.

6

Basto.

COmo corre, & como atura
Quem vay apos o seu gosto,
quer por frio, quer quentura,
E no suor do seu rosto
Busca às vezes mà ventura.
Sem guia, & sem esconjuro
Cos medos se desafia,
Sò vay afouto,& seguro,
De noite pollo escuro,
Por montes hermos de dia.

7

Este appetite que digo
Quem o desse à mà maleita,
Que traz mil artes consigo,
Guarte delle, que t'espreita.
Por dar dauesso contigo.
Rostro ao si,& rostro ao nam,
A fortuna he feita assi,
Mal a conhece o vilaõ,
Cuidas que a tens na maõ,
Estàse rindo de ti.

8

Onde quer o demo jaz,
Para auer de embicar nelle,
Topey cum Lobo roaz,
Fuyme cos meus cães tras elle,
Tiue de fadiga assaz,
Eis que traspõe, eis que assoma,
Desfazlame correndo,

Toma aqui caó, alli toma,
Cego da porfia, em ſoma
Fuyme traſpondo, & perdendo.

9

Iſto, a quem nam acontece?
Seja porem na mà ora,
O tempo deſaparece,
Eſtamſe rindo os de fora,
A nòs nam no lò parece.
A correr, & dar à choca,
Eſte deſafia mil,
Vende aquelle, compra, & troca,
Outro traz graças na boca,
D'outro falla o Arrabil.

10

Cuida, que as namora todas,
Hum que ſe tem por fermoſo
Vaiſe ás feſtas, vaiſe às bodas,
Tenhome eu co dadiuoſo,
Que vnta o carro, andã as rodas.
Grandes couſas capa em colo
Conta (ſe ellas aſsi ſam)
Que me dam volta ao miolo,
Deue de me ter por tolo,
Eu a elle porque nam?

11

Como Lontra, jaz no rio,
Hum que o ſeu gado mal paſſa,
Elle peſca, ora com fio,
Com cana ora, ora com naſſa,
O outro anda ſempre em cio.
Outro resfriada a chama
Parte, & deixa a molher noua
Dando voltas polla cama,
E por neue, & polla lama,

Cor-

Corre cos feus cães à proua.

12

Vay afsi, jà ha muitos dias
Que naõ torna atraz ninguem,
Bebemos das bem querias,
Que cada hum configo tem,
Damos deffas razões frias.
O bom Gil fendo mais moço
Muita da terra correra,
Vendo hũ, vẽdo outro aluoroço,
Co feu fardel ao pefcoço,
A fer paftor fe acolhera.

13

Ora elle, afsi paftor fendo,
Se primeiro andara mal,
Foy apalpando, foy vendo
Entre nòs, que era outro tal,
Tambem fe foy delambendo.
Hũa vez lama, outra pò,
Sempre homẽ anda achacado,
Deu inda mais outro voo,
Por milhor ouue andar fô,
Que afsi mal acompanhado.

14

Era grande amigo feu
Bieito, & vendo a mania
Configo hum dia là deu,
Tiueram grande porfia,
Hum & outro rezões deu,
Naõ hà quem fenam deffenda
A pareceres alheos;
Antes dez quedas que emenda;
Contaruos ey da contenda,
Sem meter verbos nos meos.

15

Biei-

Que he iſto Gil, que aſsi triſte
Te nos fez eſte anno Abril,
Naõ ſey que demo tuuiſte,
Que ja nam pareces Gil,
Dize onde te nos ſumiſte?
Vlo aquelle grande amigo,
Vlos os boſes lauados,
Daquelles do tempo antigo,
Que o ſegredo, & o perigo
Nam nos trazia encubados.

16

Aſsi tam ſô te vieſte,
Tomaſte forte burram,
Tantos amigos vendeſte
Por nam ſey q̃, nẽ que nam,
Que nem a mi ſô o diceſte.
Ora dize, ſe te apraz,
Depois de tanto Sol poſto,
Tal inchaço inda em ti jaz?
Arrenega o mal, que traz
Sempre conſigo mao roſto.

17

Tu olhaſme de traués,
Parece que a mal o tomas,
Mas ſe tu Gil inda eſte es,
Naõ ey medo, que me comas,
Por mais mudado que eſtes.
Que inda que certo ajas feito
Hũa tam forte mudança,
Que te tem como desfeito,
Deſte nome de Bieito,
Se quer has de ter lẽbrança.

18

Muytas vezes imagino,

Gil amigo, em ti cuidando,
Na brandura, & bõ enfino,
Que departias, eftando
Duas horas cum menino.
Olha bem, olha o que fais,
Tinhas tantos de bós modos
Cos iguais, & nam iguais,
Quando eftauas bẽ cos mais,
Das que em ti fallar a todos.

19

Que fe fez do teu cantar?
Ninguem nam cantaua afsi,
Mas para que he preguntar,
Senam, que fe fez de ti,
Onde te iremos bufcar?
Nam ha hora tanto efpaço,
Quando Genebra cafou
Com Gregorio teu collaço,
Quẽ teue rofto aos do paço,
Quem tangeo, & quẽ cantou.

20

Morreote o gado meudo?
Foy hum andaço géral,
Nam fe pòde lograr tudo,
Virà bem apos o mal,
Sofre, que fofre o fefudo.
Arrenega dos affanhos,
Ià os deuias ter prouados,
Naõ faõ os males tamanhos,
Se efteMarço nã foi d'anhos,
Outros viram melhorados.

21

Gil. Seja, amigo meu Bieito,
Efta vinda em hora boa,
Eu digo amigo efcolheito,

Cmo

Como quem o leite coa,
Que deça limpo ao seupeito.
E respondendo ao que dizes,
Vezme fardel, & cajado,
Bom sinal he que às perdizes
Nam vou armando boyzes,
Ando apos este meu gado.

22

Espreito, andando, o q̃ quer,
Parece que folga mais
Por agora de pacer
Por esses andorriais,
Faça como lhe aprouuer.
Que por certo homem dirà
Nas cousas, q̃ naõ saõ certas,
Eisnos cà, & eisnos lâ,
As vezes no pior se dà,
As vezes tambem acertas.

23

O mais, que peza, ou que val,
(A nos parecenos muito)
Diz Toribio, & dìz Pascoal,
Palauras vãs, & sem fruito,
As vezes inda sem sal.
Quãdo a bibora no àr morde
Por mais peçonha que traga,
Não temas q̃ inche, ou q̃engorde,
Nam ajas medo que acorde,
Bradando polla triaga.

24

Ves tu cousa, que estê queda?
Ora he noite, ora amanhece,
Ora corre hũa moeda,
Ora outra, tudo enuelhece,
Tudo tem no cabo a queda.

Nas Villas hũ baylo dançam,
Em que todos ao som andam,
Hũs cà, outros là se lançam,
Como a tanger naõ alcançam,
Mais pès, nẽ braços naõ mandaõ.

25

Do sangue, & leite empollado
O Bezerrinho viçoso
Corre, & salta pollo prado,
Depois laura preguiçoso,
Tira o seu carro cansado.
Cos dias, & co trabalho
O brincar d'antes lhe esquece,
Nam he jà, o que era ao malho,
Cortese, leuese ao talho,
O boy velho, que enfraquece.

26

Bieito. No começo os erros tem
Bom remedio, ao diante
Temno mao, senaõ vas bem,
Pior iras mais âuante,
Torna atras, que te conuem.
Nam o tenhas por amigo,
Quẽ te anda sempre à vontade,
Dissimulando contigo,
Lembrete do dito antigo,
Que enfada muito a verdade.

27

Mal vay, quem sempre empeora,
E que lingoa a dos pastores,
Hum olho ri, outro chora,
Vem hum diz, que sam amores,
Outro diz, que he mal de fora.
Hum se torce, o outro diz.
He mao jogo este das lingoas

Ou

Ou tal fiz, ou tal nam fiz,
A cada canto hum juiz,
Vêse em tãto àpraça as mingoas.

28

Gil. O moço q̃ entra em terreiro,
E nam toca o chaõ de leue,
Pollo àr voa o pandeiro,
A toda a festa se atreue,
Elle sô co seu parceiro.
Este tal bayle, este cante,
Este seus jogos ordene,
Corra, voe, & passe àuante,
Este voltee, este espante,
Este dè penas, & pene:

29

Mas quem ja se vem das pontas
Nam acha o que soia em si,
Comece entrar noutras contas
Ouui jà milhor, & vi
Suar, & passar afrontas.
Vez o tempo como foge,
Corre o dia apos o dia,
Queres que homẽ nam s'anoje,
Que me naõ conheci oje
Nũa fonte, em que bebia:

30

E porque tudo te conte
De quanto me aconteceo,
Quando me tal vi defronte,
Dos olhos agoa correo,
Mais que corria da fonte.
Passouseme a sede em fim,
Que me aquella agoa trouxera,
E a tal desacordo vim,
Que quando torney em mi,

Grande

Grande espaço o Sol correrá.

31

Bleito.

Come de toda a vianda,
Nam andes nesses antejos,
Nam sejas taõ vindo à banda;
Temte ás voltas cos desejos,
Andaipor onde o carro anda.
Vez como os mundos saõ feitos,
Somos muitos, tu sô es,
Poucos saõ os satisfeitos,
Hũ esquerdo entre os direitos
Parece que anda ao reuez.

32

Dia de Mayo choueo,
A quantos agoa alcançou,
A tantos endoudeceo,
Ouue hum sô que se saluou,
Assi entam lho pareceo.
Dera vista às sameadas
Essas,que tinha mais perto,
Vio armar as tronoadas,
Alongou mais as passadas,
Foyse acolhendo ao cuberto.

33

Ao outro dia hum lhe daua
Paparotes no nariz,
Vinha outro que o escornaua,
Hi tambem era o juiz
Que de riso se finaua.
Bradaua elle homens olhay,
Hiam lhe co dedo ao olho,
Disse entam,pois assi vay,
Nam creo logo em meu pay
Se me desta agoa nam molho.

34

Apayxonado qual vinha
Achou num charco que farte,
O conſelho auido o tinha,
Molhouſe de toda a parte,
Tomoua como mezinha.
Como o viram lá correram,
Hum que ſalta, outro que trota,
Quantas graças que fizeraõ,
Lógo todos ſe entenderam,
Eylos vam nũa chacota.

35

Gil.

Tu ſabes, que me obrigara
A eſta vida de paſtor?
Vinha muy corrido à vara,
Cuidey que era ella milhor,
Como quem a nam prouara.
Determinauame já
De andar com minhas ouelhas,
A conta ſahiome mà,
Màs fadas ha cà, & là,
Como bem dizem as velhas.

36

Andey dàquem para alem,
Terras vi, & vi lugares,
Tudo ſeus aueſſos tem;
O que nam exprimentares,
Nam cuides que o ſabes bem.
E âs vezes quando cuidamos,
Que algũa couſa entendemos,
A cabra cega jugamos,
Acheyvos cà fortes amos,
Querem que os adoremos.

37

Para as coufas, que acontecem
Quando os bufcas, ora o fono,
Ora achaques mil te empecem,
Ao trofquiar achas dono,
Nas preffas nam te conhecem.
Tudo lhes o demo deu,
Tê rezões màs que nos dam,
Quando te haõ mifter es feu,
Quando os has mifter es teu,
Que nam tês amos entam.

38

Effa vez que faem à rua
Eftremece toda Aldea,
Elles bebem, & homem fua,
Doelhes pouco a dòr alhea,
Querem que nos doa a fua.
Inda que o dano he em groffo
Poderao difsimular,
Ifto parceiro nam poffo,
O entendimento que he noffo,
Naõ no lo querem deixar.

39

Pollo qual co meu fardel
Fogi das voffas Aldeas,
Naõ trago nos beiços mel,
Que naõ fou crefta colmeas,
Nem poffo fer miniftrel.
A faudade naõ fe eftrece,
Mas cahiome hum coraçaõ
Em forte que muito empece,
Que outro fenhor naõ conhece,
Saluo juftiça, & razaõ.

40

Entaõ queixome a ti lògo,
Que em cafos, que aconteceraõ,

Vime por elles no fogo,
Bràdei, & naõ me valeraõ
Brados,queixumes,nem rogo.
Asſi me ſahi,meu quedo,
E quedo, & farâ hum dia,
O que outro naõ fez , & ey medo
De ver mòr vingança cedo,
Do que jágora queria.

41

Bieito.

Trouxeſſeme ora à ſembrança
Aquelle amigo foaõ,
Que ao tempo deſſa mudança
Tua;foyte aſsi à maõ,
Como a quem os dados lança.
E lembrame ora bem tudo
(Que era eu hi no tal enſejo)
Inda que entaõ me fiz mudo,
Faloute como ſeſudo,
Pareceme ora que o vejo.

42

Seja (diſſe elle) em boa hora,
Que eu tambem entre eſte gado,
Fazendo contas cada hora,
Cada hora me acho enganado
Deſta eſperança trédora.
E diſſe ey que me acontece
Quando neſte valle eſtou,
Qualquer outro,que aparece
Muito milhor me parece,
Naõ he aſsi quando lâ vou.

43

Aſsi diſſe aquelle amigo,
Agorá digo eu que ey medo,
Quando debates contigo

Que te estem mostrando ao dedo
Gomez, Gonçalo, & Rodrigo.
Naõ queiras ir muito ao fundo,
Inda que ora tanto entendas,
Nesta sô razaõ me fundo,
Naõ has de emendar o mundo,
Por mais razões que despendas.

44

Perigosa he a dianteira,
Deixa ir diante os mais velhos,
Com a paixaõ tençoeira,
Nunca ajas os teus conselhos,
Sempre foy mà conselheira.
Quem consigo traz rancor,
E em espreita anda do mal,
Nunca lhe falece dòr,
Mas se o bem igual naõ for,
Seja o coraçaõ igual.

45

Gil.

Se cos teus olhos naõ vejo,
Nem ouço cos teus ouuidos,
Todo o debate he sobejo,
Regeste por teus sentidos,
Tambem pollos meus me rejo.
Comes tubaras da terra,
Eu naõ nas posso comer,
Nem hum, nem outro naõ erra,
Pera que he sobre isto guerra?
Come o que te bem souber.

46

Naõ digo que cada hum faça,
Quanto lhe à vontade vem,
Que essa seria mà graça,
Mas entendo o saber bem

Do que se vende na praça.
Porque o tempo fez aballo,
E somos em forte ensejo,
Inda leuanto outro vallo,
Que nos doentes nam fallo,
A quem mata o seu desejo.

47

Bem vejo que a verdade era
Ir pollo fio da gente,
Cos muitos te respondera,
E o amigo, & o parente
Que murmurar naõ tiuera.
Porem asi sô nam minto,
Nam finjo, nam lisongeo,
Se sou farto, ou sou faminto,
Que mao he, o meu destinto
Antes seguir, que o alheo?

48

Vou fugindo âs armadilhas,
Que vi com manha esconder,
Nam quero ouuir marauilhas
As vezes muy màs de crer,
Da mâ mây nascem màs filhas.
Querem que homẽ ouça, & crea,
Não ja eu, crea o nosso Ioane,
Crea o baboso d'Aldea,
Que tras sempre a boca chea
Das filhas de Dom Beltrane.

49

Olha se a rezam concrude,
Es doente, teu pay nam,
Digo outro tal da virtude
Polla ventura es tu sam,
Porque teu pay tem saude?
Naõ, que cumpre outra mezinha

Olh

Olhe cada hum por si,
O bem nam he como tinha,
Nam se pega tam asinha,
O mal pode ser que si.

50

Leme primeiro outra lenda,
Deixaraõte os teus passados
Do gado, & vinhas de renda,
Olha que andaõ mesturados
Os encargos co a fazenda.
Cumpre a cada hum que arribe,
Por si se deseja a honra,
Nam dizer bons donos tiue,
Que quem como elles nam viue,
Tanto mais sua deshonra.

51

Bieito.

Pois contigo a razam val,
Vejamos qual mais conjunta,
Olha, que todo animal
Fraco, ou forte aos seus se ajunta
Por destinto natural.
As pombas andam em bandas,
Altos vam os grous em haz,
Estas andorinhas brandas
Naõ querem de nòs viandas,
Querem companhia, & paz.

52

Toma exemplo no teu fato,
Que o trazes junto em rebanho,
Naõ rez, & rez polo mato,
Té o carneiro tamanho
Se atras fica he lambeato.
E inda ham mister mastins,
Inda funda, & cajado haõ,

Que a estes lobos roins,
Que decem doutros confins,
Te ajudem assentar a maó.

53
Eu vi ja sobre isto apostas,
Contase do Elefante,
O que tras a torre às costas,
Que ha mister quem o leuante,
Se dà consigo de costas.
Senaó fosse essa prestança
Da falla, & razaõ do homem,
Por forças elle que alcança,
Mister ha fazer liança,
Senaó maos bichos o comem.

54
E nesta aliança tal,
Que te digo, inda naó meto
Saluante a do meu igual,
Dos outros naó me entremeto,
Mas fique dito em gèral,
Como no mundo apontamos,
Tanto que em terra cahimos
Do chorar nos ajudamos,
Socorro, & ajuda pedimos,
Nòs sôs pera que prestamos?

55
Fuyme hum dia à Villa, Gil,
E logo ao sayr de casa
Mais verde que hum perrexil,
Cuidey que mataua a brasa
De galante, & de gentil.
Bem passey cos viandantes,
Mas depois, quando là cheas
Vi ruas d'outros galantes,
Se eu viera vsano d'antes,

Naõ torney tal às Aldeas.

56

Dezia hum vendome asſi,
Bom vay o do barretinho,
Nunca o tam figadalgo vi.
Chamauaõme outros ratinho,
Hũs aſsi, outros aſsi.
Finalmente por acerto,
Vi alguũs noſſos de cà,
Deixeyos chegar mais perto,
Metime entrelles por certo,
Que tarde me colhem là.

57

Hum bacorote orgulhoſo
Deu viſta ao gado ouelhum,
De quexiquer eſpantoſo,
Trombejaua elle hum, & hum
Andaua todo brauoſo.
Vem hum dia o lobo, & apanha
Pella cabeça o doudete,
Abrandoulhe aquella ſanha,
Brada, à dos meus, em tamanha
Preſſa, ninguem arremete.

58

Vinham os porcos da Aldea
Mais atràs, grunhir ouuiràm,
Hum eſcuma, outro esbranca,
Eſtes ſi, que lhe acodiram,
Perdeo o lobo a ſua cea.
Elle ſolto vio que o gado
Da là branca eſtaua olhando
De longe, inda amedrontado,
Antes (diſſe) ſer mandado,
Que em tal perigo, tal mando.

Gil,
Fallaſme nos animaes,
A quem nôs brutos chamamos,
Que guardam leys naturais?
Nosoutros naõ nas guardamos
A iſſo obrigados mais.
Eſtes homẽs com quem tratam
Homẽs naõ, mas leõis brauos,
Por força tudo rematam,
Os leõis nam ſe reſgatam,
Nem ſe vendem por eſcrauos.

60

Para que mandem, nem rejam
Nam vam as agoas tingidas
De ſeu ſangue, ſe pelejam,
Nam alçam forcas eſguidas,
Em que às Aues manjar ſejam.
Nam tem repartida a terra
Por marcos tam deſiguais,
Por ſangue, por fogo, & guerra,
Com que hũ tẽ de ſerra a ſerra,
Outro nada, ou dous tojais.

61

He couſa para eſpantar
Da ley que entre ſi tem gralhas,
Que vendo a hũa queixar,
Decem correndo em batalhas,
Matamſe polla ſaluar.
Ora te direy aſsi,
Quem diz o que vio, naõ mente,
Guarda de imbicar aqui,
Que verâs paſſar por ti
O amigo, & o parente.

62

Quem nunca ouuio hum riſaõ

Mais corrente, & mais vsado,
Que he darem todos de maõ,
Quantos vem, & quantos vam
Ao carro, que està entornado.
Fallo, porem em géral,
Que alma, dizendo, isto afronta
Nam quero que cuides al,
Amigos do meu sinal,
Nam vam elles nesta conta.

63

Muitos dos vaos apalpey,
Aos trabalhos me despuz,
Desque cuidey, & cuidey
Dice comigo, ora sus;
Se erros fiz, erros paguey.
Cuida homem, que bem escolhe,
As singellas sò consigo,
Eu nam sey, porque se tolhe
O fugir, a quem se acolhe,
Donde vem certo o perigo.

64

Andando sô nam me empecem
Maos olhos, nem màs palauras,
Naõ me empecem se engafecem,
Por outros fatos as cabras,
Curoas quando me adoecem.
Porque tudo diga em soma,
Nam ey medo, que o cabrito,
Me furte o vezinho, & coma,
Aqui, se a paixam me toma,
Posso bradar voz em grito.

65

Que me nam ouça ninguem
Sómente as Aues, que tais
Duas auentagens tem,

Desses outros animais,
Voar, & cantar tambem,
Ou o som d'agoa, que cay
Rompendo pellos penedos,
Dece ao fundo, ao alto say,
Ella a grande pressa vay,
Elles para sempre quedos.

66

Ves tu a minha cabana?
Se o tempo se muda asi,
a mudo eu: Guiomar, nem Ana,
Naõ daõ voltas por aqui,
Mais leues, que ao vento cana.
Cantando dos seus solaos,
Que me facaõ merecer
Muitos destes varapaos,
Com seus olhos vaganaos,
Bons de dar, bons de colher.

67

Deixame ver este Ceo,
E o Sol em que vay tal lume,
Que a vista nunca sofreo,
Aquillo he vso, & custume,
Que tantos tempos correo.
Que claridade tamanha!
Que fogo nelle aparece!
Quanto rayo o acompanha!
Dizem que o mar de Espanha
Ferue quando nelle dece.

68

Cobrese logo de estrellas
Tudo quanto delle vemos,
Nascem dellas, põese dellas,
Olhamos, mas que entendemos,
Nem da Lũa, que està entrellas?

Que

Que se renoua, & reueza,
Ora em fio, ora em crescente,
Ora em sua redondeza,
Cada mes com que certeza
Semelha a da nossa gente.

69

Do mais, dizia Pascoal,
Sabes que he o que nos come,
Saõ mimos, que naõ he al,
Onde quer se mata a fome,
Mataõse apetites mal.
Pollo Sol, & polla neue
Natureza a grande madre,
Que emfim tambem no lo deue,
A tudo acudir se atreue,
Por mais que este vento ladre.

70

Do que ao meu gado sobeja,
Vou viuendo anno por anno
Pouco, ou muito, que elle seja,
A ninguem naõ faço dano,
Que naõ se ha do pouco enueja.
Parece a vida em verdade
Dos mastins gado, & pastor,
Como de communidade,
Com tal fome, & frialdade,
Tudo pòde, & manda Amor.

71

Leuo o meu gado, elle sigo,
Que inda saõ mais embaraços,
Dos que eu quisera comigo,
Passey por tantos dos laços,
Que olhar sómente he perigo.
No meu samarraõ metido,
Que mais quero? sou pastor,

Cà nunca chega apellido
De fogo, nem de arroydo,
Mal se for, mal se naõ for.

72

Aqui por estes abrigos
(Os mais debates deixemos)
Virmeaõ ver os meus amigos,
Ao Sol nos estenderemos,
Fallando em tempos antigos.
E despois dos meses mil
Quiçaes que inda dira alguem,
Olhando este meu couil,
Por aqui cantaua Gil
Sem queixia de ninguem.

73

Quando tudo era fallante,
Pascia o ceruo hũ bõ prado,
Hi veo hum cauallo andante,
Quis comer algum bocado,
Posselhe o ceruo diante.
Outra razaõ naõ lhe deu,
(Que eraõ pacigos gèrais)
Saluo posso, & quero, he meu,
Este meu, & este teu
Tanto ha ja que nos fez tais.

74

Vendo taõ pouca prestança
O cauallo d'antes forro,
Com desejo de vingança,
Pedindo ao homem socorro
Por terra a seus pès se lança,
Naõ pode à justa querella
Deixar de se pòr no meyo,
Mas foy necessaria a sella,
Poslha, & fezse forte nella,

To-

Toma a redea, prona o freo.

75
Asſi dam volta ao imigo,
O ceruo, quando tal vio,
Homem ao cauallo amigo;
Deixoulhe o campo, & fogio,
Foy buſcar outro pacigo.
O cauallo vencedor
Corre o verde, & corre o ſeco,
Fòra, fôra o contendor,
Ficoulhe porem ſenhor,
Naõ foy tanto o outro enxeco.

76
Quem ha tal medo à pobreza,
Tal à fome, & frialdade,
Que por ouro, & por riqueza,
Dà a ſó rica liberdade,
E mais outrem que aſsi prèza.
Se lhe vês herdades largas,
Naõ lhe ajas enueja à troca,
Que embaraçaõ as roupas largas,
Faz ſangue o freo na boca,
As eſporas nas ilhargas.

77
Mas jà ves como o Sol anda,
Amigo he tarde, folga ora,
Deixemos eſta demanda,
Mal auinda para outra ora,
A cea ſerà mais branda.
Com dos peixinhos, ſaſſàras
Do rio, nam d'almocreues,
Que as villas fazem tam caras,
Beberas nas fontes claras,
Sonharas ſonhos mais leues.

78

Bieito.

Voluesme as cousas do enues,
Ques por força que te crea,
O que tu quiçais nam cres;
O coraçam he n'Aldea,
La me ham de leuar os pès.
E tu dize o que quiseres,
Torce cà, & torce là,
Deffende teus pareceres,
Mas onde hi naõ ha mulheres
Vida, nem gosto nam ha.

79

Aquella graciosidade,
O parecer, que nos furta,
Com tanta força a vontade,
Que tanto o juyzo encurta,
Nam he de todo vaydade.
Suspiraste, hora eu te entendo,
Nòs nos veremos despois,
Por ora a Deos te encomendo.

Gil.

Nam te quero estar detendo.

Bieito.

Voume, q̃ he tarde, aos meus bois:

80

Basto. Contouse isto polla terra
Em juntas d'outros pastores
Eis logo hum, logo outro afferra
Sobre quais razões melhores
Deu, quem acerta, ou quem erra.
Porem lido o Calendario,
Visto tudo, & contas feitas,
Fica assentado em Summario,
Gil por homem voluntario,
Homem Bieito às direitas.

A EL REY DOM IOAM o Terceiro.

CARTA .I.

1

REy de muitos Reys,se hum dia
Se hũa ora sô mal me atreuo
Ocuparuos, mal faria,
E ao bem cõmum nam teria
Os respeitos, que ter deuo.

2

Que em outras partes da Esfera,
Em outros Ceos differentes,
Que Deos tègora escondera,
Tanta multidam de gentes
Vossos mandados espera.

3

Que sois vos tal,qu'elles sôs,
Iusto, & poderoso Rey,
Ou lhes desdais os seus nós,
Ou cortais:porque entre nòs
Vós sois nossa viua ley.

4

Onde hà homens hà cobiça,
Cà,& là tudo ella empeça,
Se a sancta,se a igual justiça
Naõ corta, ou naõ desempeça,
O que a mà malicia enliça.

5

Señor que he muito atreuida
E onde ella nòs cegos deu,
Cortar he cousa deuida:
Exemplo o jugo de Mida,
Que el Rey vosso auò fez seu.

6

Ora eu, que respeito auendo
Ao tempo mais que ao estillo,
Irey fugindo ao que entendo,
Farey como os cães do Nilo,
Que correm,& vaõ bebendo.

7

A dignidade real,
Que o mundo a direito tem,
Sem ella tersehia mal,
He sagrada, & naõ leal,
Quem limpo ante ella naõ vem.

8

Naõ fallemos nos tyrãnos,
Fallemos nos Reys vngidos,
Remedeaõ nossos dãnos,
Socorrem os affligidos,
Cortaõ pellos maos enganos.

9

As vossas vellas, que vaõ
Dando quasi ao mundo volta,
Raramente contaraõ,
Gente d'outro algum Rey solta,
Sem cabeça o corpo he vaõ.

10

Dignidade alta, & suprema,
Quem hà que a naõ reconheça?
Viose en Marco Antonio Thema
De por real diadema
A Cesar sobre a cabeça.

11 Que

Que o nome de Emperador
D'antes a Cefar fe dera,
Sem fofpeita,& fem temor:
Que inda entaõ muito mais era
Ser Conful, fer Dictador.

12

Hum Rey ao Reyno conuem,
Vemos que alumia o mundo
Hum Sol, hum Deos o foftem,
Certa a queda,& o fim tem,
O Reyno onde ha Rey fegundo.

13

Nam ao fabor das orelhas,
Arenga eftudada, & branda,
Abaftaõ as razões velhas,
A cabeça os membros manda,
Seu Rey feguem as abelhas.

14

A tempo o bom Rey perdoa,
A tempo o ferro he mèzinha:
Forças,& condiçaõ boa
Derão ao Leão coroa
Da fua grey montezinha.

15

Aas aues, tamanho bando
Doutra liga, & doutra ley,
Por vencer todas voando,
A Aguia foy dada por Rey,
Que o Sol claro atura olhando.

16

Quanto que fempre guardou
Dauid,lealdade, & fé,
A Saul, quanto o chorou,
Quanta maldição lançou
Aos montes de Gelboé.

Onde cayra o escudo
Do seu Rey inda que imigo,
Inda que ja mal sesudo
Sayndo de tal perigo,
E subindo a mandar tudo.

18

O senhor da natureza
De quem Ceo,& terra he chea,
Vindo a esta nossa baixeza
Do Real sangue se preza,
Por Rey na Cruz se nomea.

19

Sobre obrigaçoẽs tamanhas
Valemse com tudo os Reys
Dos rostros falsos, das manhas
Com que lhe querem das leys
Fazer teas das aranhas.

20

Que senaõ pòde fazer,
Por arte, por força,ou graça,
Saluo o que a justiça quer,
Senhor não chamão valer,
Saluo ao que lhes val na praça.

21

E por muito que os Reys olhem,
Vaõ por fora mil inchaços,
Que ante vós señor se encolhẽ,
D'ũs Gigantes de cem braços,
Com que daõ,&com que tolhem.

22

Quem graça ante elRey alcança,
E hi falla o que naõ deue,
(Mal grande da mà priuança)
Peçonha na fonte lança,
De que toda a terra beue.

Quem joga onde engano vay,
Em vaõ corre, & torna atràs,
Em vaõ sobre a face cay,
Mal ajaõ as manhas más,
Donde tanto dano say.

24

Homem de hum sô parecer,
D'hum sô rostro, hũa sô fé,
D'antes quebrar, que torcer,
Elle tudo pode ser,
Mas de corte homem naõ hè.

25

Gracejar ouço de cà,
De quem vay inteiro, & saõ,
Nem se contrafaz mais là,
Como este vem aldeaõ,
Que cortesaõ tornarâ?

26

As sanctidades da praça,
Aquelles rostros tristonhos,
Cos quais este, & aquelle caça,
Pera Deos senhor he graça,
Pera nòs tudo saõ sonhos.

27

E os discursos, que fazemos,
Pôde ser, naõ pòde ser,
Adiante o entenderemos
Agora mortos por ver,
Entaõ todos nos veremos.

28

Senhor, eyvos de fallar,
(Vossa mansidão me esforça)
Claro, o que posso alcançar,
Andão pera vos tomar,
Por manhas; que não por força.

Por minas trazem ſuas hazes
Os roſtros de tintureiros,
Falſas guerras, falſas pazes,
Defora manſos cordeiros,
De dentro Lobos roazes.

30

Tudo ſeu remedio tem,
E que aſsi bem o ſabeis,
E ao remedio tambem,
Quereylos conhecer bem:
No fruto os conhecereis.

31

Obras, que palauras naõ,
Porem ſenhor, ſomos muitos,
E entre tanta multidaõ,
Treſmalhaõſevos os fruitos:
Que naõ ſabeis cujos ſaõ.

32

Hum que por outro ſe vende,
Lança a pedra, & a maõ eſconde
O dano longe ſe eſtende
Aquelle a quem doe, & entende
Com ſô ſoſpiros reſponde.

33

A vida deſaparece,
E entre tanto geme, & jaz,
O que cahio, & acontece,
Que dum mal que ſe lhe faz,
Outro môr ſe lhe recreçe.

34

Pena, & galardaõ igual,
O mundo a direito tem,
Há hũa regra gêral,
Que a pena ſe deue ao mal,
E o galardaõ ao bem.

35

Se algũa hora aconteceo
Na paz, muito mais na guerra,
Que a balança mais pendeo,
Fazse engano às leys da terra
Nunca fe faz as do Ceo.

36

Entre os Lombardos auia
Ley efcripta, & ley vfada,
Como fe fabe oje em dia,
Que onde a proua falecia
Que o prouaffe a efpada.

37

Alli no campo às fingellas,
Emfim morrer, ou vencer,
Foffe qual quifeffe dellas,
Naõ era milhor morrer
A ferro, que de cautellas?

38

Ao noffo alto, & excellente
Dom Denis Rey taõ louuado,
Tão jufto, a Deos tão temente
Falfa, & maliciofamente,
Foy grande aleyue affacado.

39

Elle pofto em tal perigo,
Rey que Reys fez, & desfez
Contra o maliciofo imigo,
Foylhe forçado efta vez.
Chamarfe a efta ley que digo.

40

E juntamente às Cidades
A quem cumprio de acudir,
Pollas fuas lealdades,
Que tão más faõ as verdades
Aas vezes de defcobrir.

Neste tempo quem mal cay,
Mal jaz, & dizem que à luz.
Por tempo a verdade say,
Entretanto poem na Cruz
O justo, o ladraõ se vay.

42

Da mesma casa Real,
Em verdade hum grande Infante
Tratado às escuras mal,
Bradaua por campo igual,
E imigos claros diante.

43

Em fim vendo a industria, & arte
Quanto que podem, chamou
Hum leal Conde de parte,
Sô co elle se apartou
Foy viuer a milhor parte.

44

Onde tudo he certo, & claro,
Onde sam sempre hũas leys:
Principe no mundo raro,
Sobre tanto desemparo
Foraõ tres seus filhos Reys.

45

O senhor quantos fuores
Passa o corpo, & alma em vaõ,
Em poder deuoluedores,
Em fim batalhas, que saim
Saluo desafios mòres?

46

Co a maõ sobre hum ouuido,
Ouuia Alexandre as partes
Como quem tinha entendido,
Por fazer certo o fingido,
Quantas que se buscaõ d'artes.

Guardaua elle o outro inteiro
A parte não inda ouuida,
Não vay nada em ser primeiro
Quem muito sabe duuida:
Sò Deos he o verdadeiro.

48

A tudo daim nouas cores,
Com que enleam os sentidos,
Ah maos, ah enliꝫadores,
Ante os Reys vossos senhores
Andais com rostros fingidos?

49

Contais, gabais, estendeis
Seruiços, & lealdades
Olhay que não nos daneis,
Falay em tudo verdades
A quem em tudo as deueis.

50

Senhor, nosso padre Adam
Peccou, chamou o juiz,
Tenha que dizer. ou não,
Hi sua fraca razão
Porem liuremente diz.

51

Sempre foy, sempre ha de ser,
Que onde hũa sò parte fala,
Que a outra aja de gemer,
Se hum jogo a todos iguala,
As leys que deuem fazer?

52

Vidas & honras guardais,
Debaixo de vosso emparo,
Destranhos, & naturais,
Sospiram, não podem mais,
E às vezes não muito claro.

Tambem apos aquella arde
A cobiça da fazenda,
Por mais que se velle, & guard
Tinha ella melhor emenda
Senão fosse mal,& tarde.

54
Géralmente he presumptuosa
Espanha,& disso se preza,
Gente ousada, & bellicosa,
Culpamna de cobiçosa,
Tudo sabe vossa Alteza.

55
Pensamentos nunca cheos
Não tem fundo aquelles sacos
Inda mal,porque tem meos
Para viuer dos mais fracos,
E dos suores alheos.

56
Que eu vejo nos pouoados]
Muitos dos salteadores,
Cõ nome , & rostro de honrad
Andar quentes, & forrados
Das pelles dos lauradores.

57
E senhor não me creais
Se as não achão mais finas,
Que as de lobos ceruais,
Que arminhos, que zebelinas,
Custão menos, cobrem mais.

58
Ah senhor,que vos direy
(Que acode mais vento às vell
Nunca se descuide o Rey,
Que inda não he feita a ley,
Ia lhe saõ feitas cautellas.

Então tristes das molheres,
Tristes dos orfaós coytados,
E a pobreza dos Mesteres,
Que nem falar sam ousados
Diante os mòres poderes.

60

Os quais quem os assi quer,
Quem os negocea assi,
Que farà quando os tiuer?
Nossos ouuerão de ser,
Tomaramnos para si.

61

Ora ja que as consciencias
O tempo as leuou consigo,
Venhamos às penitencias;
Senhor, se eu vira castigo
Boas sam as residencias.

62

Mas eu vejo cà na Aldea
Nos enterros abastados,
Muito padre que passea,
Emfim, ventre, & bolsa chea
Absoltos de seus peccados.

63

Se se hão de reconciliar,
Hũs cos outros tem seu trato,
Bastalhes sô acenar,
Não nos fazem tão barato
Ao tempo do confessar.

64

Senhor, esta vossa vara
Em quais mãos anda, tal he,
A boa he aue mui rara,
Sabei que esta nunca he cara,
Que seja muita a merce.

Liure de toda a cobiçã
A Deos temente, & a vòs,
Sem respeito, & sem preguiça;
Vara direita sem nòs,
Se quereis que aja hi justiça.

66

Tomay senhor o conselho
Do bõ Jethro ao genro amigo,
He verdade, he Euangelho,
(Como disse aquelle velho)
Humilmente assi vos digo.

67

Que estas leys Iustinianas,
Se não ha quem as bem reja
Fòra de paixoẽs humanas,
Sam hum campo de peleja
Com razoẽs francas, & vfanas.

68

Morre o nobre Conradino
Co parceiro em tudo igual,
Cada hum de tal morte indino
Pello pesado, ou malino
Doutor, que interpreta mal.

69

Diz o Texto O sangue cesse
Por batalha a guerra finda;
Vem com grosa outro interesse,
Diz que ande o cutelo, ainda
Que em prisam certo o riuesse.

70

Mas, senhor, melhor o temos
Sendo vôs o que mandais:
Todos nòs reuoluеremos,
Os que tanto naõ podemos,
E aquelles, que podem mais.

71

Quem por Amor fe encadea
(Naõ he nome errado, ou nouo)
Se por liure fe nomea
Nam tem Rey amor de pouo
Tanto, em quanto o mar rodea.

72

Aqui nam vemos foldados,
Aqui nam foa atambor:
Outros Reys, os feus eftados
Guardaõ de armas rodeados,
Vòs rodeado de Amor.

73

Acharnosham as diuinas
No meo dos coraçóes
Entalhadas voffas quinas,
Eftas faõ as guarniçóes,
De vòs, & dos voffos dinas.

74

Tem na verdade o Frances
A feu Rey amor acefo,
Nam lho nega o Portugues,
Porem traz guarda Efcoces,
Que nam he de pouco pefo.

75

O Padre Sancto afsi faz,
A quem certo fe deuia,
Alto affoffego, alta paz,
Mas tem guarda todauia,
Com que vay feguro, & jaz.

76

Que fe pode ir mais àuante,
Com quanto alcança o fentido
Sem ferro, ou fogo que e'pante,
Com duas canas diante,
His amado, & his temido.

Hũs ſobr'os outros corremos
A morrer por vos com goſto
Grandes teſtemunhas temos
Com que mãos, & com que roſto
Por Deos, & por vòs morremos.

78

Outroſi para os reueſes
(Queira Deos que não releue)
Em vos tem os Portugueſes
O bom Rey de Athenieſes
Codro,que outrẽ alguẽ não teue.

79

Do voſſo nome hum gram Rey
Neſte Reyno Luſitano
Se pos eſta meſma ley:
Que diz o ſeu Pelicano
Polla ley, & polla grey.

80

Mas eu ſou d'hũs guarda cabras
Que se vão de ponto em ponto
Querem ſó duas palauras,
Que dos gados, que das lauras
Depois nam tem fim, nem conto.

81

Aſsi que ſeja aqui fim,
Tornem as praticas viuas,
Perdeſtes mea hora em mim
Das que chamão ſucceſsiuas,
Eſtes que ſabem Latim.

* * *

A AN-

A ANTONIO Pereira senhor do Basto.

CARTA II.

1

COmo eu vi correr pardaos
Por cabeceiras de Basto,
Crecer em cercas, & em gasto
Vi por caminhos tam maos,
Tal trilha, & tamanho rasto.

2

Nessa hora os olhos ergui
A casa antigua, & à torre,
Dizendo comigo assi;
Se nos Deos nam val aqui,
Perigoso imigo corre.

3

Naõ me temo de Castella,
Onde guerra inda naõ soa,
Mas temome de Lisboa,
Que ao cheiro desta canella
O Reyno nos despouoa.

4

E que algum embique, & caya
(Longe và o mao agouro)
Fallando por essa praya,
Das riquezas de Cambaya,
Narsinga, das serras d'ouro.

5

Ouues Virjato o eſtrago
Que cà vay nos teus cuſtumes?
Os leytos, meſas, & os lumes
Tudo cheira, eu oleos trago,
Vem outros trazem perfumes,

6

Niſto os trajos dos paſtores,
Com que ſaytte à peleja,
Vencendo tais vencedores,
São trocados, & aos louuores
Não ha jà quem te aja enueja.

7

He entrada pollos portos
No Reyno clara peçonha,
Sem que remedio ſe ponha,
Hũs doentes, outros mortos,
Outro pollas ruas ſonha.

8

Fez no começo a pobreza
Vencer os ventos, & o mar,
Vencer quaſi a natureza,
Medo ey de nouo à riqueza,
Que nos torne a catiuar.

9

Eſtas ſerras, & os penedos,
Viſtas, ſe vos fazem feas,
Jà torceis roſtro ás Aldeas,
Direis dos vinhos azedos
O que jà diſſe Cyneas.

10

A quem nos conuites dado
A prouar, ſe lhe aprouueſſe,
Deſpois nos olmos moſtrado,
Nunca vi (diſſe) enforcado,
Que a forcą aſsi mereceſſe.

11 Al

As vozeyras montarias
Derribar Aues, que vam
Cantando inuerno, & veram,
Que al he, ſenam remir dias
Do enfadamento aldeam.

12

Que trabalhoſos concertos
Os de villãos mal criados,
Os de villãos mal cubertos,
Os de villãos pouco certos,
Muito deſarrezoados.

13

Direis, & não volo nego,
Porem quereis, que vos diga?
Eſte mundo he armado em briga,
Nam buſqueis nelle aſſoſſego,
Nem nũa alta ermida antiga.

14

Mas com tudo ha differenças
Entre os de cá, & os de là;
Cà nas mais das deſauenças
Vos ereis o das ſentenças,
Lá em baixo outrem as dá.

15

Tereis em troca manjares,
Compoſições delicadas
Do àr do paço ajudadas,
E por tempeſtuoſos mares,
Com mil perigos buſcadas.

16

Conuites, de quem conuida,
Amoſtramvos hi ſuas tendas:
Quanta couſa he alli perdida?
Ceas imigas da vida,
Imigas mais das fazendas.

Disto o cheiro, disto a cor,
Que preço nam tem igual,
Milagres de Portugal,
Cousas de tanto sabor,
Todas a saberem mal.

18

Onde se ha de lançar tanto,
Aquillo he pagar o pato,
Emfim quando me leuanto,
Ou ey de morrer d'espanto,
Ou se nam m'espanto mato.

19

Que contas vaõ tam erradas,
Enfastia o que sobeja,
Quem come, o que naõ deseja:
Soyam ser conuidadas
Vontades, agora he enueja.

20

Entra comvosco a manhaã,
He ja dia, & pedis vellas,
Na tal cea cortesaã,
Quanta iguaria que ha vaã,
Afora a das escudellas.

21

Os bons conuites antigos,
Antes de se tudo alsar,
Eram para conuersar
Os parentes, & os amigos,
E nam para arrebentar.

22

E de viuer juntamente,
Ouueram conuites nome,
Claros aos olhos da gente,
Porque vissem que somente
Alli se mataua a fome.

Aquella vſana Raynha
Irman do vil Tholomeu,
Que o rico pendente deu,
Prodigamente à coſinha
De huin grande banquete ſeu.

24

Vendo tudo irſe a perder,
Os amigos conuidaua,
Não ja pera os ver comer,
Mas pera juntos morrer
A tal conuite os chamaua.

25

A voſſa fonte tam fria
Da barroca em Iulho, & Agoſto,
Inda me he preſente o goſto,
Quão bem que nos hi ſabia
Quanto na meſa era poſto.

26

Alli nam mordia a graça,
Erão iguais os juizes,
Não vinha nada da praça,
Alli da voſſa cachaça,
Alli das voſſas perdizes:

27

Alli das frutas da terra,
Que tem cada tempo a ſua,
Colhida em ſazam cada hũa,
Nunca á viſta o ſaber erra,
Nem o nome de nenhũa.

28

Ó ceas do parayſo,
Que nunca o tempo vos vença,
Sem falla trocada, ou riſo,
Nem carregadas do ſiſo,
Nem danadas da licença.

Deshi o gósto chamando
A outros mòres sabores,
Liamos pollos amores,
Do braũo, & furioso Orlando,
Enuoltos em tantas flores.

30

Liamos os Assolanos
De Bembo, engenho tam raro,
Nestes derradeiros annos,
E os pastores Italianos
Do bom velho Sanazaro.

31

Liamos ao brando Lasso,
Com seu amigo Boscaõ,
Que honraraõ a sua naçaõ,
Hiame meu passo a passo,
Aos nossos, que aqui naõ vaõ.

32

Se eu isto estimado agora
Vira, como d'antes era,
Por meu conto áuante fora,
Mas não diz hora com hora,
Vaõse como ao fogo a cera.

33

Que troca, ver là Pasquinos
Desta terra cento a cento,
(Quem o vee sem sentimento)
Trattar os liuros diuinos
Com tal desacatamento!

34

O que senam deue ousar
A lér, se em giolhos nam,
(Que graças pera chorar!)
Torcem, fazendo fallar
Ao som de sua paixam.

35

Efquecidos do confelho
Podera dizer mandado
Sendoo, porque foy vedado
No fanctifsimo Euangelho,
Aos cães não deis o fagrado.

36

Almas, que fonhando andais,
O muito naõ no troqueis
Por nadas, como o trocais;
As perolas Orientais
Aos porcos nam nas lanceis.

37

Iugareis, ò gente cega,
Sempre o jogo foy defefo,
Que tem todo o dia prefo,
O trifte que nelle emprega
O feu tempo todo em pefo.

38

E desdo grou, tè a folofa,
Homens de feifcentas côres,
Sò no jogo naõ tem grofa,
Conuerfaçaõ perigofa,
Miffa d'arrenegadores.

39

Mal fem emenda he o jogo,
Entre feus males mayores,
Hũ Rey de grandes louuores
Mandou, que pufeffem fogo
A cafa, & aos jugadores.

40

Das leys antigas imigo,
Defprezador das modernas,
Continuador do perigo,
Penas fempre aqui comfigo
Vay caminho das eternas.

Deixemos mil outros jògos,
Que la vaõ mil outros tratos,
Fazer, desfazer contratos,
Salamandras nos seus fògos
De Herodes para Pilatos.

42
E aquelle grande aluoroço
D'atambor, que â guerra chama,
Leua o velho, & leua o moço,
E primeiro entra em destroço,
Que perca de vista Alfama.

43
O vida dos lauradores;
Se elles conhecessem bem,
As auentagens que tem,
Aquelles sanctos suores,
Que sanctamente os mantem.

44
Tratando co a madre antiga,
Que de quanto em si recebe,
Naõ entre engano, ou mà liga;
Por seu custume se obriga
A pagar mais do que deue.

45
Aquelles mayores nossos
Antigos padres primeiros,
Eram no começo inteiros,
Eram sanctamente grossos
Sem mal como os seus cordeiros.

46
Regidos da natureza,
Nam tanto papel escrito,
De que hum reza, & outro reza,
Té cansarem sem certeza
Donde jaz sòmente o fito.

Foy

Foy sem malicia, & sem erro
A boa idade dourada,
Seguio logo a prateada,
Naõ tardou muito a de ferro,
Que tudo trouxe à espada.

48

Quanta sombra, que aparece,
Tapayme a boca co as maõs,
Ora atràs, que nam me esquece;
Tambem por cà se adoece,
Vam porem ares mais saõs,

49

Por isso a gentilidade,
Que em tudo philosophaua,
Ao Deos da saude alçaua
Templo fôra da Cidade,
Hi por ella se offertaua.

50

E aquelle Virbio, a quem
Tornara a vida, nem às festas,
Nem â cidade mais vem,
Sempre só por fóra o vem,
Caçando pollas florestas.

51

Hi que encontre cum Leam,
Cum Vsso, que se erga em pè,
Certo que menos mal he,
Que onde elles tão bastos sam,
Que entrelles se durma, & estè.

52

Da cousa mà claramente
Logo quem a vê se vella,
Chegase à que branda sente,
Por isso à antiga serpente
Pintam rostro de donzella.

Quando os antigos alguem
Louuauão, não de ſenhor,
Não de rico era o louuor,
Chamauaõlhe homem de bem,
E inda bom laurador.

54

A noſſa gente, que quis
Arremedar os louuores,
Que agora parecem vis
Aos bõs Reys, Sancho, & Diniz,
Chamauãolhe lauradores.

55

Os valeroſos Romanos,
Que hũ tempo o mũdo regeram,
Donde cuidais, que eſcolheram
Cincinatos, & os Serranos,
Que ante ſi em campo puſeram?

56

E aquella ſua grandeza,
Que o tempo não quer, q̃ moura,
Vemos, que a mais da nobreza
Sobre nomes de riqueza
Naõ pôs, antes da lauoura.

57

Inda oje vemos, que em França
Viuem niſto mais à antiga,
Na villa o villão s'abriga,
Onde tem nome de erança,
Mantemno à ſua fadiga.

58

Aſcende a fragoa o ferreiro
Ao tempo, que o gallo canta,
Morde o couro o çapateiro,
Qrada co moço ronceiro,
Que inda se enuolue na manta.

59

Viue a nobreza por fóra
Segura, os despouoados
Correndo, os Lobos ousados,
Por derredor donde mòra,
Mantẽ liure o campo aos gados.

60

Da mà gente auentureira,
Que ás escuras tem seu trato,
Que possa liure quem queira
Cantando ir de noite à feira,
Ou dormindo no mulato.

61

Bom tempo, quando segura
A cabeça se encostaua,
Onde o sono a conuidaua,
Contente da cobertura
Tam rica, que lhe o Ceo daua.

62

Bebiam dagoa cõ as mãos
Nas fontes, inda em velhice
Melhor, que por vasos vaõs,
Lauaua ella os peitos saõs
Antes da gargantoice.

63

Iacob fugindo ao irmaõ,
Que o mal tinha ameaçado,
Pastor ao campo aueza do,
Passou o rio Iordaõ
N'ajuda do seu cajado.

64

Como o Sol no mar deceo,
Comeria do fardel,
D'agoa no rio bebeo,
Sobre hũa pedra adormeceo,
Pos nome ao lugar Bethel.

Natureza nos puſera
Como os olhos nos abrio,
Diante tudo o que vio,
Que neceſſario nos era
De tudo o mais ſe ſorrio.

66

Como, hũa Aue jà auezada
A toda a delicadeza,
He milhor a juizada?
Foge à gayola dourada,
Vay buſcar a natureza.

67

Hũa deſpoſiçam mâ,
Longa infirmidade, & dor,
Que de mal vay em peor,
Onde remedio acharà
Se â natureza naõ for?

68

Cegada minha fadiga,
Que em vão tantas rezões gaſta,
Que fazeis, que vos obriga,
Deixar eſta madre antiga,
E ir buſcar a madraſta?

69

Dos voſſos nobres auôs
As Cruzes em ſangue abertas
Vos poem obrigações certas,
Que não nas deixeis câ ſôs
A ſer do muſgo cubertas.

70

O que porem não diram,
Em quanto câ tem tal feira,
Como he a d'um tal irmão,
Que não ouue o nome em vão
Do grã NunAlurez Pereira.

71

Por toda eſtà grande Eſpanha
Froays, que ſoyão chamar,
Fez em Pereiras mudar,
Não do Rey moûro a patrânha,
Mas voſſo antigo ſolar.

72

Do qual,não ha muitos annos
Hum, que aqui Braga regeo,
Pondo a parte os longos panos
Hum paſſo dos Caſtelhanos
A eſpada deffendeo.

73

Ao Reyno cumpre em todo elle
Ter, a quem o ſeu mal doa,
Não paſſar tudo a Lisboa,
Que he grande o peſo, & cõ elle
Mete o barco nagoa a proa.

74

E mais his vos muito a ponto
Para qualquer appetito,
E eu ja ouui hum conto,
Que a quẽ eſpreita, & eſtà prõto,
Não vades mudar o fito.

75

Tereis lá conuerſações,
Tereis graças delicadas,
Do àr do paço ajudadas,
Paſſaràm deriuações,
Se ja nam forem paſſadas.

76

Traſporſeaõ os amores,
E deixaram o paço às cegas,
Ficarão por mantedores,
Rouxinois affouiadores,
Pollas hortas de Enxobregas.

Vereis barcos ir à vella,
Huns que vaõ, outros que vem,
Como que ſe deſauem,
C'hũa viraçaõ ſingella;
Tanta força a arte tem.

78

Os marinheiros vadios,
Que vilmente a vida apreção
Polas xarcias dos nauios
O que,ſaõ ſenam bogios,
Poſto que vos al pareção?

79

Nam ey por perda eſta leue,
que ſejam palauras tudo,
Mas ao coração acudo,
Senam dizey, quem ſe atreue
A dor eſperalla mudo?

80

Sam ellas porem jà muitas,
Fellas ir crecendo a magoa,
Lembrêvos as voſſas fruitas,
Lembrêvos as voſſas fruitas,
Que andão ja por voſſas nagoa.

A SEV IRMAM MEM DE SA.

CARTA III.

1

EM quanto de hũa eſperança,
Em outra eſperança andais,
Trazervos quero à lembrança,
Que he mũi leue, & não s'alcãça,
Voa ſempre àuante mais.

Cuidais que està ja com ella,
Quando volo mais parece,
E quereis lançar mão d'ella,
Mete remos, mete vella,
Num ponto desaparece.

3

Mas nam pode o coração
Soltar assi leuemente
Tamanha deleitação,
Ah que a tiue na mão
Se fora mais diligente!

4

Dos Alquimistas se diz,
Que he doce a fadiga vãa,
O desejo he mao juiz,
Deixay,(que o que oje não fiz
Eu o farey amenhãa.

5

Não lhes val ver a fazenda
Perdida apos experiencias,
Andão de emenda em emenda,
Da fornalha pera à tenda,
D'assopros fazem sciencias.

6

Aporfiou, & sobio
Phaeton no carro do dia,
Que elle por seu mal pedio,
Sentioo a terra,& sentio
Hum rio de Lombardia.

7

Não soube Hycaro reger
As azas, que ouue de seu,
Quis sobir, veo a decer,
Aos peixes deu de comer,
Ao mar o seu nome deu.

8

Apos o que ha de cahir.
Por aleuantar andamos,
Sem repousar, sem dormir;
Alma, que pode sobir,
A esta as azas quebramos.

9

Em quanto hũ busca seus danos,
Outro ja tẽ os olhos jaz
Por muitas sortes denganos,
Morte, que não conta os annos
Vem, & leua, o que lhe apraz.

10

Quantos, a que era deuida,
Dos nossos, deixo os alheos,
Ao menos por nos mais vida,
Que por conta não sabida
Tinhão jà seus annos cheos.

11

Vistes hũa claridade,
Que de câ tè là correo
Como rayo, em tal idade,
Tanto saber, tal bondade
Asi desapareceo.

12

Alma bemauenturada
Daquelle moço tam nobre,
Chegou a hũa alta assomada,
Tudo lhe pareceo nada
Quanto se dalli descobre.

13

Hum Conde, que inda alumea
Asi morto o Reyno, & a lingua
Outro depois de alta vea,
Tinham sua conta chea,
No tempo da nossa mingua.

Ao menos para esforçar
Os engenhos, que atras vem,
Que foe a terra de os dar,
O vaõ he mao d'acertar
Senão no moftrar alguem.

15

Pollo que á efte abrigo,
Onde me acolhi canfado,
E mais inda com perigo,
E àquellas letras, que figo,
Deuo, que nunca me enfado.

16

Deuo à muito minha amada
E fô rica liberdade,
Que tiue aos dados jugada,
Aqui fômente he mandada
Da razão, & da verdade.

17

Nas cortes não pòde fer,
Os tempos vedes que correm,
Vedes que a todo correr,
Vão muitos atê morrer,
Por fugirem donde morrem.

18

Ora pôr peito â corrente,
Que fejais forçofo, & fam,
E de fangue inda feruente,
Grão nadador, claramente,
He quebrar braços em vam.

19

Canfar, & fonhar priuanças,
Dar de golpe à liberdade,
Rica por vãs efperanças,
Effes jogos, effas danças
Paffaõ com a mocidade.

20 An

Ando alimpando a pousada,
Lembrame quem diz que està
Ante a porta, bate, & brada,
Se a sentir despejada,
Por ventura que entrarà.

21

Olhay as Aues do àr,
Almas, a quem nunca esquece
Este auer, este ajuntar,
Vede las ledas cantar,
Dizeime que lhes fallece?

22

Fracos de fé, de fraqueza,
Vem estes vossos suores,
Estes medos á pobreza,
Olhay como a natureza
Veste ricamente as flores.

23

Andando nestes enleos
Em quantos erros cahimos,
Sem conto, sem fim, sem meos;
Dormimos sonos alheos,
Os nossos não nos dormimos.

24

Queremos o que outrem quer,
O que nam quer engeitamos.
Estamos sómente a ver,
Rimos o alheo prazer,
E inda quando choramos.

25

Como de casa sohia,
Sempre de seus olhos agoa
A Eraclito corria,
Pollo que ouuia, & que via
Que de tudo tinha magoa.

26

Em

Emfim vendo o pouo incerto
A pressa, que a errar leuaua,
Nam sofreo tal desconcerto,
Fugio para o campo aberto,
Liurẽ sem muro, & sem caua.

27

Anaxagoras, que viaõ
Ter cos pouoados guerra
Seus cidadaõs reprendiaõ,
Porque a hũ tal homẽ naõ viaõ
Lembranças da sua terra.

28

Da para quem eu nasci
Tenho grande, respondeo,
Nam me julgueis por daqui,
E dizendolhes assi,
Mostraua co dedo o Ceo.

29

Sam Hieronymo alumiado
Daquella diuina luz,
Passaua a vida apartado,
Das letras acompanhado
Que nos consagram a Cruz.

30

Aquelle peito seguro,
A quem todo o mundo he riso
As torres altas, & ao muro,
Carcer lhe chamaua escuro
E àquelle hermo hum parayso.

31

Da nossa tam rica herança
Cegos, que rezam daremos,
Como nos nam fez lembrança,
Hũa tam certa ordenança
Do Sol, & do Ceo, que vemos.

Elle posto, a noite traz
Consigo tantas estrellas,
Com que fermosa se faz,
Qual descuido pode em paz
Alçar os olhos a vellas?

33
Nam se gaste mais pauio,
Apos nossa alma esquecida,
Lançada do senhorio,
Tornemos atras ao fio
Desta, a que chamamos vida.

34
Ponhamonos em razam
Cousa he, que verâ hum cego,
Queremos repouso, ou nam?
Queremos, todos diram,
E ninguem busca assossego.

35
Dizeyme, quando serà
Que nos lembre, & que nos doa,
Quaõ certa que a queda està,
Seguindo a mentira mà,
Deixando a verdade boa.

36
Que vejamos os que dêmos
Cousas sem preço por preço,
que lhe tam baixo pusemos,
A que estado nos decemos,
E de quam alto começo.

37
Entre os brutos animais,
Nam se ouueraõ por seguros
Os homẽs racionais,
Eram brauos, & eram mais,
Fizeraõ as armas, & os muros.

38 Agora

Agora, porque vos conte,
Quanto vi tudo he mudado,
Quando me acolhi ao monte,
Por meus vezinhos defronte,
Vi lobos no pouoado.

39

Hum Rato vſado à Cidade,
Tomou-e a noite por fora,
(Quem foge à neceſsidade!)
Lembroulhe a velha amiſade
Doutro Rato, que alli mora.

40

Faz hum homem a conta errada,
Muitas vezes, & acontece
Creſcimento na jornada,
(Diz) & entrando na pouſāda,
Cidadam logo parece.

41

O pobre aſsi ſalteado,
Dum tamanho corteſam,
Em buſca dalgum bocado,
Vay, & vem ſempre apreſſado,
Sem tocar cos pés no chaõ.

42

Ordena a ſua mẽzinha
Poslhe nella algum legume,
Meſura quando hia, & vinha
Deulhe tudo quanto tinha,
Pede perdam por cuſtume.

43

Diz, quem tal adiuinhara,
Contra o corteſam ſeuero,
Que tanto andara, & buſcara,
Té que algũa couſa achara,
A quem tanto deuo, & quero.

Cumpre porem nesta mesa
Que aja mais fome, que gula,
Temlhe a fogueyrinha acesa,
Faz rostro ledo à despesa,
Vea o outro, & dissimula.

45
E dizendo esta consigo,
Que gente a dentre penedos,
Quanto à de Pedro a Rodrigo?
Que bem diz o exemplo antigo,
Que não saõ iguais os dedos?

46
Ora depois de comer
Iazendo detras do lar,
Começa o nobre a dizer,
Dous dias, que has de viuer
Aqui os queres passar?

47
Na aspereza do deserto
Que não sey quem o soporte,
De vrzes, & tojos cuberto,
Sendo tudo tão incerto,
Sendo sô tam certa a morte.

48
Viue amigo a teu sabor,
Mais he que cousa perdida
Quem por si escolhe o pior,
Vayte comigo onde eu for,
Là veras, que cousa he vida.

49
E depois que ambas prouares
(Que eu doutrem não adiuinho)
Quando te enganado achares
Aqui tens os teus manjares,
Hi tambem tens o caminho.

Aſsi diſſe, eis o vilão
Em aluoroço, & balança,
Hia, & vinha o coração,
Ora ſi, & ora não,
Venceo porem eſperança.

51

E que pode hi al fazer,
Viue com tanto ſuor,
E mal pode inda viuer,
Mal pode o anno vencer,
Sempre a ſayda he mayor.

52

E diz, quem não ſe auentura
Não ganha, quem ha q̃ o negue?
Eſcolherão hora ſegura,
Forão polla noite eſcura,
Guia o rico, o pobre ſegue.

53

Entrão por paços dourados,
Cheyroſos inda da cea;
Triſtes dos caſais colmados,
Do Sol, do vento queimados,
Pobre, & faminta d'aldea.

54

Voume por meu conto àuante
Moſtralhe o cidadam tudo,
Que traz no bucho hũ Infante,
Quem quereis que naõ ſe eſpãte?
Anda o villamzinho mudo.

55

Que taõ ſòmente em prouar
Das couſas, que mais lhe aprazẽ,
Ia começaõ de engeitar:
Fartos pera arrebentar
En lans eſtrangeiras jazem.

Niſto o deſpenſeiro chega,
(Que eſtes bens não durão tanto)
Veos, mas apreſſa o cega,
Hũ tiro, ou dous mal emprega,
Correos de canto em canto.

57

Os cães à volta ſe erguerão,
Ladrão, que he alto ſerão,
As caſas eſtremecerão
Todos juntos là correrão,
Foy dita que os gatos não.

58

Sabia o de caſa a manha,
Sabia o paço, & fogio
O ratinho da montanha,
Aos pés em preça tamanha,
O coraçam lhe cahio.

59

Emfim paſſado o perigo
Da morte, que ante ſi vira,
O coytado ſô conſigo,
Pollo ſeu repouſo antigo,
Que mal deixara ſoſpira.

60

Minha ſegura pobreza
Se chegarey a ver quando
A vos torne, & eſta riqueza,
Mal, que o mundo tanto preza,
Fuja ſe puder voando.

61

Ay baldias eſperanças,
Meu entendimento fraco,
Deixemos tais abaſtanças,
Tais riquezas, tais moſtranças,
Deos me torne ao meu buraco.

A IOAM RO-
driguez de Sà
de Meneses.

CARTA IIII.

1

DOs nossos Sàs Coloneses
Gram tronco, nobre colũna,
Grosso ramo dos Meneses,
Em sangue, & bẽs de fortuna,
Que he tudo ẽtre os Portugueses.
Mas vós que sempre vos ristes
Do pouo que nam vè mais,
Ricamente alma vestistes,
O mais tendes por demais.

2

Aos grandes, aos valerosos
Passados, de quem herdastes
Sobre nomes tam lustrosos
Desque nas armas pagastes,
Nam fostes dos ociosos.
Bem podereis descansar,
Que tempos foram de paz,
Podereis rir, & jugar
Como se na terra faz.

3

Mas entrastes noutra afronta
Doutra nobre cede cego,
Desejastes de dar conta
Tambem de vosso assossego,
Como de Catam se conta.

As letras, que nam achaſtes,
Vos as meteſtes na terra,
A nobreza as ajuntaſtes,
Com quẽ dantes tinhão guerra.

4

Dizem dos noſſos paſſados,
Que os mais não ſabiam ler,
Eram bons, eram ouſados,
Eu nam gabo, o nam ſaber
Como algũs às graças dados.
Gabo muito os ſeus cuſtumes,
Doeme ſe oje nam ſam tais,
Mas das letras, ou perfumes,
De quais veo o dano mais?

5

Deſtes mimos Indianos
Ey gram medo a Portugal,
Que venhão a fazerlhe os danos,
Que Capua fez a Anibal,
Vencedor de tantos annos.
A tempeſtade eſpantoſa
De Trebia, de Traſimeno,
De Canas, Capua viçoſa
Venceo em tempo pequeno.

6

Dom Afonſo d'Aragam
Rey nunca louuado aſſaz,
D'animo, & de coraçam
Trataua os liuros na paz,
As armas na ocaſiam.
Ouuindo d'hum Rey, que a mal
Tinha aosReys, que foſſem lidos,
Dito he dixe de animal,
Nam de Rey dos eſcolhidos.

7

Hum

Hum Marquez de grande conta
Por seu esforço, & saber,
Para a paz, & para a afronta,
A lança, soya dizer,
Cos liuros não se desponta.
Este era, a quem Ioão de Mena
Fez grande veneraçam
Quando ja tinha alta pena,
Bem aparada inda nam.

8

Dous vencedores do mundo,
Cesar, & Alexandre o grande,
Das letras foram tê o fundo,
Emque fortuna nam mande
Ponho aqui Bruto o segundo;
E ponho os dous Scipiões
Fim (como dizem) fatal
De Carthago,& dous Catões,
Podera pôr Anibal.

9

A fortaleza louuada
Anda em braços co a prudencia
Irmãa sua muito amada,
Póena àuante a experiencia,
Tudo sem saber he nada.
Por forças nôs que podemos?
Isso que he do saber veo;
O bem todo està no meo,
O mal todo nos estremos.

10

Os Poetas tocão tudo,
Iaz porem mais alto o crauo,
Olhando pollo meudo,
O seu grande Achiles brauo
Ensinao Chyron sesudo.

Que lhe abrande aquella ſanha
Sua, natural, que he muita,
Em hũa coua ſoterranha,
Canta o velho, o moço eſcuita.

II

Veados correm co vento
Igualmente, & dos leões,
Hum ſô tem força por cento
De nòs, tem ſeus corações,
Nôs temos entendimento.
Por onde entre nôs deuemos
Eſtimar aquelles ſôs,
Que na parte, em que vencemos,
Nos vencem elles a nós.

12

Quando daua homens a terra
O que jà tanto nam faz,
Da paz tratauão na guerra,
Tambem da guerra na paz,
Agora em tudo nos erra.
Que tirando algum abrigo
Muy raro, no mais de fraca,
Semeais, eſperais trigo,
Naſce joyo, & eruilhaca.

13

Diogenes em claro dia
Hia buſcando à candea,
O que ninguem o ſabia,
Em Athenas (em que Aldea?)
Indo, & vindo aſsi dezia.
Voume por aqui buſcando
Entre tantos homens hum,
Neſte vão canſaſſo ando,
Inda não achey nenhum.

14

Deixemos queixas antigas,
Quero vos dizer de mi,
Que deftas voffas amigas,
Digo as letras, pera o fim
Ajunto como as formigas,
Porque ninguem me lançaffe
Como à Cegarega, em rofto,
Em Dezembro que baylaffe,
Pois que cantara em Agofto.

15

Perdido tudo no mar,
Saindo o grão Zeno a nado,
Vendo a fazenda ondejar,
Afsi, diffe defpejado,
Me mandão philofophar.
Ia vou fentindo algum frutyo,
Cada ora efpero que creça,
Andey fora, o vento muito
Fezme grão mal à cabeça.

16

Curame a philofophia,
Que me promete faude,
Dame a mão, ella me guia,
Ouço fallar a virtude,
Se a viffe, fararmehia.
DizPlatão, que he dos melhores,
Que de fô pòr olhos nella,
Altos, & acefos amores
Sempre teria com ella.

17

Como digo, eu fô d'ouuir
Ando como homem pafmado,
Defejofo de a feguir
Chorando tudo o paffado,
Temendo tudo o por vir.

Em toda a parte ha perigos
A cuja lembrança tremo,
Mais ao perto hũs maos imigos
De casa, a que muito temo.

18

A minha guia, este acento
De viuer asſi cà fora,
Louua, & dame atreuimento
D'ir âuante hora por hora,
Em que asſi cego, & attento;
Sobre tudo os bons Doutores
Sanctos, louuão tal tençaõ,
Para cuidar nos amores,
Taõ certos no galardaõ.

19

Quem tanta força tiueſſe
Como cumpre à vida actiua,
Que aos encontros ſe tiueſſe,
Virtude era ella mas viua
De mais fruto, & intereſſe.
Por Raquel, que não por Lia
Sete, & ſete annos ſerui,
Pode ſer por ella hum dia,
Que inda voaſſe daqui.

20

E entre tantos conſelheiros
Buſco que andem às verdades
Neſtes liuros meus parceiros
Naõ nas praças das cidades
Amigos auentureiros.
Amigos de louuaminhas,
Como grimpa ao vento o peito,
Fazem como as Andorinhas
Vem, & vam com tempo feito.

21

So-

Sophistas me sam defesos
Com seus enganos, & cismas,
Eylos soltos, eylos presos:
De fé,que naõ de sophismas,
Quer Deos os peitos acesos.
Que nas agoas encharcadas,
Hi se ajuntam como rans,
Fazem grandes matinadas,
Tudo sam palauras vans.

22

As Musas me nam defendem
(Deixemos as demasias,
Que a todo o saõ peito ofendem)
Mandam rir de cousas frias
De algũs, que agudezas vendem.
Entendimentos diuersos,
Com que artes nos encantam,
Psalmos que sam senaõ versos,
E os Hymnos q̃ a Deos se cãtam?

23

Aquelles cantares finos,
A quem Liricos disseram
Os Gregos, & os Latinos,
Dizeyme donde os ouueram,
Senam dos liuros diuinos?
Quantos que delles ao seu
Trouxeram as aguas â mão
Regou Pindaro,& Alceu,
Regou seus campos Plataõ.

24

Mas o que eu por ora aprendo
He ler liuros de giolhos,
Diuinos,que mal entendo,
Mas fossem dignos meus olhos
De cegar sobr'elles lendo.

Que de ſeus miſterios altos
Aſsi lubrigando vejo,
Que naõ ſou pera tais ſaltos
Porem ſoſpiro, & deſejo.

25
Era em grande differença,
Se caſaria, ſenam,
Ouue de ſayr ſentença,
Que a ſó hũa o coraçam
Deſſe, & deſſe às mais licença.
Iſto dito, Amor mais raro
Deu ſinais como era alli
Outro ſom do cordel claro,
Outro das frechas ouui.

29
Amor, que eſtàs ſempre auindo
Cõ Deos, que he a pura verdade,
Sejas por ſempre bem vindo,
Ao entregar da vontade,
Que entrego ende aqui ſentindo:
Poem do teu fogo a eſta caſa,
Faze quanto nella ha teu,
Que Deos he fogo, que abraſa,
Sey o de hum priuado ſeu.

A PEDRO
CARVALHO.
CARTA .V.

I
NO lugar onde me viſtes
Da agoa, & do mõte apertado
E d'outras paixões, que ouuiſtes,
Tenho mais dias contado
De ledos, que nam de triſtes.

Ifto, que ora ouuis de mi
Olhay fe ouuis là d'alguem,
Bufcay, perguntay fem fim,
No defejado Almeirim,
No farto de Sanctarem.

3

Que tençam todos tomaftes
A terra, que me criou,
De quem tanto praguejaftes:
Porque, porque vos liurou
Da pefte, com que hi chegaftes?

4

Foftes mal agafalhados?
Naõ certo, que atê as fazendas
Vos dauaõ paruos honrados;
Pois porque? porque os priuados
Tinheis longe voffas rendas.

5

Homẽs que fempre aos proueitos
E a voffo intereffe andais
Veftidos de falfos peitos,
Quaõ pouco, que vos lembrais
Dos faõs, dos comũs refpeitos.

6

Por efta caufa fe vee
Differença nos confelhos,
E chega inda o mal até
Defacreditar nos velhos
A faã prudencia, & a fé.

7

O que eu por parcialidade,
Nem outro refpeito digo
Da antigua, & nobre Cidade
Sou natural, fou amigo,
Sou porem mais da verdade.

Como vos partiſtes dahi
Logo abrigados achey,
Onde me deſencolhi,
Seguramente dormi,
Seguràmente veley.

9

Cidade rica do ſancto
Corpo do ſeu Rey primeiro,
Que inda vimos com eſpanto
Ha tam pouco tempo inteiro
Dos annos, que podem tanto!

10

Rey, a quem ſe Deos moſtrou,
Rey, que tantos Reys venceo,
Rey, que taes Reys nos deixou,
O bom filho hi ſe lançou,
Que atê Seuilha correo.

11

Outro Rey noſſo ſem mal,
Que lhe empeceo a bondade,
O quarto de Portugal,
Qual teue elle outra Cidade,
Que lhe foſſe tam leal?

12

Qual a ſua fé ſaluou,
Por tanto perigo, & medo,
Qual outra tanto eſperou,
Qual outra as chaues mandou
Ao Rey ja morto em Toledo?

13

Mas tornando ao abrigado,
Onde me furtey aos ventos,
Hi depois de mi tornado,
Que rir, que eſmorecimentos
Do tempo tam mal gaſtado.

E o fogo,que se ora acende,
A presteza das mudanças,
Mal, que taõ longe se estende,
As vidas curtas defende
Tomar longas esperanças.

15

Giges na sua abastança,
Que de toda a parte ajunta,
Inchado em tanta bonança,
Apollo hum dia pergunta
Polla bemauenturança.

16

Tal fumo Apollo entendendo
Iulgou por melhor estado
O de Glao, que pastor sendo,
Se hia cantando,& tangendo,
Olho sômente ao seu gado.

17

O ricos que esta riqueza
Està no contentamento,
Mais tem quem mais a despreza,
Não foge o rico auarento
Por mais que fuja à pobreza.

18

Onde mais pode caber
Sinal he de lugar vão,
Que se pode ainda encher,
Os corações haõ de ser
Ricos,que os cofres não.

19

Por faminto que venhais
Morto com sede, ou com frio,
Do fogo onde quer achais,
Vay muita agoa pollo rio,
O monte dá que comais.

20 k9 Quẽ

Quem a appetites dà crença
Hũa mão toma, outra pede,
Nunca esperereis que se vença,
Sinal de hũa mà doença,
Quanto mais agoa, mais sede.

21

Tem cobiça a boca aberta,
Isto que te assi parece,
E tras que andas tanto à lerta;
Luz defora, & resplandece,
Dentro não ha cousa certa.

22

O juyzo, & a rezão ata,
Tudo deixa escuro, & em erro;
As leys de Deos desacata,
Do tão mole ouro, & da prata
Fez duras prisoẽs de ferro.

23

Esta entrada em nossos peitos
Fez nelles estragos tais,
Que hermos ficaõ, & desfeitos
Abertos por mil portais
A todo vento sogeitos.

24

Que nam farà? pois trocar
Nos fez a paz polla guerra,
Fez hũs aos outros matar,
Passou de viuenda ao mar
Homẽs naturais da terra.

25

Escrauos, mais que os escrauos
Por rezam, & por justiça,
Deixaynos de tantos gabos,
Que vos vendeo a cobiça,
A mar brauo, & a ventos brauos.

Eſpritos vindos do Ceo
Poſtos aos lanços na praça,
Com que nadas vos venceo,
Porque nadas vos vendeo,
Melhor fora antes de graça.

27

Metais de tam baixa liga,
Que nos na terra eſcondera,
Natureza,mãy, & amiga,
Entre nos, & elles puſera,
Tanto trabalho,& fadiga.

28

Seruio de mòr appetito,
(Differão fortuna, & enueja)
Emfim ſeu feito, ſeu dito,
Pera al criado o ſprito,
Iſto ſô ſonha, & deſeja.

29

E porem que ſam? engano,
Que mais hũa mãy fizera,
Afaſtauanos o dano
Aos filhos que à vida dera,
Aceſa de amor humano.

30

Mas que pode aproueitar,
Se lhe fazemos tal guerra,
Co contino traſfegar,
Ora reuoluendo o mar,
Ora reuoluendo a terra.

31

Nas Minas altas que digo
Reuolta a terra té o centro,
Que faz o homem enemigo
De ſeu repouſo lá dentro
Com tal trabalho, & perigo?

32

Debaixo da terra fria
Aja vergonha a rezam,
Aja alma que mais deuia,
Que deixando atras o dia
Polla noite auante vam.

33

Não tem termo homẽs ousando
De seu siso em desemparo,
Tudo forão apalpando,
Té pollo ar solto, & raro
Ouue quem fosse voando.

34

Gente que não teme nada
Cos medos se desafia,
Por mares sem fundo nada,
Passou a Zona torrada,
Anda por passar a fria.

35

Não he pera tanto a vida
Quanto melhor escolheo
Quem na dorna ao Sol voluida
Viueo mais rico, & morreo,
Que Crasso, que Cresso, & Mida

36

Fugindo Crates ao ouro
Mais que hum couarde do ferro,
E às cousas de mao agouro,
Lançou ao mar gran thesouro,
Quem fará agora tal erro?

37

Por força à Cidade auida,
Respondeo ao enemigo,
Bias, a quem fica a vida,
Tudo o meu leuo comigo,
Deixo a fortuna corrida.

Aos d'Efparta naturais,
Refponde Apollo a feu rogo,
Se a liberdade eftimais,
Velayuos defte ouro mais,
Que do ferro,nem do fogo.

39

Do grande Epiteto o nobre,
Efprito,o fô liure, & franco
Num corpo coytado, & pobre,
Efcrauo, & ainda manco,
Quanta da riqueza encobre?

40

Da fua fraca cafinha
Ledo fay,ledo a ella torna,
O mefmo que hia, effe vinha,
Cafa que porta não tinha,
Que mais montaua que dorna?

41

Iefu Chrifto bufca obreiros,
Não nos quer defpedaçados,
Quer os feus de todo inteiros
Dos corações alugados,
Poucos fam os verdadeiros.

42

Gente de vontade dura
(Diz elle)que não andais,
Em quanto efta luz vos dura?
Não vos tome a noite efcura
Antes que vos acolhais.

43

Não feria eu ifto vendo
De juyzo, & rezão fañ,
Andar mais dias perdendo,
Comecey ante manhã,
Não fey que andaua fazendo.

44 Hia-

Hiame enjoado afsi
Ao fó por onde os mais andam;
Olhe bem cada hum por fi,
Que eftes bens falfos daqui,
Senam faõ mandados mandam.

45

Os defejos fam fem termo,
A efperança he faborofa,
Eu contenteyme defte hermo
Polla razão, que a Rapofa
Deu ao Leão, que era enfermo.

46

Meu Rey, meu fenhor Leão,
Olho cá; & olho lá,
Vejõ pégadas no chão,
Que todas para lá vão,
Nenhũa vem para cà.

47

Effa Cyrces feiticeira
Da corte tudo trefanda,
Defte faz Onça ligeira,
Lobo outro, que a carniça anda,
Outro caõ que a caça cheira.

48

Algũs Papagayos vam,
Outro Vffo direito em pé,
Cada hum de fua feição,
Outro gatinho hermitão
Deftes que vem de Guinè.

49

Cantam ao paffar Sereas,
Que fazem adormecer,
Correndo todas as veas,
De tal fono as deixão cheas,
Que fenam pode homẽ erguer.

Vou co pensamento, & venho
E ao meu medo deuo muito,
Por quem liure me sostenho,
Pello que vi,& que escuyto
Nisso, que tenho, assas tenho.

51

Do com que eu folgo, outros rim
Cada hum terà sua escusa:
Ia vos dey muitas por mim,
Estas cousas sam emfim
Como dellas homem vsa.

52

Sejão rezões poderosas,
Olhay, que o ferro se deu
Para cousas proueitosas,
Depois este meu, & teu
Fez delle as armas danosas.

53

O fogo, que nos foy dado
A tantas necessidades,
Que ser não pode apressado,
Farà, & fez no passado
Em pò ja muitas cidades.

54

D'este engenho, que diremos,
De quem nòs tais gabos damos,
Com quem tudo acometemos?
Quantas vezes delle vsamos
Mal, & como nam deuemos?

55

Dom do ceo nosso especial,
E veyo a ser todauia
Este homem racional,
Tam agudo no seu mal,
Como ontem n'artelheria.

56

A fins tão desordenados
Que remedios se offerecem?
Diz S.Paulo, homẽs errados
Se os odios entre vos crecem,
Comeruos eis aos boçados.

57

O nome da ociosidade
Soa mal,mas se ella he saã,
Bem occupada,he bondade;
Socrates da liberdade
Lhe chamaua sempre irmãa.

58

Douvos Enio por author,
Quem naõ sabe vsar do ocio
Cansa , & anda derredor,
Vem a ter mayor negocio,
Que hum grande negociador.

59

Porque este sabe apos que anda,
Aquelle assi nam se entende
Quanto anda,tanto desanda,
Naõ se obedece, nem manda,
Ora se apaga,ora acende.

60

Vello ir,vello tornar,
Vello cansar, & gemer,
E em busca de si andar,
Cobrar a cor, & perder,
Que senão pode topar.

61

Mas eu porque passa assi,
Que seja muito, direy,
Dias ha que me escondi,
Co que li, co que escriui
Inda me não enfadey.

A DOM

A DOM FERnando de Meneses.

CARTA VI.

Gvadalquibir arriba a rica praya
Vistes tā perigosa, &as marauilhas,
De q̄cõtais, q̄ouuindo homē desmaya.
Vistes armadas tantas armadilhas,
Aos olhos, & entre outros entremeses
Pescar cõ redes d'ouro das Antilhas.
Senhor meu Dõ Fernando de Meneses,
Vi Roma, vi Veneza, vi Milão,
Em tēpo d'Espanhoes, & de Frãceses.
Os jardins de Valença d'Aragão,
Onde Amor viue, &reina, onde floreçe,
Por onde tantas embuçadas vão.
Mas isso asſi, direy que mais parece
As couas de Seuilha soterranhas,
Onde a vida em prazer desaparece.
Quem naõ dirà tābē que saõ patranhas
As cousas, que alli vistes ser verdade?
Sabeis de q̄ lhe vem? de ser tamanhas.
Espreita onde vè a rica ociosidade
Amor, a seus prazeres solta, & a vaã
Desenfreada prodigalidade:
Imiga das leys sanctas, & da saã,
E boa temperança, & vida pura
Dessoutra vida Seuilhana irmaã.
Aquelles sam seus parques, hi asſegura
Os seus estados grādes as suas cortes,
Alli he gram senhor, dura oque dura.

Por ahi passea, & vay a seus deportes,
Viue alli Salamãdra no seu fogo,(te.
q̃ a elle a vida dà, & aos seus mil mor
De quẽ se elle apodera, entrãdo logo
A liberdade foge,& nunca mais,
Emquãto o hi sente torna a risa,ou jo
Mas tornemos às nouas,q̃ me dais (go.
Das senhoras,das casas, & das sedas,
Pedraria,que cega os auengais.
Para onde correm todas as moedas,
As d'ouro poderoso, & prata fina,
Em ricas praças ricas almoedas.
Quem se alli chega aoslanços desatina,
A primeira auentura he a do siso,
Quẽ lògo perde,tudo ábanda inclina.
Alli o saber, alli o brando auiso,
As boas partes todas quantas sam,
Nobreza , & parecer he tudo hũ riso.
Vendẽdo ellas oseu sempre em pregão,
Cousas,q̃ ẽ tẽdas se achã por hũ nada
Regateiras crueis, por quãto às dam?
Que cegueira esta he ja tão costumada,
Em todo tẽpo, em toda ley, & idade,
Quẽ mais leua nabolsa, esse arrecada.
Nam fallemos naquella infirmidade
De seus validos, q̃ he como se acerta,
Por appetites só, por liuiandade.
Que nam se pòde dar hi regra certa,
Senãoq̃asi lhe apraz a quẽ se obriga,
q̃dos maishe cada hũ como se offerta.
Quem dirá ora,que nisto a gẽte antiga,
Que tanto vio,vio pouco,do custume
Cega, & desta bayxa humana liga?
Entrãdo o tẽpo mais, ẽtrou mais lu
Sulpirouse melhor, veo outra gent

De q̃ o Petrarcha fez tã rico ordume.
Eu digo os Proençaes, q̃ inda se sente
O som dos brandos versos, q̃ entoarã
As suas Musas brãdas, brandamente.
Despois, ah q̃ vergonha, emfim tornarã
A cayr muitos neste amor vicioso,
O fino, os peitos finos o saluaram.
Escreuem, que hum Philosopho famoso
Tentado dessa Lays, por quẽ se chama
O porto de Corintho perigoso.
Dessa, a quẽ todos vervinhão por fama
De sua fermosura, ficou tal
Quevencedor tornou, vẽcida a dama.
E mais quando o perdam era géral
A todos neste caso, tanto a vsança
A dar culpa, & desculpa pòde, & val.
Porem de hũa tamanha confiança
De si, de tal cõstãcia, em tais amores,
De hũ sô seja aqui dito em abastãça.
Enxamea este mundo, & dâ das flores
Como lhe apraz á grande natureza,
Dos Sãtos nã me meto eleus louuores.
Que nam se atreue a tanto esta rudeza
Do baixo estillo meu, da fraca vea,
q̃ entẽdo, &nã me ẽgana sua pobreza.
Ora estais jà na corte onde se atea
Para vôs outra fragoa, outra cõtẽda,
Outraprisaõ maismobre, outra cadea.
Onde, nem tudo leua a grande renda,
Nem a negociaçaõ, que isso seria
Tirar poder ao Amor, dallo à fazẽda.
Amor he senhor grande, & naõ se guia
Por interesses vijs, dar, & tomar,
Que seu trato nam he de mercancia.
Amor he hũ bem, q̃ corre sem parar,

Que nãosabe por nodoas de sospeitas
Na fé, nam inquirir, nem duuidar.
Nam ergue ao ar figuras contrafeitas,
Como vemos às tardes nuuẽs raras,
Em pouco espaço feitas, & desfeitas.
Nam tem contra sinais, nẽ Almenaras,
Nã mãda escuitas fóra, ahi hepazbôa,
Corrẽ das fontes claras, aguas claras.
Quam lõge do outro cego q̃ ao arvoa,
Tudo desassossegos, & queixumes,
Cuidais q̃ his vẽto a popa, his vento a
Tudo desconfianças, & ceumes, (proa.
Hũs nadas, que porẽ fendem d'agudo,
reina nopouo, esegue osseus custumes.
Este tudo he fallar, o outro he mudo,
Ou cãse os corações, que ouuidos tẽ,
Mais certos, & outros olhos q̃vẽ tudo.
Que os peitos passam da banda dálem,
Como o Sol dando faz nũa vidraça,
Os claros corações claro se vem.
Verdade he q̃estes tẽpos não dá graça,
Essa que dar soya no passado,
Que sayr naõ no deixa tanto à praça.
Temese d'hum imigo apoderado
Da rezão, q̃ só sonha India, & Brasil,
Té que cada hũ de lâ torne dourado.
Lançou nos a perder engenhos mil,
E mil, este interesse que aja mal,
Que tudo o mais fezvil, sendo ellevil.
Os Momos, os serões de Portugal
Taõ fallados no mũdo onde saõ idos,
E as graças temperadas de seu sal?
Dos motes o primor, & altos sentidos,
Os ditos auisados cortesaõs,
q̃ tielles, quẽ lhes dâ sõmẽte ouuidos.

Ma

Mas deixemos ora ir queixumes vãos,
Assi foy sempre, assi sempre serà,
Trocaõse ostẽpos, fogẽ dãtre as mãos.
Nam vedes quantas voltas q̃ o Sol dà,
Ora aparece, ora desaparece,
Que debaixo do Ceo cà quedo està?
O q̃ ontẽ muito aprouue, oje aborrece,
Daõ volta as cousas todas as reueses,
Nũ poço sobe hũ balde, & outro dece.
Mas vòs, o bõ Dõ Ioão, vòs de Meneses
Dõ Manoel, q̃ tais tempos lograstes,
Chamaruos ey ditosos muitas vezes.
Que com tanto louuor, aqui cantastes,
E cõ tal voz, que ainda eu alcancey
Os derradeiros eccos, que deixastes.
Depois de fòra parte aqui escuitey,
E ouui cantares, foram elles tais,
q̃ eu tãbẽ trasportado os meus cãtey.
Ora outra vez a vòs, senhor, q̃ andais
Naquella viua força dessa idade,
De que os amores se apoderão mais.
Nam me seja contado isto a vaydade,
Mas eu naõ vejo aqui cousa mũdana,
Que taõpouco pareça à humanidade,
Quẽ cuydando terà por obra humana
Hũa alma que tam firmemẽte escora,
q̃ o poder da fortuna naõ na abana.
Alçase o esprito, & vay de sos em fòra
De todos os sentidos, sò por si,
Ouue, & vee de q̃ viue hora por hora.
De tudo quanto o mundo presa, ri,
Tudo lhe he (como dize) neuoa, & vẽto
Passouse a corpo alheo, & viue alli.
Buscou, & pos tam alto o fundamento
Que por cousa q̃ veja, ou q̃ aconteça

O mesmo he no prazer, q̃ no tormẽto.
Hi se acaba o seu bem, onde começa,
Faz como a Aguia aos filhos, q̃ os ẽgeita
Se a vista ao Sol d'algũ vee q̃ enfraq̃ça.
Assi toma aos cuidados conta estreita,
E aquelle, que ser bom claro naõ vee,
Naõ he dos seus, a cõta ẽ nada he feita.
E assi sô abraçado com sua fé
Sẽ querer nada mais hi se adormẽta,
Que riqueza grandissima aquella he,
Q̃ hũa parte sô viua, outra nam senta.

A HVMA SENHOra muito lida em nome de certo seruidor seu.

CARTA VII.

CVidãdo ẽ vòs senõra no alto ẽgenho
Delicado saber, na tanta estima,
Naõ sey cõ q̃ ousadia ante vòs venho.
Por dom da natureza, posta a cima
De tudo o q̃ aqui vemos descuberto,
A q̃ he tam necessaria a vossa lima.
Occasiões esperando, & algum acerto
(Que tudo he cheo d'acontecimẽtos)
Quãtos males passey? quão encuberto
As esperanças foram se cos ventos
Dias ha, se eu tiuera vista algũa,
Mas bẽ he q̃ assi vão os vãos pensamẽtos

Senhora, quanto Sol, & quanta Lũa,
Em quãto eu cuido,& temo,se mevão
Viuendo triste sem vida nenhũa.
Cuidaua eu que valesse esta rezam
Cõ quẽ tãto ella val, val pouco ẽ fim,
Nomes custosos,que remedio nam.
Comigo a braços a que estado vim,
Lidãdo noite, &dia?emfim quebrados,
Hũs me mostrã ao dedo, outrosse rim.
Sam fôgos como os q̃ vemos pintados,
Nã chego a dizer mais,digo o i posso,
Osdalma saõsõ osviuos,&oscallados.
Não sey como nam vistes este vosso
Esprito (em tanto tẽpo) onde asi val
Este nome de meu, & inda de nosso.
Nem como andais cuidãdo tãto em al,
q̃ naõ vistes esta alma em tãtos dias,
q̃ avòs sô tem por bem seu principal.
E naõ se vos mostrou por tantas vias,
Tanta verdade, experiencia tanta,
Apurada em taes fogos, & agonias?
Essa vista, que o mundo todo espanta,
Aquelle entendimẽto tam profundo,
Quẽ o cega asi nisto, quẽ o encanta?
Hercules tam fallado pello mundo
Que trabalhos venceo? porem a dura
Madrasta naõ cãsou tẽverihe ofundo.
Emfim vendoo no fogo, ja segura
Seus olhos farta, mas as immortais
Honras, q̃ se lhe deuem, torna escura.
Iulgamso as cousas pollos seus sinais
Milhor, que por palauras, que farey?
Tudo me lembra,& tudo por demais.
Tyrania cruel, aspera ley,
Que asi quer oq̃ quer, braua opiniaõ

Abasta, asi me apraz, asi
Tirando seu lugar sempre à
Mas a culpa he d'Amor, q̃eu
Deixay chamar os seus por
O duro, o brando, o sem siso,
O velho com suas lagrimas
O moço aos sobresaltos brâco
Amor tem cheo d'armas victo
(Em padrões altos) tudo ao
Pollas façanhas suas espanto
Poderoso, absoluto, & sô senh
Os Deoses tem os fados sobr
Liuremente o que quer sô po
Os sanctos juramentos, ora a
Ora asi feitos, passa em grag
Tè d'alagoa subterranea ri.
Nam se pode fallar estando en
Nas grandezas d'Amor, cump
O entendimento do corpo di
O que ao baixo o niuel nosso se
Tudo tambê he baixo: estes
Leuemente enganados nam d
Os remos nagoa parecem torc
Os olhos nos enlea hum jogo
De maõs, & asi se êganaõ os o
Bem sabeis vos, senhora, o q̃ se
De dous pintores nobres, a po
Emq̃ cada hũ vêcer o outro se
Frutas pintou hum delles, qu
Vinhaõ as aues comer, outro d
Pintado fez, que a sua obra e
Vede quanto a arte pode? nam
Alli vista, & saber, o veo de di
Mandaua aleuantar o que perc
Diz ledo o vencedor, foste basta

A enganar aues;que victoria a minh.
Enganado vm pintor taõ posto àuãte
Aquelle leue Grego, que hia, & vinha
Com tanta ligeireza, & tal feruor,
q ospésvoauaõ, &q̃do o corpo tinha.
Quando cuidauão que auia traspor,
Inda desse lugar não se mouera,
De que esperauapremio apôs louuor.
El Rey Agesilao,que naõ pusera
Nisso cuidado, mais não disse entaõ,
Que affirmar, q̃ jogral lhe parecera.
Ora tornando atràs, pouco mais sam
Os nossosolhos,q̃esses dos morcegos,
Poisq̃ hũas cousasvẽ,&as outrasnaõ.
Seus thesouros, & seus ricos empregos
Alcansamse por sorte grande, & rara,
Iazẽ em mui profundos,&altospegos.
Tanto ha que canso,que medesempara
O mesmo tempo,as forças desfallecẽ,
Ay quãto custa hũa esperança chara!
Queixas a algũs de fôra isto parecem,
E quiçais q̃ o serão,sô a alma o sente,
E estes olhos coytados, que amolecẽ.
Entretanto que cuida a leue gente,
Desses que vemos tantos a milhares
Regidos sô do caso,& do accidente.
Ondas,q̃aosvẽtosvaõ corrẽdo osmares
Andabatas que ferem às escuras,
E sem certeza dão por esses ares.
Estas seriaõ as desauenturas,
q̃ Heraclito choraua ẽ vida andando,
E Democrito ria, por locuras.
Cõ muitas outras, q̃ fazẽ gram bando,
Posto que seraõ sempre as principais,
As dos,q̃assi se perdẽ,outrẽ buscãdo.

Que harê,q̃al refpõder tiẽbla la mano?
Trabaje por efcufa, fi la hallara,
Bufcando lo q̃ no ay,canfafe envano.
No difsimularé la verdad clara,
Yendo a te refponder atràs boluia.
Viẽdo tu pluma quanto q̃ me alçara.
Temia lo que aun temo, que diria,
El que oydos alçaffe a la refpuefta,
La tierra tan preñada que paria?
Soltofe todo en rifa, tanto cuefta
Efperar mucho,viendo por antojos,
Quãto a mi,quiẽme loa me amonefta.
Poniendome delante de los ojos
Como en pintura lo que feguir deuo,
Y en traje de loores, fon abrojos.
Forçado a refpõderte alfin me mueuo,
Del ierro afabiẽdas,viene vãfudores,
La pluma agora,agora el huelgo prue
Si cõ MõteMaior trato de amores,(uo.
Quando le alcançarè?vâ de corrida,
De laurel coronado,de yedra,yflores.
Y fi tratar quifieffe de la vida,
Que folo es vida cierta, y tan fegura,
La entrada es alta, ciega la falida.
O buen Mondego, q̃ en la Eftremadura
Nueftra,a Neptuno pagas el tributo
Deuido, como vuifte gran ventura!
q̃ al fin del mũdo agora hasdadovn fru
q̃lo hinche de olor todo,yq̃llcuãra(to
La niebla de lafierra,yelcãpo àexuto.
Miẽtras tañẽdo vâ,miẽtras q̃ el canta,
La fuMarfida por los campos llanos,
Regados de tu agoa,à quiẽ no efpãta?
Por dõde(vn tiẽpo fue)milgritos vanos
El mi Diego exerzio fin aiuedre

Atado alli d'Amor de pies, y manos.
Con mejor suerte estotro, del tu rio
Passò los altos puertos, buelue lleno
De gloria al patrio nido suyo, y mio.
Haziendo como el ayre tan sereno
De nuestra Lusitania en lexas tierras,
Quede de boca en boca, seno en seno.
Fue MõteMayor yà nõbrado ẽ guerras
DelSanto AbadDõIuan (cuentase assi)
Agora dexa atras aguas, y sierras.
Quando Moros podian tanto aqui,
(Ah los muchospecadosdeCristianos)
Quedose el leal Monte en saluo alli.
Marsilio de gran nõbre entre Paganos
Del Hebro a la ribera puso silla,
Ya raya ẽtreCarthago, ylos Romanos.
Entraron Mahometanos por Castilla,
D'Amor, deMarte fiero vuo auẽturas,
Quiẽ crè, quiẽ no las crè se marauilla.
De tan escuros tiempos, tan escuras
Cosas, de vista cuenta el buẽTurpino,
A estraños cuentos orejas seguras.
El Hadado Roldan, Reynaldo dino,
Que le fuera fortuna mas cortès,
De su riqueza a vn tal Paladino.
Ruger del ingenioso Ferrarès
Tan alabado en tan sabroso estilo,
Astolpho auenturero, y vano Ingles.
Que dio la muerte al fabuloso Orilo,
Violo el blãco Grifon, violo Aquilãte
El negro, en la ribera allà del Nilo,
Dos guerreras, Marfisa, y Bradamante
Espanto en campo armadas, y terror
Por enemigas hazes adelante.
Hasta tanto lleguè por tu sabor,

q̃ està todo en Marfida, he te feruido,
Si mal, no deprendi las leys d'Amor.
Vezino àquel tu Monte do has nafcido
Cogi el ayre de vida, y del Mondego
La clara, y tã fabrofa agua he beuido.
Afsiento de las Mufas, tras el ciego
Niño, q̃ buela, perdi el tiẽpo andando
Vno de los fus locos, no lo niego.
Y aqui parado eftando agora, quando
Contemplo las pifadas, q̃ atràs dexo
Cierto q̃ ẽtiẽdo mal, fi ãdo, o defãdo.
Y en tal fazon quiçà d'Amor me quexo
Si vifte algunos de los mis rẽglones,
Trifte Andrès, trifte Diego, y trifte Alexo
q̃ haremos a eftos nueftros coraçones,
q̃ hurtãdofe denôs quãdo ellos quierẽ
Acogiendofe van a fus prifiones?
Biẽ vees, q̃ eftos fentidos en nôs muerẽ
Viuen en otra parte, y alli paffados,
De allà nos llamã fiẽpre, y nos requie
Y màs cõ q̃ blandura? amenazados (rẽ.
Como a efclauos q̃ huyerã, noche, y dia
Duras leies, duros fuegos, duros hados.
Hafta el mal que paffô, aun defafia
La vida, y con deffeos de prefencia
Se buelue a codiciar lo, q̃ dolia. (cia,
El nueftro Andrade vi muerto de aufen
Efprito tan gentil, tan mal tratado!
En tan terrible mal tanta paciencia!
Nafcido para amar, y fer amado,
Mas es Amor cruel naturalmente,
Tan cõtrario del nõbre q̃ le hã dado.
O ciegos, que razon fufre, y confiente,
Que lo q̃ os aquexaua alla cada hora,
Acà con fu deffeo os atormente?

Quien no sabe q̃ aquel, q̃ Amor adora,
Y que mas victos beue por sus cosas,
Por vna vez se rie, quãtas que llora?
Que mu estras sō las suyas tan lustrosas!
Que lexos de pintura tan diuinos!
Que aguas q̃ d'alto caē tan hermosas!
Que soledades de los altos pinos,
q̃ en el monte Menalio a las estrellas
(Licencia ayan palabras) son vezinos!
Que los cantares, antes las querellas
De sus pastores oyen, y en tal parte
Parece que responden al fin dellas.
Demos buelta al Archero, que reparte
Tan mal sus flechas, vanle acõpañar
Por la razō, q̃ ende ay, Venus, y Marte.
Con que palabras te podrè rogar,
(Y sea con perdon de quien te llama)
Que tan presto no nos quieras dexar.
Marsida el fuego tuyo, y dulce llama
Aura por bien de ser aca cantada,
Do no vino en persona, vēga en fama.
Bien sabe que la muerte fiera ayrada,
Quanto nasce amenaza, y no perdona
Que a todo lo q̃ viue buelue en nada.
Tu solo enterneciste esta Leona
Con los cantares de tu ingenio raro,
Con el fauor del hijo de Latona.
Leuanta tus sentidos al amparo
Tan alto, y tan seguro, como tienes,
De la Princesa nuestra vn Sol tã claro.
No seas como muchos, que sus bienes
Bien no conocen, mira que acontece
A pocos lo que a ti, si bien te auienes.
Con la suerte, que vuiste, que esclarece
Por la casa real en todo estado

Do por coftũbre antiga ẽbidia crece.
Mas las Mufas al fin tendran cuydado
De fu Poeta, pues le quieren tanto,
Como a quiẽ de años tiernos hã cria
Al fon de fus vihuelas de fu canto (do.
Entonandolo fiẽpre de que es prueua
Mouer el quãdo cãta agozo, y a llãto.
Defto muy cuerdos no me es cofa nueua
q̃ eftẽ burlãdo efclauos del prouecho
Ado parece, oq̃ arda el Cielo, o llueua.
Esforçandofe fiempre, o con derecho
O fin derecho (aqui doned el tino)
Inchamos efta cafa hafta fu techo.
El oro blando a todo abre camino,
Mas q̃el hierro, y folo es dicho, auer,
Nadie inquiere defpues de dõdevino.
Las buenas Mufas baftales tener
Lo neceffario, para que es afan
Vano, fi en fin tan poco es menefter?
No vees los dias con que prieffa van,
Vnos tras otros? pocos fon los ledos,
Que pienfas todos juntos que feran?
Humos, y vientos, q̃ nũca eftan quedos
Effe poco de vida, y breue inftante
Lleno de fobrefaltos, y de miedos.
Otra vida a Beatriz ha dado el Dante,
A Laura hizo el Petrarca tan famofa,
Que fuena defte mar al de Leuante.
Bocacio alçò Fiameta en ve[illegible], y profa
De Pyftoya, el buẽ Cyno a fu Seluaja,
Ah buenos años, buena ed[illegible]d dichofa!
Parece que efte mundo haz[illegible] ventaja
En tiempos a fi mifmo, otros fe esfria
De toda parte, como que fe cuaja.
A ti las diofas de la Poefia,

Y a tu Marfida, haran ser immortales,
que nũca le anochezca a vuestro dia.
En quanto al cuerpo destos animales,
q̃ llamã brutos, mucho atràs q̃damos
Mas q̃ en sentidos no nosson iguales,
Hemos de cõfessar, que no queramos.

AO DOVTOR Antonio Ferreira em reposta doutra sua, que anda impressa com as suas obras.

ELEGIA.

Esta branda Elegia, esta tam vossa,
Quero dizer de tanto preço, & tal,
q̃ vay fugindo ant'ella a neuoa grossa.
Bem vejo que era empresa principal
Esta a que vinha, mas a dor rezente
Tempo esperaua, cura mais geral.
Quanto que aquella vea assi corrente
Se deue àq̃lle engenho prõto, & raro,
Que assi sente, assi diz tudo o q̃ sente.
E mais em tal fazã tempo tã auaro
De louuores a'heos, em tal danno
Dos engenhos, q̃ se achaõ sẽ emparo.

Vẽ hũ dádo à cabeça, & cõtavſano (mas
Couſas do ſeu bõ tẽpo, ardẽdo ẽ cha-
Pollasq̃fez, todo al lhe he claroẽgano.
Andaõſe às rezões frias pollas ramas,
Hũ vilancete brãdo, ou ſeja hũ chiſte,
Letras às inuenções, motes àsdamas.
Hũa pregũta eſcura, hũa Eſparſa triſte,
Tudo bõ, quem lho nega? mas porque
Se alguẽ deſcobre mais, ſe lhe reſiſte?
E como? eſta era ajuda? eſta a merce?
(Deixemos as merces) eſte o bõ roſto?
Que menos cuſta, em fim q̃ eſte tal he?
E logo aqui tam perto com que goſto
De todos, Boſcaõ, Laſſo, ergueraõ obã
Fizeraõ dia, jà quaſi Sol poſto. (do,
Ah, q̃ naõ tornaõ mais, vamſe cantãdo
Devalle ẽvalle, em àr mais luminoſo,
E por outras ribeiras paſſeando.
Tornemos ao deſaſtre a nòs choroſo,
Furtãdo me hia àdor, q̃ inda ameaça,
Como hũparto aofogir maisperigoſo.
Naõ ouſo inda a fallar tanto de praça,
Fallo com voſco como em puridade,
Incerto do que diga, & do que faça.
Quando mãdey meu filho em tal idade
A morrer polla Fê (ſe aſsi cumpriſſe)
Que eſta era averdadeiraſuaverdade.
Tu vàs pello caminho agro (lhe diſſe)
Que tu meſmo tomaſte á tua conta,
Sem perigos, quẽ ſe acha que ſobiſſe?
De tẽpo q̃ aſsi foge, q̃ te monta (cẽto?
Vinte, ou trinta annos mais? q̃ mõtaõ
Ergueo aviſta a mĩ alegre, & prompta.
Suſpirando por ſer là n'hum momẽto,
Se ſer pudeſſe taõ depreſſa. os fados
Cor-

Corriaõ(nomes vaõs sem fun
Entaõ o encarreguei destes cu
Deos, & logo honra, logo o
Quaõ depressa a cũprir foy t
Parece que os leuou no coraça
Nam soltos por de fôra nos
Como outros fazẽ,q̃ perdẽd
Tinha do corpo espertos os s
os dalma muito mais, mais lim
Iagora os bõs desejos saõ cũpri
Vio onde a deixaria em paz se
Depressa à occasiaõ arremete
Naõ quis esperar mais outra
No dia do começo a conta enc
Seguro vio a morte, espanto
Nòs sonhamos aqui, tu vaste a
Ditoso aquelle mestre Dom Ro
Manriq̃, a quẽ em seu tempo lo
O filho,, & deu ao corpo ẽ mort
Era ella conta igual, q̃ quẽ entr
Primeiro à vida, se fosse prime
Eu sou quẽ deuera ir, quẽ nos t
Cordeiro âte o trono alto do Co
Lauado iràs no teu sangue sẽ n
ó quem como era pay, fora par
Diz Paulo (da Fê nossa ardente fr
Que para o filho o pay faça thes
Parece natural hum correr dag
Nam asi aqui perto abaixa o De
Ao contrario, nomar se lança e
Mondego, & Tejo das areas dou
Quanto mais certo cõtra o imigo
Pódes, q̃ outrem dizer, vim, vi, v
Cerrádo, & abrindo a maõ, post
Naõ se vejaõ mais lagrimas aqui (g

Saluo se por nôs forê, q̃ ê taes treuas,
Em tam cega prisam deixaste assi.
Vayte embora, que ja nam tẽs, q̃ deuas
Temer, là tudo he paz, tudo assossego,
A quem leua o seguro, que tu leuas.
Ditoso, que nam viste de dor cego
Por senhor hum imigo de tua ley,
q̃ a tanta presa fora injusto emprego.
Quãtas graças, meu Deos, quãtas te dey
Sabendo d'alma, q̃ era liure, & viua;
Sem ella ao corpo de que temerey?
Sabia aq̃lla condiçaõ sua altiua (mana)
(Nasta sò parte, no mais branda, hu-
Que era para morrer, nam ser catiua.
O sepulchro, com quẽ s'avista engana,
He leuissima perda, que tambem
He lodo, he terra, he pò, terra Africa-
Que tam estreito mar entresi tem (na,
Abila, & Calpe, foy tẽpo, hũ sômente,
Dous agora, hum daquẽ, outro dalẽ.
Nos quais duas colũnas pos defronte
Hercules, q̃alli ẽtrada ao grãmar deu,
Falece antes quẽ crea, q̃ quem conte.
Os Gregos no q̃ escreuẽ poem do seu
As vezes muito, & dizem q̃ chamadas
Iá foram, as columnas de Briareu.
Acabemos nas bemauenturadas
Almas sobidas para sempre à luz,
Onde rindose estaõ dos nossos nadas.
Hũ sò, q̃ em sangue aberta traz a Cruz
Branca por armas deu Deos à Cidade,
Milagre, que em sinaes claros reluz.
Rotas as armas, rota a humanidade
Por muitas partes, Mouros a milhares
Morde ẽueja as suas mãos, risse aver-
dade.

Para as festas diuinas, que lugares
Taõ claros hi ganhastes pollas lanças
Ledos corendo a tantagloria a pares,
Sẽ fim, sem sobresaltos, sem mudãças.

A MORTE DO PRINCIPE DOM IOAM, filho del Rey Dom Ioam o Terceiro.

ELEGIA.

O Principe Dom Ioaõ de Portugal
He morto, ouçao a grãde natureza,
Que nolo dera em mostras d'imortal.
Como pode cayr tanta grandeza?
Como poderam os peccados tanto,
q̃ alcança a perda à toda a redõdeza?
Eu digo os nossos, q̃ no peito santo (ro,
Nũca peccado entrou, nũca ẽtrou er-
Bẽ se vè da sua gloria, & nosso prãto.
Nesta terra jà nam, antes desterro,
Day lagrimas sem fim ao mal infindo,
Idade pouco hà douro, oje de ferro.
Que mais vós pede a tea, q̃ ẽ sevrdindo
Cortada foi, debuxo, & obra tã prima
N'ũ sô momẽto tudo àterra hevindo.
Ah, que das cousas de tamanha estima
Naõ somos dignos! mostraõse sòmẽte
Para sobir por ellas ao de cima.
Seus olhos aleuanta entam a gente
Ao ceo co aq̃lle espãto, ergue o sẽtido
E cuida no por vir, deixa o presente.

Aquelle

Aquelle real corpo bem nafcido,
Entendimento muito maisq̃humano,
Subitamente defaparecido.
O grande, & rico Reyno Lufitano,
Em tam peq̃no efpaço oje taõ pobre,
Para que foy tal bẽ,para tal danó?
Vãamẽte os olhos bufcaõ aq̃lla nobre,
Aquella fô real moftra em verdade,
Que efcurifsima nuuẽ no la encobre.
Tudo he cheo de dor,& de faudade,
Tudo de confufaõ,tudo he patranha,
E tudo o que cà vemos he vaydade.
A noffa grande , & rica forte eftranha,
Tal enueja te fez o fado duro?
Noffa nãofô,mas de toda eftaEfpaña.
A quẽ côtra infieis fora alto muro, (ras
Ora enuoluaõfe as fontes, &agoas cla
Seja na terra tudo trifte, & efcuro.
Que longes taõ fermofos, q̃ almenaras
Moftrauas,mais cruel quãdo afsi ofẽ-
Menos mal fe de lõge ameaçaras. (des
Quãdoprometesmais, maistearrepẽdes
Côtra nòs manha, &força exercitafte,
Quando ferà, cruel, q̃ no lo emendes?
Cruel fado por certo, que mudafte
Hũa tal claridade em noite efcura,
Porq̃ contra nôs tanto, te affanhafte?
Aquella mais perfeita criatura,
q̃ nũca entre nos ouue(ah graue dor!)
Meteftea em hũa negra fepultura.
O que victoria a tua, ò que valor
Côtra hũ corpo taõ tẽrò,&tẽros ãnos
Inda pedifte ajuda ao cego Amor?
O mundo tudo vento, & tudo enganos,
Què de aq̃lles triũphos, què dasfeftas.
Que

q̃ auiaõ de tornar cedo ẽ mais danos?
Sabe quem tudo vè, que logo eu destas
Outras, que se seguiraõ, me temi,
Andãdo pollas sombras das florestas,
E pollos bosques onde me escondi,
Ha tanto jà, guiado da influencia,
Quando daq̃ile Ingles maluado ouui:
Altissimo Senhor, tua paciencia
Nam se pòde vencer posto na Cruz
Sofreste agora, & entaõ sem resistẽcia.
Entam perdeo o Sol sua clara luz,
E agora este Sol nosso aborreceo
A terra, & fogio della, & jà nam luz.
Assi me queixaua eu, quando do Ceo
Me senti reprender, qual Iob jazendo
Cõ graue dor, mas dòr mòr meuẽceo.
Decima hum ar singello irse mouendo
Ouui claro dizer, ora que queres, (do?
Queixumes vãos, vãamẽte ao ar perdẽ
Aquelle ẽtre os nascidos das molheres
Principe sancto, foyse a seu lugar,
Vossos nadas deixou, foyse aos praze
Vòs lâ de baixo que podeis julgar, (res.
Nesse valle de lagrimas, & dores,
Onde o mais, que sabeis he sô chorar?
Gentes queixosas, vaõs murmuradores
Poisnã alcáçais ogrãde, o alto cõselho
Cõuertey os queixumes em louuores.
E os olhos leuantay àquelle espelho,
q̃ nesta gram tormẽta, como hũ faro
Vedes nas maõs daq̃lle hõradovelho.
O qual co'alta Raynha, exemplo raro
De virtude, o menino offerecera
A santa proteçaõ, ao firme amparo.
D'um santo natural vosso, a q̃ erguera

De nouo,hũ tẽplo,claro tanto ẽtudo,
q̃ as neuoas d'Amarante esclarecera.
Dõde a Deos torna, ẽvoz louuãdo omũ
E oq̃ pedras lãçandovinha à gẽte,(do,
Repousado tambem torna, & sesudo.
Torna o aleijado sam,torna o doente,
Milagres hũs sobre outros a porfia,
A fonte mana, & nam agua corrente.
E lembrayuos tambem daquelle dia,
àquelle santo martyr consagrado,
Que he vosso protector na Epidimia:
Qu'esseReynovos tem della emparado,
Naõsevospòde dar mais clara proua,
q̃ o proprio braço seu a elRey mãda-
Dos altosCeos, oCeogeraçaõ noua(do.
Vos torna a dar,& tudo o que falece
No mundo, que com ella se renoua.
Este auò tal,que tudo a Deos merece,
Antes os dous auôs d'ambas aspartes
Lhe irã caminho abrindo ẽquãto cre
Despregãdo abõ tẽpo os estãdartes(ce.
Para lhos entregarem victoriosos,
Dous Romulos, dous Numas,& dous
Se deuo cõparar cosfabulosos(Martes.
Os altos feitos, de que serà erdeiro,
Cõ os mais cinco escudos gloriosos.
De q̃ oseu lhe esmaltou oRei primeiro
Que a altissima visam vio, como vira
Constantino a Cruz alta co letreiro.
O que logo no Tibre se cumprira
Contra o tyrano,que impaciente jaz,
Ondeindagora,parece,oscorpos vira.
Deniz cos outros passo, ẽguerra,&ẽpaz
Honra das armas,hõra dos costumes,
Que ao nouo successor graõlugar faz.
S

E deixando no filho os seus queix
Que erros foraõ porem da mo
No mais esclarecido, & de mil
Assegurou na Espanha a Christa
Vencẽdo os Mouros, vẽcẽdo a
Dexaõ rico despojo, oh gramb
Pedro, que amores teue co a ju
Real, & nam cruel inclinaçam
Fez Moyses, fez Samuel justa c
A justiça conforma co a rezam,
E quer Saõ Paulo, q̃ se tenha a
Temor; nam vay diante o estoĩ
Muda o tempo custume, muda a
Humanas, esta firme o natural
Izentos, olhay bem como viue
Nam vos izentam para fazer m
Deixayuos d'esses vossos argu
Que nam val ante Deos o que
Ora a ti torno, nam brades aos
A antigua busca, busca a noua h
Toda ella he chea d'aconteci
Finalmente Ioaõ da boa memo
Conhecerá o quinto neto Au
Digno Sebastiaõ de tanta glo
Por justissima ley, titulo justo
Do pay tudo era, passouse a n
E dessa là nam quis mais pell
Naõ te nego porem, q̃ era deu i
Magoa a tal perda, mas enten
Põe ẽ Deos teu cuidado, alma
E sòmente a Deos ama, & delle

* *
*

A NOSSA SENHORA

Cançaõ.

1

Virgẽ fermosa, que achastes a graça
Perdida antes por Eua, onde nã che
O fraco entendimẽto chegue a Fê. (ga
Coytada desta nossa vista cega,
Que anda apalpãdo polla neuoa baça,
E busca o que ante si tendo, nam vè
Sem saber atinar, como, ou porque,
Entrey pollos perigos
Rodeado de imigos.
Por piedade avòs venho, & por merce,
Vós que nos dèstes claro a tãto escuro,
Remedio a tanta mingoa
Me dareis lingoa, & coraçaõ seguro.

2

Virgẽ toda sem magoa, inteira, & pura,
Sem sombra, nẽ daqlla culpa herdada,
Por todos nòs, tè o fim desdo começo:
Claridade do Sol nunca turbada.
Sanctissima, & perfeita criatura,
Ante quem de mi fuio, & me aborreço,
Ey medo a quanto fiz, sey que mereço:
Dos meus erros me espanto,
Que me aprouueram tanto
Agora à sò lembrança desfalleço,
Mas lembrame porem que vòs fizestes
Paz entre Deos, & nòs,
E a quẽ porvòs chamou, sẽpre amão de (stes.

3

Virgẽ seguro Porto, emparo, & abrigo
As mòres tempestades, ah que tinha.

Que tudo o mais enxuto, elle sò sente:
Senhora, que podeis, em tal afronta
Restituyme a min
Antes da fim: q̃ oSol vayse, & trasmõta.

6

Virgem, & Madre juntamente, quem
Tal nũca ouuio, nẽ d'antes, nẽ despois?
Sómẽte em vos entam: quẽ no entẽdeo?
Vos Madre, & Filha, vos Esposa sois
Daquelle, que apertado ao peito tem
Vossos braços, o que nam pode o Ceo.
Na vossa alta humildade se venceo
O soberbo tyrano,
Que com enueja, & engano
Nos fez tam perigosa, & longa guerra:
Por molher se causou tal danno nosso,
Quem nos restituyo
Devos sahio, Senhora, opreço hevosso.

7

Virgem nossa esperãça, hum alto poço
De viuas agoas, que contino correm,
Em que se mataõ para sempre as sedes,
Naõ de Nẽbroth, mas deDauid a torre,
Dõde socorro espero ao meu destroço,
Assi tam perseguido como vedes,
Dentre tam altas tam grossas paredes
De ferro carregado,
Hum coraçam coytado
Chama por vos enuolto ẽ bastas redes,
Hũas sobre outras, porem sinais tenho
De ser do vosso vando,
Que a vos bradãdo por piedade venho.

8

Virgem doSol vestida, &dos seus rayos
Claros, enuolta toda, & das estrellas

Coroada,& debaixo os pès a Lũ
Sam vindas minhas culpas,& qu
Sobre mi tãtas,valeyme aos def
De muitas que possa ir chorãdo
Nam me deixaram desculpa nen
Os meus erros sobejos,
Leuaram me os desejos
Tantas occasiões,indo, hũa & hi
Quẽ tormẽta passou por tod a a
Cos ventos contrastando
Saya nadando jà com vida,&say

9

Virgem Horto precioso alto,& d
Rico ramo do tronco de Iesse,
Que floreceo tam milagrosament
Custodia preciosissima da Fè,
Que vos tiuestes sò de todo em pe
Tendo hũ,& outroSol sua luz au
Alma que os seus enganos tarde
Altissima Senhora,
Por vos sospira, & chora,
Ontem menino, sou velho ao pre
Voume de dia emdia,d'anno em a
A minha fim chegando,
Dissimulãdo co a vergonha,& o d

10

Virgem,andando aqui,jà celestial
E em corpo assi leuada aoCeoEm
Sem servista mais cà d,olhoshuma
Certa Porta do Ceo,dos Valles L
Que nunca teue, nem terà igual,
Dada por sò remedio a nossos da
Cõtra os demonios,sejaõ meridia
Sejam de noite escura;
Esperança segura,

Taisforças cõtra tais mestres d'ẽganos
Cõ vosso esforço ẽ terra, & pello mar,
Nam digo eu auer medo,
Mas ir ao campo ledo, & peleijar.

11

Virgẽ das Virgens, como o tempo voa;
Nossa certa esperança,
Por toda a vezinhança
Quanto gemido à toda a parte soa,
Quãtas lagrimas sao mal derramadas:
Mas postos de giolhos
Em vos os olhos, tudo o mais saõnadas

A FESTA DA
ANNVNCIACAM
de Nossa Senhora.

Cançaõ.

I

Dia gracioso, & claro,
Prometido de tanto
Tempo à gente por Deos escolhida,
Para ser nosso emparo;
Ah mysterio tam santo,
Que nos tolheo a morte, & deu a vida;
Mercè nam merecida,
Que o entendimento abate,
Celeste mensageiro,
Que ao longo captiueiro
Nos trouxe oje do Ceo hũ tal resgate,
Sejais na minha ajuda,
Socorrey em tal pressa à lingoa muda.

2

Fizerase Tyrano
A cabeça da iuueja,
(Nam sey o q̃ me logo entra
Do nouo estado humano,
Que d'altiues sobeja,
Tantos dos seus perdera all
Hum odio tam antigo
De jornada em jornada,
Que auante cada hora hia,
Quem remedio hi poria,
Senam quẽ por nos fez tudo
Na culpa entrou molher,
Asi conuinha no remedio ser

3

Virgem sagrada, & pura,
Que a natureza esmalta,
E tanto atràs de si tudo deixo
Perfeita criatura,
Posta em parte tam alta,
Que nunca culpa algũa là cheg
Com nosco conuersou
No mundo, por seu meyo,
O Verbo diuinal,
Por nos feito mortal
Co a Cruz às costas de tam lõg
E com tais armas sôs,
Tais imigos venceo sô para nôs

4

Foy o primeiro Adam
De Limo Virgem feito,
Inspirandolhe alli diuino sprit
Asi estaua em rezam,
Que estoutro mais perfeito
De ventre virginal saya bendito
Isento ũo delito,

Em que a serpente antiga
A todos enuoluera;
O Ceo, que Eua perdera,
Quem no lo abrio, ficou fôra de briga,
Foylhe oje entregue a chaue,
Foilhe o nome mudado d'Eua em Aue.

5
O Embayxador diuino
Com tal acatamento
Propôs como o menor ante o mayor;
A Virgem indo a tino
Regia o pensamento,
Deixando nas maós tudo do Senhor;
Diuino Resplandor,
Diuina Claridade,
Em noite escura alli tam claro dia,
Quanto em gloria sobia,
Tanto decia mais em humildade,
Temia, & confiaua,
Cuidando ora no Ceo, ora ond'estaua.

6
Contemplaua cada hora
Que auia de parir,
Hũa Virgem, final dado na ley;
Sempre diz, ah quem fora
Digna de a seruir,
Virgẽ, & Madre d'hũ tam alto Rey:
Peccador, que direy
Em mysterios tam altos,
Filho no Ceo sem mãy?
Filho em terra sem pay?
A tais escuridões tais sobresaltos?
Este pò terra indigna,
Quando cuida que atina, desatina.

7

Se à tua grande, mas pobre vontade
Fora dada igual graça,
Sair poderas Canção minha à praça.

REDONDILHAS a noſſa Senhora.

I

AY razon que tal conſienta
Penſamiento altiuo, vfano
Que ſe atreua vn pecho humano
A poner en tal afrenta
Su lengua, ni la ſu mano.
Madre bendita, ſi a vos
No acudimos, no ay remedio,
Que donde deſmayamos nos,
Comiençan obras de Dios
Sin fin, principio, ni medio.

2

Si al Sol los ojos alçamos,
Como alguna hora acontece,
La viſta luego enflaquece,
De ſuerte ſi porfiamos
Que a toda parte anochece.
Si ante los mayores fuegos
No van los menos a cuento,
Que no nadas, y que juegos
Son a vos los ojos ciegos
De tan flaco entendimiento.

3

Seſo, no te ſobreſaltas,
No turbas, y alteras todo
Del inmenſo amor ſin modo

De

De quien hizo obras tan altas
Cubrirse de nuestro lodo?
Virgen, y Madre sin par,
Alçad lo que abaxo yo,
En vos se vino a encerrar
Dios que no cabe en lugar
Vuestro pecho lo criô.

4

Madre, y Virgen juntamente
(Quien nunca tal cosa oyera)
El que en principio yâ era,
Del golpe de la serpiente
Preseruada os hizo entera.
Esto como puede ser
Que contradize la edad
Quiẽ todo lo puede hazer,
Como Dios tuuo el poder,
Como Hijo la voluntad.

5

Fuente donde gracia mana
Siempre clara, limpia, y agena
Del turbio, digan, que suena,
Quando por cosa tan llana
Os llaman de gracia llena.
Virgen Diuino Sacrario,
No tuuo poder alguno
Contra vòs nuestro aduersario,
Que no puede el vn contrario
Con otro estar de consuno.

6

Boluia al camino errado,
D'en ti hablar Señora indino
Madre del Verbo Diuino,
De tal claridad turbado
Como atinaré sin tino?

CANTIGAS.

QVe he isto, onde me lançou
Esta tempestade mà,
Què de mi senão sou là,
E cà comigo não vou?

Volta.

Inda que me eu cà nam via
(Tudo vos confessarey)
Onde avos, & a mim deixei
Cuidaua que me acharia.
Agora quem donde estou
Nouas de mi me trarà,
Pois dizeis que nam sou là,
Não sey sem mi onde vou.

Cantiga.

Comigo me desauim
Sou posto em todo perigo,
Nam posso viuer comigo,
Nem posso fogir de mim.

Volta.

Com dor da gente fogia,
Antesque esta asi crecesse,
Agora ja fogiria
De mi, se de mi pudesse.
Que meyo espero, ou q̃ fim
Do vaõ trabalho, que sigo,

Pois me leuo a mi comigo,
Tamanho imigo de mi?

Cantiga.

Nascido, & criado em meio
De dores, fezse a dor tal,
Que pode chegar o mal
Onde nam pode o receyo.

Volta.

Que se eu pudera algũa hor
Em tanto tempo cuidar
De ver tamanho pesar
Poderao sofrer agora.
Mas que farey se a dor veye
Crescendo a fazerse tal,
Que pos âuante o final
Donde o pusera o receyo.

Cantiga.

Sortes, & venturas sam
Os males, que me fazeis,
Se tendes rezam, senam
Senhora, vos o sabeis.

Volta.

Posto q̃ eu quanto padeço
Cõ mais que devos espero,
Queroo se volo mereço,
E senam tambem o quero.
E que agora o nam cuideis
Annos, & tempos faram,
Que o que por rezaõ aueis,
Inda ajais por sem rezam.

Cantiga.

Rezam, & tempo seria
De ver sua vaydade,
Aquella cega vontade,
Que tam cegamente guia.

Volta.

Se pudera hũ grande imigo
Fazer mais?certo he q̃ naõ,
Por mimos do coraçaõ
Inda tudo o pior sigo.
Voume asi de dia em dia,
Olhos de longe á verdade,
Entre tanto esta vontade
Asi cega guia, guia.

Cantiga.

Nada do que vês he asi
Tras osolhos nã te aballes,
Tudo he tiremme daqui,
Matẽme nessoutros valles.

Volta.

Posto que al te asi parece
Deste sonho, & mostra vaã,
Por defôra resplandece,
Dentro nam ha cousa saã.
Corri montes, corri vales
Cego cuidado apos ti,
Deixame morrer jâ aqui
Não me mandes ver mais males.

Cantiga.

Foyme grande aggrauo feito,

Sermehia ora mão de cre
Quem mo fez, podeo faze
Ou a torto.ou a direito.

Volta

Eſtaua ordenada hũa ho
Veo, nam ouue hi tardãça
E leuoume hũa ſperança,
Que ſenaõ fora, eu, nam ſ
Que remedio ao que he j
Quem o fez tinha o poder
Eu jà que poſſo fazer
Mais que gemer em meu p

Cantiga.

Cego deſte meu deſejo
Mal dos males, môr dos m
Que naõ daria eſtas dores,
Por quantos prazeresvejo

Volta.

Meu mal tudo tem por ſi,
Taõ cegamente deſeja,
Que inda naõ vejo, nem vi
Couſa, que me faça enueja.
Teue eſte mal os ſeus meos
Cõ que aprouue a ſua dor,
Mas trago inda os olhos c
Que ey de ver cedo outro m

Cantiga.

O coraçam que vos vê
Aos olhos que vos naõ vem
Naõ nos culpem, que nam
Algũa rezaõ porquè.

Volta

Cada hora eftes olhos cãfo
Por eftes montes arriba,
Que à vifta curta, & catiua
Tolhem todo feu defcanfo.
Deixemnos cegar que tem
Chorando rezaõ porque,
Bufcouvos alma, & la he,
Elles cà choraõ dàquem.

Cantiga.

Toda efperáça he perdida,
Tudo veo a fallecer,
E o que inda fica da vida
Ficou para mais perder.

Volta.

Aquella efperança minha
Afsi fraca,&vãa como era,
Cos olhos,q̃ eu nella tinha
A todo mal me atreuera.
Ora ella eftà já perdida
Mas naõ me haõ de fazer crer,
Que nam ha mais nefta vida
Senam nafcer, & morrer.

Cantiga.

Por eftes campos fem fim
Onde a vifta afsi fe eftẽde,
Que farey trifte de mim
Pois veruos fe me defende.

Volta.

Todos eftes campos cheos
Sam

Iaz alto seu fundãmento
Neste brauo fogo ardente,
Por quem culpa dojesente,
Moura o sem culpa a tormento.

Cantiga.

Olhay a camanha estreita
Señora minha alma he vinda,
Na vida infinda sospeita,
Na morte saudade infinda.

Volta.

Quẽ me darà nouas penas,
Inda q̃ o mais tudo tolha,
Cõ que voe, & q̃ me acolha
Do meo de tantas penas?
A sayda agra, & estreita
causaraõ tãta ida, & vinda
Da vida lança a sospeita,
Da morte saudade infinda.

Cantiga.

Se me este cuidado atura,
q̃ me persegue, & q̃ eu sigo,
A vida està em perigo,
E a alma polla ventura.

Volta.

Bẽ sey tudo o q̃ ha de ser,
Mas he de tanto pezar,
Que ey medo de o dizer,
E medo de o cuidar.
Nam vejo cousa segura,
Seguro he sô o perigo,
E o que agora nam digo,
Dei-

Deixay fazer à ventura.

Cantiga.

Alma tam ſem aſſoſſego,
Que nẽ deſte àr me farto,
Dõde cũ queixume chego,
Cõ mil queixumes me parto.

Voltas.

Nas couſas em que algũa hora
Eſperey de ter repouſo,
Triſte de mi que jágora
Sòmente cuidar nam ouſo.
A que fraqueza que chego,
Emquãtas partes me parto,
Por eſte coraçam cego,
Nunca de ſeus males farto!

Os meus perigos medonhos,
Em ꝙ alma cada hora empeça,
Os ventos, neuoas, os ſonhos,
Que nam tem pès, nem cabeça.
O que com a lingua nego
Por muitos ſinais reparto,
Em poder daquelle cego,
De cujo poder nam parto.

Mal as noites, mal os dias
cõ medos, & cõ ſoſpeitas,
Fazendo contas baldias,
Que aſinha ſeraõ desfeitas.
com muito deſaſſoſſego,
com que chego, & cõ que parto,
com ver tanto, & com ſer cego,
Todos do que encubro farto.

Cantiga.

Señora oyd la mi fuerte,
Y de vueftra crueldad,
Por no pediros piedad,
Antes la pido a la muerte.

Volta.

El mi coraçon caydo
En tanta cuyta, y defmayo,
Pues q̃ nũca os ha mouido,
Ante la muerte lo trayo.
Mas no fe como concierte
Tan grande defigualdad,
Que me hazeis pedir piedad
contra la muerte a la muerte.

Cantiga.

Quanto mal me han ordenado
Las cofas, con que nafci?
Algunas me han defechado,
Alcancè otras contra mi.

Voltas.

De la mi alma no fé
ques della, y mi coraçon,
A la fuerça no ay razon
cada vno tras vos fe fue.
Vida, memoria, y cuydado
fentidos, que a vos ergui,
Eftos nunca me hã dexado
Por feren mas contra mi.

Dexòme mi libertad,
Y el amor, que me tenia,

Dexôme mi alegria,
Dexòme mi voluntad.
Los ojos, con que yo os vi,
Vida, memoria, y cuydado,
Estos nũca me hã dexado,
Por seren mas contra mi.

Cantiga.

Puedese esta llamar vida,
A la qual se entra llorãdo,
Y si passa sospirando,
La muerte es la su salida?

Volta.

Por lo qual yo sin ventura
con grã cuita he desseado,
Que huuiera sido lleuado
Del parto a la sepultura.
Toda esperança perdida,
Yo no sé loco tras q̃ ando,
Voyme ansi deuaneando
Entre la muerte, y la vida.

Cantiga.

El aggrauio que recibo,
De quiẽ yo menos deuiera,
Dexadme llorar si quiera
Ya que para mas no viuo.

Volta.

Aliuio sea, o salida
Al dolor, esto que os cuesta?
Que no passe a la otra vida
con tanta querella desta.

Mien-

Mientras de mal tan esquiuo,
Màs mal no quiere que muera,
Dexadme llorar siquiera,
Tendré solo esto de viuo.

Cantiga.

Mal, de q̃ me eu contentey,
A conta feita està já,
Agora descansarey,
Se me segue matarmeha,
Se me deixà matarmey.

Volta.

Nas cousas q̃ naõ ha meyo,
Escusado he cantar mais,
Ir de receyo em receyo,
E de sinais em sinais,
Espreitando o bem alheyo.
Em vam cà, & là cansey,
Tudo me he tomado ja,
Agora descansarey,
Que este mal me matarà,
Senam eu me matarey.

Cantiga.

Hũa morte ey de morrer,
Que faz mais asi que asi?
Isto nam posso sofrer,
Auerem se de perder
Os olhos, com que vos vi.

Volta.

Os olhos, porque passaram
Os vossos ao coraçam,
Onde para sempre estam,

Sam estes que me ficaram
Para minha saluaçam.
Masse inda os ey de perder
Afora quanto perdi,
Acabarey de morrer,
Acabarey dentender
Para quanto mal nasci.

Alhea.

La q̃ yo tengó no es prisiõ,
Vos sois prisionverdadera,
Esta tiene lo de fuera,
Vos teneis el coraçon.

Voltas.

De la gente que aqui viene
A verme, de risa muero,
Riome del carcelero,
Que piẽsa q̃ aqui me tiene.
Viene, y mira la prision
Vé loshierros por defuera,
Mas no vee q̃ cada vno era
Donde era su coraçon.

O remo sea, o sea vara,
Si está en el agoa metida,
Qualquiera vista por clara
Que sea la ha por torcida.
No os engañe mi prision,
Aunquel cuerpo aqui se muera,
Buscadme alla por defuera,
Por donde anda el coraçon.

Alhea.

Como no se desespera

Qui

Quien se vè como yo me veo,
Tan lexos de do desseo,
Tan cerca do no quisiera?

Volta.

Triste que ha de ser de mi,
Como viuo sola vna hora,
Viendo qual me veo aqui,
Y qual me he visto alguna hora?
Mi esperança lisongera
Con quien tanto ha que peleo,
Que me quereis que no veo,
Porque la vida ya quiera?

Cantiga.

Ledo em meus males sem cura,
E nos descansos cansado,
Querendo, & sendo forçado,
Ora cuidar me assegura,
Ora me mata o cuidado.

Volta.

Asi me tem repartido
Estremos, que nam me entendo,
De toda a parte corrido,
De toda desacorrido,
Em nenhũa me defendo.
A vida està mal segura,
Maseu quero este cuidado,
Que mal tam bẽ estimado,
Em tanta desauentura
Me faz bemauenturado.

Alhea.

En toda la tramontana

Sam estes que me ficaram
Para minha saluaçam.
Masse inda os ey de perde
Afora quanto perdi,
Acabarey de morrer,
Acabarey dentender
Para quanto mal nasci.

Alhea.

La q̃ yo tengo no es prisiõ
Vos sois prisionverdadera
Esta tiene lo de fuera,
Vos teneis el coraçon.

Voltas.

De la gente que aqui vien
A verme, de risa muero,
Riome del carcelero,
Que piēsa q̃ aqui me tiene.
Viene, y mira la prision
Vé los hierros por defuera,
Mas no vee q̃ cada vno era
Donde era su coraçon.

O remo sea, o sea vara,
Si está en el agoa metida,
Qualquiera vista por clara
Que sea la ha por torcida.
No os engañe mi prision,
Aunquel cuerpo aqui se m
Buscadme alla por defuera,
Por donde anda el coraçon

Alhea.

Como no se desespera

Quien se vè como yo me veo,
Tan lexos de do desseo,
Tan cerca do no quisiera?

Volta.

Triste que ha de ser de mi,
Como viuo sola vna hora,
Viendo qual me veo aqui,
Y qual me he visto alguna hora?
Mi esperança lisongera
Con quien tanto ha que peleo,
Que me quereis que no veo,
Porque la vida ya quiera?

Cantiga.

Ledo em meus males sem cura,
E nos descansos cansado,
Querendo, & sendo forçado,
Ora cuidar me assegura,
Ora me mata o cuidado.

Volta.

Assi me tem repartido
Estremos, que nam me entendo,
De toda a parte corrido,
De toda desacorrido,
Em nenhũa me defendo.
A vida està mal segura,
Maseu quero este cuidado,
Que mal tam bẽ estimado,
Em tanta desauentura
Me faz bemauenturado.

Alhea.

En toda la tramontana

Nunca vi cosa mejor,
Que era la esposa de Anton
Vaquerizo de Morana.

Voltas

Naquelle longo desterro,
Que eu por vontade escolhi
(Quer fosse rezam, quer erro,
Quis o coraçam assi)
Vi hũa visam vfana,
As vezes cuido que nam
Fosse verdade,ou visam,
Hia em trajos de serrana.

Nam era o coraçam quedo
Indo,&tornando a meude,
Ora o prazer, ora o medo,
Tiueme o milhor quepude.
Quantos bẽs me a sorte dana
Brada quem o vee em vam,
Tal como era,era d'Antaõ,
Hum vaqueiro de Morana.

Olhosque tais olhosvistes,
Viuey bemauenturados,
E porem ouuidos tristes,
Para tãto mal guardados:
Que he isto que assi me enga
Que assi despreza a rezam,
Suspiraua por Antam,
Quem naõ tem nada de hum

Alhea.

Ay que el alma se me sale,
Y el porque siẽto perdella,

Es porque estaisvos en ella
Que la vida poco vale.

Volta.

Loco de mi, que pensaua
Poder aqui detener
Comigo vna alma, q̃ estaua
Vfana en vuestro poder.
Que quereis q̃ a esto iguale
Siendo vôs senhora della,
Esta es toda mi querella,
Que lo mas todo que vale?

A la bella mal maridada.

Voltas.

Ansi q̃ aquella hermosura
Nunca vista sin espanto,
La gracia, y desenuoltura
Todo se ha tornado en llanto!
Fortuna tan mal mirada,
Que embidia tiene de si,
Donzella dichosa ansi,
Y dueña tan desdichada,

No sé que diga, o a quien
Culpemos en mal tamaño,
No se ajunta tanto bien
Sino para tanto daño.
En todo tan acabada,
Dixe yo luego que os vi,

As Obras de
No nasciſtes vos anſi
Para ſer bien empleada.

Cantiga.

Huye el tiẽpo, eſtà el mal quãdo,
Penſé morirme, y no muero,
Deſengañarme no quiero,
Quando ya quiero no puedo.

Volta.

Todo ſe me và en antojos
En eſta priſion obſcura,
Cuitados de los mis ojos,
Que pagan tanta locura.
De todo me pide el miedo
Lagrimas como de fuero,
De lo q̃ puedo, y no quiero,
De lo q̃ quiero, y no puedo.

Cantiga.

De quem me deuo queixar?
De vôs, que pudera ſer?
Nã vos ſabe a alma culpar,
Fica ſômente o ſofrer,
Se mais fica he ſoſpirar.

Voltas.

Os meus ſoſpiros tẽgora
Quaſi eraõ contentamentos,
Tambem de prazer ſe chora,
Entraraõ males de fora,
Não hũ, nẽ dous, mas ſeiſcentos.
E naõ lhes baſtou entrar,
Mas inda ſempre a crecer,
Onde ha iſto d'ir parar?

Naõ

Nam fica fenam fofrer,
Ao mudo do fofpirar.

Ora os fofpiros que fam,
Saluo àr efpalhado aovẽto
Onde brada o coraçam?
Noffos ouuidos nam vam,
Deixão tudo ao entendimento
Que me eu quifeffe queixar,
Quem me poderia crer?
Deixay jà venha o pezar,
Que pode o pouco empecer?
Que pode o muito durar?

Alhea.

Naquella alta ferra
Me quero ir morar,
Quem me quifer bem,
Là me irà bufcar.

Voltas.

Neftes pouoados
Tudo fam requeftas,
Deixayme os cuidados,
Que em vos deixo as feftas;
Daquellas floreftas,
Verey longe o mar,
Porme ey a cuidar.

Sombras, & agoas frias
Quando o Sol mais arde,
Defpois fobre a tarde,
Por cà bradarias,
Vès, que preffa os dias
Leuam, fem canfar,

As Obras de
Nunca ham de tornar.

Nam julgue ninguem
Nunca outrem por si,
Mais d'hum bem que ouui
A vida nam tem:
Nam deixa este bem
Onde se elle achar,
Mais que desejar.

Deixa as vaydades
Que da;mão à boca,
O prazer se troca,
Trocaõse as võtades,
Essas vãs saudades
Armadas no àr,
Que podem durar?

Naquella espessura
Me ey dir esconder,
Venha o que vier,
Acharmeha segura;
Se tal bem naõ dura,
Ao seu trespassàr
Tudo ha de acabar.

Cantiga.

Atê quando me tereis
Nesta dor, que por vos quis?
Os seruiços, que vos fiz,
Quando mos perdoareis?

Volta.

Nam ser vosso, nam he em mi,
Isto quereis mo acoymar,

Que

Que perdam posso esperar,
se esta alma he vossa sem fim?
se me tanto mal fazeis
Por seruiços que vos fiz,
O bẽ que vos quero, & quis,
Quando mo perdoareis?

Cantiga.

Entre temor, & desejo
Vãa esperança, & vãa dor,
Entre amor, & desamor
Meu triste coraçam vejo.

Volta.

Nestes estremos catiuo
Ando sem fazer mudança,
se jà viui desperança,
Agora de chorar viuo.
Contra mi mesmo pelejo,
Vẽ de hũa dor, outra dor
Vẽ dũ mal outro mal môr,
De hũ desejo mòr desejo.

VILANCETES.

Esperanças mal tomadas,
Agora vos deixarey,
Tam mal como vos tomey.

Voltas.

Que vida ha de ser a minha,
Por tempos, nem por mudanças
Que possam vir, pois não tinha

Mais bem que eftas efperanças?
Agora as defconfianças,
As fofpeitas, que farey?
Como me defenderey?

Confelhos mal atinados,
O tempo ao menos vos canfe,
Partam cuidados, & vamfe,
Mas porem, ò que cuidados?
Deixemos erros paffados,
Em que eu por meu mal entrey,
E por meu mal fayrey.

Vilancete.

Que mal auindos cuidados
Me tomaram entre fi,
Nunca tais cuidados vi.

Voltas.

A minha alma não repoufa
Nem de noite, nem de dia,
Dentro della contraria
Toda a coufa a toda coufa:
O cuidado, que mais oufa,
E que mais confia em fi,
Ora he afsi, ora afsi.

Que me quer efte receyo,
Inda fobre meus aggrauos?
Tẽ me tomados os cabos,
Nã tẽdo meus males meyo,
Ia nam confio, nem creyo,
Ia confiey, & ja cri,
Mal afsi,& mal afsi.

Inda se isto ser pudesse,
Que por tempo se faria,
Que hũa hora me não temesse,
Isto me descansaria.
Mas nam vejo, porque via
se possa fazer que assi,
Não moura como viui.

Alheo.

No pregũteis a mis males,
Que tales son,
Preguntaldo al coraçon.

Volta.

Por mis bienes perguntais,
Entiendo q̃ por mis penas;
Quesiẽpre tuue por buenas
Vos ved como las llamais;
Que ansi como las nõbrais,
Ansi confiesso que son,
Los bienes del coraçon.

Vilancete.

Em pago daquella dor,
q̃ eu taõ mal vos merecia,
se verey inda algum dia?

Volta.

Se vos senhora aprouuesse
De ver esta minha fè.
Hũa hora sô antes que
Morresse, despois morresse:
Quem tal sperar pudesse.
Com todo o mal poderia,
Cos olhos naquelle dia.

Alheo.

Todos vienen de la villa,
Solo no viene Domenga.

Volta

Toda persona tornò
Que parado he mientes biẽ
Vna falta, y es por quien
Quanto a mi nadie boluio:
Que me harè cuytado yo
Con que la vida sostenga,
Hasta que Domenga venga?

Alheo.

Por malos emboluedores,
Pierdo triste mis amores.

Voltas.

A hum sò descanso, que eu tinha,
A hũa sò esperança,
Donde veo tão asinha,
Hũa tamanha mudança?
Que se fez da confiança,
Cõ q̃ nos tormentos môres
Eu sofria as minhas dôres?

Se auia o ser de ser tal
Milhor fora antes naõ ser,
Ouuesseme enueja ao mal
que ao bẽ mal podera ser.
Là vejo vir a correr
Sobre mi meus matadores,
E fugir os valedores.

Ma-

Males, que eu tanto estimaua,
Quem se nos meteo no meyo,
Em tempo que eu mais andaua
Sem sospeita, & sem receyo?
Que grand'engano, que enleyo,
Que engeitaõ os seruidores,
E querem antes senhores.

Vilancete.

Coraçaõ onde jouuestes,
q̃ taõ mà noite me destes.

Volta.

Toda a noite pelejey,
Eu, que jà mais naõ podia,
Busqueyvos naõ vos achey,
Sem vos eu sô que faria?
Destesme dores de dia,
Pollo que assi me fizestes,
De noite dores me destes.

Vilancete.

Se meu tormento me desse
Lugar pera cuidar nelle,
Naõ me queixaria delle.

Volta.

Foime dado hũ sô momẽto,
Desde entaõ pude atinar,
Que naõ fora elle tormẽto,
Se me dera este vagar:
Naõ mo quiseraõ maisdar,
Porque pudera com elle
Ter vida, & mouro sẽ elle.

Vilancete.

Os meus castellos de vento,
Que em tal conta me pusestes,
Como jà vos desfizestes?

Voltas.

Caystesme taõ asinha,
Cayraõme as esperanças,
Isto naõ foraõ mudanças,
Mas foraõ a morte minha,
Castellos sem fundamento
Quanto q̃ me prometestes,
Quanto que me falecestes?

Armey castellos erguidos
Esteue a fortuna queda,
E dice, gostos perdidos
Como is a dar taõ graõ queda?
Mas ò fraco entendimento,
Em que parte vos pusestes,
Que entaõ me não socorrestes?

Vilancete.

Deixayme as minhas tristezas,
Que jàgora outra alegria
Mayor perigo seria.

Volta

Os males acustumados
O mesmo custume os cura,
Bẽs tão vãmente esperados
Quem nos sofre? quem os atura?
Crieyme com meus cuidados,
Iàgora não saberia

Andar

Andar noutra companhia.

Vilancete.

O meu mal pudeo sofrer,
Este, porque todo he vosso,
Que vos não doa não posso.

Voltas.

Vos passaylo alegremente,
Mal ajão os maos finais,
Que então são elles mortais,
Quando homẽ seu mal não sente:
Nada sintis ao presente,
Quanto vos custa este vosso,
Assi quero, & assi posso.

Mas se ahi ha peso, & medida
Nem de todo he tudo vẽto,
Tambem o meu sentimẽto
Pode ser sinal de vida:
O esperança comprida,
Que eu sómente pollo vosso
Esperar tanto não posso.

Vilancete.

Estes meus olhos, que assi
Lisongeão à vontade,
Se lhe fallarão verdade?

Volta.

Ey medo que não na fallẽ,
Não me fio, no que vejo,
São segredos do desejo,
Contra quem olhos não vallem:
Não sam, para mais que assi,

Andar ao som da vontade,
Chorando a necessidade.

Alheo.

En las tierras de do vine
Vi quanto se puede ver,
Allà me quiero boluer.

Volta.

Pero mientras deuaneo
Pensando en quãto allà vi,
Forçado he tenido aqui,
Lleuado allâ del desseo.
Mientras debato, y peleo
Si la vida fallecer,
El alma aurâ de boluer.

Alheo.

Saudade minha
Quando vos veria.

Voltas.

Por terra jà assi
Tudo, em tàl mudança,
Que faz vida aqui
Nenhũa sperança?
A minha lembrança,
A minha porfia,
Que mais a porfia?
Que faz hum desejo
Tão desenganado?
Que faz o sobejo
Deste meu cuidado?
Comigo a ferrado
Quando a contecia,

Quan-

Quando amanhecia.

Saudade, & sospeitas
A torto, & a dereito,
Não sereis desfeitas
Quando eu for desfeito.
Inda frio o peito,
Inda a lingua fria,
Por vos bradaria.

Alheo.

Pois os meus olhos sam vossos,
Que faço eu,
Em dar a seu dono o seu?

Voltas.

Quantos conselhos se dão
Aos olhos, com que vos vi,
Hum diz asi, outro asi,
Razões, q̃ não vem, nẽ vão,
Voume apos o coração,
Que vos jà deu
Quanto soya ser seu.

Tudo he em vosso poder
De liure que eu aqui vim,
Não deixastes nada em mim,
Nem olhos, que al possaõ ver,
Mas como podia ser
Veruos eu,
E ter mais nada de meu?

Alheo.

Sola me dexaste
En aquel hiermo,

As Obras de
Villano malo Gallego.

Voltas.

Voyme a do te fuyste,
Voyme no se a donde,
El valle responde,
Tu no respondiste,
Moça sola ay triste,
Que llorando ciego,
Tu passaslo en juego.

Por hiermos agenos
Lloro, y grito en vano,
Gallego, y villano,
Que esperaua yo menos?
Ojos de agua llenos,
Vos pecho de fuego,
Quando aureis sossiego?

Alheo.

Quevos farei meu cuidado,
Onde vos trarei metido,
Que naõ sejais entendido?

Volta.

Descobrisvos cada hora,
Cuidei que era à minha mingoa,
Mas em quanto vedo à lingoa
Sais pollos olhos fóra,
E nam cuidais que me fora
Milhor nunca ser nascido,
Que ser meu mal entendido.

Alheo

Desenganei hum cuidado

De

De parte do coraçam,
cũa defefperaçam.

Volta.

Tenho a conta feita, & chea,
O que ha de fer, feja lògo,
Pollo ferro, & pollo fogo,
Que nam he a morte tam fea,
Viui à vontade alhea,
Moura a minha, & quãdo não,
A pefar do coraçam.

Alheo.

En mi coraçon os tengo,
Por las gentes no os veo.

Volta.

Por lo qual buelto a mi feso,
Por quanto bien del confio
El mi coraçon ageno
Boluio de nueuo a fer mio,
D'otra parte yo fandio
Engañado del deffeo
Con los ojos deuaneo.

Alheo.

Efte mal
Otro tiempo lo fenti,
Mas no me dolia anfi.

Voltas.

Efte es el fuego por cierto,
Si del todo no eftoy loco,
Que me abrafô poco a poco,
Crecio andando encubierto.

No

No fue muerto
Como deuiera, yo si
Que no se parte de mi.
Por demas es que me vele,
Que me tema, y que me guarde,
Que el Sol que mas tarde suele
Descubrir, mas rezio arde.
Aunque tarde
Abri los ojos, y vi,
Que otro mal no duele ansi.

Alheo.

Quem cuidar, & quem disser
Que de matar sois seruida,
Nam sabe que cousa he vida.

Voltas.

Não he dano o que não dana,
A morte de vossa mão
Não he morte, he nome vão,
Que à primeira face engana,
Onde não ha cousa humana,
Tudo espirito, & tudo vida,
Mal jarà a morte escondida.

Ficase porem julgando
Entre hũa, entre outra sorte,
Se dais vida dando à morte,
Que fareis a vida dando?
A fé que vay embicando,
Não vee dos olhos tal vida
Somente porque duuida.

De

De Dom Simaõ da Sylueira.

Tv presencia desseada,
Zagala desconocida,
Di, porque la has escondida?

Voltas.

Has la tu tierra assolada
Que eras toda su riqueza,
Nascida en ella, y criada
Pudiste hazer tal crueza?
Que en tal miseria, y pobreza
Puesto la has con tu partida,
Y a mi cuytado en tal vida?

Oydos, que ensordecistes
A sospiros, y a los ruegos,
Que veran mis ojos tristes,
Aqui dexados tan ciegos?
Vascas, y desassossiegos
Quedan en mi por la vida,
Que es tras tus ojos huyda.

Las yeruas, las sombras frias
Y las flores, que has pisado,
Quanto te via, y tu vias,
Todo queda auelenado.
Vn triste, vn ciego, vn cuytado,
Vn loco en la tu partida,
Pasmando pierde la vida.

Alheo.

Pollo bem mal me quisestes,
E eu nunca tenha prazer,
Se mal vos posso querer.

Volta.

Fora ella rezão igual,
Mas vede as leis, que Amor tem,
Que em vez de vos querer mal,
Assi vos quero mòr bem;
E passo tanto inda alem,
Do que este mal soe fazer,
Que me venho aborrecer.

Alheo.

Quien te hizo Iuan pastor
Sin gasajo, y sin plazer,
Que tu alegre sollias ser?

Volta.

Vn hierro, y mas en zagal
No es cosa q̃ mucho espãte,
Mas seguir siẽpre adelante,
Que es mal, si este no es mal?
Pesame de verte tal,
Que huie el gasajo a correr
Y no passa el desplazer.

Alheo.

Dime tu senhora di,
Si me fuere desta tierra,
Si te acordaras de mi?

Voltas.

Los mis pensamientos faltos,
Que a desora erguidos caen
Por tierra, siempre me traen
En dubdas, y sobresaltos.
Passados montes tan altos
Que serà?lo que es aqui,
No aurà memoria de mi.

Con quanto ya desatino
En esto no deuaneo,
Allà males del camino
No los que por aqui veo,
Mas el alma, y el desseo
Quien los lleuarà de aqui,
Que no dan nada por mi?

Que estraña merced me fuera
En la triste ausencia mia,
Solo creer que se sabia
Quando ojos aca boluiera,
Ya fuesse en burla siquiera
Los lugares do te vi,
Te hiziessen menció de mi,

Bueluo a lo, en que auia errado,
Por mis locuras me voy,
Que ni sabes quien yo soy
Entre quantos te han mirado,
Saluo si por màs cuytado
Sin memoria otra de mi,
Mas ya fuesse, y fuesse assi.

Alheo.

Que posso de vos dizer,

Pois

As Obras de
Pois que naõ posso chegar
Co desejo a vos louuar?

Voltas.

Esta vãa vaydade minha,
Que tam ousada começa,
Està sem pès, nem cabeça
Não deu começo,ao que vinha
A vãa que só se mantinha,
Como Camaleão do âr,
Nam se atreue a desejar.

Forças, que vos enganaes
Cuidando em tam altos voos,
Ia nestes começos taes
Himos acabando nos;
Senhora a quem vos là pos
Tam alta a graças que dar,
E a vos que nos perdoar.

Quem serà de veruos digno?
Viuos, foy alma pasmada,
Fuy assi como hum menino,
Que vé que sespanta,& brada.
Nam sabe mais dizer nada,
Podese a veruos chegar,
O mais he tudo pasmar.

Alheo.

Tañoos yo mi pandero
Tañoos yo,y pienso en al.

Voltas.

Mientra el mal arde, y destruye
Busco cō que el tiempo engañ

A desora el alma huye,
Que no sé quasi quien tañe.
Dexa aqui que me acompañe
Esta mi cuyta mortal,
Y yà pensando en mas mal.

D'Amor por cierto villano
Fieme como sandia,
Pusome el padero en mano
Fuesse con el alma mia.
En esta triste agonia
De mi cuyta desigual,
Ni muere, ni mata el mal.

Alheo.

Quien viesse aquel dia,
Quando, quando, quando
Saliesse mi vida
Yà de tanto bando.

Voltas

Ay mis tristes ojos,
Tan tristes, tan tristes,
Vistes mil enojos,
Vn plazer no vistes.
Vistes añadida
A mi pena, pena,
Y en tan luenga vida
Nunca vna hora buena.

Si a la suerte mia
Plugniesse, ah plugniesse,
Que viesse ora el dia
En que mas no viesse.

As Obras de

Alheo.

Acustumeyme a meus males,
E ja acustumado a elles,
Andão por me apartar delles.

Voltas

Ah que cruel tyrania,
Não sey que nome lhe ponha,
Não me doe de hũa peçonha,
De que eu jàgora viuia,
Quando meus males sentia,
Quando me queixaua delles,
Là me auiesse com elles.

Mas despois que jà mais brando
Sentia o mal por custume,
Virãme andar sem queixume,
Matãome remedios dando,
Tudo se vay reuezando,
Males que temia eu delles,
Mouro com saudade delles.

De Garci Sãchez.

Secaranme los pesares
Los ojos, y el coraçon,
Que no puedo llorar no.

Voltas

Quedar qual esta alma queda
No sè como pueda ser,
Si otros lloran con plazer,
Que ella de triste no pueda,
Quando vna persona leda

Puede

Puede llorar, como no
Puede vn triste coraçon?

Alheo.

Pusiera los mis amores
En vn tan alto lugar,
Que no los puedo oluidar.

Voltas.

Al mi mal tan mal creydo
Dolor sin fin, y sin medio
El remedio era el oluido,
Y oluideme del remedio,
Por vos no duelen dolores,
Por vos no pesa el pesar
Como os podre oluidar?

Por vos el contentamiento
(Quiẽ nunca tal cosa oyô?)
Entre la muerte, y tormẽto,
Lugar para si hallô.
Y en medio de mil dolores,
Que andan para me matar
A plazer se puede estar.

NA SEPVLTVRA DE PEDRAZA, QVE no Cancioneiro gèral se chama Constancio.

EPITAPHIO.

Alma, que en tan breues dias
Tal nõbre, y tal fama has d...

Al cuerpo aqui sepultado,
Que a otra parte regias.
Aqui la carne pesada
Ya tierra, espera por ti,
Alma bienauenturada,
En esto no te và nada
Los hombres piensan que si.

NA SEPVLTVRA

DE HVMA DAMA.

Epitaphio.

De quam pouca terra satisfeita jaz,
A quem toda ella nam na merecia,
Aquella q̃ triste, ou leda, ou como hia
Assi punha tudo em guerra, ou em paz.
Leuounola a morte cruel, que desfaz
As mayores cousas cõ mayor presteza,
Ah Morte, ah Mundo, ah tua riqueza,
De quam pouca terra satisfeita jaz?

NA PRISAM

DE HVM SEV Galego.

I

Inda que eu me ria, & calle
E me faça surdo, & cego,
Bem sey eu, porque o do valle
Correo tanto ao meu Galego.
Como com ladram fez festa,
Mas inda mal a la fé,

Por-

Porque hum escrito na testa,
Nam tras cada hũ de quem he.

2

Entre claros, entre escuros,
Homẽs de seiscentas cores
Andam por aqui seguros
Nam lhe saem corredores.
Apos quem torna por si,
E primeiro mata, ou morre,
Não corre o do valle asi,
Apos hum tollo asi corre.

3

Bom matador, bom ladrão,
Que fugindo arma entretanto
Deyxa acolher Bastião
Que pica, & não rende tanto.
Viue polla tua pena,
Outrẽ prenda, outrem condene,
Nũca toques no da pena,
Em que te as barbas depene.

4

Escreues pollo ribeiro,
Anda sô ao que he proueito,
Has de pagarlhe o dinheiro,
Ganhese a torto, & a dereito.
Deixa andar os encartados
Que tem cheos os caminhos,
De virotões ouriçados,
Que saõ quais porcos espinhos.

5

Come, & bebe, pois te presta,
Não cures das assuadas,
Com que vem juntos à festa,
Tendouos todos em nadas.
E onde vires hum coytado,

Que em te vendo perde a cor,
Ferra delle homem ousado,
Não se và tã mal feytor.

6

Executores da ley,
Auey vergonha algum dia,
Este chama aqui del Rey,
Estoutro chama a valia.
O outro diz em Portugal
De varas não ha hi mingoa,
Delata a bolsa, que val,
Traze sempre atada a lingoa.

A ANTONIO

DE SA FVGINDO- lhe hũs seus moços.

1

PArtio Francisco florido,
As màs nouas logo soão,
As Aues mudadas voão,
Criados mudão vestido,
E mais se armadas atroão.
Diz o pay de Salamão,
Que he homem para alegar,
Se vos lembra em que lugar,
Quem me comia o meu pão
Trataua de me enganar.

2

Que graça me jà contarão
Ha dias dum Castelhano,
A quem criados tal dano
Porvezes lhe assi causarão,
Do seu pão, & do seu pano.

Veo

Veo o seu dia, & achou
Moços de nouo empenados,
Como os vio adormentados,
Os vestidos lhe furtou,
E fugio aos seus criados.

CANTIGA
DE DOM IORGE Manrique.

NO se porque me fatigo,
Pues con razõ me vẽci,
No siendo nadie comigo,
Y vos, y yo contra mi?
Yo por aueros querido,
Y vos a mi desamado,
con vuestra fuerça, y mi grado
Auemos a mi vencido.
Y pues fuy mi enemigo,
En me dar como me di,
Quien osarà ser amigo,
Del enemigo de si?

GLOSA COMO SE naquelles tempos costumaua.

DEl tormento fatigado
No se que consejo sigo,
Voy de cuydado en cuydado,
Mas despues en mi tornado,
No se porque me fatigo.

Haz lo que suele el pesar,
Desatinandome assi,
Mas boluiendo a en vos pensar,
No se de que me quexar,
Pues con razon me venci.

En aquella mi agonia,
Ya no me quexo, mas digo,
Quando fue la prisió mia,
Quien ayudarme podria,
No siendo nadie comigo?

Y aun esto no abastò,
Que harto mal era por si,
Que a mi me faltasse yo?
No fuy comigo alli, no,
Y vos, y yo contra mi,

Que diran a tal concierto
Sin màs dilació cumplido?
Entrambos me auemos muerto,
Vos porque no sè, mas cierto
Yo por aueros querido.

Lo mas como lo sabrè,
què en aquel punto or denado,
Que a vos los ojos aleè,
A mi desamado me he,
Y vos a mi desamado?

En el mal quando acontece,
Es consuelo el ser forçado,
Tambien esto aqui fallece,
Que juntamente perece
Con vuestra fuerça, y mi grado.

Fuerça,

Fuerça, en que no consentistes,
Mas vuestro poder sabido,
En que venceis quanto vistes,
El, y los mis ojos tristes,
Auemos a mi vencido.

Que lagrimas, y que ruegos,
Alcançaràn vn abrigo
En tantos desassosiegos?
Pues acendi los mis fuegos,
Y pues fuy mi enemigo?

Es la razon natural,
Que cada vno se a por si,
Que a los otros serè qual,
Para mi fuy, le hize mal,
En darme como me di.

Todos andan al prouecho,
Yo solo a mi mal me obligo,
Por mayor que es el despecho,
Pero de tan crudo pecho,
Quien osarà ser amigo?

Mas que digo yo, osarà?
Mejor lo dixera ansi
Qual peligro detendrá,
Aquel que huyendo và
Del enemigo de si?

FIM.

Carta a elRey nosso Senhor.

De Francisco de Sà de Miranda.

1 REy de muitos Reys, se hũ dia
Se hũa sò hora me atreuo
Occuparuos, erraria
E ò bem comũ não teria
O respeito que ter deuo.
2 Que ẽ outra parte da esphera
Em outro ceo differente
Que nos Deos ante escondera
Outra terra, & outra gente
Vossos mandados espera.
3 Que são os remedios sòs
Iusto, & poderoso Rey
Que lhes desatão seus nòs
Como fazem antre nòs
Que sois nossa viua ley.
4 Onde ha homẽs ha cobiça
Là, & ca, tudo ella empeça
Se a sancta igoal justiça
Não corta, ou não desempeça
O que a mà malicia inliça;
5 Senhor, q̃ he muito atreuida,
E onde ella nôs cegos deu
Cortalos cousa he deuida
Exemplo o jugo de Mida
Que elRey vosso auô fez seu.

6 Mas eu que respeito auendo
O tempo mais que ó estylo
Irey fogindo ò que entendo
Farey como os cães do Nilo
Que correm, & vão bebendo.

7 A dignidade Real
Que tem o mundo a direito,
Sem ella, terschia mal,
He sagrada, & natural
Afora medo & proueito.

8 As vossas vellas, que vaõ
Quasi dando à terra volta
Gentes de tanta feição
Pouca, ou nhũa achaõ solta,
Dalgũa jurisdição.

9 Dignidade alta suprema
Quem he que o naõ conheça?
Viose em Marco Antonio tema
De por Real Diadema
A Cesar sobre a cabeça:

10 Que nome de Emperador
Ia a muitos dantes se dèra
Era hum nome de Iounor
Que cada hũ mais ser quizera
Ou Consul, ou Ditador.

11 Dos grandes dous Africanos
O mayor inda direi
Por ventura dos Romanos
Aagrauada de Tiranos
Ergueo Hespanha por Rey.

12 Estimou elle o sinal
De amor, & ouue delles dò
Que a dignidade Real
Era sobre todas so
Imiga òs Romãos mortal.

13 Hum Rey, ò Reyno conuem,
Vemos que alumea o mundo
Hum Sol, hum Deos o ſoſtem
Cèrta a ſua queda tem
O Reino, onde ha Rey ſegundo.

14 Naõ a ſabor das orelhas
Arenga cuidada & branda
Abaſtaõ as rezoẽs velhas
A cabeça o corpo manda
Seu Rey ſeguem as abelhas.

15 A ſeu tempo o Rey perdoa
A tempo, ferro he mèſinha
Forças, & condiçaõ boa
Derão ó Leaõ coroa
Antre a gente monteſinha.

16 Aas aues que vaõ voando
Doutra liga, & doutra ley
Por ſe ir ao ceo mais alçando
A Aguia foy dada por Rey
Que a não cèga o Sol olhando.

17 Quanto que Dauid guardou
A ſeu Rey verdade, & fee,
Emfim quanto que o chorou
Quantas maldiçoẽs lançou
Aos montes de Gelboè.

18 Onde caira o eſcudo
Do ſeu Rey poſto que Imigo
Mortal, & ja a mal ſezudo
Saindo de tal perigo
Ia vngido a mandar tudo.

19 O ſenhor da natureza
Que veo èſta noſſa aldea,
Louuando tanto a pobrèza
De Real ſangue ſe préza
Por Rey na cruz ſe nomea.

20 Mas cõ quãto saõ tamanhas
As obrigações aos Reys
Tenha elle sẽpre olho às manhas
Com que lhes fazem das leis
Fracas teas das aranhas.

21 Onde se moscas vaõ ter
Hy deixaõ o corpo,& vida
As cousas de môr poder
Cada hũa por onde quer
Passa a tea,em valde ordida.

22 E por muito q̃ os Reis olhẽ
Vaõ por fôra mil inchaços
q̃ ante vôs,Senhor, se encolhẽ
D'hũs gigantes de cem braços,
Com que daõ,& cõ que tolhẽ.

23 Quẽ graça ante o Rey alcãça
E que hi fala o que naõ deue
Mal grande da mà priuança
Peçonha na fonte lança
De que toda a terra bebe.

24 Quẽ joga onde engano vay
Tudo em vão he, quanto faz
Nunca por nunca lhe say
O que cuida,ah graças más
Donde tanto dano cay.

25 Homẽ d'hũ sô parecer
D'hũ sô rosto,& d'hũa fé
D'antes quebrar que voluer
Outra cousa pòde ser
Mas de Corte homẽ não he.

26 Ouço graçejar de cà
De quem vay inteiro,& saõ,
Nem se contrafaz mais lá,
Como este vem aldeaõ,
Que nem sabe onde se està.

34 A vida desaparece
Entretanto geme, & jaz,
Não ousa mais, & acontece
Que d'hũ mal que entaõ se faz
Outro, & outro, se recrece.

35 Pena & gualardaõ igoal
Direita a balança tem
Seja dito isto em geral,
Mais vezes daõ pena ao mal,
Que gualardaõ ao bem.

36 Se algũa hora aconteceo
Na paz cad'hora na guerra
Questa balança gemeo,
Fazse engano às leis da terra
Nunca se faz às do Ceo.

37 Antre os Lombardos auia
Ley escrita, & ley vsada
Qu'inda apparece oje em dia
Onde a proua falecia
Que a fizesse a espada.

38 Ali no campo às singellas
Morrer em fim, ou vencer
Fosse qual quizesse dellas,
Não era milhor morrer
A ferro, que a màs cautellas?

39 Aquelle nosso excellente
Rey Dom Diniz tão louuado
Tam justo, a Deos tam temente,
Foylhe atreigoadamente
Hum grande aleyue assacado.

40 Elle posto em tal perigo
Rey que Reys fez, & desfez,
Naõ podendo a dor consigo
Foylhe forçado essa vez
À ley chamarse, que digo,

41 Da mesma CasaReal.
Dõ Pedro, hũ tamanho Infante
Tratado com manhas mal,
Bradaua por campo igoal,
E inmigos claros diante.
42 Emfim vẽdo a astucia &arte,
Quanto que podem, chamou
Hum grande Conde, a de parte
Ao mundo as costas voltou,
Foy viuer a milhor parte.
43 Onde tudo he certo, &claro
Onde saõ sempre hũas leys;
Principe no mundo raro,
Sobre tanto desemparo
Foraõ tres seus filhos Reys.
44 O Senhor quantos suores
Passa hum limpo coraçaõ,
Em poder de enuoluedores
E emfim batalhas que saõ
Saluo desafios mòres?
45 Aquillo foy lealdade
Tornando outra vez ao Cõde,
Aquillo foy ter verdade,
Que o Senhor, & a dignidade
De companheiro responde.
46 S'estas almas seruem là,
Disse, graõ noua me dais,
A minha vos seruirà,
Que fazemos aqui mais?
Partamos, que tardo ja.
47 C'hũa mão sobre hũ ouuido
Ouuia Alexandre as partes,
Tinha visto, & tinha lido
Por fazer certo o fingido
Quantas manhas, quantas artes?

Guar-

48 Guardau'elle o outro inteiro
Pera a parte naõ ouuida
Naõ và nada em ser primeiro
Quem muito sabe duuida,
Sò Deos, he o verdadeiro.
49 O nosso primeiro padre
pecou, chamao o grão Iuiz,
Enganarao nossa madre
Que o medo coraçaõ ladre
Tudo claramente diz.
50 Pecou seu filho Caym
Quam prestes tudo se dana
Busca rodeos sem fim,
Mas tal Iuiz não se engana
Com eu não fui, eu não vim.
51 Nosoutros cà; q̃ não vemos,
Nem tudo o q̃ a vista alcança,
Quanto papel que enuoluemos,
Por maos exemplos que temos,
Que nos daõ certa esperança.
52 Ah que por força ha de ser
Onde hũa sò parte fala,
Sempre a outra ha de gemer
Se hum jogo todos igoalla
As leis que deuem fazer?
53 Honras, & vidas guardais
Debaixo de vosso emparo,
D'estranhos, & naturais
Suspiraõ não podem mais,
E às vezes inda naõ claro;
54 Tambem apos estas arde
A cobiça da fazenda
Naõ sei quem naõ se acouarde?
Tem ella milhor emenda,
Mas he comũmente, ao tarde.

55 Em geral he presuntuosa
Vossa gente; inda se preza
Disso muito, he grandiosa
Culpaóna de cobiçosa
Tudo sabe vossa Alteza.

56 Pensamentos nunca cheios
Naõ tem fundo aquelles sacos
Inda mal com tantos meyos
Pera viuer, dos mais fracos
E dos suores alheyos.

57 Queu vejo nos pouoados
Muitos dos salteadores
Cõ nome, & rosto, de hõrados,
Outros vejo andar forrados
De pelles de lauradores.

58 Outr'hora me não creais
Senão as achaõ mais finas
Que as dos lobos Ceruais
Que Arminhos, que Zeuelinas
Custaõ menos, cobrem mais.

59 ô Senhor que vos direi
Que acòde mais vento às vellas?
Nunca se descuyde o Rey
Que i[illegible] naõ he feita a ley
ja se lhe armaõ mil cautellas.

60 Entaõ tristes das molheres,
Tristes dos orfaõs roubados,
Tristes dos fracos Mesteres,
Opprimidos, & alombrados,
Dos que tem vossos poderes.

61 Pollos quais quẽ tanto dâ
Quem os negocea assi
Auidos, que nos fara?
O que pera nòs se da
Ouueràono pera sy.

Ora

62 Ora pois que as conciẽcias,
O tempo as leuou consigo
Venhamos às penitencias
Senhor, se ouuesse castigo
Boas saõ as residencias.

63 Mas eu vejo cà na aldea
Nos enterros abastados,
Quanto Padre que passea
Emfim, ventre, & bolsa chea,
E absoltos de seus pecados.

64 Se querem reconciliar
Huns cos outros tem seus meos
Abastalhes a çenar
Quanto saõ danos alheos,
Leues de se perdoar.

65 Esta vossa Real vára
Na mão em que anda, tal he
A direita he cousa rara
Quem a achasse, nunca he cara
Que fosse muita a merce.

66 Naõ se faça per si grossa
Tenha sempre olhos a vòs,
O que póde isso sô possa,
Toda direita & sem nôs,
Olhai que esta obra he vossa.

67 E se algum mao official
De seu officio, a estraga
Cobiçoso, ou parcial
Em cousa que tanto val,
q̃ enmenda ha hy, nẽ que paga?

68 E estas leis Iustinianas
Senaõ ha quem as defenda
A tantas grosas tyranas
Saõ hum campo de contenda
De contradiçóes humanas.

Mor

69 Morre o nobre Conradino
Co parceiro igoal em tudo
Cad'um de tal morte indino
Porque apeita do malino
Doutor, interpetra agudo.

70 Diz o bom texto sómente
Cesse o sangue, a guèrra finda
He de Carlo, o Reino, & gente
Diz que dura a guerra ainda
Vertase o sangue inocente.

71 Naõ he assas, serẽ vencidos?
Naõ por desastrada sorte,
Serem prezos, serem tydos
Em dura prizaõ metidos,
Senaõ emfim cruel morte?

72 Que mais julgarà dragaõ
No nome, como nas leis
Suas, que de sangue saõ,
Façaõ a vontade, os Reis
Naõ façaõ força à rezão.

73 Ah, diferente bondade
Doutro Carlo, que em poder
Teue nesta nossa idade
Tal Rey, deulhe liberdade
E tal irmã por molher.

74 Isto he conquistar o ceo
Em vida, & viuer por fama,
Sempre, quem nunca tal creo?
Quis ser Cæsar, que se chama,
E que nisto inda venceo.

75 Nos cà bem nos auiremos
Pois vos sois o que mandais
Todos nos reuolueremos
Os que tanto naõ podemos,
E aquelles que podem mais.

Quē

76 Quem por amor se encadea
Naõ he nome errado, ou nouo,
Se por liure se nomea:
Naõ se vè amor de pouo,
Tal, em quanto o Sol rodea.
77 Naõ esbraueão soldados
Aqui, nem soa atambor
Outros Reis, os seus estados,
Guardaõ, d'armas rodeados,
Vos rodeado d'amor.
78 Acharnoshaõ as diuinas
A todos nos coraçoes
Esculpidas vossas quinas
Estas saõ as guarniçoes
Dos vossos, naõ peregrinas
79 He sem duuida o Francès
A seu Rey d'amor acezo
Naõ lho nega o Portugues
Traspórem guarda Escoçes
Que naõ he de leue pezo.
80 O PadreSancto assi faz
A quem certo se deuia
Alto assossego, alta paz,
E tem guardas todavia
Com que vay seguro, & jaz.
81 Que se pode ir mais auante,
Cos olhos, nem co sentido?
Sem fogo, & ferro, que espante,
Com duas canas diante
Is acatado, & temido.
82 Hũs sobre os outros corremos
A morrer por vos com gosto,
Grandes testemunhas temos
com que mãos, & com q̃ rosto
Por Deos, & por vos morremos.

Outros

83 Outrosi pera os reuezes,
(Queira Deos que não releue)
Tem em vôs os Portugueses
O bom Rey d'Athenieses
Codro, que outrẽ ninguẽ teue.
84 Dovosso nome, hũ grãoRey
Neste Reyno Lusitano
Se pôs esta estreita ley
Que diz o seu Pelicano
Pella ley, &pella grey.
85 Mas eu sou d'hũsguardacabras
Que se vaõ de ponto, em ponto,
Querem sôs duas palauras,
Que dos gados, que das lauras
Despois não tẽ fim nem conto.
86 Seja cabo, quanto a mim,
Tornem as praticas viuas,
Perdestes mea hora em mim,
Das que chamão successiuas,
Estes que sabem Latim.

A Nossa Senhora.

Por aquella Canção do Petrarca, Virgine bella, &c.

Virgẽ fermosa, que achastes a graça
Por Eua ẽtesperdida, onde nã chega
O fraco entendimento, chegue a fee;
Dai lume à escura vista, antes à cega
q̃ pella neuoa gròssa se embaraça,
Buscando oque ante si tendo, naõ vee
Sem saber atinar, como ou porque,
Rodeado de imigos,

Entrei

Entrei por tais perigos,
Alço os olhos a vòs, vôs me valei
Vòs, q̃ nos destes claro a tãto escuro,
Socórro, a tanta mingoa,
Me dareis lingoa, & coraçaõ seguro.
Virgẽ clara, sem magoa, inteira, &pura
E sem sombra d'algũa culpa alhea
Na nossa humanidade emseu começo
Clara luz, q̃ o grão Sol toda alumea
Sanctissima, & perfeita criatura,
Ante quẽ de mim fujo, & me aborreço
Hei medo a quãto fiz, todo estremeço
Dos meus erros, me espanto,
Que me aprazia ó tanto,
Agora â sô lembrança desfaleço
Esforçaime Senhora, que fizestes
Paz antre Deos, & nòs (destes.
E a quẽ por vos chamou, sẽpre a mão
Virgem, porto seguro, certo abrigo
Nas mores tempestades, ay que tinha
Dos ventos em poder, a vida posta
De tudo descuidado, em tal perigo
Sẽ pôr mẽtes pera onde hia, ou vinha
Surdo aos cõselhos, pella braua costa
Mouauos a piedade, a mal desposta
Alma, que em terra jaz,
E jà do mundo traz
Por tantas vezes hũa mâ reposta
Em mĩ quẽ sois, em vos quẽ sois se veja
Vença vossa bondade
Tãta maldade, & faça ao imigo ẽueja.
Virgẽ do mar Estrella, que em tal lago
E taõ escura noite, nos sois guia
Nos sois taõ claro, & taõ seguro Norte
Quem sem vôs atinarâ, quem poderia
Volue-

Virgem,taõ alto,& tão profundo Poço
Da agoa,(antes da vida) q̃ dahi corre
Onde se mataõ pera sempre,as sedes,
De Nẽbrot não, mas de Dauid a torre:
Dõde socorro espero ao meu destorço
Em tamanho perigo como vedes
Donde taõ grossas taõ altas paredes
E sem conto os meus erros
Carregado de ferros,
Chamo por vós,ẽuolto em tãtas redes,
Porẽ ſsi, sinais inda algun, tenho,
De ser do vosso bando,
q̃ a vòs chamando por piedade venho.
Virgẽ do Sol vestida,& dos seus rayos
Cuberta toda, coroada destrellas,
Clarissimas,debaixo os pès a Lũa,
Saõ vindas cõtra mĩ grãdes querellas.
Valedme Senhora, ôs meus desmayos,
Que a choros fosse desfazendo algũas
Não me deixaraõ,desculpa nenhũa:
Os meus erros sobejos
Lançaraõme os desejos
Antre esperanças vãas,foise hũa,& hũa,
Quẽ torméta correo,por toda a praya
Cos ventos contrastando
Saya nadando cô a vida,& saya.
Virgẽ, Fonte sellada, Horto defezo
Ramo da raiz seca, de Iessé,
Que milagrosamente enfloreceo,
Custodia sacratissima da Fee,
Que inteira sô estiuestes toda em pezo
Quãdo hũ,quãdo outro Sol, sua luz per
Esta alma,aquẽ o corpo acõteceo(deo;
Em sorte, que aqui mora,
Brada, sospira,& chora,

Olhouse toda, & naõ se conheceo,
Não queria, perdẽdo, o mes, & o anno,
Por esta vida inserta (no.
Cõ a morte certa, ir brincãdo, & cõ da-
Virgem, jà cà na terra celestial
E ao Ceo passada toda inteira
Sẽ mais ser vista c' d'olhos humanos
Junta do filho, em segunda cadeira
Dos outros todos, sem algũa igoal
Hũ só remedio, a tantos nossos danos
seja contra os demonios meridianos
seja da noite escura,
Esperança segura,
Aos vossos, cõtra tais mestres dẽganos
Cõ vosso esforço, por terra, & por mar
Não digo eu jà auer medo,
Mas sair ledo, ao campo & pelejar.

Virgẽ das virgẽs, como os dias voaõ
Pera não tornar mais
Com tantos de sinais
Quantos gemidos pella terra soaõ
Quãtas lagrimas vão mal derramadas,
Mas posto de giolhos
Avós os olhos, tudo o mais saõ nadas.

Laus Deo.